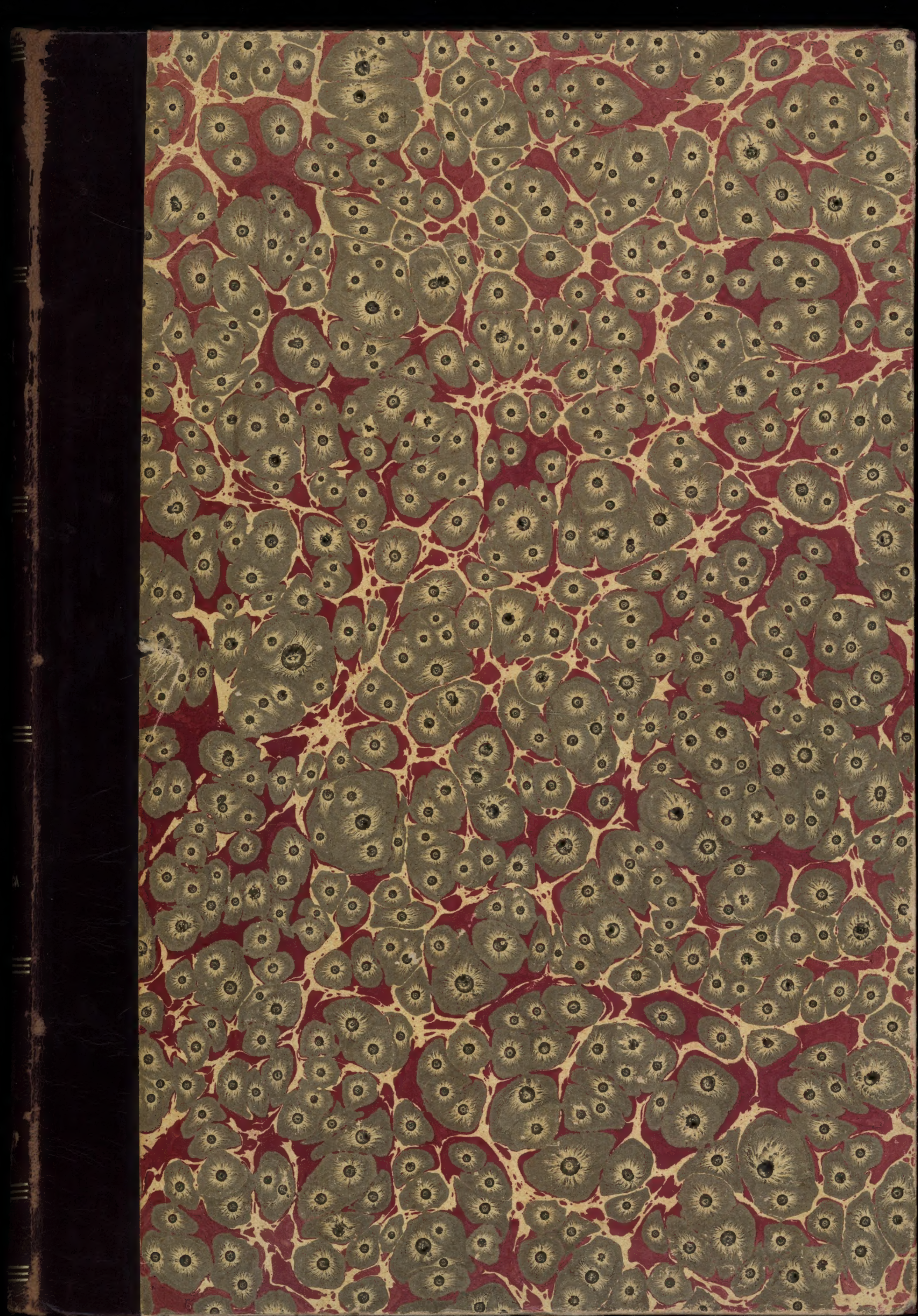
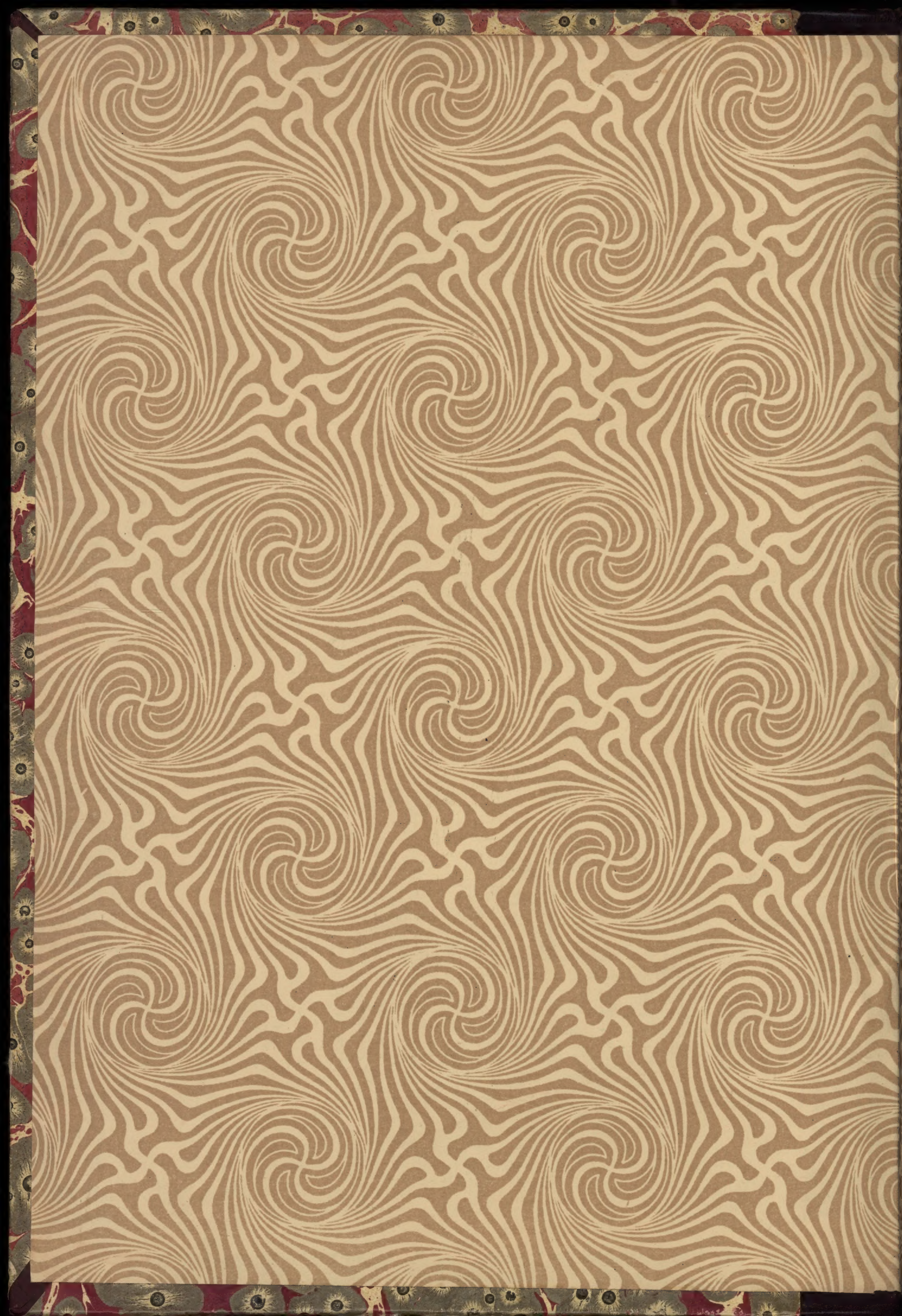








CINTRA Pinturesca

OU : MEMORIA : DESCRIPTIVA : DAS : VILLAS : DE CINTRA : E : COLLARES : E SEUS : ARREDORES

pelo Visconde de Juromenha

NOVA EDIÇÃO, PROFUSAMENTE ILLUSTRADA E DESENVOLVIDA COM MUITAS ANNOTAÇÕES, POR
ANTONIO A. R DA CUNHA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL : LIVRARIA MODERNA : RUA AUGUSTA 95 : LISBOA : MCMIV

J. Novaes sc.

CINTRA PINTURESCA

CINTRA PINTURESCA

OU

MEMORIA DESCRIPTIVA

DAS VILLAS DE

CINTRA E COLLARES

E SEUS ARREDORES

NOVA EDIÇÃO

Profusamente illustrada e desenvolvida com muitas annotações

POR

ANTONIO A. R. DA CUNHA

(Membro da Sociedade Litteraria Almeida Garrett



LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna, R. Augusta, 95 | Typographia R. Ivens, 45 e 47

1905



I



NTRE as nações estrangeiras, onde quer que apparece um objecto, que pela sua formosura de natureza ou de arte fixa a attenção do viajante — elle logo encontra um guia, uma descripção, que o faça participante dos mais reconditos arcanos do objecto que fere a sua imaginação pela belleza natural, ou a sua admiração pelo artificio dos homens.

Todas as cidades, villas, e sitios mais notaveis têm dado materia a descripções mais ou menos sumptuosas, e excitado as pennas dos mais habeis escriptores, ficando só ao viajante a difficuldade da escolha entre obras tão bem trabalhadas.

Entre nós existiu antigamente este bom uso, que se vae perdendo: André de Resende, Gaspar Estaço, Duarte Nunes de Leão, entre outros, investigaram as antiguidades da sua patria, que nos deixaram transmittidas.

A Academia de Historia Portugueza, organisada debaixo da protecção d'El-Rei D. João V, trabalhou muito, ainda que sem gosto, para uma chorographia do paiz: a das Sciencias, dando por programma a descripção topographica de uma comarca, cidade, ou villa do reino, promettia dar-nos uma Historia Estatistica

mais bem organisada; porém, forçoso é confessa-lo, é lastima que esta assembléa de litteratos parasse em uma carreira, que tinha com tanta gloria encetado.



1 *Cintra no seculo XV—Paço Real, Villa e Castello*
Segundo um desenho da epoca

De Cintra, d'este paiz encantador, não ha uma descripção: debalde o estrangeiro pede um guia para o iniciar nas bellezas de seus arredores, na origem de seus monumentos, n'este paiz das fadas, de que podemos dizer com Claudiano, que não ha um rochedo que não tenha um nome *(nullum est sine nomine saxum).* Com vergonha o dizemos, elle não encontra mais que o estupido burriqueiro, que n'uma linguagem rude apenas lhe sabe dizer os nomes dos logares que visita. ([a])

([a]) Succede hoje como ha 70 annos, com uma unica variante: — não é só o burriqueiro cujo typo caracteristico o *Lindos-Olhos* e o *Rebolão* levaram para a cova, mas com o burriqueiro d'hoje, que vae rareando, o cocheiro que o vae substituindo, um e outro ignorantes como aquelle, e em quem a boçalidade que o auctor nota é substituida por uma *esperteza* que lhes tira o ar bonacheirão e franco, ainda que rude, e lhes dá a apparencia de guias mais civilisados, mas... de menos affavel e tranquilisador aspecto.

Não tem faltado comtudo a Cintra poetas que tenham levado o seu nome á posteridade; Camões aqui modulou alguns dos seus versos os mais melodiosos; a celebre Luiza Segêa escreveu um poema na lingua latina que offereceu ao Papa Paulo III; o tétrico Byron não poude ser indifferente a tão sublime variedade de bellezas; a sua musa arrebatada lançou flores, ainda que com espinhos, sobre este novo paraiso; o autor do Camões immortalisou em lindos versos a mysteriosa habitação da lua. Faltava quem methodicamente lhe escrevesse as bellezas: uma descripção existia d'esta serra, escripta no anno de 1748, por Francisco d'Almeida Jordão; porém essa não a podémos ver pela sua raridade, apezar das nossas mais constantes investigações: o Visconde de Balsemão se dispunha a dar ao publico uma Memoria d'esta villa; como porém não sahisse á luz a reputamos como se não existira: Ricardo Raymundo Nogueira escreveu uma sucinta descripção em



II *Cintra no seculo XVI—Bairro do Castello*

Segundo um desenho da epoca

verso; porém é obra mui mesquinha para um homem de tantos talentos, e que nada satisfaz.

Conhecendo desde a infancia este sitio, moveu-nos o desejo de lhe revelar as bellezas: tinhamos colhido algumas clarezas para uso proprio, pouco a pouco fomos descobrindo manuscriptos e

memorias pouco conhecidas: lembrou-nos que, se coordenassemos um trabalho d'estes elementos, podia servir como de «guia de viajante» ao estrangeiro, que visitasse esta parte romantica do nosso paiz, ou antes ao Portuguez, algumas vezes mais hospede das coisas patrias do que o mesmo estrangeiro. Além dos livros que consultámos visitámos minuciosamente os logares que descrevemos; procurámos esclarecimentos de algumas pessoas que os podiam ministrar, buscámos, emfim, tudo quanto estava ao nosso alcance para fazer este trabalho regular e exacto, qual o permittiam os nossos fracos meios e a deficiencia de materiaes, não nos poupando a trabalho e estudo.



III *Azenhas do Mar*

Photographia do Ex.mo Sr. Luiz Wanderley

Era nosso proposito dar mais extensão a esta obra; varias circumstancias, comtudo, nos obrigaram a reduzi-la á fórma porque vae estampada.

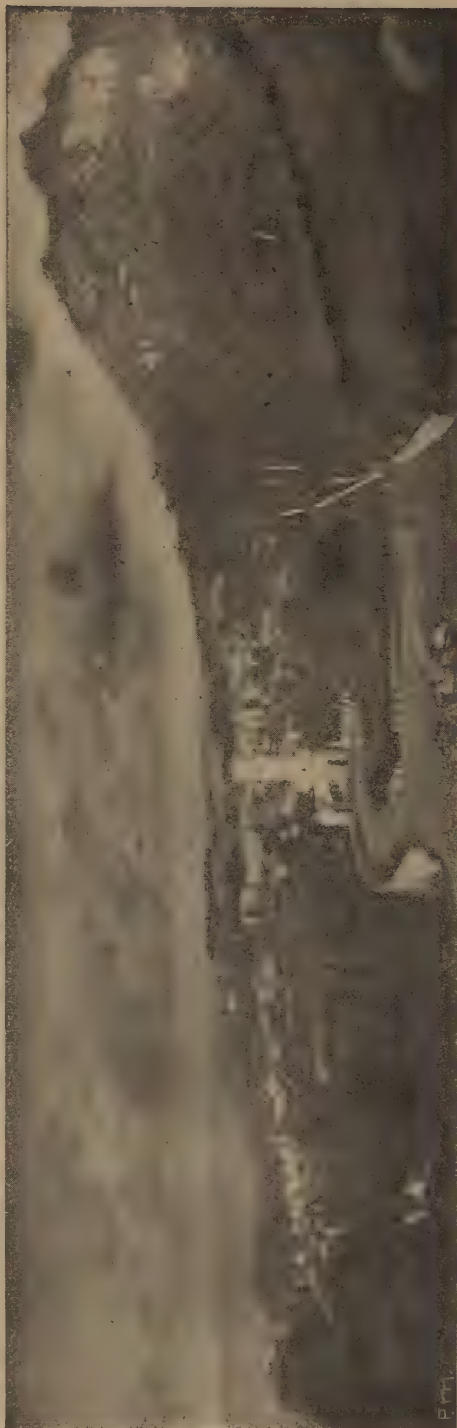
Desejariamos satisfazer plenamente os nossos leitores, dando-lhes noticia a mais antiga e detalhada d'esta villa; porém a ignorancia dos primeiros povos que habitaram o nosso solo nos tolhe de preencher este empenho.

Poucas memorias nos ficaram dos Romanos. pelo excessivo orgulho com que olhavam todos os outros povos da terra; aproveitamos todavia essas que nos ficaram, assim como aquellas que a terra por algum tempo occultou no seu seio.

Os Godos, como é bem notorio, escreveram mais com a espada do que com a penna: exemplo que seguiram os Arabes primitivos, chegando a tanto excesso a sua ignorancia no primeiro periodo do seu dominio, que sepultaram nos alicerces e muralhas de suas fortificações esses arremedos que conservavamos da grandeza romana.

Do Nubiense ([a]) nada podémos colher mais do que conservar esta villa o mesmo nome (*Sentra* ou *Chentra*) no tempo do seu dominio: quando começavam a amar as sciencias sobreveio a reacção dos christãos

Então começou essa renhida lucta, que abarcou o reinado dos nossos primeiros reis, tão gloriosa para as nossas armas, mas por isso mesmo tão esteril para as sciencias. Por toda a parte retiniam armas, tudo respirava guerra, apenas um ou outro monge retirado no seu claustro se occupava naquellas taes ou quaes sciencias que a rudeza dos tempos permittia, e conservava com cuidado-



IV. *Panorama tirado da Quinta da Regaleira*
Photographia do Ex.mo Sr. Manini

([a]) Une-se esta Provincia a la de Balat (Vallada) en la qual se comprendeu Sanserim (Santarem) Lisboa e Chintra (Cintra). *Traducion de la Geografia del Nubiense por lo que pertence a España.*

A Geografia Nubiense foi escripta por o Xerife Eledrisi, e dedicada a Rogerio Rei da Sicilia que viveu pelos annos de 1090, contemporaneo do nosso Conde D. Henrique.

Veja-se: *Vestigios da lingoa Arabica em Portugal,* por Fr. João de Sousa.

so recato as doações que a piedade dos Soberanos outorgára aos seus mosteiros, documentos preciosos d'onde derivamos não pequena parte da nossa Memoria. [a]



V *Palacio de Monserrate — trecho*
Photographia do Ex.mo Sr. Manini

Do que fica dito o leitor verá, que destituidos quasi de me-

---

[a] Muitos d'esses documentos, que, pela sua extenção não podemos aqui transcrever em simples nota, o leitor encontrará nas notas finaes da presente obra, methodicamente coordenados, e reproduzidos com a maior fidelidade.

morias de tempos tão antigos, escrevendo da villa de Cintra, aliás antiquissima, pouco podemos dizer de uma época tão remota. Se quizessemos conjecturar podiamos acreditar com o autor da Corographia Portugueza ter sido habitação dos Gregos e dos Turdulos; se quizessemos fabulisar a julgariamos valhacouto dos mysteriosos amores da casta Diana com o seu Endymião, mas amigos da verdade nos limitaremos áquellas Memorias que nos ficaram escriptas.





II



STÁ situada esta romantica serra, tão decantada pela belleza dos seus bosques e amenidade do seu clima, a cinco leguas a Oes-Noroeste da cidade de Lisboa, em um terreno pouco plano, posto que aprasivel. [a] Prolonga-se até ao mar, onde termina, no Cabo da Roca, ou Rocha de Cintra, que os antigos geographos apelidaram de varios nomes: Promontorio Magno, Olisiponense, Artabro, cujos moradores, segundo diz Silio Italico, acompanharam Annibal nas suas victorias de Trasimeno e Cannas.

Jamque Ebussius Phenicia movit Artabrus arma.

Tagro, reputam alguns ter-lhe chamado Varrão, quando fallando das eguas que na antiga Lusitania, concebiam do vento, diz:

---

[a] Em nota no fim coordenada, encontrará o leitor minuciosamente relacionadas inumeras descripções de Cintra, algumas interessantes pelo pittoresco e elegancia da phrase, outras dignas de nota, pela inexactidão de muitas affirmações.

«Que era cousa incrivel, porém verdadeira, que na antiga Lusitania, junto ao Oceano, naquella parte onde está situada Lisboa, no monte Tagro, concebem algumas eguas do vento em certo tempo.»

Julgo, porém, que, com errado fundamento, foi tomado o Monte-Junto pela Serra de Cintra.

Hierna lhe chamou Strabão; e finalmente Cynthio, ou Promontorio da Lua, pelo templo que embaixo na praia, junto á rocha, se via, dedicado ao Sol e á Lua, como provam os cippos ali



VI *Penha Verde—Sepultura do coração de D. Antonio de Saldanha*

Photographia do Ex.mo Sr. Luiz Oram

achados, que adiante mencionaremos, cujos letreiros e ruinas existiam em tempo de André de Resende. [a]

Este mesmo nome conservava no principio do duodecimo seculo, como se deduz da *Epistola de Hugo*, bispo do Porto, o qual fallando das peregrinações de S. Pedro de Rates, diz:

«Inde digressus Tyde Iriaque predicat et per totam maritimam oram ad promontorium usque Cynthium sive et Ulisseum.»

---

[a] «Pela mesma parte (do Norte) junto á Villa se dilata a Serra em distancia de legua e meia, a qual foi tão celebrada dos antigos que todos a intitularam Promontorio da Lua; e como esta por outro nome se chame Cinthia, d'aqui nasce o nomear-se Cintra, com pouca corrupção no vocabulo, como affirma o Doutor Alvaro Gonçalves Camoens.»

(*Espelho de Penitentes*, de Fr. Antonio da Piedade).



VII

Cintra em 1801

Segundo uma aguarella da epoca, por Sir Rowmard

Donde, disse o nosso poeta:

> E nas serras da Lua conhecidas
> Subjuga a fria Cintra o duro braço,
> Cintra, donde as Naiadas escondidas
> Nas fontes vão fugindo ao duro laço.

Esta serra de mediana altura, que por se elevar de uma planicie parece mais elevada, forma para a parte do mar, donde se descobre a embocadura do Tejo e bahia de Setubal, uma muralha de rocha, que parece ali collocada para servir de barreira ao mar que nella quebra enfurecido; do outro lado se estão vendo as ilhas Berlengas, Peniche, e mais terras adjacentes.

Plinio diz que este cabo se estendia sobre o mar por espaço de sessenta milhas. Flores, mais conhecedor dos abysmos do mar, pretende que se mette por elle até á Madeira, e vae formar aquella ilha; nós, que somos mui fracos mergulhadores, não temos muito desejo de analysar a fundo a asserção do geographo.

Pertence ao systema carpetano-vetonico, e tem na sua maior altura mil e oitocentos pés, e cinco leguas de circumferencia: corre entre as duas villas de Cintra e Collares pelo lado do Norte, e a da Cascaes e seu termo pelo Meio dia.

Em frente d'este promontorio situa Ptolomeu uma ilha chamada Londobris, para onde se retiraram os Lusitanos, depois de desalojados dos montes Herminios, onde foram finalmente vencidos por Cesar. Ali se defenderam tão encarniçadamente os nossos, atacando com tal impeto os seus adversarios, que ficaram estes todos



VIII *Palacio de Seteaes*

Photographia do Ex.mo Sr. Luiz Oram

mortos no campo, á excepção de Publio Scevola, que perdido o escudo e coberto de feridas se deitou a nado, conseguindo, por este modo, chegar a terra firme.



IX *Vista geral de Cintra*
Photographia do Ex.mo Sr. Luiz Oram

Refere Damião de Goes que um Fernão Alvares, escrivão da Casa da India, lhe contara que, pescando um homem, á canna, nesta rocha, e lançando para traz de si, em um pequeno areal, o peixe que pescava, ao qual deixava a maré vasia descoberto entre os penedos, e examinando uma vez a quantidade que tinha pescado, viu que um mancebo nú e desbarbado lho lançava ao mar, e entendendo ser algum nadador que lhe fazia aquella travessura, o quiz reprehender pedindo os peixes, e a resposta foi lançar-se ao mar, sem que mais apparecesse.

Já Plinio tinha feito menção de um Tritão e uma Nereida, que no tempo de Tiberio appareceram nas nossas praias, exhalando esta, no momento da sua morte, gemidos e suspiros que se ouviam ao longe; phenomeno que, pela sua novidade, pareceu aos nossos Lusitanos digno de se participar ao Imperador, para o que lhe mandaram uma solemne embaixada das pessoas mais qualificadas da terra.

A antiguidade d'esta villa parece ser mui grande, pois que no tempo dos Romanos era comprehendida nos campos Olisiponenses, e por isso gosava os direitos de municipio romano collectivamente

com os moradores da cidade de Lisboa, unica cidade da Lusitania que, segundo Plinio, gosava d'este privilegio.

Passou do dominio d'este ao dos povos do Norte, que no seculo V alagaram as provincias de Hespanha, até que na fatal batalha de Guadelete, perdendo El-Rei D. Rodrigo a Corôa, foi a Lusitanía invadida do enxame de Mouros, que a sensual culpa do rei Godo chamou á sua patria, e que, conforme Manuel de Faria e Sousa, tanto trabalho e cinco mil batalhas custaram aos povos da Hespanha para os expulsar do seu solo.



x *Estrada de Collares*
Photographia do Ex.mo Sr. Manini

Parece ter sido tomada e retomada varias vezes, durante o dominio Mouro, por D. Fernando o Magno como assevera Fr. João Gil, dizendo: — Que D. Fernando pae d'El-Rei, que ganhou a Toledo, tomou Coimbra, Lisboa, Santarem, Evora, e Cintra.

Não sei com que fundamento o certifica; póde ser que possuisse alguma chronica, que hoje não exista, que dissesse ter aquelle rei tomado aquellas cidades e villas; porém, se a tomou, foi novamente perdida, e recuperada por D. Affonso VI, não por combate, segundo a *Monarchia Lusitana,* mas porque os povos se lhe entregaram temendo as suas armas, e ficando por seus tributarios.

Rebellaram-se de novo os Mouros no governo do Conde D. Henrique, e posto que o Conde de novo recuperou a villa, não se poude sustentar.

Faz menção a Historia dos Godos d'esta rebellião, e tomada de Cintra, com estas palavaas:

«Et paulo post primo sequente circiter anno cum Cintra defe-

cisset, audita morte regis Alfonsi, recuperata est a comite Henrico regis genero et patri Alfonsi primi regis Portugaliæ.»

Isto é: pouco depois da morte de El-Rei D. Affonso, no seguinte reinado, como Çintra se rebellasse, sabida a morte d'El-Rei, foi recuperada pelo Conde D. Henrique, seu genro, e pae de D. Affonso, primeiro rei de Portugal.

Estava Cintra, posto que á obediencia do Conde D. Henrique,



XI *Egreja de S. Mamede (antigo templo pagão)*

Photographia do Ex.mo Sr. Henrique Santos

povoada de Mouros, os quaes pagavam tributo, do tempo que El-Rei D. Affonso VI sujeitara aquella praça.

Usava-se d'este estilo nas terras conquistadas, porquanto faltava gente para as povoarem, e soldados para as defenderem, e daqui nasceu ganharem-se, e em pouco tempo perderem-se as terras como esta villa.

Por isso se rebellaram os povos de Cintra nesta occasião e o tornaram a repetir pouco depois, até que foi de todo conquistada por El-Rei D. Affonso Henriques, como conta a citada chronica dos Godos, no anno de 1147.

«Era 1185 capitur Santarena 8 idibus Majj, codem anno capitur Olisipo. Octobri mense, feria sexta meridiano tempore, post

quinque menses obsidionis. Per idem tempus cepit Cintra, Almada, Palmella». [a]

Alguns pretendem que El-Rei D. Affonso Henriques ganhara Cintra antes da tomada de Lisboa, e dizem os que seguem esta opinião, fundados em uma Memoria antiga, que existe na torre do



XII *Um carro rustico*

Photographia do Exmo Sr. Luiz Oram

Tombo, que estando El-Rei naquelle Castello consultando o modo como havia de tomar a cidade de Lisboa, cuja conquista tinha em peito, dilatando a vista pelo Oceano, cujas aguas banham as faldas daquella serra, viu pelo mar vir uma grande armada de cento e cincoenta velas, que demandavam terra junto á rocha de Cintra. Por este motivo lhe mandou quatro Cavalleiros a saber que gente eram, e sendo informado que eram de Allemanha, França, Inglaterra, e Estados de Flandres, que se tinham ajuntado para servirem na defeza da Fé contra os inpios, e que iam seu caminho para a guerra do Ultramar, lhes mandou recado, que, se a tenção que traziam era guerrear contra infieis, que em nenhum tempo e logar o podiam melhor executar, ajudando-o na empreza que meditava da

---

[a] Na era de 1185 se tomou Santarem aos 8 de Maio; no anno seguinte se ganhou tambem Lisboa. no mez de Outubro, sexta feira, ao meio dia, passados cinco mezes de cerco; neste mesmo tempo se conquistou Cintra, Almada e Palmella.

conquista de Lisboa. Concertaram-se os Cruzados com El-Rei, e Lisboa foi tomada a 20 de outubro de 1147.

Outros, a cujo parecer me encosto, são de uma opinião contraria, e julgo que com algum fundamento.



XIII *Convento dos Capuchos—atrio*
Photographia do Sr. Luiz Oram

Que vantagem tirava D. Affonso da simples acquisição d'esta villa?

Não era a conquista de Cintra uma consequencia da de Lisboa?

Era acaso de prudente capitão gastar gente em uma posição que a natureza tomou a seu cargo defender?

Em que a fragosidade e aspereza do logar defendido por poucos, era bastante para embotar o valor dos seus soldados?

Demais, aquelles aventureiros, antes de lançarem ancora no porto de Lisboa, tinham desembarcado ao pé do Douro, como refere a Historia dos Godos, e a relação de Dodechino, [a] que naquella frota vinha embarcado, e que relata toda a derrota desde que em-



XIV *Cintra — Festejos publicos, á chegada de Suas Magestades em 1901*
Photographia do Sr. Henrique dos Santos

barcaram no porto de Derchmit, em Inglaterra, até surgirem no Tejo.

Não era mais verosimil que, sabendo El-rei do seu primeiro desembarque, lhe mandasse commetter o partido de o virem ajudar na conquista de Lisboa?

Podia comtudo ter acontecido a D. Affonso haver tomado Cintra, e perdida, recupera-la; e deste modo conciliarmos as duas opiniões: podia tambem acontecer ter o mesmo Rei tomado antes

---

[a] A narrativa desta viagem, sabemos existir na Torre do Tombo; todavia, a despeito de bastantes esforços, não nos foi possivel vê-la.

alguma fortificação exterior fóra da linha das muralhas, talvez no monte que ainda conserva o monte de Cubello. ([a])

Cada um siga aquella opinião que julgar mais provavel.

Conquistada pois a villa ao poder dos Mouros, como deixamos dito, por El-Rei D. Affonso I, este, como principe magnanimo, e catholico que era, tratou logo de converter a mesquita, que estava dentro do castello, em egreja de verdadeiro culto, consagrando-a ao apostolo S. Pedro, e fundando as outras de S. Martinho e S. Miguel. ([b])

Em breve do minarete, donde o pregoeiro chamava os infieis a suas rezas nefandas, trocado em campanario, se ouviram os sons harmoniosos do bronze chamar uma povoação devota a dar graças ao Todo-Poderoso de haver recuperado tão deliciosa terra do poder dos Sarracenos.

E egualando á sua piedade a sua generosidade, repartiu com os seus do que tinha ganhado, como assim doou ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a quinta de Millides ([c]) e aos Cavalleiros do Hospital e do Templo, que andavam no seu exercito, muitos bens, her-

---

([a]) Cubello, ou, como hoje se escreve: — Covêlo, — é o monte situado entre a Costa do Pó, e a Cruz Alta. Tem actualmente tres casas de habitação, e a quinta, que é propriedade da Congregação do Espirito Santo, da quinta do Bom Despacho. Disfructa-se d'ali um vasto panorama para o sul e nascente.

([b]) A freguezia de S. Miguel está hoje encorporada na de Santa Maria, cuja parochial dista da antiga uns duzentos metros. As imagens foram d'ali transferidas para Santa Maria, em 1860; e a egreja, tranformada em habitação particular, é hoje residencia de verão do sr. D. Fernando de Serpa, digno inspector dos Paços Reaes.

A mesquita do Castello consagrou-a o rei a S. Pedro, que depois se chamou de Cana-Ferrim, ou Penha-Ferrim. Ali foi parochial até 1565, em que, parece, D. Alvaro de Castro fundou a egreja hoje d'aquelle nome, no logar de S. Pedro, que distava um tiro de pedra dos muros do Castello.

No teto e nave d'esta egreja, existe ainda o escudo ou emblema, que aquelle capitão adoptou em memoria da viagem que, com D. Estevam da Gama fizeram ao Mar-Roxo; constituem-no: — a roda de navalhas de Santa Catharina, os dois anjos, que, segundo a lenda, levaram as reliquias da Santa ao cimo do monte Sinai, e as pombas e a cruz de Milapôr.

D'este escudo existe uma reproducção em gesso no museu archeologico do Carmo, em Lisboa. De tudo a que se refere esta nota, daremos n'este livro as respectivas gravuras.

([c]) Millides, ou *Mil-ides*. No decurso d'este livro encontrará o leitor a piedosa lenda que deu origem a este nome.

A antiga egreja e freguezia, hoje circumscripta a uma modesta capellinha, foi por muitos seculos objecto do culto mais venerando e santo que póde imaginar-se. A ella affluiam peregrinos e crentes de bem longas dis-

dades e casaes, entrando nas doações a estes ultimos a mata de Almosquer ([a]) que pela extincção desta ordem foi devolvida á de Christo.

Seguiu-se a isto dar Foral á villa, ([b]) o que fez no anno de 1154, aos nove dias do mez de janeiro, exercendo nelle a sua clemencia com os vencidos, assim como a sua liberalidade com os seus povoadores, com graças, privilegios, e isempções.

Confirmou este Foral seu filho, El-Rei D. Sancho, em 1189, e ultimamente foi reformado por El-Rei D. Manuel, no anno de 1514, tendo sempre esta villa sido objecto da munificencia dos nossos soberanos, principalmente quando iam a ella folgar.

---

tancias, e as festas em honra da Virgem foram ali sempre revestidas d'um luzido fausto e esplendor. Hoje, marca esse glorioso ciclo uma humilde capellinha, que piedosamente tem sido conservada pela junta de parochia de Collares, que d'ali fez remover a imagem da Virgem, para a actual egreja parochial.

A quinta adjunta, de mesma denominação, é propriedade do sr. Manuel Simões Ferreira, abastado proprietario em Pedra Firme, (Collares).

([a]) Almosquer, é hoje uma magnifica propriedade rustica e urbana, situada proxima da Quinta do Relogio, aos Pizões. Pertenceu em tempo ao sr. Francisco de Paula Stubbs de Castro, e é hoje propriedade do sr. Antonio Luiz de Lacerda, de Lisboa.

Na frente do edificio que dá para a estrada, ha um quadro em azulejo, representando a Virgem, e que nos dizem ser de muito valor.

([b]) No archivo da Camara Municipal de Cintra existe uma magnifica copia illuminada, d'este importante documento, a que mais adeante nos referiremos, na respectiva gravura.





III



NVOLVENDO o dito Foral antiguidades mui curiosas, me não parece fóra de proposito, de algumas fazer menção neste logar.

Deu limites á villa, a qual no principio constava de trinta casaes; cujos limites eram, de Almosquer aguas correntes até á serra, e por onde parte o caminho publico que vae para Cabrellas até á serra aguas vertentes, até ao Monte, e por onde parte o caminho que vae para Chilleiros até o rio Galamar, cujos termos se deviam augmentar se crescesse em povoação. ([a])

Estabeleceu, como nos ditos Foraes era de estilo, leis militares e criminaes, e certos impostos, meneios e alcavalas.

Aos soldados, como as circumstancias urgiam, nobilitou, concedendo-lhes, entre outros privilegios, que nos alardos contra Christãos não fossem mais longe do que podessem vir pernoitar a casa;

([a]) Na gravura que adeante damos, reproduzindo uma antiga planta geral de Cintra, vão claramente indicadas as delimitações a que o trecho se refere.

o que se não entendia contra os Mouros, contra os quaes eram obrigados a empenhar todas as suas forças, e outrosim avisarem a Lisboa se o inimigo ameaçasse a villa. A's suas viuvas, durante o tempo que se conservassem em viuvez, conservou as mesmas honras que em vida de seus maridas gozaram.

Multou ao marido que menos-prezasse a fama e honra de sua mulher. — «O marido cuco (coquum), ([a]) que o fôr de sua mulher legitima, publica e reconhecidamente, pague um maravedi por o julgado dos Homens bons».



XV *Chalet do sr. Victor Sassetti*
Photographia do Sr. Manini

Marcou qual fosse o dote que o noivo devia dar á noiva, o qual nos dá alguma ideia do vestuario que trajavam naquelle tempo as mulheres, que por certo não seria hoje invejado ou adoptado pelas nossas elegantes contemporaneas, e consistia em uma *fusta* ([b]) um par de sapatos ou cendalhas, uma *structa* ([c]) uma pelle, e um manto, e trinta soldos; o qual dote o noivo perdia por arrependimento, e lhe era entregue no caso de se desfazer o casamento, por vontade da noiva, ou dos seus parentes.

Entre os differentes impostos notamos os seguintes: — o caçador que matasse a laço ou a tiro um veado, pagava meio lombo; de porco um costado; e o de coelhos em cada um anno tres coelhos com as suas pelles. O que buscasse mel, em cada um anno meio alqueire do mesmo mel, o sapateiro um soldo, o ferreiro que ferre um cavallo, o negociante de pelles um soldo.

Taes foram as leis municipaes e privilegios, que o primeiro rei dos Portuguezes concedeu aos antigos moradores da villa de Cintra, e que ampliaram seus successores, sempre solicitos no bem estar de seus subditos.

El-Rei D. Affonso III, quitou-lhe certas rendas que pagavam, por Carta dada em Guimarães, em 2 de fevereiro de 1261.

E' natural, que no reinado de El-Rei D. Diniz, o rei povoador,

---

([a]) Marido a quem a mulher era infiel.
([b]) Especie de chaile.
([c]) Vestido de mulher, ou, a parte do vestido ligada ao corpo.

participassem d'aquelles privilegios e vantagens tão geraes, com que este rei tanto protegeu a agricultura.

Seu filho D. Affonso IV, concedeu aos besteiros do Couto de



XVI *Quinta da Regaleira — trecho*
Photographia do Sr. Manini

Cintra, por estes lhe mostrarem uma carta de D. Sancho, seu avô, o privilegio de não pagarem certos impostos ao concelho, excepto para o *fazimento* e *refazimento* dos muros. Anno de 1336.

El-Rei D. Fernando lhe confirmou os seus antigos privilegios, e lhe concedeu outros, em 1367.

D. João I, desejoso de ganhar esta villa, que seguia o partido de Castella, não só fez grandes mercês ao Conde D. Henrique, que tinha o castello por parte da Rainha D. Leonor mas aos seus moradores. Confirmou os antigos privilegios, e concedeu á sua Camara

o poder dar certos empregos, se estivesse nessa posse no tempo dos Reis e Rainhas passadas, e licença a seus moradores para poderem caçar.

D. Duarte concedeu, não só aos seus moradores, mas aos que na dita villa habitassem, tivessem casa ou nella vivessem a maior



XVI *Chalet Biester*
Photographia do Sr. Manini

parte do anno, certas regalias, e entre outras, que não vão servir por terra mais longe do que vinte leguas, e não sejam constrangidos a ter armas e cavallos etc.; e outro sim ordenou as roupas que deviam dar aos aposentados, por carta dada em 24 de julho de 1436.

Cintra, patria de D. Affonso V, ([a]) devia merecer a sua attenção, por isso os moradores desta villa foram participantes da genero-

---

([a]) D. Affonso V, 12.º rei de Portugal, nasceu no Paço de Cintra em 15 de Janeiro de 1432 e morreu a 28 de Agosto de 1481 no mesmo quarto em que tinha nascido.

A tradição diz ser esse quarto a casa hoje chamada das columnas, gal primeiro pizo da sala d'armas.

D. Affonso V, foi muito affeiçoado ás letras e bellas artes, cultivando com especialidade a mathematica e a musica; e foi o primeiro rei de Portuque reuniu no seu palacio uma livraria.

Escreveu sobre astronomia e milicia.

sidade com que o seu real compatricio não só lhes liberalisou graças, mas satisfez aos seus ágravos, que pelo seu procurador fizeram subir á sua real presença.

Regulou as aposentadorias de um modo mais suave, ordenando que áquelles que duas casas tivessem lhes não tirassem mais que uma e a outra ficasse livre. Concedeu-lhes terem feira franca, que



XVIII *Lago do Parque da Pena*
Photographia do Sr. João Moreira

duraria cinco dias, tendo começo dois dias antes do Santo Antonio, e acabando-se dois dias depois, dando grandes privilegios aos que a ella viessem, não sendo prezos, nem demandados por maleficios que tivessem comettido.

Concedeu licença a seus moradores para que uma vez por anno, corressem os lobos, ordenando aos monteiros que os acompanhassem nas ditas corridas.

Ordenou que os memposteiros dos captivos, e outras pessoas que pedem para certas invocações, pedissem em mealheiros, para evitar fraudes; e prohibiu que nenhuma pessoa de qualquer condicção que fosse, no tempo das eiras ou fóra delle, pedisse para bodos nem bodas para nenhuma pessoa.

Concedeu-lhes que nenhum fidalgo podesse estar de aposentadoria em a dita villa, nem por outra qualquer maneira, posto que para isso tivesse poder d'El-Rei; e que podessem cortar lenha para seu uso nas matas e coutadas, comtanto que não cortassem arvore de fructo.

D. João II seguiu o exemplo de seu pae; e D. Manuel, além da



XIX *Mesquita do Castello dos Mouros*
Photographia do Sr. Luiz Oram

reforma de foral, lhes concedeu novos privilegios pela fadiga que seus habitantes tiveram em o ajudar nas obras dos paços, privilegios que seus sucessores conservaram sempre immunes, incluindo os proprios Filippes, os quaes por sucessivos alvarás ordenaram lhes fossem conservados.

Achamos desde os primeiros tempos da monarchia doações generosas nesta villa, não só a differentes Ordens de milicia e cor-

porações, das quaes de algumas fizemos menção, mas a particulares e senhores da Côrte, e entre estas de certos bens que pertenceram a Pedro Fernandes, copeiro d'El-Rei D. Affonso III, e seu almoxarife ([a]) em Lisboa, dos quaes El-Rei D. Diniz fez doação a seu filho Pedro Affonso por Carta dada em Lisboa a 28 de junho de 1301.

E julgando o mesmo rei ser a villa de Cintra agradavel prenda á sua santa esposa, a Rainha Santa Izabel, lhe fez della doação com



XX *Cintra — Chafariz, e tanque de lavadeiras, no Rio do Porto*
Photographia do Sr. Henrique dos Santos

seus padroados, alcaidarias, colheitas, direitos etc.; andando, quasi sem interrupção, na Casa das Senhoras Rainhas suas successoras. Parece que entre estas Senhoras, amou com mais predilecção esta villa de Cintra a Rainha D. Brites, pois fez escambo dos bens que possuia na Ega, e Torre da Murta, com os que a Ordem de Christo aqui já tinha, devolvidos dos Templarios, sendo Mestre d'aquella Ordem Fr. Rodrigo Annes, e Commendador-mór Fr. Lourenço Pires, por escriptura lavrada em 9 de junho de 1345, a qual assignaram os Commendadores *que sabiam escrever*.

([a]) Cargo a que competia a arrecadação das rendas e direitos do rei, que consistiam nas alcavalas (tributos) commetidas a uma determinada jurisdição.

E, na verdade, com razão mostrava esta senhora tanto empenho em possuir bens nesta terra, pois que é difficil de encontrar em outra qualquer parte tão variada belleza, tão lindos horizontes, e viçosos arvoredos, como se encontram no limitado espaço desta serra; a mesma asperesa dos penedos contrastando com a amenidade dos bosques é talvez um dos seus mais bellos ornatos.

Estes enormes calhaus que parecem expellidos do centro da terra, e provavelmente o foram em alguma commoção deste elemento, fórmam esse effeito optico, que não é facil descrever: são uma corôa que remata tão bella producção da natureza.

Tão variados os passeios, que sempre é novo aquelle que escolhemos; objecto de meditação para o sabio, este solta as redeas á sua imaginação, e ás suas sublimes cogitações; o amante encontra ahi um novo Eden, o infeliz uma solidão amiga a quem confie as suas maguas, o poeta busca novas inspirações, reflectindo-se-lhe na mentealheada a sena multi-color, leda e deleitosa, em que pascem uns olhos avidos. Sim! Ainda ó Cintra, por teus valles e grutas echoam os versos divinos de Camões, do namorado Bernardim e do aventureiro Byron!

Como é bella uma manhã de estio passada neste sitio encantador! Vêr erguer-se o sol dando nova vida á natureza, que só repousou para surgir novamente mais radiosa! Vêr avivarem-se as côres d'este quadro admiravel, que vão descortinando os nossos olhos, e «já levantado até os peitos tomar posse dos oiteiros, como querendo senhorear-se da terra» á saudação melodiosa das aves, que o proclamam fonte da vida, ente vivificador!

Poderoso e benefico, ó sól, não és tu o emblema do *Ente* divino que te creou? Povos, que o adorastes, tem desculpa o vosso erro!

Mas já ides distribuir a outros povos os vossos beneficios, fazer-lhes sentir o vosso influxo divino; já declinam os vossos raios; estas nuvens de nevoa que se aglomeram, se separam, que fantasticas scenas produzem!

Um brando vento impelle essas ondas volateis, que pairam na atmosphera; rareiam as nuvens, lá se descobre um palacio, mais ao longe um bosque, eis desapareceu... parece verificarem-se as illusões de nossos antepassados, em que fadas beneficas nos brindavam com palacios encantados, viçosos bosques, crenças de nossa juvenil edade!

Amontoou-se novamente a nevoa, e veiu a noite tomar posse da terra; cessou o canto das aves, e só o rouxinol, continua em suas queixas: apartando o obstaculo que lhe embargava o dar de si mostra, lá surge a lua, não fulgente e radiosa como o sol, mas languida como donzella saudosa.

Parece que chora ainda o seu Endymião ([a]) que humedece com seu pranto os campos, que com a sua luz argentea formoseia, e que por uma doce sympathia influe no coração de todos o sentimento, que a opprime!

Foi uma linda noite destas, passada n'esta serra, que inspirou ao cantor dos *Luzi das* a sua primeira, terna e romanesca Ode, a



XXI *Lago de Monserrate*

Photographia do Sr. Alipio Alves

qual escreveu por occasião de se achar ali a sua D. Catharina de Athaide.

Foi talvez depois de haver vellado toda a noite que o nosso poeta, ao despontar da aurora, suspendeu ás portas desse Paço, onde repousava o objecto de seus amores, essa corôa offerecida á noite, confidente de seus queixumes:

([a]) Endymião, (da mythologia). Pastor da Caria, (antiga região da Asia-Menor).

Secreta noute amiga a que obedeço,
Essas rosas (porquanto
Meus queixumes me ouviste) te offereço,
Este fresco amaranto,
Humido ainda do pranto
E lagrimas da esposa
Do cioso Titam ([a]) branca e formosa.

Pretende Manoel de Faria e Sousa ([b]) que quiz o poeta nesta Ode encarecer as bellezas de Cintra:

Para ti guarda o sitio d'Ilio
Suas sombras formosas,
Para ti no Erimantho e lindo Epilio
As mais purpureas rosas,
* E as drgas mais cheirosas
* De esse nosso Oriente
* Guarda a felice Arabia mais contente.

Querendo o commentador que estes ultimos três versos sejam alusivos áquella fabulosa inscripção prophetica da Sybilla ([c]) que se disse ter apparecido no templo da lua, quando Nicoláo Coelho chegava com a noticia do descobrimento da India.

Chamou a esta terra o nosso Gil Vicente, dama polida, brava e doce, contemplação de amores, e a amada do verão, etc.; e pela sua doce temperatura é no estio encalmado frequentada da gente da Côrte, que ali aflue a buscar refrigerio ao calor, e repousar do do continuo trafico da vida.

Quando o sol chega a essa quadra em que mais abraza os ha-

([a]) Titam (da mythologia). Dá-se este nome ao Sol, em razão de se haver reputado filho de Hyperion, ou o proprio Hyperion, que, segundo alguns, foi apenas o encarregado de guiar o coche do Sol.

([b]) Celebre escriptor portuguez que viveu nos annos de 1590 a 1649. Indefesso inquiridor da vida e dos escriptos de Camões, escrevendo apenas cincoenta annos após a sua morte, foi, segundo Latino Coelho, «erudito biographo, que mais detidamente e com melhores achados escavou na mina, quasi infertil, das memorias e documentos respectivos a Camões.»

([c]) Da famosa profecia da Sibilla que alguns pretendem ter sido descoberta na serra, junto ao mar, seis annos depois da descoberta da India, se trata no final d'este livro, no capitulo dedicado á descripção de varias antiguidades, encontradas em Cintra, Collares e seus arredores.

bitantes de Lisboa, os de Cintra gosam da mais suave primavera, conservando-se o thermometro de Farenheit dez graus mais abaixo. [a]

Não só na suavidade de clima, mas em seus variados dons, a natureza foi prodiga com esta serra. Pode muito bem dizer-se que



XXII *Quinta Saldanha—Memoria a N. S.ª da Fé*
Photographia do Sr. João Moreira

[a] Na actualidade, nem sempre se nota essa differença de temperatura, principalmente na parte da villa, ao norte da serra, o que poderá attribuir-se, sem receio de erro, ao pouco cuidado que se tem applicado ao desenvolvimento da arborisação.

Como prova d'esta afirmação, ahi temos que, propriamente na mnotanha, onde a arborisação mais se desenvolve espontanea e naturalmente, sem necessidade de cuidados e tratamento, essa temperatura baixa mantem-se, ainda nos dias de maior calma.

está assente sobre minas de ferro, de magnete e de precioso alabastro, — de que se fabricou o retabulo do convento da Pena, — e de excellentes marmoses sendo especialmente estimado o preto de Collares. ([a])

A pouco mais de uma legoa está a bem conhecida pedreira de



XXIII *Castello da Pena—Entrada e ponte levadiça*
Photographia do Sr. Luiz Oram

([a]) Mais adeante, na *Descripção Geologica e Mineralogica da Serra de Cintra*, se tratará dos magnificos marmores que em todo o concelho se encontram.

No entretanto, annotemos aqui que, o chamado marmore preto, de Collares, existe principalmente na freguezia de S. Martinho, nas proximidades da povoação de Nafarros, sendo, porém, superior, pela sua belleza, a este preto venado, o marmore preto de Mem-Martins, povoação da freguezia de S. Pedro, que o autor não cita.

marmores de Pero Pinheiro que hoje se vêem convertidos em sumptuosos templos e animadas estatuas, que ao *Todo Poderoso* elevou a piedade d'El-Rei D. João V.

Não são menos abundantes os dons de Pomona: [a] florescem os castanheiros, que emmaranhados formam os deleitosos bosques de que são assombrados estes campos; o limoeiro e a larangeira, sustentando em os mesmos ramos a flôr e o fructo, espálham por toda a parte o suave e recendente aroma de sua flor; está o medronheiro com a vermelha côr de sua fructa alegrando a vista; as



XXIV *Cintra—Largo da Rainha D. Amelia*

Photographia do Sr. João Moreira

peras, as maçãs, de que tomou o nome o rio de Collares, os pecegos e outras muitas fructas saborosas de toda a qualidade, em copiosa abundancia e variedade, nos estão convidando a colhê-las.

Os moradores d'aquelles sitios vem vendê-las a Lisboa, donde

([a]) Deusa dos fructos e dos jardins.

pela grande affluencia de mulheres de Collares empregadas neste trafico, vem o chamar-se ás vendedeiras de fructa, *Collarejas*. ([a])

Não se arreia com menos garbo Flora, ([b]) esmaltando de flores e boninas os campos, onde crescem sem cultura.

A murta, consagrada a Venus, o narciso ainda ufano de sua formosura se revê na agua, as modestas roxas violas, a cecem que não consente torpezas, a peonia, o rosmaninho, etc. e outras muitas



XXV *Pena—Entrada para a capella*
Photographia do Sr. Luiz Oram

flôres mimosas em cheiro, côres e variedades, formam um tapete arrelvado destas campinas, que a custo e com pena ousam os pés amolgar.

*

* *

Cintra, sitio de delicias! que reflexão não inspiras ao homem que sente! qual é a alma por mais apoucada que seja, que não se desperte, como por um abalo electrico, ao aspecto de tuas scenas tão variadas como encantadoras?

([a]) Conservam ainda hoje este nome todas as vendedeiras de fructas e hortaliças, nos mercados de Lisboa.

([b]) Deusa das flores e da Primavera, e mulher de Zephyro. Representam-na ornada de grinaldas e cercada de cestos de flores.

Quem sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por ceus, por mares, por montanhas, prados,
Porquanto ha hi mais bello no Universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida? ([a])

Como assim aprouve á natureza adornar-te com toda a pompa de suas gallas! Caprichosamente larçar-te diante dos nossos olhos



XXVI *Cintra — A Villa Estephania*
Photographia do Sr. João Moreira

como um quadro magico, que nos disperta a imaginação pela agradavel variedade, e multiplicidade de prespectivas arrebatadoras, que apresentas aos nossos olhos!

([a]) Almeida Garrett — «*Camões*» C. V. — E. XI.

O sangue acode ao coração ao primeiro aspecto d'esses enormes rochedos mal suspensos, que estão ameaçando ruina,

Apenas porém subimos a montanha escabrosa, eis toma o sangue o seu novo giro, espraia-se a alma, pascem-se os olhos em toda essa verdura de Collares, que como um tapete se estende pelas faldas da serra e vae acabar no Oceano, cuja superficie ondeante parece confundir-se no horisonte com o azul do céo.

Esses bosques opacos de bastas arvores, cujos ramos se enredam uns com os outros; esses encanecidos e encortiçados troncos, que cubriram com a sua sombra umas poucas de gerações, por debaixo dos quaes se despenha com arrebatada queda, por um leito pedregoso, a espumosa e prateada corrente, que desce do alto da serra, tem um não sei quê de melancolia; essa verdura coberta de um humor cristalino, essa arvore amiga do passageiro, collocada ao lado da fonte como uma sentinella, que de suas aguas recebe vida, para lhe retribuir em sombra e frescura, e que debaixo de seus verdes ramos nos convida a gosarmos de um brando somno, ao som do cadente rugido da fonte; o cheiro embalsamado das flores sem numero, e de variegadas côres; essas arvores sem ordem; esses montes entresachados de penedias, e musgosa verdura; os valles cerrados; o pomifero rio ([a]) que vae acabar no mar; tudo, emfim, que a natureza em desalinho e sem arte tirou do cofre das graças para adornar este sitio, nos saltêa e commove tão extraordinariamente que mais facil é sentil-o do que descreve-lo com palavras. ([b])

Se quereis, porém, que a vossa alma seja agitada por impressões violentas, se quereis gosar de um voluptuoso horror, se o genio de um Byron vos inspira, ou vos atormenta, vinde passar um dia de tempestade a Cintra. O mugido das ondas que se levantam em montanhas encapeladas, os ventos arrebatados, que sibilam por entre as arvores carcomidas, que misturam o sussurro de seus ramos com o rouco fragor das ondas do mar rebentando na rocha; o raio que estala, e dilata por entre os valles o medonho

---

([a]) Alluzão de certo ao rio da Varzea de Collares, que atravessando pomares vae desaguar na Praia das Maçãs, a que deu o nome pela grande quantidade d'estes fructos que as suas aguas levavam até áquella praia.

([b]) Quasi pela mesma fórma se expressa lord Byron, no seu poema «Childe Harold's Pilgrimage», de que em nota no final d'este livro damos as estancias que a Cintra se referem, acompanhadas da sua traducção, e annotações necessarias.

som do trovão; o cerrado do dia, tornado em noite escura; este dia facticio, que vae emprestar ás trevas da noite uma luz de inferno; toda esta confusão da natureza, como se o dia se tivesse trocado com as sombras, o elemento humido quizesse invadir os limites do elemento arido, o firmamento amalgamar-se com a terra; achareis nesta confusão da natureza uma musica compassada ao vosso coração, se elle lucta entre vagas como estas.



XXVII *Cintra—Festejos da Senhora do Cabo em 1902*
Photographia do Sr. Alipio Alves

Mas levantemos o nosso tosco pincel, que mal pode debuxar scenas, cujos effeitos se sentem, mas não se podem descrever, e tomemos novamente a penna para continuarmos com a descripção estatistica e topographica desta villa.

Em uma quebrada da montanha está situada a villa, e o paço real, que forma ao longe um effeito muito pinturesco: no centro

da praça se vê um repuxo ([a]) de cantaria lavrada de obra antiga, que suppomos obra d'El-Rei D. Manoel, que recebe agua, que vem do cume da serra, para o serviço do paço.

Logo ao pé ha uma alpendrada que serve de mercado, ([b]) e na mesma praça está a um lado a Misericordia, e do outro a egreja de S. Martinho, de cujo adro se avista uma linda perspectiva.



XXVIII *Cintra — Chalet do Sr. Biester*
Photographia do Sr. João Moreira

([a]) Alguns escriptores têm chamado a este *repuxo* que os habitantes de Cintra conhecem pela designação de *esguicho*, o pelourinho de Cintra. Como tal o temos visto citado, e reproduzido em gravura.

E' erro crassissimo, pois que o pelourinho de Cintra existiu no largo junto ao cemiterio do hospital, que era á direita da egreja da Misericordia. Na planta de Cintra a que já nos referimos em nota anterior, vem designado o local do pelourinho, a que mais detidamente nos referiremos na descripção da respectiva gravura.

([b]) A demolição d'este alpendre foi deliberada pela Camara Municipal em Abril de 1893, e principiou a executar-se na madrugada de 7 de maio do mesmo anno. Foi n'esse dia que pela primeira vez deixou de fazer-se ali *praça* ou mercado diario, que provisoriamente se estabeleceu junto á egreja de S. Martinho, até á sua installação no edificio, cuja construcção por essa epoca começara.

No decurso d'este livro, quando da descripção da respectiva gravura, o velho mercado merecerá mais minuciosa referencia.

Tem sido sempre esta villa cabeça de concelho, antigamente presidido por juiz de fóra, sujeito ao Corregedor da comarca de Alemquer, e provedoria de Torres Vedras, hoje, porém, ao districto administrativo de Lisboa, e julgado de que esta villa é cabeça.

Teve voto em côrtes, e assento no sexto banco; tem por ar-

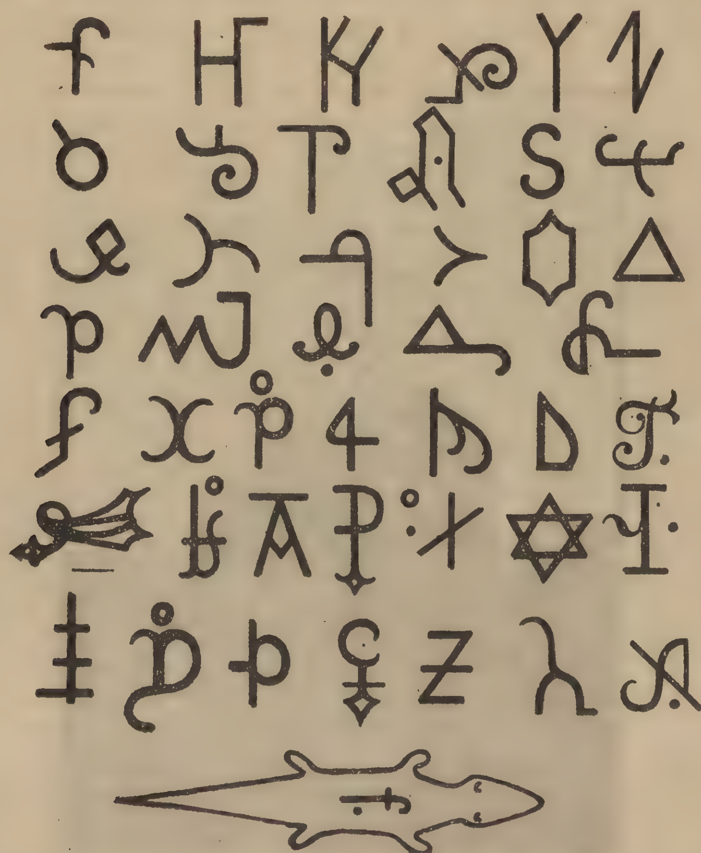


XXIX *Cintra—Quinta de Penha Verde—Alto de Santa Catharina*
Photographia do Sr. Henrique Santos

mas um castello com tres torres, (a) e tinha Capitão mór, que governava as ardenanças de Cintra e Collares.

(a) Segundo o livro dos brazões, da Torre do Tombo, Cintra tem por armas uma torre de prata sobre penhascos, em campo verde. Neste livro vão publicadas gravuras representativas das varias formas que se tem dado ás armas de Cintra, a que faremos mais longa referencia.

Confinam os limites do seu concelho, pelo norte com os do concelho ne Mafra, pelo sul com os de Cascaes e Bellas ([a]) pelo nascente com o termo de Lisboa ([b]) e pelo poente com o de Collares ([c])



XXX *Cintra — Signaes existentes nos Paços Reaes e egreja de Santa Maria*
Desenho do Sr. João Moreira

([a]) O concelho de Bellas foi extincto por virtude da reforma da divisão territorial, decretada em 24 de outubro de 1855, sendo annexado ao de Cintra, com excepção da freguezia de Barcarena que foi annexada a Oeiras.

([b]) Hoje, concelho de Loures.

([c]) A suppressão do concelho de Collares, foi tambem decretada em 24 de outubro de 1855. Pela sua annexação ao concelho de Cintra, ficou este limitado ao poente pelo mar.

Contem a villa e seus arrebaldes 545 fogos, e 2:562 habitantes, [a] distribuidos pelas tres freguezias de S. Martinho, S. Miguel e Santa Maria. [b]

O termo do concelho d'esta villa se compõe das freguezias de Alcainça Grande, Igreja Nova, [c] S. João das Lampas, Montelavar, S. Pedro de Penaferrim, Rio de Mouro e Terrugem [d] com 2:463 visinhos, e 10:702 habitantes [e] constando ao todo a população d'esta villa e seu termo de 3:008 fogos, e 13:264 habitantes [f]

* * *

Tem a freguezia de S. Martinho a sua parochial situada na praça da villa, que fica nas abas da serra. E' sua fundação tão antiga que remonta ao principio da monarchia. [g]

---

[a] Estes algarismos referem-se ao recenseamento de 1835. Pelo ultimo Censo, em 1900, a freguezia de S. Martinho tem 2:266 habitantes e a de Santa Maria e S. Miguel, 1:403.

[b] Hoje é tambem considerada como freguezia da villa, a de S. Pedro de Penaferrim, já mais vulgarmente conhecida por S. Pedro de Cintra, e cuja população, segundo o Censo de 1900, é de 2:249 habitantes.

[c] As freguezias de Alcainça Grande, e Igreja Nova, pertencem actualmente ao concelho de Mafra.

[d] Tem hoje o concelho de Cintra mais a freguezia de Almargem do Bispo, que lhe foi annexada em virtude da divisão administrativa decretada em 6 de Novembro de 1836; e as de Bellas e Collares, pela extincção dos respectivos concelhos, já citada.

[e] Como já fica dito, estes algarismos referem-se ao recenseamento de 1835. Pela *Chrorographia* do padre Antonio Carvalho da Costa, cujas notas estatisticas se referem aos annos de 1706 a 1712, o numero de fogos nas quatro freguezias de S. Martinho, Santa Maria, S. Miguel e S. Pedro, era de 450; e segundo o *Diccionario Chorographico* de José Avelino d'Almeida, cujos dados estatisticos é de presumir se refiram a época bastante anterior a 1866, data em que foi impresso, subia já o numero de fogos a 1:197 Temos depois a estatistica parochial, referida ao anno de 1862, accusando 1:254 fogos, e 4:582 habitantes, isto é, perto de 100 habitantes a menos dos que o Censo de 1864 accusa. No final d'este livro, publicamos um mappa do movimento da população no concelho, até ao Censo de 1900, que attribue ás tres freguezias de S. Martinho, Santa Maria e S. Pedro, uma população de 5:918 habitantes.

[f] Pelo Censo de 1900, a população total do concelho eleva se a 26:394 habitantes.

[g] Como atraz fica dito a fundação da egreja de S. Martinho data da mesma época em que a mesquita do castello dos Mouros foi convertida em egreja consagrada a S. Pedro, pelo rei D. Affonso I.

Reedificada posteriormente ao terremoto de 1755, nada lhe resta da construcção primitiva.

Foi arruinada pelo terremoto de 1755, e emquanto se não reedificou, se fizeram os officios divinos nas casas do Marquez de Pombal. ([a])

Consta a sua população de 356 fogos e 1:800 ([b]) habitantes, e confina o seu districto com os da freguezia de S. Miguel, e Santa Maria do arrabalde da villa, de S. João das Lampas, e Terrugem, no termo d'este concelho, e com o da villa e freguezia de Collares. ([c])

Consta o dito districto de dezoito povos ou logares, ([d]) denominados:

O local da villa em que ha..........	144 fogos
Ribeira..........................	10 »
Cabriz ([e])......................	11 »

([a]) Estas casas foram as de que o Grande Marquez fez o seu sumptuoso palacio, na rua da Assembleia, que ha annos foi adquirido aos seus descendentes pelo sr. José Antunes dos Santos, natural de Cintra, e abastado proprietario no concelho, que a seu turno o vendeu ao sr. Conde do Paço do Lumiar, em cuja casa ainda se conserva como pertencente a sua filha unica a sr.ª Baroneza de Ortega, por morte da sr.ª Condessa do Paço do Lumiar.

Deste palacio fez parte a magnifica quinta conhecida por Quinta Velha, que a elle era ligada por um arco de alvenaria sobre a estrada real para Collares, arco que foi destruido, com o alargamento ha uns vinte annos feito, daquella parte da estrada.

A «Quinta Velha» que terminava junto ás muralhas do Castello dos Mouros, foi adquirida por um grupo de capitalistas, e por elles dividida em varios lotes, sendo atravessada pela estrada para a Pena, por Valle dos Anjos, que elles fizeram construir á sua custa, dando-lhe o nome de Avenida Marquez de Pombal, em homenagem ao antigo possuidor dos terrenos que atravessa. No vulgo era conhecida esta estrada por «estrada da Quinta Velha», ou «estrada do syndicato», até que ultimamente a Camara Municipal resolveu dar-lhe o nome de Avenida D. Amelia, em homenagem á Rainha Senhora D. Amelia, grande admiradora das bellezas de Cintra.

E' nos terrenos da «Quinta Velha» que estão construidos os chalets dos srs. Biester, Lima Mayer, Victor Sasseti, e muitos outros egualmente dignos de nota.

([b]) Pelo Censo de 1900, 2:226 habitantes.

([c]) São ainda hoje os mesmos, os limites da freguezia de S. Martinho. Apenas a freguezia de S. Miguel, que foi extincta, se diz hoje de Santa Maria e S. Miguel.

([d]) O numero de povoações, incluindo nelle as quintas ou casas isoladas, com um ou dois fogos, é hoje muito maior; não conhecemos porém, estatistica alguma que no-lo certifique, sendo certo que tem augmentado consideravelmente, principalmente nos ultimos annos.

([e]) O logar de Cabriz tem hoje fogos nas freguezias de S. Martinho, e de Santa Maria.

Varzea de Cima	12 fogos	
Meiraner [a]	2 »	
Mata do Paço [b]	3 »	
As Granjas [c]	3 »	
Varzea de Baixo	15 »	
Figueirinha	3 »	
Carrascal	9 »	
Morelino	28 »	
Jaunas [d]	30 »	
Zibreira	15 »	
Nafarros	34 »	
Gallamares	16 »	
Quinta do Casalinho	3 »	
Quinta da Piedade	5 »	
Quinta de Penha Verde com suas annexas	13 »	[e]



XXXI *Azenhas do Mar*
Photographia do Sr. Luiz Wanderley

([a]) Hoje Meiranes. Certamente a designação de *Meiraner*, é erro typographico, que por lapso deixou de ser indicado na tabella das erratas, no final da primitiva edição.

([b]) Hoje diz-se Mato do Poço.

([c]) Têm hoje a denominação de Granja de Baixo, Granja de Cima e Granja do Bicho.

([d]) Janas, ou Jannas. Parece tambem erro typographico não rectificado a designação de *Jaunas*.

([e]) Esta relação, mesmo com referencia á época em que foi organisada, está incompleta no numero das povoações, sendo por isso presumivel que o esteja tambem no numero dos fogos.

O numero medio dos nascidos de ambos os sexos, em cada um dos cinco annos de 1815 a 1820 foi de 52, o dos mortos 52, o dos expostos de 8, e dos casamentos de 8. [a]

Na mesma praça, e districto d'esta freguezia, está a cadeira [b] e Casa da Misericordia, [c] que tem hospital onde se curam os pobres, e tinha rendas para a sua manutenção.

Antes da fundação d'esta Santa Casa, que foi no governo da Rainha D. Catharina, em cujo tempo se lhe annexaram os Hospitaes do Santo Espirito, e dos Gafos, [d] já n'esta villa existia a con-



XXXII *Marinha de Collares — Paisagem proxima da Praia das Maçãs*
Photoraphia do Sr. LuizWanderley

---

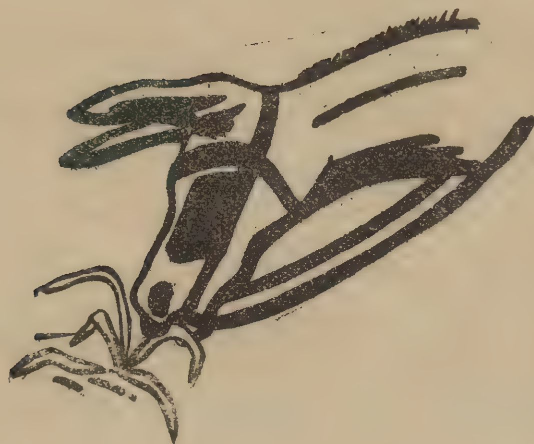
[a] Nos ultimos cinco annos (1898-1902) a media de nascimentos, annualmente, foi de 80, a de casamentos 18 e a de obitos 53.

[b] A cadeia de Cintra, tal como ainda hoje se encontra, foi reedificada em 1822, sendo empreiteiro d'essas obras Pedro d'Oliveira, que não cumpriu muito escrupulosamente o seu contrato, como demonstram documentos que no final vão publicados, com mais desenvolvida noticia ácêrca d'este edificio.

[c] A Misericordia foi fundada durante a regencia da rainha D. Catharina, avó de D. Sebastião; ha porém quem affirme, ainda que sem solidas bases, ser fundação d'el-rei D. Manuel.

[d] Os hospitaes do Santo Espirito e da Gafaria, foram annexados á «Confraria da Mesericordia de Sintra» por Carta de 23 de setembro de 1545.

fraria de Santa Catharina, instituida da egreja de S. Miguel, no anno de 1301, pelo beneficiado João Migueis, cujos irmãos remediavam necessitados, vestiam pobres e sustentavam miseraveis, curando os enfermos, e tendo para todos hospital.





IV



NTRANDO em Cintra, é o paço real a quem o Conselheiro de Estado, Ricardo Raymundo Nogueira, na sua descripção poetica desta terra com bastante propriedade chamou corôa de Cintra, o primeiro objecto que se apresenta aos nossos olhos com uma agradavel admiração, apenas se dobra a empinada descida de S. Pedro.

A elegante irregularidade de sua architectura, as suas elevadas chaminés, de uma forma conica, a belleza de suas janellas, cujo lavor é de um gosto puro Arabico, representando troncos enlaçados de arvores despidas de folhas, são os objectos que extremamente mais occupam a nossa attenção.

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sobre a roca erguidos, mas poisados,
Na planicie tranquilla, que memorias
Não estaes recordando saudosas,
Dos bons tempos de Lysia! [a]

([a]) Almeida Garrett — «*Camões*» — C. VII E. V.

E na verdade, que ideias não suscita este edificio tão antigo como airoso, se quizermos remontar á epocha da sua fundação, ou antes reedificação.

Nesse tempo que por toda a Europa se curvava ao jugo do mais ferrenho e insuportavel feudalismo; que os palacios dos reis eram castellos fortificados, para os abrigarem da furia de soberbos Senhores; que esse mesmos pequenos potentados, em contiua guer-



XXXIII *Lago do Parque da Pena*
Photographia do Sr. João Moreira

ra se fortificavam, para rechaçar as agressões uns dos outros, aqui não encontramos, nem séteiras, nem torreões, nem fossos, nem barbacãs, que reproduzam á nossa imaginação as scenas de horror daquelles tempos; bem pelo contrario, esses fragamentos do antigo edificio, se ostentam como padrão da vida deleitosa, pacifica, e mansa dos seus primeiros habitadores, nelles com saudosa recordação ainda descortinamos os vestigios da bondade, e vida patriarchal desses nossos antigos reis que

Sem ferro ou fogo que espante,
Com duas canas adiante,
Hião amados, e hião temidos.

As portas d'esta salla se abriam para dar entrada a uma população religiosa e animada, que vinha folgar com o seu rei nas

solemnes festividades da Egreja; aqui representavam os seus autos Biblicos, em que os nossos principes se não pejáram de fazer um papel; estes atrios se enchiam dos povos comarcãos, que acudiam de longe aos bodos, aos torneios e corridas de touros, onde os nossos antigos cavalleiros iam ostentar a sua galhardia; as paredes d'esta sala ainda echoam o arrulho de ternos beijos; os grossos e elevados muros d'este banho, não tolhem aos olhos da imagi-



34—*Real Paço da Pena: Gabinete de desenho e estudo*
Photographia do sr. Luiz Oram

nação a phantasia de um amante namorado, que rompe os arcanos mais vedados; lá junto áquella fonte repousou uma princeza, emballada pelo murmurio da agua que se despenha por varias boccas.

Foi este paço tão elegante pela sua architectura, como fertil em recordações, edificado por El-Rei D. João I, ou antes, por elle reedificado, e augmentado por seus successores.

Certa disposição interior do paço, juntamente com a architectura arabe pronunciada das janellas, o nome de Meca, que ainda conserva um terreiro, além de outros motivos, me confirmam na opinião, que antes de El-Rei D. João I levantar estes paços, já alli existiam algumas obras do tempo dos Mouros. A mesma irregularidade de construcção demonstra que foram diversos os que edificaram.

7

E' bem possivel que este edificio fosse a pequena Alhambra dos reis Mouros de Lisboa: que de certo não escaparia á sensualidade d'estes Orientaes, ter uma habitação em um paiz onde a natureza está chamando o homem aos maiores gosos da vida.

Um viajante instruido, que além das suas viagens no Oriente, tinha visitado Granada, e a Alhambra, esse paço encantado, me segurou que achava no de Cintra, — sem comtudo ter uma perfeita analogia, — um não sei quê, um certo toque, que lhe fazia recordar aquelle celebre edificio.

Em todas as nossas casas reaes, as salas costumam ter uma mesma denominação, como sala dos Archeiros, da tocha, do docel, etc.; n'este paço porém, como na morada do ultimo rei Mouro de Hespanha, estas tomam o nome de recordações particulares.

Assim como alli os olhos crédulos buscam, no pavimento de marmore da sala dos Abencerrages, o sangue d'esta infeliz tribu, assassinada por ordem do rei Boabdil; do mesmo modo aqui os ladrilhos gastos de uma sala, são triste padrão, e funesto exemplo a futuros de um crime egualmente atroz; como alli se vê a sala dos Embaixadores e da justiça, aqui se mostra a da Audiencia de triste lembrança, pela ultima que é tradição que alli se dera.

A sala das duas irmãs, o Camarim, o jardim de Lindaraya, onde vinham as Mouras ao sahir do banho respirar a frescura do ar, e o perfume embalsamado das flôres; aqui se vêem reproduzidos na casa do banho, e n'esses odoriferos laranjaes, para manutenção dos quaes, ainda em 1640, se pagavam dois escravos.

Através das profanações da moderna e mesquinha architectura, que afeiam esta deliciosa vivenda, a cada passo está sobresahindo a elegancia, a graça, a poesia e delicadeza do antigo cinzel oriental, já n'essas janellas imitando delicados troncos, já n'essas fontes perennes, que este paço tinha em tanta abundancia, contando-se dezasete distribuidas no seu interior, adorno tão frequente n'estes edificios, com que os Arabes sabiam melhor que nós modificar um clima calido, despertando ao mesmo tempo a voluptuosidade do sentido de ouvir, com uma musica tão agradavelmente melancolica.

Architectura sublime e magestosa, colossal e aerea, não monotona e compassada, mas rica de variedade; não silenciosa e muda, mas animada e viva, fazendo falar as pedras, que os nossos antepassados souberam tão felizmente imitar, e conservar até ao glorioso reinado d'El-Rei D. Manuel.

Disse poesia, e com alguma propriedade, porque os nossos maiores, quando construiam, compunham; e Templo ha ahi, mandado derrubar por um *firman* d'esses nossos Lycurgos modernos, que por si só é um livro. Se estes se perdessem, se as chammas

reduzissem a cinzas as memorias escriptas de nossas historias, lá estavam os Templos! Lá estava Alcobaça, padrão do começo da era de gloria de um povo; Batalha, da sua independencia e liberdade; Belem, do maior feito que homens hão commettido desde a era de Christo.

Quem acreditará que, n'este seculo tão illustrado, se acha este paço antigo, obstruido de pequenos cubiculos forrados de ridiculo papel pintado, e que o tecto pintado, que ainda se conserva, da antiga sala da Galé se occulte, por ter de permeio um forro moderno, descoberta que devemos a um pedreiro, que nos disse o vira, indo concertar o telhado![1]

A frequencia dos reis anteriores, a epocha em que suppõe a sua fundação, principalmente de El-Rei D. Affonso IV, que vinha a esta terra caçar, o que deu logar á corajosa intimativa de seus Conselheiros, e sobre tudo a doação de El-Rei D. João I, d'estes paços, ao Conde D. Henrique, corrobora o que temos dito relativamente á sua primeira origem.

El-Rei D. João I foi acclamado rei a 6 d'abril de 1385, e em 4 de dezembro do mesmo anno, achamos uma carta de doação sua, datada de Villa-Real de Panoias, em a qual diz: «que pelos muitos serviços que tem recebido, e espera receber do Conde D. Henrique, dôa para elle, e para todos os seus filhos e filhas, netos e bisnetos, que d'elle descenderem por linha direita, e de todos os seus descendentes d'elles, todos os nossos paços que nós havemos na nossa villa de Cintra, com todas suas entradas e sahidas, direitos e pertenças, por aquella mesma guiza que *os nós avemos*, e de direito devemos d'haver, *e que os avião os reis que ante nós forom.*»

Ora aqui temos pela bocca do mesmo rei confirmada a nossa asserção, e é bem natural que este soberano, tão empenhado na defeza da sua corôa, só depois de aquietado o reino, se occupasse d'este edificio de prazer, e em uma epocha posterior ao seu casamento, se quizermos dar algum credito á tradição da sala das pegas.

Seu filho, o Sr. D. Duarte, era muito apaixonado d'estes sitios, e n'estes paços residia frequentes vezes, como se vê da seguinte Carta, dada na mesma villa, no anno de 1436, na qual concede

---

[1] Por occasião das ultimas importantes obras alli realisadas, ha uns seis a oito annos, foi novamente descoberto o tecto d'esta sala, cuja pintura se achava então relativamente bem conservada. Falou-se, por essa occasião, da sua restauração, mas... voltou novamente a ser occultado por um forro, que fórma o tecto de uns tres compartimentos, e de um corredor que lhes dá accesso, e em que aquella sala está dividida.

varios privilegios aos moradores da dita villa, e cujo theor é o seguinte:

«D. Duarte pela graça de Deus, Rei de Portugal, e do Algarve, Senhor de Cepta.

A quantos esta Carta virem, fazemos saber que considerando nos como vymos a esta villa de Ssintra muytas veses ter allguns verãos. E assim cremos o farão os Rex que depoes nos vyerem, por acharmos a terra de mui boos ares e agoas e de Comarquas em que ha grande avondança de mantimentos de mar e de terra, e por a nossa mui nobre e leal Cidade de Lisboa ser tão acerqua,



35 — *Typos de burriqueiros*

ẽ aver-mos em ella açaz de folganças, e desenfadamentos de montes e de caças. E por termos em ella nobres paços de mui espaçadas vistas, e vendo que para aso de nossos estados os moradores da dita villa e sseu termo recebem allguns nojos e perdas em allguas coussas que jeralmente se não podem escusar em pumares e vinhas e ainda nas poussadas, posto que elles ajam outros proveitos dos mantimentos que vendem melhor, por nossa estada, etc.,» termina concedendo varios privilegios.

D. Affonso V nasceu n'esta casa, no anno de 1432, a qual em seu tempo era cercada de um espesso arvoredo, como se vê de uma carta de privilegios, dada a esta villa pelo mesmo Soberano, para que possam cortar lenha nas matas coutadas, não cortando arvore de fructo.

«E isto se não entenda nas matas dos pinheiros e das Callordas e na mata grande e na mata pequena, e na foz do touro, nem nos

outros matos que estão arredor dos nossos paços dessa villa, e tambem defendemos, que não cortem por todas as outras matas nenhuns castanheiros ou sobreiros, porque nos praz que em todo sejão deffesos.»

Fez este rei obras n'este palacio,[1] pelos annos de 1459, pelo qual motivo, considerando o grande trabalho que continuadamente levavam os moradores e visinhos d'esta villa; assim por causa das



36 — *Sala Arabe, no Paço de Cintra*
Photographia do sr. Luiz Oram

obras que mandou fazer nos ditos paços, como por pouzarem com elles as pessoas da sua Côrte, as muitas vezes que alli vinha estar,

[1] «D. Affonso a quantos esta nossa carta virem fasemos saber que considerando o grande trabalho que continuadamente levão os moradores e visinhos da villa de Sintra asy por causa das obras que mandamos fazer dos nossos passos da ditta villa como por pousar com elles as pessoas da nossa côrte as muytas vezes que a ella vimos estar. E querendo lhe fazer graça e mercê por a ditta ter azo de ser melhor povoada e supportar os dittos trabalhos temos por bem e outorgamos que todalas pessoas Christãos assim homens como mulheres que ora morão na ditta villa e arrabalde della, etc.» Termina concedendo lhe varias mercês. Datada de 1459.

lhes fez certas graças e mercês, para a dita villa ter *aso* de ser melhor povoada, e supportar os ditos trabalhos.

D. João II fez novas obras, [1] ou reparou as antigas, porque do seu tempo achamos uma doação das obras d'este paço, a João Cordeiro, e nomeou por Carta sua, capellão da capella do paço, a Thomé Rodrigues, clerigo de missa, morador na dita villa, designando-lhe o mantimento que lhe devia ser pago pelo almoxarifado, o qual lançamos aqui como documento curioso, por nos dar noticia dos preços correntes d'aquelle tempo, e vem a ser: 10$000 réis de mantimento para elle e um moço, da maneira seguinte: 2$583 réis por 83 alqueires de trigo para elle, e para o dito moço a razão de 7 alqueires por mez, a 30 réis o alqueire; 1$920 réis por 48 almudes de vinho, a razão de 40 réis o almude; 1$584 réis por 18 arrobas de carne, a razão de arroba e meia por mez, e de 80 réis a arroba. E 520 réis por quatro duzias de pescadas por mez, e de 130 réis a duzia. E de 1$200 réis para o dito, a razão de 100 réis por mez e 2$000 réis que valem 10 covados de bustol para se vestir, e 600 réis que valem 6 varas de Galles. [2]

El-Rei D. Manoel ampliou estas obras [3] com successivos trabalhos. Achamos do seu tempo uma quitação a João Vaz de Lemos do que tinha recebido dos officiaes das obras dos paços de Cintra, que tinham recebido mais do que deviam de haver, e tinham merecido cento e nove mil e setecentos réis, dada no anno de 1507.

No anno de 1508, mandou passar um alvará para se darem 120$000 réis ao almoxarife de Cintra, para pagar aos pedreiros do aposento do principe.

No anno de 1519 passou outro alvará para se dar para as obras de Peralonga e paços de Cintra a madeira necessaria.

Quando estupefactos admiramos esses sumptuosos edificios,

---

[1] Paços de Cintra. Carta de mercê das suas obras a João Cordeiro. L. I, fl. 17.

[2] Capella dos Paços. Carta de ordenado a seu Capellão. L. XVIII, fl. 13 v.°, L. IX da *Estremad.*, e L. X, dito, fl. 125.

[3] Quitação a João Vas de Lemos do que recebeu dos officiaes das obras dos paços de Cintra, que tinham recebido mais do que deviam de haver e tinham merecido cento e nove mil e setecentos réis. Anno de 1507. L. V de *Misticos*, fl. 130,

Almoxarife de Cintra: Alvará para se lhe darem 120$000 para pagar os pedreiros, etc., do aposento do Principe. De 25 de abril de 1508. *Corpo Chronologico*, Parte I. maç. 6.°, doc. 100.

Alvará para se dar para as obras de Penalonga e Paços de Cintra a madeira necessaria. Dado em Evora a 9 de setembro de 1519. *Corpo Chron.*, Parte I. maç. 25.

que ainda hoje resistem á furia devastadora de nossos contemporaneos, perguntamos a nós mesmos como poderam os nossos reis antigos, e alguns em tão curto espaço, construir obras tão portentosas?

Que recursos, que thesouros possuiam?

Não se venha com a declamação vaga de que as riquezas das colonias foram enterradas nestes magestosos edificios, cuja concepção bastaria para amedrontar as vaidosas cabeças de nossos polidos coevos

Alcobaça, Santa Cruz, tantas villas e castellos edificados em o só reinado de um D. Diniz; a Batalha e outros tantos edificios, não foram levantados com as riquezas do Ultramar.

Esses thesouros inexgotaveis eram o amor dos povos e o seu verdadeiro patriotismo, concorrendo com o rei á porfia, para illustrar por todos os modos a sua patria.

Assim Lisboa, no breve espaço de dois annos, no reinado d'El-Rei D. Fernando, foi cercada de muros, concorrendo os povos que vivem entre Setubal e o Tejo, para a obra do lado do rio, e para o lado da terra os povos convisinhos de cinco leguas em redor.

Assim entre outras obras se construiram estes paços pelos povos de Cintra, desejosos de terem morada propria de hospedarem os seus reis, concedendo-lhes estes, além das graças que os povos obtinham pela frequente residencia n'esta villa, quando a ella vinham passar o verão, muitos privilegios expressamente para os indemnisar da fadiga que tinham em os ajudar nas ditas obras.

Já antes é natural existisse a *casa do banho*, que por crivos muito miudos despede em todas as direcções uma chuva copiosa de agua. Esta casa conjecturamos que fosse da primitiva construcção do paço; renovada por algum dos reis que n'elle edificaram, hoje está coberta em parte por um tecto moderno, posterior ao terremoto.[1]

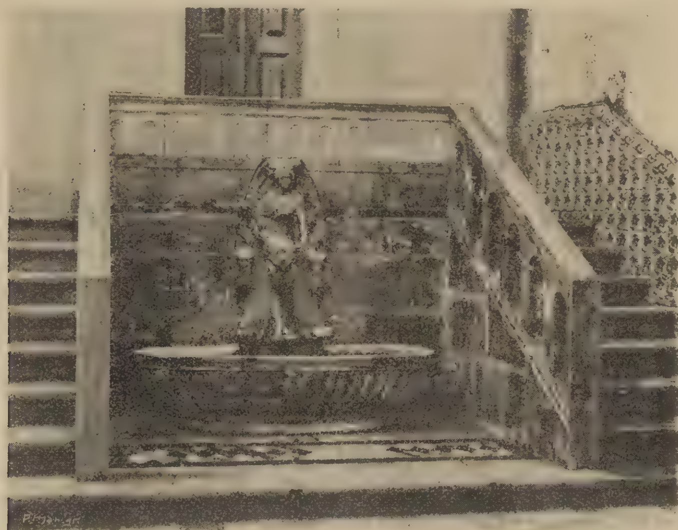
Existia a *sala dos Infantes*, como consta de uma confirmação

---

[1] Este tecto, estylo Luiz XV, foi feito no reinado de D. Pedro V. Constitue um magnifico trabalho, modelado em gesso, com figuras allegoricas e decorativas; e não obstante a sua desharmonia com o conjuncto exterior, impõe-se pelo mimo e vida da sua bella esculptura. O azulejo que reveste as paredes, bem como as da sala d'armas, são todos do mesmo estylo; e é tradição no palacio que foram aqui fabricados, para o que existia um forno, do lado da actual pharmacia da Misericordia, que em 1885 foi descoberto, encontrando-se alli muitos dos mesmos azulejos inteiros e fragmentados. Este forno teve de ser novamente aterrado, visto a impossibilidade de ficar a descoberto, por estar n'um nivel muito inferior ao da actual rua.

d'El-Rei D. Manuel, dada em Extremoz a 3 de fevereiro de 1497, a um alvará d'El-Rei D. João II, concedendo aos moradores da villa de Cintra, como já em tempo d'este rei era costume, o fazerem a festa do Espirito Santo, na chamada *sala dos Infantes*,[1] e cortarem nas matas toda a lenha que lhes fosse necessaria para a dita festa.

É obra d'El-Rei D. João I a *sala das pêgas*, cuja origem a tradição dá á seguinte anecdota. Sendo encontrado este rei por sua esposa, beijando uma de suas damas, porque o fazia por sincera



37 — *Fonte de Diana, no Paço de Cintra*
Photographia do sr. Luiz Oram

amisade e não por criminoso amor, respondeu á rainha agastada, que tinha sido *por bem;* e com esta legenda que bem podemos assimilhar ao *Honi soit qui mal y pense* dos Inglezes, mandou edificar uma sala cujo tecto é pintado de pêgas, para que esta ave, como faladora, apregoasse a sua innocencia, e a pureza injustamente maculada d'aquella donzella; outros menos galantes, e cuja opinião não seguimos, pretendem que, tendo-se divulgado no paço esta

[1] Esta sala, — a sala d'armas, — que não tem entrada independente, parece, tanto pela sua disposição, como por certos vestigios que ainda existem, que antes do terramoto a teria tido. E só assim se explica como é que ali poderia celebrar se uma festa tão popular e tão concorrida como então era a do Espirito Santo, sem que os que a ella iam devassassem outras salas do palacio.



Sala das armas, no Paço de Cintra
Photographia do sr. Luiz Oram

aventura, e corrido de bocca em bocca entre as outras damas, El-Rei para as castigar, mandou pintar esta sala com as ditas aves, como symbolo da sua loquacidade.[1]

E' esta sala uma das mais antigas do palacio, porquanto esta legenda *por bem* era o mote ou tenção d'El-Rei D. João I, assim como *Il me plait* o da rainha D. Filippa, sua mulher; costume usado antigamente pelos nossos principes, de juntarem estas tenções ou motes ás suas armas.

Ainda Camões não tinha enchido o orbe com o pregão da gloria Lusitana, já D. Manuel tinha meditado e executado o plano de levantar um trophéo á gloria dos Portuguezes, reunindo os escudos dos fidalgos do reino ganhos no campo de batalha, para que servissem de incentivo a seus filhos e netos, immortalizando por este modo os venerandos feitos de varões tão dignos de eterna fama.

Para este effeito mandou vêr — como diz o seu chronista, — «todalas sepulturas do regno, para dellas se notarem as armas, insignias e letreiros que n'ellas havia, das quaes armas mandou nos paços de Cintra, pintar todolos escudos com suas côres e timbres, em huma formosa salla que para isso mandou fazer; além do que mandou fazer um livro muito bem illuminado, em que estão pintados os mesmos escudos da linhagem da nobreza destes regnos, etc.»[2]

Chama-se esta sala *das armas*, ou dos *Cervos*, porque do collo

---

[1] O estylo d'esta sala é genuinamente mosarabico, e a sua principal frente dá para o pateo das favoritas ou odaliscas, onde se encontra a *casa do banho*, já descripta, e que no seu conjuncto dá uma ideia, embora vaga, do pateo dos leões da Alhambra.

A lenda das pêgas tem por diversas fórmas sido descripta, e Garrett conta-a em bellos versos que publicou na *Illustração*, em agosto de 1846, e depois colleccionou no primeiro volume do seu *Romanceiro*.

Lopes de Mendonça, o brilhante dramaturgo, aproveitou tambem a lenda para uns bellos versos, na farça *Zé Palonso*, que com a collaboração de Gervasio Lobato e D. João da Camara escreveu em 1901, e que só foi representada uma unica vez.

Uma e outra poesia vão publicadas em nota final, n'este livro.

[2] Muito antes já D. Pedro, conde de Barcellos, filho de El-Rei D. Diniz, havia feito um *livro de linhagens*, ou *nobiliario*.

Os brazões que n'esta sala se encontram estão todos reproduzidos n'um magnifico livro illuminado, que o ex.^{mo} Conde de Mesquitella possue; e ácerca d'elles publicou ha annos o sr. Anselmo Braamcamp Freire, um trabalho hoje raro.

As pinturas d'este tecto, que principiaram em 1515, são obra de Duarte d'Armas, pintor heraldico do reinado de D. Manuel, e com elle

de cada veado pendem os setenta e quatro brazões[1] de diversos appellidos, tendo os timbres na armação, que se acham pintados em dois circulos, e por isso sem precedencia. Aqui não estão todos os brazões da nobreza portugueza, porém parece que só os d'aquellas familias que andavam na Côrte e serviço do paço.

No meio do tecto estão as armas reaes, ao redor as do Principe e Infantes D. Luiz, D. Fernando, D. Affonso, D. Henrique, D. Duarte, D. Izabel e D. Brites.[2]

As familias que ali teem os seus escudos, são as seguintes:

Aboim	Castel-Branco	Lemos
Abreus	Castro	Limas
Aguiar	Castros	Lobatos
Albuquerque	Cerqueiras	Lobos
Almadas	Côrte Real	Malafayas
Almeidas	Costas	Manoeis
Andradas	Coutinhos	Mascarenhas
Alvergarias	Cunhas	Meiras
Arças	De-Ecca	Mellos
Ataide	Faria	Mendonças Furtados
Azevedos	Febus-Moniz	Menezes
Barretos	Ferreiras	Miranda
Betancor	Foios	Motas
Borges	Gama	Mouras
Brites	Goes	Nogueira
Cabraes	Gouveas	Noronhas
Carvalhos	Henriques	Pacheco

---

collaboraram Francisco Dansilhas e Jorge Affonso, sendo muito posteriormente retocadas por Bento Coelho.

Devido ao extremo bom gosto de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia, secundado pelo intelligente esforço do distincto architecto sr. Rosendo Carvalheira, foram recentemente reparados o telhado, porticos e pavimento d'esta sala, achando se tudo actualmente em magnifico estado de conservação.

[1] Foram setenta e dois e não setenta e quatro, como erradamente aqui se affirma, os brazões pintados n'esta sala; e dizemos foram, porque um d'elles, o dos Coelhos, segundo se affirma, desappareceu completamente.

Como consequencia da sentença de 12 de janeiro de 1759, as armas dos Tavoras foram meio apagadas, mal se distinguindo as suas ondas azues e o golfinho que lhes era timbre. Distingue se este escudo, dos restantes, em ter a negro a legenda, que nos outros é dourada.

Aos visitantes do Paço explica se erradamente que o escudo desapparecido era o do Duque d'Aveiro, raspado por virtude d'aquella sentença, quando este titulo é de data posterior á da primitiva pintura.

[2] Aliás D. Beatriz. São oito os escudos dos infantes, faltando indicar o de D. João.

Peçanhas
Pereiras
Pestanas
Pimenteis
Pintos
Queirós
Ribeiros
Sampayos
Sás
Serpas
Silvas
Siqueiras
Soto-Maior
Sousas
Tavares
Tavoras
Teixeiras
Valente
Vasconsellos
Vieiras [1]

Por baixo, ao longo da aba do fôrro d'este tecto, estão escri-



39 — *Terraço da Rainha, no castello da Pena*

[1] Na primitiva edição d'este trabalho, a relação dos brazões está muito longe de expressar a verdade, e por isso não a reproduzimos integralmente, dando em sua substituição a relação completa e exacta dos setenta e um brazões que ainda hoje existem.

A prova de quão pouco attentamente foi feita aquella relação é que, além de ter setenta e quatro nomes, não menciona os de Cerqueiras, Foios e Pestanas, inserindo Area por Arça, Eça por De-Ecca, Mata por Mota, e Moniz por Febus-Moniz, e dando a mais os que nunca n'aquella sala existiram de Goyos, Lobeiras, Ribafria, Serveira e Silveira.

Na primitiva edição nem sempre se respeitou a orthographia d'aquelles appellidos, que hoje é muito diversa, mas que aqui não alteramos.

Vem a proposito, por interessante, a anecdota attribuida a um Betancor, appellido que na primitiva edição está Betancour, que hoje vemos escrever Bettencourt, e que suppomos ser de origem franceza.

Conta-se que um dos membros dos Betancor, que na côrte de D. João III occupava um cargo, que não era dos mais elevados, agastado por uma desconsideração recebida d'um official da guarda, se apresentou ao monarcha reclamando energicamente uma desaffronta á sua dignidade, e accentuando que era um Betancor, e como tal com direito á consideração inherente a este nome. El-Rei que ouviu o arrasoado com a serenidade stoica d'um espartano, depois de paternalmente lhe prometter justiça, asseverou-lhe: — Je sais bien que vous êtes bète en cour, bête en ville, et bête en... partout.

ptos estes quatro versos, nos quatro lados das paredes da casa, com letras palmares de ouro:

Com estas e outras tais
Devem de ser conservadas
Pois com exforços leais
Serviços foram ganhadas [1]

Com o terramoto de 1755 soffreu este paço grave ruina, a qual



40 — *Antigo convento da Pena*
Desenho do Sr. João Moreira

foi reparada pelo Marquez de Pombal, deteriorando-se por esta occasião a sua antiga architectura; este lhe acrescentou uma bella

[1] Alteramos da primitiva edição a estructura d'esta quadra que o auctor assim dispôz:

Pois com esforços leaes
Serviços forão ganhados
Com estes e outros taes
Devem de ser conservados

A fórma que lhe damos, é, parece-nos, a unica porque devem ser lidos, attendendo não só á sua composição, como á fórma porque se acham dispostos n'aquella sala, cuja primitiva entrada principal, não era a que hoje existe, como em nota anterior já fica dito.

chaminé, que tirou das ruinas do paço de Almeirim, a qual tinha sido presente de um papa, e que agora se vê em uma das suas salas.[1]

Mais posteriormente fizeram uma triste reforma na capella, cobrindo antigas pinturas do XV seculo.[2]

Ha annos, fazendo-se obras n'este palacio, encontrou-se um caminho subterraneo, e n'elle um prato da baixella do Cardeal Rei.[3]

Para que o leitor possa melhor conhecer qual era este elegante paço antigamente, além da estampa que aqui juntamos de Duarte d'Armas, pintor do reinado d'El-Rei D. Manoel, acrescentamos duas descripções antigas, uma de Antonio Coelho Gasco, que de um manuscripto seu extrahimos; e outra do nosso conhecido poeta Luiz Pereira.[4]

«Em a qual villa de Cintra estão edificados aquelles nobilissimos paços, que em Hespanha não ha outros mais famosos, onde os gloriosos reis de Portugal assistião os verões, pela frescura de

---

[1] A chaminé, ou fogão, é um magnifico trabalho em marmore de Carrara, que se diz ter sido offerecido ao Cardeal D. Henrique, rei de Portugal. Do seu conjuncto sobresaem pela correcção de linhas e sobrepujante esculptura, as duas caryatides em que se appoia o corpo superior, e as quaes se attribuem ao grande Miguel Angelo, um dos genios da Italia.

Esta magnifica peça achava-se collocada n'uma sala mesquinha, onde a sua belleza era atrophiada pelo acanhado espaço e absoluta desharmonia com as paredes da mesma sala, tendo sido ultimamente mandada collocar na *sala das pêgas*, no local onde hoje se admira. Os magnificos azulejos que para a sua collocação tiveram de ser arrancados, foram-n'o com todo o cuidado, e estão ali religiosamente guardados.

[2] A pintura do XV seculo é circumscripta ao quadro actualmente visivel, cujo assumpto a tradição diz ser o palacio visto n'essa época. O que as columnas do retabulo encobrem são pinturas mais antigas, cujo desenho se aproxima um pouco ao do tecto actual.

[3] O caminho subterraneo que o auctor cita, é uma phantasia, que não sabemos onde foi buscar a fórma da realidade.

O que existia era um espaço relativamente extenso e proximo ao corredor da capella, e que não era mais do que o intercalamento dos alicerces do muro da mesma capella e do outro adjunto á sala de jantar dos mouros, e que se acha quasi todo entulhado, e actualmente coberto com o vigamento sobre que assenta o soalho do mesmo corredor.

Não foi prato o que se encontrou proximo d'esse sitio, mas sim duas magnificas talhas do Japão, infelizmente mutiladas, e que hoje se encontram na parte da ante-camara da *sala dos cysnes*.

[4] A descripção em verso, por muito extensa e de pouco interesse, transferimol-a para as notas finaes.

seu alegre sitio, os quaes tem diante de si hum grande terreiro, e no meio delle está huma perene fonte de agoas clarissimas e saborosas, feita de finissimo marmore, e de obra mui singular e perfeita. Logo se vê outro pateo maior e mais real onde se corrião touros, lugar bem decente para elles, onde se jogavam canas e torneios. Delle se vae subindo por uns degraus de pedra, que no fim delles se vê outro real pateo no meio, com huma elegante fonte, por cujos esguichos sahe muita agoa, e salutifera. Depois vão subindo por outras largas escadas de pedra, onde se vão dar em humas salas mui grandes e formosas todas douradas com varios remates e curiosos laços de moldura, com que ficão mais realçadas e reaes, alem da prima e illustre architectura com que palidamente estão traçadas e lustradas com mui grandes janellas de obra antiga e mui real, que de relevo se vê em seus marmores de que são todas grandes laçarias e lavores, que parecem que são ahi feitas de cêra. E todas as mais espaçosas casas d'este palacio, estão todas cosidas e lavradas de ouro, e em todas ellas que são muitas, tem fontes formosissimas de reluzente jaspe; que dão grande graça e formosura a todas ellas, porque parecem um Monte Parnazo de frescura. Daqui se vae a outra sala que em sua grandeza e magestade, não ha que desejar, toda coberta de ouro, e nella pintado mui vivamente muitas pêgas, por onde é chamada a sala das Pêgas. Della se vai por uma escada mui larga e formosa de fina pedraria, no fim da qual está a mais rica e sumptuosa casa real que houve no mundo todo, que alem de ser mui grande e espaçosa, he quadrada e mui alta, rasgada com muitos e grandes portaes de janellas, com que sempre está clarissima. No grave tecto della se vem todos os brazões e insignias da nobreza de Portugal, todos de fino oleo pintados, cujos escudos estão lançados aos pescoços de veados, e na verdade que não ha campo mais cheio de flores, mais ameno e suave aos olhos, que esta formosissima casa. E basta para delles se dizer que foram feitos por aquelle magnanimo rei D. Manoel. Desce-se desta real casa das Armas (que assim se chama) para a Capella real, que he do Espirito Santo, e depois para um grande terreiro que chamão Meca, donde se descobre todo o horisonte que he uma das formosas vistas que se pódem ver, porque delle se representa hum paraizo terreal pintado que faz a frescura daquellas formosas quintas e verdes pumares, descobrindo até o rio das maçãas. E voltando os olhos ao mar se vê muitas legoas delle cauzando tambem com suas agoas saudades na alma. Entre outras muito grandes que tem, ha uma casa de agoa, que em se metendo uma pessoa nella sahem tantos esguichos, que se vê toda coberta della num momento. E á banda direita destes ricos

aposentos, está huma rua mui grande de mui boa casaria, em que se aposentávão os criados d'El-Rei, etc.»

Assim, n'um estilo exagerado, tendo só por merecimento a antiguidade, descreve este auctor este palacio.

*
* *

Se este paço foi n'outro tempo theatro dos prazeres de nossos antigos soberanos, elle foi egualmente testemunha das mais tristes scenas da sua vida.

Abafaram as suas muralhas os ultimos alentos de um rei, que,



41 — *Ruinas romanas na serra, junto ao mar*
Desenho de Mr. F. Edgard Jaldens

cortada a esperança de ambição de mais largo mando, succumbe sob o peso da melancholia, enfastiado de um mundo que confessa não ter conhecido.

Na mesma sala onde tinha nascido falleceu este rei (D. Affonso V) e aqui foi acclamado seu filho D. João II, no jogo da pela,[1] contando 26 annos de edade.[2]

---

[1] É o eirado superior á base da fachada principal da sala dos cysnes, e que hoje se denomina *pateo da péla*. Guarnece-o uma balaustrada de marmore, e dá lhe accesso uma magestosa escadaria. Fica no mesmo piso o atrio do palacio.

Era d'esse pateo ou eirado que, segundo a tradição, se liam ao povo as proclamações reaes, de cujas soberanas resoluções elle tinha por essa forma conhecimento.

Hoje admira-se ali uma magnifica fonte, de fuste central, encimada pela esphera armilar, e que se diz ter sido construida nos annos de 1515 a 1520.

[2] Em 28 de agosto de 1481.

Junto d'estes paços, em um cerrado bosque, é fama, se retirava só alta noite o joven rei D. Sebastião, e ainda aqui se mostra a sala e cadeira onde, segundo a tradição, este malaventurado principe déra a sua ultima audiencia.[1]

Ouviram as paredes d'este paço as imprecações de raiva d'um rei ultrajado na sua honra e dignidade: foi aqui que esteve recluso D. Affonso VI, derrubado do throno por seu irmão e por sua propria esposa.

Mostra-se ainda o quarto onde este desgraçado monarcha pas-



42—*Convento do Carmo (Colhares)*
Photographia do sr. João Moreira

seava a sua desesperação, e cujos ladrilhos se veem ainda gastos d'aquelle porfiado movimento com que se distrahia, em tão apurada situação.

Antes occupava outro quarto d'onde ao menos podia vêr o campo, porém, sob o pretexto de que entretinha relações com os seus partidarios por meio de signaes que lhe faziam do castello da villa, foi d'este mudado.[2]

---

[1] Foi n'esta sala que se realisou uma das muitas conferencias que precederam a triste jornada d'Africa; diz a tradição que a ultima, talvez aquella em que o moço e impetuoso monarcha, obrigou, com um gesto severo, os seus conselheiros a emmudecerem, declarando lhes que os não convidava para discutir, mas unicamente para os informar da sua vontade, essa temeraria empreza, onde ia arriscar a corôa, a propria vida e socego, o futuro e a independencia do paiz, como effectivamente veiu a succeder n'esse dia fatal de 4 de agosto de 1578.

[2] Appoiados n'um justo raciocinio e n'um consciente estudo feito sobre os actuaes vestigios do dito quarto e annexo, ousamos dizer que, a prisão foi sempre a mesma, parecendo tão sómente que, com o fim de interceptar ao infeliz recluso a vista para o campo, do lado norte, se man-

Na capella, por cima da casa, está uma abertura praticada na parede, d'onde ouvia missa, mandada fazer expressamente para não ser visto do povo; assim como na janella do seu quarto ainda se vêem os signaes das grades de ferro que foram arrancadas.

N'esta casa viveu o resto de seus dias em duro captiveiro, até que falleceu, sendo trasladado para o mosteiro de Belem, onde jaz em caixão de madeira por detraz do altar mór.

O seu corpo, que ali vimos, ainda ha poucos annos se conservava inteiro, apenas com alguma ruina no nariz; estava vestido de roupas de sêda, sem insignia alguma de realesa.

Perguntava eu o motivo d'isto, assim como de se lhe ter negado sepultura no jazigo dos reis da sua dynastia?! Ali, debalde os braços mirrados do primeiro rei dos Braganças, esperaram pelo seu primogenito, para o arrojarem no mesmo pó da sepultura,

Junto aos mutilados restos de um rei que por demasiado ardimento perdera a corôa, como elle a perdeu por pouco valor e conselho, jazem os despojos mortaes d'este infeliz principe, os quaes, trazendo-nos á ideia quanto em vida fôra desgraçado, e calando em nós qualquer outro sentimento, nos move a desculpar e esquecer os desvarios e imprudencias da sua mocidade e só provoca a nossa compaixão.[1]

dou fazer a actual parede paralella á exterior, circumscrevendo a vista á unica janella, do lado do castello. Na parede exterior, do lado norte, ainda se veem hoje as duas janellas gradeadas, sob as quaes principiava a escadaria a que em nota anterior nos referimos, e que dava accesso publico á sala d'armas, sendo por consequencia facil ao prisioneiro communicar para o exterior.

E tradição que o Conde de Castello Melhor mantinha relações com D. Affonso por meio de signaes que lhe fazia da serra, n'um local um pouco superior á actual quinta Saldanha; e o pavimento, no ponto em que se encontra mais gasto, coincide perfeitamente em linha visual com o referido sitio.

D. Affonso VI falleceu d'uma apoplexia, na occasião em que estava a ouvir missa, da tribuna que lhe era destinada, sobre o côro da capella do palacio, em 12 de setembro de 1683.

[1] Termina o auctor aqui a descripção d'este magnifico palacio. Não podemos deixar de notar que, nos ultimos annos n'elle se tem feito valiosas e importantissimas reparações, e que os restos da sua sublime esculptura tem merecido a consideração solicita de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, sob cujos auspicios, e com a collaboração artistica de Henrique Casanova e de Raul Lino, está em preparação um livro de apontamentos historicos e archeologicos, do sr. Conde de Sabugosa, sobre o Paço de Cintra.



V



ENTRADA da villa ha dois caminhos, que ambos vão ter á villa de Collares;[1] no que vae por cima está a fonte da Sabuga, seguindo-se-lhe mais adeante a da Pipa, de cuja agua se aproveitam a maior parte dos moradores da villa. Pouco mais adeante, passando o arco do Marquez de Pombal,[2] no fim da descida, se vem cruzar o caminho de baixo, o qual, tendo passado pelo centro da villa, e ficando-lhe á esquerda a casa do dito Marquez,[3] de uma antiga architectura, vem n'este ponto formar um só corpo de estrada a mais deliciosa, pela aprazivel vista que nos apresenta

---

[1] A «entrada da villa» a que o autor se refere, é no sitio da Cruz de Pedra, tambem conhecido por *Meia Laranja*, mal se passa o Arrabalde, e onde annos depois o Visconde de Gandarinha, mais tarde Conde de Penha Longa, mandou construir um grande predio, destinado a ser alugado para um hotel e que até hoje nunca foi habitado.

Este edificio tambem não foi concluido, pois que lhe falta, do lado de cima, um corpo lateral egual ao opposto, que lhe daria capacidade para um grandioso hotel, se porventura o rico e emprehendedor titular não tem desistido da sua tentativa.

[2] Hoje demolido, como já se diz em nota anterior.

[3] Tambem já referida em nota anterior.

do lado direito da povoação e Paços Reaes, e pela amena espessura dos annosos troncos, que pendurados do lado esquerdo pela encosta do monte, formam com os seus ramos entretecidos e debruçados, uma abobada de verdura, doce refugio ao calor onde os raios do sol não penetram.[1]



43 — *Misericordia de Collares*
Photographia do Sr. João Moreira

Logo adeante se vê a fonte dos Pizões, cercada de assentos e coberta de mimosa sombra, em frente de uma casa que hoje serve de hospedaria.[2]

Algum archeologo nos intentaria aqui provar que n'este logar devia ter existido algum monumento dedicado á familia dos Pisoens, e provavelmente os mesmos a quem Horacio dirigiu a sua epistola;[3] nós porém lhe conjecturamos etymologia mais modesta, isto é, que de alguns pisões, que pela muita abundancia de agua que desce da serra a este logar, aqui existissem antigamente, derivassem o nome o sitio, e a fonte.

Fica logo adeante, ao lado esquerdo, uma cascata, em uma abertura na encosta da serra, coberta de um opaco arvoredo, com assentos dos lados, a qual recebendo as aguas do alto da serra, forma uma torrente prateada e espumosa, quando no inverno se despenha por aquella rocha.[4]

---

[1] Em commemoração do centenario do nascimento do Visconde de Almeida Garrett, passou a estrada dos Pizões a denominar-se «Avenida Garrett», em fevereiro de 1898.

[2] Tem esta propriedade uma interessante historia, a que, por extensa, nos referimos em nota final.

[3] Crê-se que foi aos filhos de L. Calpurnius Pison, governador da Pamphylia, — região da Asia menor, — 23 annos antes de Christo, que Horacio dirigiu a *Epistola ad Pisones*, ou seja a conhecida *Arte Poetica*.

[4] E' tradição que, proximo desta cascata existia uma das portas do

Do lado opposto, fica a quinta do Relogio. [1] Aqui novamente a estrada se divide em dois ramos que ambos conduzem a Collares.

Seguindo á direita, por baixo de um frondoso arvoredo, semeado de deliciosas casas de campo, se vae descer á Ponte Redonda, lançada sobre o rio que mais longe toma o nome das Maçãs,



44 — *Casa da Camara, Collares*
Photographia do sr. João Moreira

Castello, e de cujas muralhas ainda nos annos de 1800 a 1805 havia vestigios.

Neste local foi encontrado ha 14 para 15 annos, approximadamente, uma pedra quadrada, com o escudo d'armas dos Ribafrias, e que se suppõe estivesse collocada por cima, ou junto dessa porta, pois que a alcaidaria do Castello foi dada aos Ribafrias, por el-Rei D. João II, durando este privilegio até aos fins do seculo XVI.

Esta pedra está actualmente engastada num dos muros interiores do jardim do chalet Biester, nos terrenos da «Quinta Velha.»

[1] Esta quinta pertenceu a uma familia ingleza, que a deixou ao abandono, estando quasi em ruinas quando foi adquirida pelo sr. Antonio Pinto da Fonseca, por morte do qual ficou pertencendo á sua viuva a senhora D. Capitolina Vianna Pinto da Fonseca, na posse de quem presentemente se encontra.

E' uma das mais formosas quintas de Cintra, e conhecida tambem pelo nome de *Monte-Christo,* cuja origem não deixa de ser bastante curiosa.

Estava em voga o celebre romance de Alexandre Dumas, «O Conde de Monte-Christo», na epoca em que regressava do Brazil, possuidor de colossal fortuna o sr. Pinto da Fonseca (Manuel), a quem desde logo foi posto por alcunha o nome que tomou a principal figura do romance, Edmundo Dantés, que sahido do nada, passou a ter milhões e a ser um potentado; d'ahi o passar aquella quinta a ser conhecida pela designação de «Quinta do Monte-Christo.»

Subindo porém á esquerda, a poucos passos encontramos a quinta da Regaleira, tão celebrada pela amena frescura de seus arvoredos, bondade e finura de suas aguas frigidissimas no mais intenso calor do estio,[1] e pela frequencia de pessoas que nas horas mais calmosas do dia afflue a esta agradavel estancia, a gosar o regalo de suas sombras.

Pertenceu antigamente esta quinta a um clerigo,[2] o qual lhe mandou pôr as cruzes da Via Sacra na rua principal que conduz á fonte. Parece ter trasladado as bellezas do céu a este paraizo terrestre, e pela instituição pia, e contemplação das cousas divinas, antecipar-se n'este mundo nas delicias do paraiso celeste.[3]

Seguindo a mesma estrada de Collares, se vê do lado direito um grande rocio chamado Senteais por uns, por reproduzir o som repetido, como coisa viva, e que sente; e por outros Seteaes, por repetir o mesmo som sete vezes.[4]

Lucrecio faz menção d'estes echos:

> Sex autem aut septem, loca vidi reddere voces
> Unam cum jaceres; ita colles colibus ipsis
> Verbera repulsantes iterabant dicta referre.

N'este campo costumavam antigamente fazer exercicio as ordenanças da Villa e termo. Hoje é um dos passeios mais frequen-

---

[1] Num exemplar que temos á vista, da primitiva edição d'esta obra, (1838) que pertenceu ao sr. Marino Miguel Franzini, a quem o autor confessa dever alguns subsidios para o seu trabalho, vemos á margem notado pelo proprio punho d'aquelle cavalheiro, ser a «temperatura constante da agua da Regaleira, 59° Farenheit», correspondente a 15° centigrados.

[2] No exemplar citado na nota anterior, diz o sr. Franzini, em nota á margem, ser falsa esta asserção.

[3] A quinta da Regaleira é hoje propriedade do sr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, rico proprietario, que a adquiriu por compra ao barão da Regaleira, sr. Paulo Allen de Moraes Palmeiro, que a havia herdado de sua mãe a sr.ª Baroneza da Regaleira, que por seu turno a comprára ao dr. Manuel Bernardo.

Diz se que este comprara o terreno a um clerigo, mas o sr. Marino Franzini refuta esta asserção, conforme em nota anterior fica dito.

O sr. dr. Carvalho Monteiro tem ultimamente ali feito importantes obras dispendendo avultadas importancias, mas deixa o seu nome ligado a valiosas obras d'arte, algumas das quaes verdadeiros monumentos.

[4] A' tradicional origem do nome *Seteaes* ou *Senteaes,* oppoz o grande romancista Camillo Castello Branco a sua opinião, afirmando que Seteaes vem de *Seto*, em antigo portuguez *sébe*, *tapada*, *redil*, *estacada*, porque o terreno em que se fundou o palacio terá sido em tempos remotos uma estacada de torneios, ou simplesmente um terreiro vedado por sebes.

tados e ponto de reunião onde se juntam os differentes grupos de passeantes ao fim da tarde.

No fim d'este campo, que ornam duas alamedas de arvores, dos lados, está um bello palacio, que pertenceu ao marquez de Marialva, e ultimamente o possue a sr.ª marqueza de Louriçal.[1]

Consta este elegante edificio de duas casas de egual architectura, uma dos Senhores, de bellas salas, e outra para criados, ligadas por um bello arco de cantaria, servindo-lhe de remate um tropheu, com os bustos, no centro, d'el-rei D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina, sua mulher, e por baixo a seguinte inscripção:



4) — *Lavadeira saloia*

Augusto Joanni Fidelissimo Principi Regenti Lusitaniæ gentis spei amori ac deliciis ob pacem desideratam innumerasque res calamitosis temporibus non tantum armis imperii ab omni ævo semper invictis sed et sapientia, prudentia et justitia animi sui regii optimis virtutibus feliciter preclarissimeque paractas Marchio Marialva hoc Monumentum C. Anno MDCCCII.

---

[1] O primitivo edificio foi mandado construir por Gil de Maester, consul da Hollanda, em 1778, e occupava apenas uma parte do terreno que hoje é occupado pelo corpo do lado do nascente, do palacio de Seteaes, cuja construcção alguns escriptores erradamente attribuem áquelle extrangeiro.

Gil de Maester retirando para o seu paiz mandou vender a sua propriedade, que então se chamava «Quinta da Alegria» e que o quinto marquez de Marialva, D. Diogo José Victo, adquiriu, mandando então construir o palacio, e tomando depois por aforamento o campo de Seteaes em 1801.

Neste palacio recebeu o nobre marquez a visita da rainha D. Maria I, e mais tarde a do principe regente D. João, e de sua esposa a princeza D. Carlota Joaquina, que ali passaram as festas de S. Pedro.

O palacio de Seteaes é hoje propriedade dos Condes de Azambuja, continuando o campo de Seteaes, a ser um «passeio publico», onde podem «entrar e sahir livremente, sem impedimento algum, em todo o tempo e sempre, todas e quaesquer pessoas, sem excepção de alguma». Assim textualmente resa uma das condições do aforamento, que por varias ve-

N'esta casa teve o antigo proprietario a honra de receber a visita da rainha D Maria I, sendo por elle recebida com aquella bizarria de genio, polidez e galhardia de que este fidalgo tão esti-



46 — *Uma sala do palacio de Penha Verde*
Photographia do sr. Alipio Alves

mavel deixou de si saudosa memoria entre estranhos e nacionaes.

É este palacio hoje sobretudo celebre pela chamada Convenção

---

zes, ainda que sem resultado, se tem querido derogar, ora pretendendo-se vedar a entrada ao publico, ora transformando o vasto campo num recinto cultivado, e por consequencia improprio para passeio publico.

A ultima tentativa teve logar no dia 3 de outubro de 1897, em que um numeroso grupo de trabalhadores deu principio á surriba d'aquelle campo, o que poderia ter dado seriissimas consequencias.

Conhecido o plano, o povo amotinado correu ao Campo de Seteaes, calcando o terreno surribado, e tentando alguns mais exaltados apedrejar o palacio, no que a custo foram contidos. Em vista da attitude ameaçadora do povo, a surriba do terreno não proseguiu, e uma numerosa commissão composta dos mais conceituados habitantes de Cintra, representava no dia 6 d'aquelle mez perante a Camara Municipal, para que obrigasse o integral cumprimento das clausulas do aforamento.

A vereação a que então presidia o sr. Visconde de Idanha, deu immediatas providencias, e no tribunal judicial por largos mezes se debateu um processo instaurado pelo sr. Conde de Azambuja, em que nada mais conseguiu do que ficarem ratificadas as condições do primordial aforamento.

de Cintra, que n'elle se assignou,[1] a qual, segundo a phrase de um poeta inglez, fez mudar a extatica alegria de uma nação na mais lugubre tristeza.

O mesmo poeta — lord Byron, — com o seu estylo de vibora, anathematisou os autores de tão vergonhoso feito. A sua imagi-



47 — *O templo dedicado ao Sol e á Lua, situado nas faldas da serra (restauração)*
(Desenho do sr. João Moreira)

nação crioú um genio de mesquinho talhe, ataviado e vestido de pergaminhos, com um sello a tiracollo e um rolo onde brilham nomes conhecidos na Ordem dos Cavalleiros, para cujas assignaturas

[1] A celebre convenção proposta por Junot, foi tratada em Lisboa em 30 de agosto de 1808 entre o general Kellermann e o coronel Murray, e foi rectificada no dia seguinte pelo general Dalrymple.

José Acursio das Neves, jurisconsulto eminente e escritor distincto, fallecido em 1834, a quem se devem importantes esclarecimentos ácerca da invasão franceza, de que foi contemporaneo, não refere que essa convenção tratada em Lisboa fosse assignada no palacio de Seteaes; e o proprio general Dalrymple na sua *Memoria* sobre a guerra da Peninsula, referindo-se á convenção chamada de Cintra, diz:

«Denominação impropria e bem pouco feliz dada a este tratado, pois d'elle resultou a opinião de que elle foi effectivamente negociado e concluido naquella villa, em um certo palacio dos Marialvas, comquanto Cintra ficasse na rectaguarda de formidavel posição cuja posse foi alcançada pela convenção.»

aponta a bom rir, e os mostra com despeitoso escarneo ao viajante. O nome do Genio que habita o palacio é a Convenção, que n'este sitio privou de miolos, — segundo a phrase do poeta, — e destroçou os chefes de um exercito vencedor, cedendo loucamente á diplomacia aquillo que por armas haviam ganhado.

Eminente á fachada principal do palacio, lhe fica sobranceira a serra, semeada de enormes penedos amontoados desordenadamente uns sobre os outros, que parece estarem-lhe desabando em cima, e em cujos dois cumes mais elevados se avista, em um, as ruinas do Castello Mourisco, e no outro, o templo consagrado a Nossa Senhora da Pena.

Do lado direito lhe fica sobranceira a romantica ermida da Penha Verde, sobre os rochedos, branqueando entre a verdura dos bosques; e das costas do edificio[1] se avistam algumas leguas de campo, vendo-se ao longe o gigantesco templo de Mafra, e acabando em uma dilatada vista do Oceano.

Continuando na mesma estrada, se vê a quinta de Penha Verde, do grande D. João de Castro, quarto vice-rei da India[2]; sitio encantador pela variedade da perspectiva que apresenta de montes viçosos e veigas, terminando no mar o seu horisonte.

Ao visitar esta amena habitação, onde

O destemido Castro n'alta serra,
Que templo foi de Cinthia,
Retirado vivia: a mão invicta,
Gloria e terror da Asia,
Os silvestres arbustos cultivava
Subjugando a vaidade,

o coração se enche de uma nobre admiração pelo desinteressado

---

[1] No terreiro onde está o Penedo da Saudade.

[2] Foi D. Manuel, o grande e afortunado rei quem, conhecendo os altos feitos de D. João de Castro, lhe doou aquella extensão de terreno, para ali o valoroso capitão fixar a sua residencia; e esse inclito e honrado varão, avaliando bem o alcance da regia mercê, impoz aos seus herdeiros a condição expressa de conservarem aquella quinta como de recreio, e nunca com a mira de auferir d'ella rendimento algum.

Nobre procedimento de um tão desinteressado animo, *que nem da terra que agriculturava esperava beneficio*, como diz Jacintho Freire de Andrade.

A quinta da Penha Verde, está hoje na posse do Visconde de Monserrate, que a tomou de arrendamento, a longo praso, ao Conde de Penamacôr, depois da sua sahida de Portugal, em seguida ao julgamento d'um celebre processo de notas falsas, em que elle, Conde, esteve envolvido.

heroe portuguez, e admiramos a sua piedade n'essas ermidas dedicadas a differentes intercessores para com Deus pelos prosperos successos da Asia, a sua amisade pelo Principe seu contemporaneo e collega, e o seu desinteresse na clausula do vinculo em que ordena a seus successores que não possam cultivar arvores fructiferas; porém, essas silvestres não são estereis, esses louros ainda brotam gloria do seu immortal cultivador.

Para esta quinta se retirou D. João de Castro, depois das suas campanhas da Asia, entregando o seu espirito á cultura do estudo, e suas triumphadoras mãos á d'essas arvores silvestres, buscando com estas distracções descanço não ocioso, emquanto se lhe preparavam novos trabalhos. Aqui era procurado d'el-rei D. João III, e por elle convidado para tratar graves negocios do estado.



48 — *Regatão saloio*

Depois do famoso cerco de Diu, pediu um rochedo com seis arvores (o Monte das Alviçaras)[1] para annexar á sua quinta, e ao mesmo tempo escrevia ao infante D. Luiz, seu intimo amigo, pedindo-lhe obtivesse o seu regresso á Côrte; e na resposta do infante se liam as seguintes expressões: —«E confiae em Deus que vos dará forças para poderdes com os grandes trabalhos e desordens da India, e eu espero n'elle que, fazendo vós assi, venhaes encher estes picos da serra de Sintra de Ermidas e de vossas victorias, e que os visiteis e logreis com muito descanço.»

Eram as primeiras casas do vice-rei terreas, e no sitio onde hoje é a casa do caseiro; e é egualmente da primeira fundação a ermida de Nossa Senhora do Monte, a qual mandara fazer para sua sepultura.

Antes de se chegar ao recinto da ermida, no principio da escada, se vêem duas pedras com lettreiros asiaticos, tropheus alcançados na India por D. João de Castro, e d'ella por elle importados.

O que se vê do lado esquerdo tem uma figura de corpo maior, com uma no centro e duas aos lados, de mais pequeno talhe, abraçando-se todas mutuamente, cuja figura supponmos ser emblema da natu-

---

[1] Hoje conhecido por «Alto de Santa Catharina.»

reza. Mais abaixo um circulo e uma meia lua, que conjecturamos representar o sol e a lua, ou o dia e a noite. Segue-se abaixo a inscripção, e por baixo termina em um quadro, em que um animal quadrupede se está amamentando aos peitos de uma mulher, que parece afagal-o, o que talvez represente o emblema da caridade.

A que se vê no lado direito é uma inscripção em sanskrito; a pedra é negra, e as lettras da inscripção suppõe-se, por dois fragmentos, terem sido douradas.

D'esta inscripção, cuja denominação é *Sasana*, que significa lei, ordenação, regulamento, aqui pomos a interpretação dada por C. Wilkins ao viajante Murphy.[1]

Subindo a escada se dá com a ermida, em um terraço cercado



49 — *Typos de cavadores (Collares)*
(Photographia do sr. João Moreira)

de assentos, e de annosas arvores encortiçadas,[2] do qual se avista uma variedade de perspectivas, em que os olhos se aprazem, e tolhem a vontade de abandonar tão deliciosa estancia.

Na cimalha da porta da capella se lê a seguinte inscripção:

Joanes Castrensis cum viginti annos in durissimis bellis in utraque Mauritania pro Christi religione consumpsisset et in illa clarissima Tunetis expugnatione interfuisset atque tandem sinus Arabici littora et omnes Indiæ oras nom modo lustrasset sed litterarum monumentis manda-

---

[1] Por demasiado longa, e sem interesse, destacamos para o final d'este livro a traducção d'esta inscripção e as «observações sobre a especie de verso em que é composta», que na primitiva edição entram nesta altura no texto do livro.

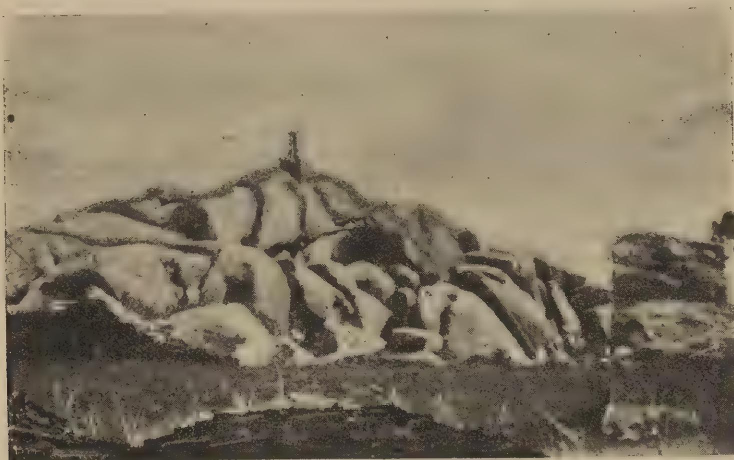
[2] Sobreiros, que então, mais do que hoje, ali abundavam.

visset Christi numine salvus domum rediens Virgini Matri Fanum ex voto dicavit anno 1542.[1]

Por cima d'esta, em um pequeno columnello:

Conditum sub imperio
Divi Joanis Patris Patriæ.[2]

Ao lado da porta, em dois columnellos, ou marcos de pedra,



50 — *Cruz mutilada, em Santa Eufemia*
(Photographia do sr. João Moreira)

no do lado esquerdo se lê:

Salvos ire
Susceptis votis
Salvus ire
1543

E no que fica do lado direito:

Salutis votis
Salvos redire
Salvos redire[3]

---

[1] D. João de Castro tendo gasto vinte annos em duros combates pela religião de Christo, nas duas Mauritanias, na conquista de Tunis, tendo visitado a maior parte dos monumentos do interior da Arabia, e bem assim o littoral da India, e tendo voltado á patria, mandou edificar e consagrar esta capella á Virgem Mãe, no anno de 1542.
[2] Construida por mandado do digno João, Pae da Patria.
[3] Saudação aos que, em cumprimento de qualquer voto ali vão a orar.

Em frente da porta d'esta ermida está uma lapide á prumo com as armas dos Castros e Saldanhas, e sobre o chão uma pedra rasa, debaixo da qual está sepultado o coração de Antonio Saldanha, a cuja memoria, por agradecimento, mandou gravar Antonio de Andrade este epitaphio, que Paulo de Carvalho compoz:

Cor sublime capax et Olimpi montis ad instar
Amplius orbe ipso cor brevis urna tegit:
Cor consanguini concors comporque Joanni
Indiæ cui palmas subdita mille dedit:
Cor virtutis amans cor victima virginis almæ
Corque ex corde pium nobile forte valens
Non pars sed totus latet hoc Saldanhæ sepulchro
In corde est totus; cor quia totus erat.
Obiit anno domini 1723.
Ætatis suæ 55.
Die vero 12 Augusti

E ao lado d'esta sepultura, em um rochedo, nos deixou o Vice-Rei gravado um testemunho da sua amisade e gratidão para com aquelle illustrado principe D. Luiz, filho d'el-Rei D. Manuel, na seguinte inscripção que ali se lê:

Magno et invicto Principi
Ludovico Regis Emanuelis
Viro Fortiss. Justiss. Patriæ amantiss.
Joannes de Castro hunc collem eficias
signa regionum cælestium
ac terrestrium. D. [1]

Além d'esta ermida ha mais quatro que lhe addicionou o bispo inquisidor D. Francisco de Castro, neto do vice-rei, o qual reedificou a casa, e aformoseou a quinta com mais arvoredo e varias fontes.

No interior das casas ha a ermida de S. Braz, com tribuna para dentro. Nas suas paredes estiveram por muito tempo uma pelle de jacaré, e outra de giboia.

Conserva-se ainda em uma das salas um osso, que se diz ser canella de um gigante [2], o qual foi mandado analysar por el-Rei D. João V, uma das vezes que veiu a esta quinta, na presença do physico-mór, e homens da faculdade, que concordaram ser de

[1] D. João de Castro dedica ao grande e invencivel principe D. Luiz, filho de el-rei D. Manuel, cavalleiro esforçado, amante da justiça e da patria, este signal de redempção humana, collocado sobre este rochedo.
[2] Existia ainda em 1886.

corpo humano. Tem dois palmos e meio de comprido, e grossura correspondente ao seu comprimento.

Para o monte chamado das Alviçaras, que é a parte mais elevada da quinta, se vae subindo por tortuosas ruas que se cruzam entre si, de sombrio arvoredo, tendo de espaço a espaço uma ermida e um assento

D'estas a primeira, pela sua ordem, é a de S. Pedro, toda de embutidos de conchas, com o busto do santo em marmore branco, cujo lavor é tradição fôra feito por duas criadas do bispo.



51 — *Padeiro saloio*

Fica-lhe em baixo uma estancia do lado esquerdo, com assentos á roda, e no meio um Neptuno de pedra, que deitava agua. Ao pé d'esta estancia, do lado direito, se via um pinheiro muito antigo, de cinco pernadas, chamado o «Pinheiro do Bispo», porque era sob a sua sombra que aquelle prelado vinha resar.

A segunda ermida é a de S. João, e está em um cabeço que tem a quinta; é de embrechado, o altar é de pedraria lavrada, e n'uma peanha de pedra preta tem a imagem do Santo, feita de jaspe. Da parte do Evangelho está a imagem de S. Pedro, de barro vidrado, e da parte da Epistola a de S. Paulo, tambem da mesma materia.

O frontal é de pedra branca, com almofadas de pedra preta.

O corpo da capella é de azulejos de côr, formando tres paineis, um do nascimento do Santo, outro do baptismo, e o que fica sobre a porta, da degolação.

O adro é espaçoso; terá nove braças de comprido, e a um dos lados, n'um rochedo, lê-se o seguinte:

ESPELHO

As campinas retalhadas,
Cerrados bosques no centro,
Mimosos valles por dentro,

Fóra as serras penduradas;
Muitas aguas prateadas,
Sempre verde a espessura,
Zephyro sempre em doçura,
Mil Satyros, mil Silvanos,
Brandas nymphas, seus enganos,
São de Cintra a formosura.

1800

É auctor d'esta composição poetica José Manuel da Camara [1].



52 — *Solar do Vinagre (Collares)*

(Photographia do sr. João Moreira)

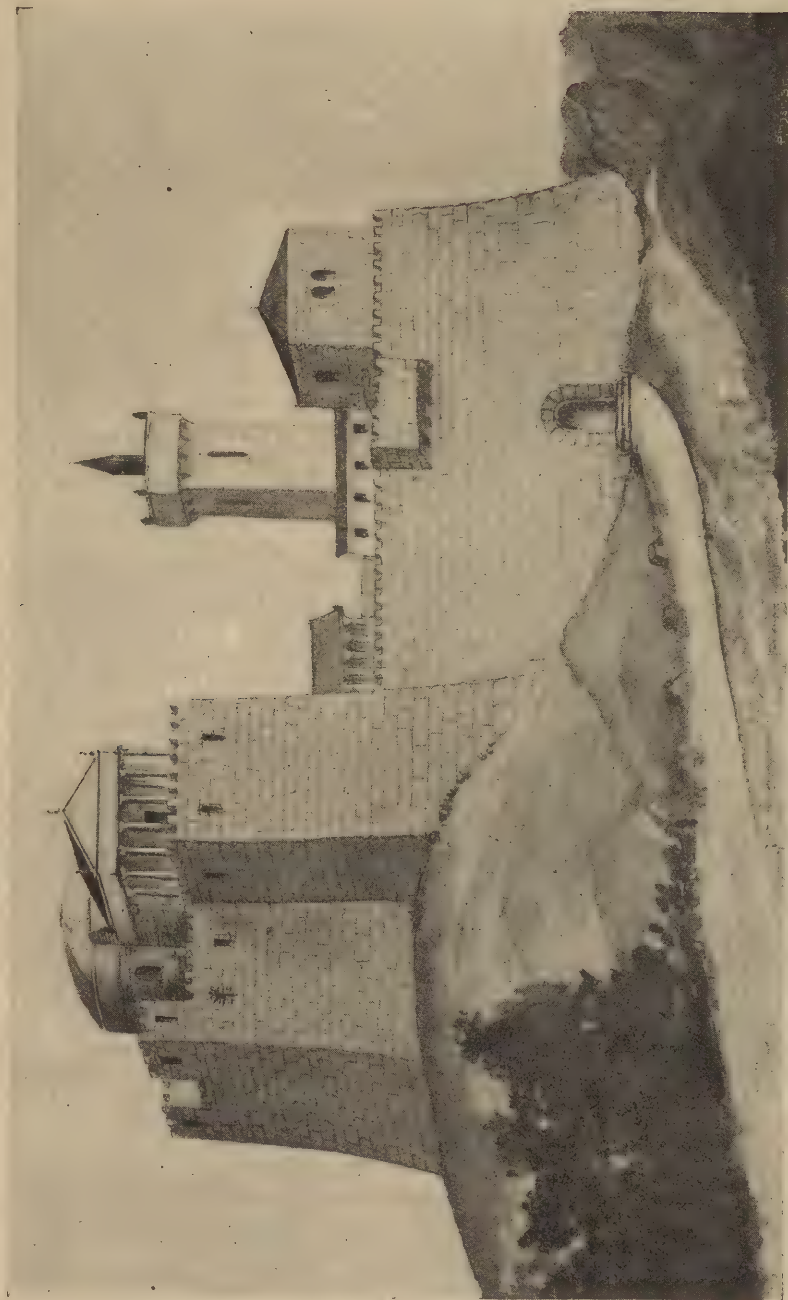
Por baixo d'esta ermida, dentro da matta chamada de S. João, está uma gruta entre penedos, [2] fabricada pela natureza, em que cabem dentro dez a doze pessoas sentadas, e para a qual se desce por uns degraus.

---

[1] Num livro de poesias d'este autor «Florestas de Cintra e Passeios de Collares», impresso em 1809, figura esta decima, que elle diz ter sido composta de repente e no proprio sitio onde se vê esculpida.

Nessa edição foram modificados alguns versos, que d'ella textualmente copiamos no final d'este livro.

[2] Foi aqui onde o conde de Penamacôr, ultimo proprietario d'esta quinta, teve em deposito grande quantidade de notas falsas do Banco de Portugal, e onde, por indicações d'elle a policia as apprehendeu.



53—*A cidadella romana do tempo de Cesar Augusto (Cintra)*
Desenho de mr. Ivan

Remata a quinta o monte chamado das Alviçaras. N'elle está fundada uma ermida, com a invocação de Santa Catharina, a qual mandou fazer o Bispo Inquisidor, em memoria de D. João de Castro ter sido armado Cavalleiro em Santa Catharina do Monte Sinai.

Além da imagem da Santa, que estava em uma peanha, tinha um retabulo de azulejo, no qual se via a mesma santa argumentando com os herejes.

O frontal do altar é embutido de pedras de varias côres, e sobre a cimalha da porta da parte de fóra se lê:

D. Alvarus de Castro Magni Joanis Orientis Indiarum Proregis Filius ad Montem Sinai Militæ ....

....

Episcopus D. Franciscus de Castro ex voto posuit anno Christi CIↃIↃ CXXXVIII. [1]

Tem um adro cercado de assentos com seu parapeito, do qual se avista uma espaçosa vista, e no lado que olha para a parte do norte, está um grande penedo, de mais de trinta palmos de grandeza, posto ao alto, e sobre elle uma cruz de quinze palmos de comprido.

No mesmo rochedo tem gravada a seguinte inscripção:

D. Joanes de Castro Indiæ Prorex Augustus Felix Pius triumphator invictus Orientis opunque domitor ac contemptor collem hunc a rege tantum pro Asia devicta postulatum victrici Crucis labro Consecrandum reliquit.

Episcopus D. Franciscus de Castro nepos votum soloit anno Christi CIↃIↃ CXXXXI. [2]

Tem a quinta tres fontes: a primeira é uma gruta; a segunda chama-se do Corvo, e é uma casa de abobada; e a terceira, cha-

---

[1] D. Francisco de Castro, bispo-inquisidor, mandou construir esta capella, em memoria de D. João de Castro, e de seu filho D. Alvaro de Castro, terem sido armados cavalleiros no convento de Santa Catharina, do monte Sinai na Arabia, no anno de Christo de 1638.

[2] D. João de Castro, vice-rei das Indias, feliz e piedoso triumphador do invencivel Oriente, domador e desprezador das suas riquezas, deixa esta Cruz como symbolo da sua recompensa pela Asia vencida.

O bispo inquisidor D. Francisco de Castro mandou gravar esta lapide no anno de Christo de 1641.

mada da Cruz, é um painel de azulejo com uma cruz em cima, e no meio tem uma carranca de leão, por onde lança agua.

Por baixo do monte em que está situada esta quinta, fica o sitio da Boiça, onde, pelo terremoto de 1755, rebentou uma grande nascente de agua, a qual juntando-se com a que vem da Sardinha e de Lourel, se vae lançar no Rio das Maçãs, que vae desaguar ao mar, depois de fertilizar com suas aguas o valle de Collares.

Descendo do alto de Penha Verde deixamos á esquerda uma fonte antiga, e logo mais adeante a estrada forma um estreito, por cujo motivo pozeram os arabes ao sitio o nome de Gibraltar; e a poucos passos se biparte a estrada.

Seguindo a da direita se vae dar á ribeira de Gallamares, de que falaremos quando tratarmos da villa de Collares, e em cuja proximidade está a quinta de S. Bento, e as ruinas de uma antiga casa acastellada, que ainda conserva duas torres, pertencente á casa dos Condes de Soure.

Continuando a mesma estrada que tinhamos seguido, esta logo adeante se reparte em tres caminhos. A' direita fica o que conduz ás ruinas e quinta de Monserrate: o do centro é o da estrada real de Collares, a qual, por baixo de uma continuada sombra de arvoredo, tendo passado pela quinta da Bella Vista, pertencente á casa de Cadaval,[1] a da Agua Ferrea, e sitio da Ugaria,[2] nos leva áquella aprazivel e viçosa villa. A' esquerda, subindo para o centro da serra, em direcção a Oeste, vamos ter ao convento de Santa Cruz da Serra.

Logo adeante da quinta de Penha Verde, fica o sitio de Monserrate, assim chamado, de uma ermida da invocação de Nossa Senhora de Monserrate, que no anno de 1540 edificou um clerigo chamado Gaspar Preto, mandando de Roma vir a imagem da Senhora, em alabastro.

Aqui, em um pequeno monte despegado, que se avança como atalaia do resto das ondulações da serra, estão as ruinas de uma casa de campo, imitando um castello antigo.[3]

---

[1] A Quinta da Bella Vista, que hoje é propriedade do Visconde de Monserrate, nunca pertenceu á casa Cadaval. Em nota final se dirá a sua origem.

[2] Hoje diz-se Eguaria; todavia em alguns documentos da epocha d'este trabalho se vê escripto Ugaria, e em outros, anteriores muitos annos Augaria, e Aguaria.

[3] Estas ruinas foram adquiridas em 1855, por Francis Cook, primeiro visconde de Monserrate, que as transformou numa das mais artisticas e opulentas vivendas. A sua descripção, ainda que incompleta, torna-se demasiado extensa, por isso a damos nas notas finaes d'este livro.

Foi edificada esta casa por um inglez chamado Bekfort, inda ha poucos annos,[1] de sorte que por defeito de construcção e não pela sua muita antiguidade está em ruinas.

Qual flôr requeimada por vento pestifero na viçosa edade da sua vegetação, ainda n'estas estragadas ruinas sobresae a formosura e brilho ao seu tempo de gloria!

Uma bella alameda de arvores, nos conduz á casa, cercada de uma gradaria de ferro, de tres pés d'altura, cingindo-lhe as paredes cedros que sombreando-a, lhe não roubam, pela boa disposição em que estão collocados, os lindos pontos d'optica que disfructa, tanto para o lado da serra, pela qual é dominada, como para a parte do mar e valle de Collares.



54 — *O Hotel Lawrence*
Photographia do sr. Luiz Oram

A primeira torre era destinada para os quartos de cama, seguindo-se em baixo casa de jantar, etc.; a outra torre consistia em uma bella sala de musica, de forma redonda, communicando com outras, tudo no melhor gosto e distribuição.

Tinha a casa duas entradas principaes, que se dirigiam a um vestibulo em octogono, que partia para os differentes ramos do edificio.

Os aposentos para os criados, cocheira e cavallariças, formam outro corpo do edificio, ao lado do caminho que conduz á casa.

Os apriscos, abegoaria e casa do caseiro, são feit s com egual esmero de gosto, buscando a arte meio de embellezamento na sua simples e rustica architectura.

---

[1] O antigo palacio de Monserrate foi mandado edificar, nos fins do seculo XVIII, por De Visme, huguenote refugiado em Portugal, que promettera deixar duradoira lembrança da sua estada n'este paiz, e para tal fim conseguiu arrendar aquelle terreno, por vinte annos, visto não o ter podido adquirir por compra, conforme era o seu desejo.

Bekfort não foi mais do que o successor de De Visme n'esse arrendamento, tendo, é certo, aformoseado o jardim e o parque, construido magnificas cascatas e fazendo importantes plantações, o que tudo mais desenvolvidamente se mencionará em nota final.

Consistia a quinta em um bello bosque de antigos carvalhos, que vinha terminar junto á casa, em um pomar de laranjeiras e tangerinas.

Na encosta sobranceira ao valle onde está assentado este pomar, se vê uma cascata de enormes calháos, que para alli foram conduzidos expressamente, exforçando-se por este modo com tanto trabalho o artificio humano em imitar a simplicidade das bellezas da natureza, sempre magestosa e bella nas obras da sua creação;



55 — *Claustro do Convento do Carmo (Collares)*
Photographia do sr. João Moreira

toma esta repreza as aguas que no inverno e principios da primavera descem do alto da serra, e formam uma catarata que se despenha por um leito pedregoso, que forma a parte mais baixa do valle d'esta mata.

Tal é o sitio encantador de Monserrate!

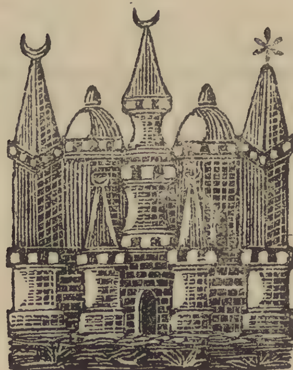
Se quereis embriagar a vossa alma de uma agradavel melancolia, vinde passar alguns momentos a estas ruinas, quando o sol rompendo por entre as nevoas, que corôam os alcantilados montes, faz chorar ás arvores lagrimas crystalinas, saudosas dos mysterios da noite, ou quando, mergulhando-se no oceano, traz n'essa hora do crepusculo doces meditações.

E vós, damas, acudi tambem! Não receeis genios malfazejos, nem vos assustem as suas torres e recortadas ameias; que esta estancia foi desde o seu principio destinada a prazeres. Lamentae comtudo que esta sala, animada outr'ora pela suave melodia da musica, seja agora muda e silenciosa; que esse pavimento sobre o qual se deitam hoje essas ovelhas, que vos não excedem em can-

dura, não seja ao de leve roçado pelos vossos pés mimosos; que esse chão coberto de pedras que desabam do arruinado tecto, não seja forrado de avelludado tapete.

Pedi porém que alguma mão bemfazeja restitua esta casa á sua primeira instituição; isto é, que a povôe de novos folgares. Ou, pedi antes que a mão do homem, mais destruidora que o tempo, não derrube esse resto de arvores que escaparam aos sacrilegos golpes do machado; não nivelle com a terra esses mesmos fragmentos do edificio que ainda hoje formam o encanto d'estes sitios.

Mas, deixemos estas ruinas, e entranhemo-nos na serra.



56 — *Armas de Cintra*
Gravura antiga



VI



UBAMOS este caminho indicado de espaço a espaço com o symbolo da redempção, arvorado pela religiosa crença e fervorosa devoção de nossos antepassados.

Vêdes alli, em um ermo, grandes massas de penedos sobrepostos?

Pois de entre essas pedras, quando a aurora sorria sobre os campos, vozes piedosas juntavam os seus cantos ao concerto das aves; e quando os ventos sibilavam por entre os cerros convisinhos, e o raio estalava e repercutia o seu som por esses valles, lá n'alta noite vozes rouquenhas louvavam em seus cantares o Deus das tempestades.[1]

---

[1] Aos *Capuchos* nome por que hoje em geral se denomina o Convento de Santa Cruz na Serra de Cintra, vae-se hoje por uma magnifica estrada macadamisada, pequeno ramal da estrada entre Cintra e Cascaes, pela serra.

Antigamente porém o accesso ao pittoresco convento fazia-se pela encosta da serra, fronteira á entrada de Monserrate, por um escabroso caminho, que algumas cruzes de pedra, collocadas em varios pontos elevados, indicavam.

Ha quem affirme que foi a estas cruzes que lord Byron se referiu no

N'este sitio havia um convento. Como se converteu em Templo do Senhor, uma bronca e pedregosa lapa? Dizei-o vós, religião santa de nossos paes, que possuis a arte maravilhosa de tornar em sublimes as coisas mais humildes!

Pedras magestosas, que não despertaes a cubiça, e por isso ainda resistis á mão devastadora do homem, que altas lições estaes apregoando no vosso silencio; como estaes falando á imaginação!



57 — *Escola Conde de Ferreira (Cintra)*
hotographia do sr. João Moreira

Deusa creadora de celestes sonhos permitti que, voltando a melhores eras, eu povôe estes sitios de homens de fé dos tempos antigos.

Vêdes esse velho que celebra devoto o Santo Sacrificio? É um principe que deixa os regalos e pompas do paço, e vem entre monges viver vida anachoreta e partilhar com elles a aspereza do trato.[1]

---

seu *Childe Harold*, n'aquelles versos em que tão severa, como injusta e falsamente, parece querer referir-se aos antigos habitantes de Cintra.

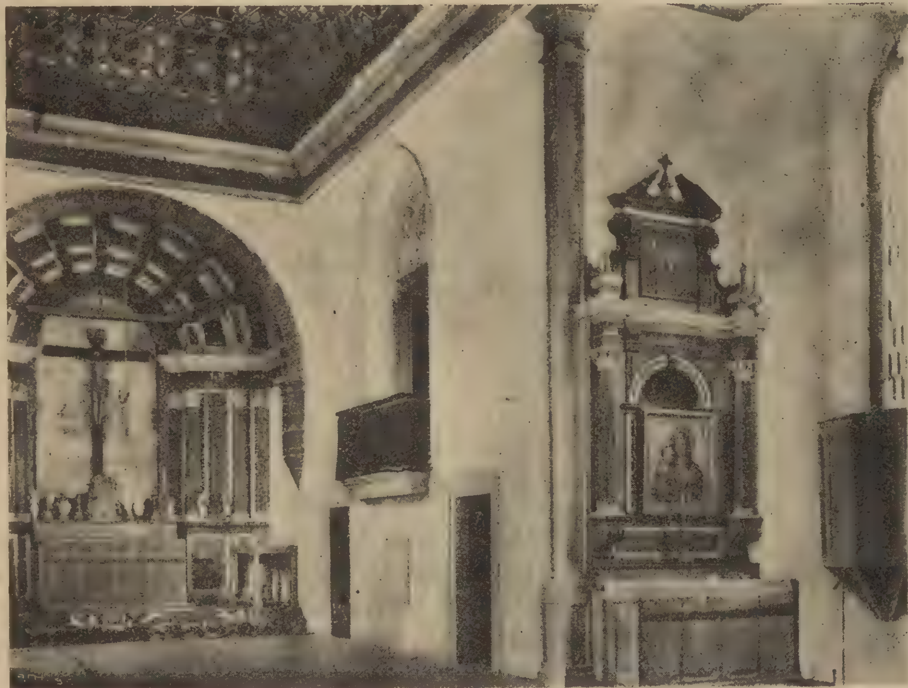
Essa tão exagerada injustiça, que a tradição lhe attribue, e a falsa affirmação que nenhum outro escriptor confirma da existencia da *cross of mouldering lath*, que com tanta abundancia viu (?) tornam esses seus versos dignos de figurar aqui, e por isso no final os reproduzimos.

[1] O cardeal D. Henrique, que depois foi rei de Portugal, muitas vezes celebrou no modesto altar d'este pobrissimo convento.

Vós que tanto alardeaes egualdade, não recearieis desfiar as vossas douradas fardas no grosso burel do monge?

Olhae essa matrona trajando roupas negras. Ao vêl-a ao descahir do dia divagando n'estes sitios, dirieis que era a noite querendo tomar posse da terra.[1]

Os olhos, que já foram estrellas scintillantes, agora ainda bellos, fulgem com o vago amortecido lume da melancolia.



58 — *Capella do Paço de Cintra*
Photographia do sr. Luiz Oram

A belleza exhauriu o cofre para lhe amontoar as graças, o espirito para lhe adornar a alma.

Na flor da edade, em todo o viço da formosura, perdeu o esposo; attrahido por tantos encantos que ostenta, mais de um cavalheiro intentou dobrar-lhe o animo a segundas nupcias, porem ella vem buscar forças para a resistencia a esta solidão, reveste-se com o escudo de um voto de castidade, e sua alma virtuosa não

[1] Allusão á viuva de D. Alvaro de Castro, que, formosa, e na força da vida, fez voto de castidade, resistindo a grande numero de pretendentes á sua mão. Frequentava assiduamente este convento, e aqui foi enterrada.

manchará com segundas bodas o thalamo pudico de seu primeiro marido.

Vêde-a de joelhos sobre essa pedra que visita a miudo, que contempla meditativa, e banhada de copiosas lagrimas: as lagrimas que derrama são de viva saudade, e a pedra cobrirá tanta virtude e formosura.

Mas que tropel de gente afflue a esses sitios de todos os povos visinhos?

Não é só povo, porém escolhida nobreza que accode da capital, a assistir aos officios e festas do Culto Divino.

Se se celebra a festa do nascimento do Redemptor, que logar tão accommodado para a cerimonia! Foi n'um logar humilde como este, que nasceu o desejado das nações.

Se faltam os claros lumes que brilham tremulos nos espaçosos templos da capital, as estrellas se atearam de mais vivo fogo!

Nem faz falta a musica artificial, que a natureza tomou a seu cargo o concerto. O rouxinol deu o preludio, e o mocho lhe respondeu em som mais afinado; as plantas se inclinam debruçadas, e a aurora surgindo exulta de jubilo e chama todos os entes da creação para o cantico de graças do Todo Poderoso.

Se quereis, porém, variar o quadro, e tingir o vosso pincel em côres lugubres, affigurae que sois presente a essa semana, em que a Egreja faz commemoração do sacrificio do Salvador.

Na capital do mundo christão não se celebra com mais magestade: se aqui falta a riqueza da pintura e o artificio da esculptura, é o firmamento vasto e grandioso que serve de abobada ao Templo; o celebrante o filho de um rei, e rei tambem, que entre estes cenobitas lava os pés do mais humilde pobre.

A cruz arvorada, se não é de fina prata, ou polido marfim, é de tosca madeira como aquella que outr'ora se levantou no Calvario. Mas, chega a hora do holocausto, as nevoas que corôam os outeiros agglomeram-se e condensam-se, cobrindo o sol, que se reveste de escura cerração; o mar em estuosas ondas rebrama ao longe, e mais de uma alma devota julgou ouvir rebaterem os penhascos uns nos outros!

Dirieis que a scena de morte novamente se reproduziu! A similhança do quadro aviventa a edificação, e a execução da cerimonia augusta em tão deserto ermo, accorda na alma a compuncção.

Ah! E d'esta outr'ora habitação de feras, quantas consolações não terão sahido!

Conselhos á mocidade na edade inexperiente, consolos a orphãos e viuvas, balsamo ao remorso do coração, coragem para

suportar a esterilidade de uma vida de amargura, e alivios de resignação junto ao leito da morte na fatal hora do passamento!

Ria-se o philosopho, embora, d'esses anachoretas, que, segundo a sua phrase, queriam conquistar o Céu, fazendo da terra um inferno; nós de bom grado ririamos com elle, se vissemos que lhes imitavam as virtudes, ou se nos mostrasse n'esta nossa epocha moderna caracteres que podessem equiparar-se com os respeitaveis fundadores d'estas santas casas.

Ennobrece muito a esta, n'outro tempo povoada de religiosos Arrabidos, a origem da fundação, pois foi mandada fazer pelo grande D. João de Castro, em honra da Santa Cruz, cujo signal doorava com fervoroso zelo e profunda inclinação.

E tão religiosamente ardia no culto d'este signal santissimo, diz o seu panegirista, que quiz mais lavrar Templo á sua memoria, que fundar casa á sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho D. Alvaro, que, se na graça ou justiça dos reis achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio d'elles edificasse na Serra de Cintra, um convento de recolhidos Franciscanos, advertindo que, com a invocação da Cruz se titulasse a casa.

Morto o Vice-Rei no anno de 1548 sem poder pôr em pratica o seu desejo, doze annos depois, no anno de 1560, lhe cumpriu a vontade seu filho D. Alvaro de Castro, fundando este modesto e humilde recolhimento, tão pobre em seus principios que apenas custou a primeira fabrica cem cruzados, porém rico na santidade dos varões que o habitaram; casa santissima de penitentes e santos homens,—como lhe chama um escriptor antigo—, já existentes no Céu.

Da epocha da sua fundação achamos memoria em uma pedra, que está na parede da egreja, da parte do Evangelho, e na qual se lê o seguinte letreiro:

D. Alvaro de Castro, do Conselho de Estado, e Vedor da Fazenda d'El-Rei D. Sebastião, fundou este convento por mandado do Vice-Rei D. João de Castro, seu pae. Anno de 1560.[1]

Indo o dito D. Alvaro por embaixador ao papa Paulo IV, impetrou d'elle indulgencia plenaria, no dia da invenção da Cruz, para todas as pessoas que rogassem pela paz e concordia entre os

---

[1] A tradição dá ainda uma outra origem, ainda que inverosimil, á fundação do convento dos Capuchos, que, vemos mencionada no *Espelho de Penitentes,* e no final transcrevemos.

principes christãos, extirpação das heresias, exaltação da Egreja, e pela alma de D. João de Castro.

Seu filho, D. Francisco de Castro, bispo da Guarda e Inquisidor Geral, deixou 200#000 réis de juro para reparos d este convento e da sua quinta da Serra, deixando por administradora d'este legado a misericordia da villa de Cintra.

Está fundado o conventinho em um retiro no meio da serra, entre matos.

Subindo a um terreiro se offerecem á vista quatro portas, duas de dois confessionarios, uma da egreja, e outra da portaria, todas forradas de cortiça, e na da portaria uma vide suspensa, e a ella atado um chocalho, que servia de sino para chamar o porteiro.



59 - *Casa saloia*

Ao entrar se dá com um corredor de oito palmos de comprido e cinco de largo, o qual, por entre toscos penedos nos guia a um pequeno jardim, e alli em logar eminente se vê uma ermida onde se venera a imagem de Christo com a cruz ás costas, e junto um limitado vão de sete palmos que serve de sachristia, tudo mandado edificar pelo cardeal infante D. Henrique: a ermida para n ella dizer missa, e a cellasinha para n'ella habitar dia e noite, quando procurava este retiro para as suas penitencias.

Em outro logar mais elevado da cerca, se venera a imagem de Christo crucificado, em uma ermida, feita d'uma gruta formada por dois penedos.

Além d'estas duas ermidas, mostra-se na cerca a cella do Beato Honorio, onde viveu pelo espaço de trinta annos em aspera penitencia;[1] e junto a uma fonte, uma meza de pedra, na qual comia

[1] Se é verdadeira a tradição, foi demasiadamente longa e aspera esta penitencia, para a leve culpa que se lhe attribue.

Conta-se que, indo Fr. Honorio pelos campos, encontrára uma formosa rapariga, que o obrigou a parar, pedindo-lhe que a confessasse. Recusou-se o monge a ouvil-a n'aquelle logar, e mandou-a para o convento onde alguem encontraria para confessál-a; mas a rapariga insistiu, e Honorio teimava na sua recusa. A rapariga porem continuou perseguindo-o, e Honorio, sentindo que aquella formosura o tentava, e crendo ser o diabo

El-Rei D. Sebastião, todas as vezes que vinha a este convento gosar da sombra de suas arvores e frescura de suas aguas, com as quaes se rega a horta, que é pequena, como tambem a cêrca.

Tem o convento um só dormitorio de quarenta palmos de comprido e tres de largo, de fórma que encontrando-se n'elle os religiosos, para um passar, se recolhe o outro para alguma das cellas.

São estas tão estreitas, que mais se poderiam chamar sepulturas de homens vivos; as paredes que as dividem são de barro e palha, e forradas de cortiça, a qual serve tambem de fôrro ás portas.

O refeitorio é tão pequeno que apenas tem quatorze palmos de comprido, e sete de largo: serve-lhe de meza uma lage tosca,



60 — *A Rocha Virgem*
Photographia do sr. João Moreira

levantada um palmo do chão, e que para este effeito foi mandada arrancar da serra pelo cardeal infante D. Henrique.

Eram os guardanapos da mais aspera estopa, os vasos de que se serviam os religiosos, de grosseiro barro, guardando-se ahi sempre abstinencia de carne, e não se comendo no advento e quaresma coisa que fosse ao lume.

---

que tomára as seductoras fórmas da formosa moçoila para vir perdêl-o, fez-lhe o signal da cruz.

A rapariga então fugiu, e o santo homem recolheu-se áquella cova onde se martyrizou durante trinta annos para expiar a tentação que tivera.

E' esta a unica explicação que encontramos de tão dura e extraordinaria penitencia.

As pessoas que iam visitar o convento, encontravam na hospitalidade dos religiosos uma parca refeição de pão, queijo, e delicioso vinho de Collares, a qual pelo apetite provocado pelo passeio, se tornava mais saborosa, do que os mais exquisitos manjares.

No resto das officinas, observava-se a mais perfeita pobreza.

Desce-se por sete degraus de dois palmos de altura para o côro, e d'este, por uma abertura feita na rocha, ao lado do Evangelho, se desce para a egreja. E' esta muito pequena; da porta até á grade que divide a capella mór, tem o comprimento de dezoito palmos, e de largura treze. E' de abobada, e as paredes de calhaus que alli produziu a natureza.

Das grades até ao altar se contam sómente doze palmos, que era o vão da antiga lapa á qual a mesma rocha serve de cobertura.

O altar é de pedra polida, e n'elle, em seus nichos, se viam as imagens do Menino Jesus, e de varios santos; e em cima do Sacrario um Santo Christo de marfim, dadiva de D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto; e no Sacrario uma cruz de prata dourada com um Santo Lenho, que de Roma trouxe o fundador D. Alvaro de Castro.

Da parte da epistola se via um painel, com o retrato do Beato Honorio, que está sepultado na egreja. Da parte de fóra da egreja, junto á porta, está tambem sepultado fr. Christovam de S. José, tambem de vida exemplar.

Dos padroeiros está n'ella enterrada D. Maria de Noronha, viuva de D. Alvaro de Castro, terceiro padroeiro, a qual tendo enviuvado na flor da edade, e sendo procurada pela sua muita formosura por varios senhores da côrte para casar, por haver feito voto de castidade se conservou sempre viuva, até que falleceu no anno de 1684, e jaz enterrada n'este convento, que muitas vezes frequentava em vida.

Dizia Filippe II que duas coisas tinha em seus reinos celebres: o Escurial por muito rico, e este conventinho por muito pobre.

Julgamos ser motivo para o encarecimento do monarcha, a pobreza que observou n'este convento quando o visitou.

Pedindo o rei um pucaro de agua, advertiram os fidalgos ao guardião, que mandasse vir algum doce, e elle, obedecendo, com toda a singelesa lhe apresentou em um prato alguns cachos de passas, dizendo ser o unico que tinha em casa.

Desejoso el-rei de que o guardião lhe pedisse alguma coisa, instou com elle para que lhe dissesse do que tinha mais necessidade no convento. Chamou o guardião o cosinheiro, e perguntando-lhe se a almotolia tinha bastante azeite,—não se pedia n'aquelle tempo para mais d'uma semana,—respondeu-lhe parecia ter o que bas-

tava; e d'esta fórma, com demonstrações de reconhecimento, beijando-lhe a mão pela mercê, disse-lhe que de nenhuma outra coisa necessitava.

Não podendo el-rei reprimir o assombro que lhe causava tanto desapego, e olhando para o convento da Pena, exclamou, alludindo talvez ao enfado produzido por algumas petições dos outros religiosos:

—Allá es la Pena, y esta la Gloria!

Favorecia muito estes religiosos a rainha D. Catharina, e quando iam á sua presença os mandava sentar, e dar-lhes de comer. Aconteceu que, mandando esta senhora dois queijos, para os repartirem pela communidade, o guardião, que então era fr. Pedro de Antoria, tomando metade de um, lhe mandou o resto dizendo que tinha bastante para passar o resto da semana, e pedindo a sua magestade o houvesse assim por bem.

Alem das esmolas dos padroeiros, el-rei D. João IV, sendo ainda duque de Bragança, visitando este convento, e edificado da sua pobreza, ordenou por provisão sua, que se lhe desse todos os annos, no almoxarifado da villa de Cascaes, seis duzias de pescadas, e outras tantas de cações seccos, e todo o peixe que fosse necessario para o jantar um pouco mais lauto da festa de S. Francisco.



61 — *Lavadeira saloia*

A rainha D. Luiza, mulher d'aquelle monarcha, lhes mandou dar todos os annos um moio de trigo, e uma arroba de cêra lavrada; el-rei D. Pedro II outra tanta para se gastar no Sepulchro, nas Endoenças; e D João V, uma pipa de azeite.

No dia da Invenção da Cruz fazia-se a festa com grande concurso de povo, e de mais gente que vinha da cidade de Lisboa, e por não caberem na egreja, se cantava a missa fóra d'ella.[1]

---

[1] Ha muitissimos annos que tal festa se não realiza; cremos mesmo que deixou de fazer-se alguns annos antes da extincção no paiz das ordens religiosas.

A unica festa religiosa que alli annualmente ainda se celebra, é no terceiro domingo de julho, a que concorrem muitos habitantes das freguezias de Collares, Cintra e S. Pedro.

Os officios da Semana Santa, faziam-se com toda a devoção, deixando muitas das principaes familias de Lisboa os que se faziam com toda a pompa n'aquella cidade, para virem assistir aos que se faziam n'esta pobre casa. [1]

Na proximidade d'este convento, está outro que foi de Carmelitas, de que falaremos no seu logar. [2] No emtanto passemos a descrever as outras freguezias da villa.



62 — *Capella de S. Sebastião* (*Cintra*)

Photographia do sr. João Moreira

---

[1] O convento dos Capuchos que pertence hoje á casa de Monserrate, foi adquirido em 1873 pelo primeiro visconde de Monserrate, por compra ao conde de Penamacôr, que em 1834 o adquirira, sendo preferido para a sua acquisição em vista das tradições de sua familia.

O convento, por cuja conservação o visconde de Monserrate sempre olhou, chegou a estar em misero estado de ruina, como se vê d'um artigo em 1848 publicado na *Revista Popular,* da qual extratamos os seguintes periodos:

«O convento de Santa Cruz acha-se hoje em ruinas. O tempo e os homens teem devastado á porfia este monumento da era piedosa em que as barbas de um homem honrado, eram penhor seguro de grossas quantias. Até a cortiça das portas tem sido arrancada, para enriquecer os museus britannicos, e para deixar a descoberto a madeira, em que os nossos compatriotas escrevem semsaborias que fazem vergonha!»

[2] O convento do Carmo, em Collares, de que se trata no capitulo XII, d'este livro.



VII



FREGUEZIA de Santa Maria, tem a sua parochial no arrabalde [1] da villa, junto á serra e ao pé do castello.

Confina o seu districto com os das freguezias de S. Miguel [2] do arrabalde, S. Martinho da villa, e com os das freguezias de Montelavar, S. Pedro de Penaferrim e Terrugem, no termo d'este concelho.

E' fundação de D. Affonso Henriques, de quando conquistou esta villa; foi reparada posteriormente das injurias do tempo, principalmente depois do terrivel terremoto de 1755, correndo a despeza da obra por conta do prior e mais beneficiados da dita egreja.

Os fructos que seus moradores colhem com mais abundancia, são trigo, cevada, milho e todo o genero de fructa.

---

[1] Hoje o Arrabalde está comprehendido nos limites da villa.

[2] Esta freguezia, hoje extincta, foi annexada á de Santa Maria; ficaram por isso os limites d'esta confinando com os das de S. Martinho, S. Pedro, Terrugem e Montelavar.

E' a sua população de 159 fogos e 600 habitantes,[1] parochiados por um prior antigamente apresentado pelas Senhoras Rainhas, e hoje pelo Eminentissimo Patriarcha de Lisboa, o qual prior n'outro tempo collava oito Beneficiados, cujos beneficios já existiam no anno de 1255, e foram creados pelo prior que então era Lourenço João, não só para o serviço da egreja, mas para o ajudarem na administração dos Sacramentos, por ser esta freguezia muito extensa, chegando até perto da villa de Mafra.

Contém o seu districto quinze povos ou logares, denominados:

Arrabalde........	em	que	ha	45	fogos
Calçada[2]........	»	»	»	36	»
Chão dos Meninos	»	»	»	6	»
Rio do Porto.....	»	»	»	1	»
S. Sebastião......	»	»	»	4	»
Ribeira..........	»	»	»	8	»
Cabriz...........	»	»	»	28	»
Santo Amaro.....	»	»	»	1	»
Ribafria.........	»	»	»	1	»
Lourel...........	»	»	»	10	»
Corrigos[3]........	»	»	»	3	»
Ralhados[4]........	»	»	»	5	»
Bajouca.........	»	»	»	2	»
Maria Dias.......	»	»	»	2	»
Coutinha Affonso[5].	»	»	»	7	»
			Somma.....	159	

O numero medio dos nascidos em cada um anno, nos ultimos cinco, até 1820, foi de 19, dos mortos 9, e dos casamentos 4.[6]

Não ha n'esta freguezia rio algum de nome, ou caudaloso, sim alguns regatos por onde correm as aguas de varias fontes e ribei-

---

[1] Pela estatistica parochial (1862) é attribuido á freguezia de Santa Maria, e annexa, de S. Miguel, 223 fogos e 603 habitantes; o censo de 1878 dá lhe 216 fogos e 843 habitantes; e o de 1900, 1043 habitantes.

[2] Conservava então, como ainda hoje, a denominação de Cova da Onça.

[3] Vemos em todos os documentos Corigos.

[4] Hoje denomina-se Rolhados.

[5] Tem hoje a denominação de Coutim Affonso.

[6] Nos ultimos cinco annos (1898-1902) a media de nascimentos, annualmente, foi de 64, a de casamentos 12, e a de obitos 44 E' claro que estes algarismos comprehendem a area da actual freguezia de Santa Maria, á qual está annexada a extincta, de S. Miguel.

ros que rebentam de inverno pelas terras, e nenhum d'elles merece o nome de rio, por não conservarem a sua corrente de verão.

Ha porém varias fontes, e entre estas é a mais celebre a que está na estrada que vem de Lisboa e vae para Collares, chamada da Sabuga, pela grande frescura de suas aguas de verão e de inverno. Correm estas porém algumas vezes tépidas e tão brancas como agua de sabão, o que attribuem a passar por mineral nas entranhas da terra onde nasce.[1]

Ha mais a fonte chamada da Sardinha, onde junto de uma grande pedra sae um avultado olho d'agua, de que se servem os moleiros d'esta villa para moerem os trigos, a qual nunca secca, e de verão é applicada para a rega dos pomares de caroço e de espinho, que estão juntos da sua corrente.[2]

---

[1] A agua da Sabuga é considerada uma das melhores, se não a melhor, das de Cintra, e é objecto de importante negocio. A ella anda ligada uma lenda que, com outras indicações, no final relatamos.

[2] A fonte da Sardinha, como o auctor aqui lhe chama, é hoje uma dependencia da quinta do Duche, propriedade do Conde de Valenças.

Existe alli um estabelecimento de banhos fundado em 1848 pelo dr. Bernardino Egidio da Silveira e Castro, que foi medico em Cintra, e que obteve da camara licença para a sua fundação.

Tanto pela fórma por que á *fonte da Sardinha* se refere o auctor da *Cintra Pinturesca*, como pelo facto de ter sido á camara que foi pedida licença para a fundação do estabelecimento de banhos, aquelle recinto foi logradoiro publico, sendo mais tarde vedado com o pretexto de resguardar o estabelecimento, como tambem, e com o mesmo pretexto, foi vedado por uma cancella, o caminho para os banhos, junto ao matadouro antigo, e que era pouco mais ou menos no local onde está hoje o palacio do conde de Valenças.

A quinta do Duche era antigamente conhecida por quinta do *Dégan*, nome originado no do seu antigo possuidor D. Caetano de Gand.

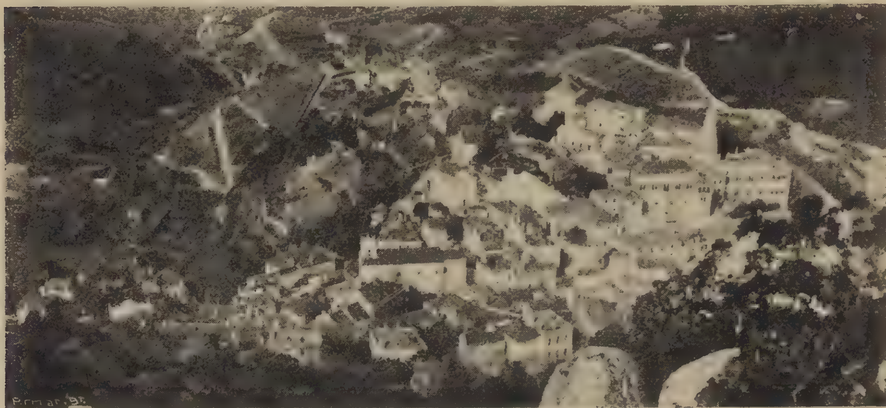
Foi este cavalheiro quem, em 1839, constituido em commissão com os condes de Cêa e de Penamacôr, promoveu varios melhoramentos em Cintra, dos quaes o principal a construcção ou rectificação da estrada no sitio do Arrabalde, ou da Corredoura, que hoje se chama o largo Sousa Brandão, e fronteiro ao qual elle principiou a construcção de um palacete, que nunca concluiu, ainda hoje conhecido por *casas do hespanhol*, e que o visconde de Gandarinha e conde de Penha Longa acabou, conservando a primitiva architectura.

Talvez porque bons serviços prestou, ninguem lhe levou a mal que fosse considerando como seu o recinto onde fôra fundado o estabelecimento de banhos, e a sua importante nascente; o certo é que, quando mais tarde, com a construcção da nova estrada para Mafra, elle foi desannexado da parte principal da quinta do Duche, então na posse do sr. José Carlos O'Neill, era já considerado como parte integrante da mesma quinta, e assim foi adquirido pelo millionario Antonio Lopes Ferreira dos Anjos, sogro do sr. conde de Valenças, que hoje a possue.

No seu districto em um valle encostado á serra, está situado o convento que foi dos Religiosos da Santissima Trindade, o qual teve principio no anno de 1374.[1]

Havia no sitio em que foi edificado este convento, uma ermida antiga dedicada a Santo Amaro, frequentada de muitas romarias, ás quaes accudiam os visinhos de Cintra e Cascaes.

Esta ermida foi primeiro domicilio de alguns religiosos d'aquella Ordem, que em companhia do P.e Fr. Alvaro de Castro, filho do primeiro condestavel d'este reino, e sobrinho da malfadada D. Ignez



63—*Cintra, vista da serra*
Photographia do sr. João Moreira

de Castro, vieram n'este sitio estabelecerem-se, para viverem vida eremitica. Foram estes o P.e Fr. João d'Evora confessor d'El-Rei D. João I, o P.e Fr. João de Lisboa, director da Rainha sua esposa, e o P.e Fr. João de Mattos.

Escolheu, para viver, esta ermida o P.e Fr. Alvaro, onde permaneceu por muitos annos, e alli em pouca distancia, pela mesma serra, em diversas grutas, o imitaram n'esta vida de anachoreta seus companheiros, tendo por brando leito a dureza dos penedos, por pavilhão o céu, e por casas aquellas humidas lapas, expostas ás intemperies e rigores do tempo.

N'esta ermida viveu por espaço de sete annos Fr. Alvaro, e

---

[1] Foi fundado por D. João I, em 1400, segundo J. B. de Castro, ou em 14 o, segundo Antonio Camacho da Costa.

Depois da extincção das ordens religiosas foi adquirido pelo sr. conselheiro Miguel Maria Franzini, pertencendo hoje á sua descendente a sr.ª D. Carlota Franzini.

fazendo-se depois a de Santa Cruz, se mudou para ella, onde habitou o resto de seus dias, e ahi foi sepultado.

Na sepultura se lhe fez o seguinte epitaphio, que o P.e Fr. Paulo Cabral refere nas suas *Memorias Antigas:*

«Aqui jaz o bom Fr. Alvaro de Castro, que depois de ser Freire trinta annos, se recolheu a esta ermida; onde viveu trinta e sete; finou-se santamente a 8 de abril, era de 1456 (an. Ch. 1418), requiescat in pace».



64 —*Extincta parochia de S. Miguel*
Photographia do sr. João Moreira

No convento de Santarem estava o seu retrato, com o estandarte encarnado na mão, ornado com as armas de Aviz, em que se lia a seguinte inscripção, equivocada na epocha e no parentesco da rainha:

«O V. P. Fr. Alvaro de Castro, irmão da Rainha D. Ignez de Castro, Confessor d'El-Rei D. Pedro I, Reformador da Ordem de Aviz, regeitou o Bispado de Lisboa, morreo em Cintra anno de 1406.»

Este convento teve por primeiros bemfeitores um João Rodrigues Candieiro, e sua mulher, naturaes de Lisboa, que lhe doaram umas casas com seu quintal n'este sitio; D. Fernando, filho d'El-Rei D. Henrique, de Castella, e o invicto rei D. João I, o qual vindo divertir-se a estes sitios, admirando a pobreza em que vi-

viam estes religiosos, lhes mandou fazer o primeiro convento, protegendo-os n'este negocio o confessor d'aquelle principe que então era o P.e Mestre Doutor Fr. Sebastião de Menezes, do seu Conselho, e depois embaixador extraordinario a Carlos VI de França, e á Curia.

A edificação foi feita no mesmo logar onde estava a ermida, e o mosteiro ficou logo sob a protecção do monarcha, a 25 de outubro de 1411.

El-Rei D. Manuel, no anno de 1500, lhe renovou a egreja, a qual era toda de abobada sobre arcos de pedraria, as quaes fechavam com armas reaes, cruzes da ordem de Christo e espheras, insignias do dito monarcha.

Como o primitivo convento e a sua reedificação, fôra fabrica de empreitada, e feita a pedaços, tinha muitos defeitos de architectura, e tão pouco solida ficou, que em poucos annos ameaçava ruina.

N'este estado foram abandonando os religiosos o convento, ficando só um para recolher os fructos e as rendas, até que no tempo da reforma o P.e Fr. Baptista de Jesus, sendo Provincial, o edificou de novo Vendo quão mal estava situado o antigo, e que não podia para parte alguma alargar-se, por causa da serra, o construiu no logar onde hoje o vemos, com boas cellas e officinas, e mais avultada fabrica.

A cêrca é bastante grande, fechada toda de muro; ficava-lhe ao sul um denso pinhal, e ao norte a horta.

Do alto da serra corre uma grande ribeira de agua, a qual encaminhada por arte a um penedo, se despenha d'elle em prateada corrente, em um espaçoso tanque mandado fazer por Fr. Paio de Lacerda. Este tanque tinha no centro um penedo que lhe servia de ilha, e era cercado de antigos choupos, que tornavam com a sua sombra o sitio aprazivel. Junto, tinha um grande pombal que algum dia foi povoado de pombos, e por estar perto da agua, onde estas aves, e outras de diversas partes vinham beber, o penedo pelo qual a agua se despenha se denominou *Penedo das Pombas*.

Tinha esta cerca cinco ermidas repartidas pela serra, habitações dos antigos anachoretas de que falámos. A primeira era de Santa Margarida, e não muito longe estava a Lapa das Lagrimas, cujo tosco penhasco ornado de varios embrechados, está continuamente distillando orvalho.

Em egual distancia, para o lado direito, está a de S. Zacharias e Santa Izabel, á qual se communicava a agua por canos secretos de uma fonte, para que o religioso que n'ella assistisse gozasse sem encommodo da sua frescura.

Logo adeante se via a mais antiga, a de Santo Amaro, e no alto, em uma planicie cheia de alegretes, murtas e larangeiras, a de Nossa Senhora da Conceição, feita pelo P.e Fr. Antonio da Conceição, com esmolas de D. Maria Manuel, da casa de Monte Alvão.

Pelos annos de 1570 se ampliou mais este convento, com o acrescimo que teve da cerca por provisão d El-Rei D. Sebastião. No de 1755 soffreu grande ruina com o terramoto, porém com o zêlo de alguns religiosos se reparou de novo.

Tinha mais este mosteiro um pomar pela parte da entrada, e pelo termo varios casaes e uma vinha, que lhe deixou Izabel Rodrigues de Carnide, que estava sepultada no claustro, junto á sacristia.

Fóra da villa e do arrabalde, junto da estrada que d'ella vae para Mafra, está uma ermida de S. Sebastião, que mandou fazer o povo no tempo da peste; e no dia do santo ia a esta ermida uma procissão geral com o Clero e Povo, acompanhando o Senado da Camara da villa, e que sahia da freguezia de S. Martinho.[1]

*

* *

A freguezia de S. Miguel está situada nosa rrabaldes da villa e na encosta da serra.[2]

---

[1] A primeira noticia que encontramos d'esta festa é do anno de 1799 e o ultimo anno em que se realizou foi em 1892. Era mandada celebrar pela camara, que nos primeiros annos, isto é, até pouco depois de 1830, nomeava sempre, em sessão publica, os individuos que deviam pegar nas varas do palio.

Alem d'esta festa annual, varias outras alli se teem celebrado, sendo uma das mais importantes e sumptuosas a que se realizou em 4 de janeiro de 1857, promovida pelos habitantes da freguezia de Santa Maria, em acção de graças ao Martyr S. Sebastião, por ter livrado aquella freguezia do flagello do cholera.

Principiou a festa na noite de 3 de janeiro por uma ladainha, com instrumental, arraial com musica, fogueiras e illuminações, etc. No dia 4 missa a grande instrumental, e sermão pelo padre Antonio Caparica; seguidamente distribuição ou bodo a quantos pobres se apresentaram, por esmola de Hygino Joaquim da Costa, de tarde novamente sermão pelo mesmo orador, e mandado prégar por uma devota, depois procissão com grande concurso de fieis e seguidamente Te-Deum.

[2] No archivo da egreja de Santa Maria, a que hoje está annexa a de S. Miguel, nenhum documento se encontra por onde se possa conhecer a data da extincção d'esta freguezia e sua annexação á de Santa Maria.

Tem por orago o archanjo S. Miguel, e confina o seu districto com o das freguezias de Santa Maria do Arrabalde, Montelavar e Terrugem, no termo d'este concelho. Sua população é de 30 fogos e 162 habitantes, parochiados por um prior.



65 — *Egreja da Misericordia (á sahida da missa)*
Photographia do sr. João Moreira

Consta o seu districto de oito povos ou logares denominados:

Campo Raso.....	em	que	ha	4	fogos
Casal da Serra [1]..	»	»	»	1	»
Courel [2].........	»	»	»	10	»

Parece comtudo ter sido anterior a 1834, pois n'um termo de baptismo lavrado em 1 de janeiro d'esse anno (fl. 35 do l. V) se lê pela primeira vez que o parocho encommendado, então o rev. José Jacintho Tavares, fôra encarregado do serviço parochial da freguezia de S. Miguel, por ordem do Vigario Geral. Annos depois, n'um termo lavrado em 12 de maio de 1839, (fl. 39 do mesmo livro) já se não faz referencia á annexação da freguezia, como anteriormente sempre se fizera.

D'aqui se comprehende que a annexação seria provisoria em 1833, tornando-se definitiva e perpetua em 1839.

[1] Casal da Serra da Oureça, hoje designado apenas Casal da Oureça.

[2] Não apparece tal nome em nenhuns documentos antigos. E' certamente erro typographico, devendo lêr-se Lourel, povoação que parece ter pertencido parte á freguezia de Santa Maria, e parte á de S. Miguel.

Pedregueira[1]	em	que	ha	5	fogos
Penalva	»	»	»	1	»
Quinta de Boialvo.	»	»	»	1	»
Quinta da Portella.	»	»	»	7	»
Somma.........				30	



66—*Paços do concelho de Cintra*
Photographia do sr. João Moreira

O numero médio dos nascimentos durante os ultimos cinco annos, até 1820, era em cada anno de dois individuos; o dos mortos, dois; e o dos casamentos, um.

Por documentos antiquissimos consta ter tido origem esta egreja, assim como as de S. Martinho e S. Pedro, da fundação da Monarchia.

Reinando El-Rei D. Affonso III, houve varias contestações entre os priores d'esta freguezia, e as de S. Martinho e S. Pedro, sobre os districtos que em tempos de D. Affonso Henriques foram

---

[1] Pedregueira é hoje considerado como logar de Lourel. Denominava-se assim a pedregosa encosta onde estão edificadas as primeiras casas que se encontram á entrada de Lourel, á direita da estrada, indo de Cintra.

assignados ás suas parochias; e tendo cada um dos ditos priores nomeado arbitros, essas questões se apaziguaram e aquietaram, do que se lavrou escriptura, que anda no tombo da Sé.

N'esta demarcação se mencionam quatro ermidas que ha n'este districto, fundadas provavelmente na mesma epocha das mesmas egrejas, que são: S. Miguel, onde pela grande affluencia de inscripções romanas que alli se tem encontrado, julgamos ter existido povoação de romanos;[1] S. Romão de Lourel;[2] e Santa Eufemia da Serra,[3] que arruinada edificou uma Hilaria Fernandes, com a ajuda de algumas esmolas que alcançou, e a sua instancia se lhe concedeu licença para na nova ermida se dizer missa, no anno de 1580; e alli existiam suas reliquias, que no anno de 1670 se mudaram para a egreja de S. Miguel; e finalmente a ermida de S. Saturnino,[4] para onde se retirou D. Pedro Paes, Alferes-Mór d'El-Rei D. Affonso Henriques, e algum tempo de seu filho D. Sancho, e muito estimado de ambos, o qual deixou a côrte e se retirou a esta serra a fazer penitencia. Por não achar o sitio bastante solitario se recolheu ao convento de S. Vicente, onde viveu em clausura, e morreu em 29 de novembro de 1198, como consta do livro d'obitos do mesmo mosteiro, pelas palavras seguintes:

«*Tertio Kalend. decembris obiit feliciter in Domino Dominus Petrus Pelagii Canonicus S. Vicentii era MCCXXXVI.*»

Era este Pedro Paes pessoa muito illustre, assim nas armas, em que muitas vezes se assignalára contra os mouros, como em sangue, por ser descendente de D. Ramiro, Rei de Leão.

Da ermida e do ermitão achamos noticia na Torre do Tombo, onde existe a doação que El-Rei D. Affonso lhe fez da ermida e terras, em Collares e na Malveira.

Sendo prior d'esta egreja Diogo Alvares, capellão da Rainha D. Izabel, mulher d'El-Rei D. Affonso V, e conhecendo n'ella grande devoção por S. João Evangelista, servindo-se do grande valimento que tinha com estes reis, fez com que elles doassem esta

---

[1] O Casal de S. Miguel, hoje freguezia de Montelavar.

[2] Esta ermida pertence hoje á freguezia de S. Pedro. Ha approximadamente dez annos que ali se não realisa uma festa annual que antigamente tinha logar no primeiro domingo de março.

[3] Pertence tambem hoje á freguezia de S. Pedro. Curiosas lendas e tradições se ligam a esta capella, e a que nas notas descriptivas da respectiva gravura, teremos occasião de referirmo-nos.

[4] Junta á Peninha, freguezia de Collares.

egreja ao mosteiro que novamente se fundára no valle de Xabregas;[1] cuja annexação foi feita no anno de 1469, recolhendo-se o mesmo prior ao dito mosteiro, governando sempre o priorado que possuiu trinta a quarenta annos, até ao em que morreu, que foi em 1484.

Depois da sua morte quizeram os religiosos pôr vigario, o que lhes impediu a rainha D. Leonor, mulher d'El-Rei D. João II, por lhe pertencer a egreja, e ser sua a apresentação, sobre o que hou-



67 — *Villa Estephania*
Photographia do sr. João Moreira

ve demandas com os padres, que duraram perto de tres annos, até que afinal se concertaram por contracto feito em 22 de junho de 1487.

Durante os tres annos que durou a demanda, governaram os frades esta egreja, da qual levaram quando se retiraram, os papeis e noticias que havia da sua erecção.

Teve sempre esta egreja pessoas de alta categoria por priores; entre outros fazemos menção de Diogo de Sousa, que com o priorado d'esta egreja teve o logar de capellão-mór da rainha D. Maria, em que o proveu El-Rei D. Manuel; e, servindo ainda esta egreja o nomeou El-Rei D. João II deão da sua capella real.

Foi com este prior que lhe aconteceu aquelle caso em Evora, ao ouvir missa, o qual foi que, indo a levantar-se, ao Evangelho, se lhe tirou um chinello do pé, ao que se abaixou o deão, para lh'o

---

[1] Ao mosteiro de S. João de alem de Enxobregas do viver e regra de Santo Eloy. *Doação do padroado da Egreja de S. Miguel da Villa de Sintra*. Lisboa. Anno de 1456. Confirmado por D. João II em Viana d'a par d'Alvito em 20 d'abril de 1482.

calçar, do que El-Rei se mostrou tão agastado que lhe disse: — «Tirae-vos d'ahi, isso haveis de fazer, homem que toma a Deus nas mãos as ha de pôr nas minhas chinellas: ora por esse mau ensino, tanto que acabar a missa, vos ide para casa, até outra ordem.»

E d'esta sorte o teve um mez retirado do serviço do paço e deado, do qual foi para bispo do Porto, no anno de 1477.

Foi tambem prior d'esta egreja D. João Lopo, bispo de Tanger, o qual logrou esta egreja e a de Santa Maria, sendo bispo.

Fez muitas obras na egreja, e entre outras foi a maior mandar forrar o tecto de madeira de cedro, com as armas da rainha no meio. Por seus grandes serviços lhe fez El-Rei D. Manuel mercê de lhe augmentar em suas armas o escudo das reaes d'este reino, como consta do livro de misticos, da Torre do Tombo.

Está hoje esta freguezia encorporada na de Santa Maria.[1]

---

[1] A primitiva edição que estamos transcrevendo e annotando tem a data de 1838, rectificando por consequencia esta declaração a nota que deixamos a pag 107 d'este livro.





VIII



É SITUADO o districto da freguezia de S. Pedro de Penaferrim, nas abas do lado do norte da Serra de Cintra, em distancia meia legua da villa, e a sua egreja collocada em um alto ao lado esquerdo da estrada que vem de Lisboa para a villa, em um sitio chamado S. Pedro de Penaferrim, que antigamente se chamou Canaferrim. Consta a sua população de 374 fogos e 1:350 habitantes, parochiados por um prior.[1]

Confina o seu districto com o das freguezias de Santa Maria, de S. Miguel do Arrabalde de Cintra, e de Alcabideche.

Compõe-se de dezeseis povos ou logares,[2] dos quaes doze pertencem ao concelho de Cintra, e se denominam:

S. Pedro........	em que ha	83 fogos
S. Romão.......	» » »	7 »

---

[1] Segundo o recenseamento de 1835. A estatistica parochial (1802) attribue-lhe 2:480 habitantes, o censo de 1878 apenas 1970, e o de 1900, 2:249 habitantes.

[2] O numero de povoações de que se compõe esta freguezia, é muito maior, tendo augmentado consideravelmente nos ultimos annos, não havendo comtudo organizada estatistica alguma que nol-o possa certificar.

Algueirão	em	que	ha	43	fogos
Fanares	»	»	»	5	»
Casaes [1]	»	»	»	7	»
Mem Martins	»	»	»	25	»
Valle de Porcas [2].	»	»	»	25	»
Ranholos [3]	»	»	»	32	»
Arcinheira [4]	»	»	»	17	»
Linhó	»	»	»	67	»
Cubello [5]	»	»	»	4	»
Caparrota	»	»	»	5	»

Pertencentes ao de Cascaes, são:[6]

Sacotes	em	que	ha	11	fogos
Albarraque [7]	»	»	»	27	»
Manique de Cintra[8]	»	»	»	12	»
Bernardas [9]	»	»	»	4	»
			Somma.........	374	»

O numero medio dos nascidos em cada um anno, nos ultimos cinco annos, até 1820, foi de 61, dos mortos 21, e dos casamentos 15.[10]

Produz com mais fertilidade o terreno d'esta freguezia, cereaes, fructa e vinho.

No districto d'esta freguezia está o Paço do Ramalhão,[11] e

---

[1] «Casaes de Mem Martins» é como presentemente se denomina esta povoação.

[2] Tem a denominação moderna de Valle de Flores.

[3] E' certamente erro typographico, pois só encontramos a designação de Ranhollas, pronunciando muitas pessoas Ranhoes.

[4] Não conhecemos. E' certamente Abrunheira.

[5] Covêlo, povoação a que já nos referimos na nota da pag. 23.

[6] Pertencem hoje estes quatro logares ao concelho de Cintra.

[7] Esta povoação pertencia antigamente ás freguezias de Rio de Mouro e S. Pedro, sendo d'aquelle uma pequena parte.

Ha mais de vinte annos porém que está na sua totalidade encorporada na freguezia de Rio de Mouro.

[8] Manique de Cima.

[9] Bernardos.

[10] Nos ultimos cinco annos, (1898-1902) a media de nascimentos foi de 82, a de casamentos 21, e a de obitos 53.

[11] Do palacio do Ramalhão, a que na edição que vimos annotando nenhuma outra referencia se faz alem do que n'esta pagina se lê, nos occuparemos em desenvolvida nota final.

quintas reaes que lhe são annexas, por entre as quaes passa a estrada real que conduz á villa, e vem de Lisboa; e logo adeante d'esta casa, na mesma estrada, antes de chegar ao Rocio de S. Pedro, debaixo de um sombrio arvoredo, se vê uma sepultura de pedra, sem outro lavor mais do que uma cruz esculpida sobre a campa, da forma que usavam os Templarios, e em uma das extremidades outra cruz, de pedra, arvorada.[1]

E' conhecida esta sepultura pela denominação de ***Sepultura dos dois Irmãos***, nome que já tinha no seculo XV, como consta de um instrumento d'aquella epocha.

Dizem os naturaes que, o que dera origem a esta denominação fôra a tradição que entre elles corre antiga de paes a filhos, que passo a descrever como a ouvi de um velho de noventa annos, todo imbuido da sua veracidade:

Dois irmãos traziam amores com uma donzella que por aquelles sitios habitava, ignorando ambos os amores um do outro.

Acontecendo por uma triste fatalidade encontrarem-se os dois irmãos em uma noite tenebrosa debaixo do balcão do objecto que tão enfeitiçados os trazia, um d'elles, persuadido que o outro lhe disputava os favores da sua dama, corre cego e inconsiderado sobre elle, e o estende morto a seus pés, victima d'um frenetico ciume. Porém, qual é a sua desesperação, quando pela voz moribunda d'aquelle que julga o seu rival, reconhece ter sido o assassino de seu proprio irmão, que muito amava, e que lhe expira nos braços!

Cheio de desespero volta contra o peito o ferro fratricida, e cae morto sobre o cadaver ensanguentado do irmão, preferindo uma morte prompta, a uma vida inconsolavel, cheia de remorsos.[2]

Esta é a narração d'esta novella, porém, tendo-se aberto esta sepultura ha poucos annos se achou um só craneo, e o resto da ossificação de um só corpo, o que claramente desmente esta tradição, vulgarmente recebida.

Parece-nos mais verosimil ser esta sepultura de algum capitão nosso, que succumbisse na tomada d'esta villa, por quanto o nome

---

[1] Este tumulo foi aberto em 7 d'abril de 1830, e pelo que então se verificou, ficou destruida a lenda dos *dois irmãos*. A noticia d'este facto demasiado longa para o limitado espaço de uma nota de pagina, vae no final d'este livro.

[2] D. João da Camara, o distincto dramaturgo e poeta, romantizou esta lenda, n'um delicioso conto.

de Batalha[1] que conserva o campo proximo, parece dar logar á conjectura, que algum evento militar tivesse acontecido n'aquelle sitio.

Além d'isto como todos sabem, não era só louvavel costume dos tempos antigos o dar sepultura aos que succumbiam n'estas emprezas, consideradas como santas, porque eram contra os ini-



68 — *O Hotel Lawrence*
Photographia do sr. Luiz Oram

migos da Cruz, porém ainda levantar-lhes sumptuosos templos para seus jazigos, como o dos Martyres e S. Vicente de Fóra, em Lisboa, onde foram sepultados os que pereceram na expugnação d'esta cidade, de cujo uso piedoso vemos um exemplo na cidade de Silves, no reino do Algarve.

*

* *

No logar da Ribeira de Penha Longa nas faldas da serra, para a parte do sul, está situado o convento de Nossa Senhora da

---

[1] Nos documentos que nos foi dado consultar não encontramos noticia de tal denominação.



69 — *O altar d'alabastro, na capella do Castello da Pena*
Photographia do sr. Luiz Oram

da Saude, primeira fundação que tiveram os monges de S. Jeronymo, n'este reino.

Foi seu primeiro fundador o padre Fr. Vasques Monteiro, da casa dos condes de Santa Cruz, natural de Leiria, o qual achando este logar proprio para o recolhimento e vida monastica, mandou dois de seus companheiros, em que ia Fr. Fernandes João munidos de cartas de recommendação de El-Rei D. João I, que então tinha o sceptro, ao Papa Bonifacio, para impetrar a sua approvação, a qual lhe foi concedida.

Não só com recommendações, mas com auxilios mais poderosos concorreu este rei para a introducção d'esta Ordem,[1] fundando-lhe casa, que no principio foi de Nossa Senhora da Victoria, a que se mudou o nome por causa da peste que houve em Portugal, procedida de umas naus que vieram da India; e como a gente ferida d'aquelle mal fugisse para o campo, e chegando a este logar ficou livre e sã, a denominaram por esse motivo com este titulo.

Attrahidos depois da amenidade do logar, ou da devoção, os reis D. Manuel, D. Sebastião, D. Henrique e o infante D. Luiz, augmentaram consideravelmente com obras este mosteiro.

El-Rei D. Manuel reedificou a egreja, e fez casa onde vinha residir; o Cardeal, differentes casas, fontes e embellezamentos; o infante, o dormitorio; e D. Sebastião, o dos noviços. Entre os particulares, além dos priores e outros, o nuncio Zambucano, em tempo de El-Rei D. João III, que fez as obras que ainda se vêem na cêrca; e o marquez de Cascaes.

Perto d'este mosteiro está um levantado monte, com um penedo[2] que serve de base a uma cruz de pedra, e de balisa ao navegante.

Antes da entrada do convento está outra cruz de pedra com seus assentos em circumferencia; segue-se um pateo em pouca distancia em forma quadrangular, onde estão, á parte esquerda as

---

[1] E' fóra de duvida que o convento de Penha Longa foi concluido em 1400, sob os auspicios d'el-rei D. Manuel, certamente porque as esmolas que o seu fundador alcançou, não chegaram para o concluir. E' tradição que, tendo sido pedida a D. João I uma esmola, com destino áquella fundação, este rei mandára 1$600 réis, escoltados por uma companhia de alabardeiros, para os salteadores a não roubarem no caminho.

[2] Este penedo é vulgarmente conhecido por «Penedo dos Ovos», nome a que anda ligada uma curiosa lenda que no final d'este livro reproduzimos. Tem tambem o nome de *Pedra longa*, ou *Pera longa*, por causa da sua estranha configuração muito semelhante a uma pera. Ha quem affirme ter tido origem no nome d'este penedo a denominação de Pera longa, que antigamente tinha Penha Longa.

hospedarias que El-Rei Manuel mandou fazer, as quaes por as ter o tempo arruinado mandou reedificar El-Rei D. Pedro II, conforme se vê do letreiro que tem sobre a porta, em letras de ouro, em uma pedra preta burnida, sobre a qual estão as armas reaes com duas espheras, que mostram ser fundação d'el-rei D. Manuel; cahem as janellas d'este dormitorio para a parte do levante em um pomar de fructa, que antigamente se chamou *Jardim das Damas*.

No fim d'esta hospedaria está uma varanda em fórma de claustro, que consta de dois lanços com suas columnas de pedra, por um dos quaes se entra n'uma casa chamada *Real*, com o tecto lavrado de bordo, no meio do qual estão as armas reaes, e espheras d'el-rei D. Manuel, o que mostra ser tudo obra sua.

Segue-se a esta outra sala e tres casas mais inferiores, que rematam no fim com um eirado na mesma correnteza, que é descoberto em fórma de mirante, e junto d'elle corre uma levada de agua de nascente, que serve de fazer moer duas mós de azenha, que estão debaixo d'este mirante.

N'estas hospedarias assistiu em muitas occasiões el-rei D. Manuel, e n'ellas veiu tomar o nojo da rainha D. Maria, filha dos Reis Catholicos; e aqui se têm hospedado outras pessoas reaes, e senhores portuguezes e estrangeiros.

A egreja é obra antiga, com o tecto de laçaria de pedra, sobre abobada que se sustenta em meias columnas que sobem do pavimento até ao tecto. Tem cinco capellas, e em cima uma tribuna onde as pessoas reaes ouviam missa

A primeira capella que fica junto da porta, é a de Nossa Senhora da Victoria, que hoje se chama da Saude, pelo motivo que já dissémos. A imagem d'esta Senhora foi deixada em testamento pelo famoso capitão de Malaca, Ruy de Araujo, em 1546; e depois de estar n'esta capella se mudou, em 1685, para a do meio.

Era festejada esta Senhora por diversos cirios pelo Espirito Santo e Assumpção, sendo esta segunda festa pelos genovezes, venezianos, e representantes de mais nações da Italia, que representavam comedias.[1]

Da parte do altar mór, junto da capella da Senhora da Saude, está a de S. José, que tem um retabulo, com uma pintura muito antiga, em taboa, da adoração dos Reis.

A capella da Senhora da Piedade fica no cruzeiro, e esta foi a

---

[1] Ainda presentemente se realisa a festa annual do Espirito Santo, no domingo d'esta invocação e na segunda feira seguinte, com grande con correncia de povo dos concelhos de Cintra e Cascaes.

antiga ermida onde o P.e Fr. Vasques lançou a primeira pedra a este edificio. A mais obra que se fez n'este mosteiro, se continuou ficando esta capella permanente para memoria d'este principio. A imagem da Senhora é de pintura, e tem esta capella uma pedra com um letreiro gothico que diz:

Era do nascimento de Jesus Christo de 1452, dia de S. João Baptista, se começou a cantar nesta Capella de Santa Maria edificada n'este nosso Convento de Peralonga huma Missa in perpetuum *pelas almas dos*



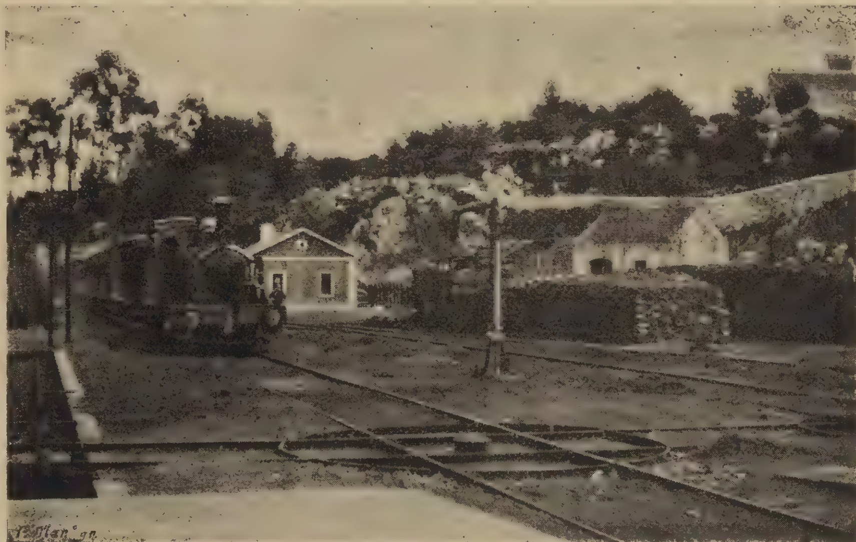
70 — *Typos de saloios*
Photographia do sr. João Moreira

mui virtuosos Senhores, e sempre virtuoso Rei D. João I e da Rainha D. Filippa sua mulher, cujas almas Deus tem, e por todos os seus filhos, filhas, netos e netas que delles descenderam para sempre. Por Antonio Asis, creado dos ditos Senhores, e Capellão mór que foi do dito Rei D. João, e Priol de S. Martinho de Lisboa, fez muitas esmolas a este Mosteiro, pelas quaes o Priol Fr. Clemente com todo o Convento por campa tangida Cabido fazendo segundo seo costume se obrigárão por si e seus successores a ter e manter como dito he a dizer cada dia huma Missa pelas almas dos ditos Senhores, e pela alma do dito Antonio Asis e pela de seu padre e madre, e por todos a que obrigado he, isto por reconhecer a nobre criação e mercê que delle recebeo, o qual se manda sepultar nesta Capella. Escrito em Peralonga por memorial 10 de Julho era sobredita.

A capella mór é em fórma de cruz, com um zimborio rotundo; na parte onde se cruza tem oito janellas rasgadas de vidraça que a fazem muito alegre. Remata a parte de fóra com o Archanjo S.

Miguel, de marmore, de perfeita estatura, com a espada e escudo em que tem gravadas as letras Q. U. D. *(Quis ut Deus).*

Tem na entrada d'esta capella mór os quatro Evangelistas, em peanhas que sobresahem da cantaria, e na mesma correspondencia cinco figuras de marmore, de cada lado, representando os Apostolos, por baixo dos quaes ficam vinte e dois cenotaphios, onze de cada parte, de fórma quadrangular, mettidos na parede,



71 — ***Sahida do tunel da estação de Cintra***
Photographia do sr. João Moreira

Deu El-Rei D. João III, esta capella mór a D. Ignez, de *, para sepultar ao conde 3.º de Monsanto, D. Pedro de Castro, e a todos os seus descendentes, de quem era jazigo, com a condição de largarem o padroado da capella dos reis, como consta de uma escriptura feita em Peralonga, em agosto de 1542.

O claustro d'este mosteiro tem quatro lanços, todos azulejados, e uma fonte no meio que lança agua por quatro bocas. Em um de seus lanços, entre a porta da egreja e a da sacristia, ha um letreiro que diz a obrigação que este mosteiro tinha de dizer tres missas cada semana *in perpetuum* pelas almas de D. João III, D. Catharina sua mulher, D. Sebastião seu neto, e pelos reis seus successores, que instituiu fr. Braz de Barros.

Em um dos outros lanços está o refeitorio que toma todo o seu comprimento. Sobre a meza travessa está um painel pintado a fresco, que tomava toda a largura da parede, do banquete que

Christo deu no deserto; e o menino que trouxe os dois peixes, o fizeram, retratando n'elle D. Sebastião.

Succedeu, conforme a tradição dos antigos monges d'este convento, que na occasião em que elle estava em Africa, se abriu esta parede onde estava o seu retrato, que se fez estando elle n'elle, e o Cardeal seu tio, que mandou fazer este refeitorio. Estando os monges no refeitorio se abriu a parede com estrondo, ficando partida a cabeça do retrato, que os pintores fizeram tendo o presente; e na semana seguinte chegou a nova da perda da batalha de Alcacer Quibir, e da sua morte.

No outro lanço do claustro ha uma capella com porta estreita, e tecto de abobada, com um retabulo de talha dourada, e uma imagem de Christo atado á columna; foi antigamente pintada esta capellinha de brutesco pelas paredes, onde teve este letreiro:

«*Aqui jaz Fr. Miguel de Valença, filho d'esta Santa Casa e Prior. Foi Provincial de toda a Ordem do Nosso Padre S. Jeronymo. Foi Confessor de todos os Principes deste Reino que houve em seu tempo, dos quaes foi muito favorecido e estimado por suas letras e eminentes virtudes.*

Estando a Rainha D. Catharina e a Infanta D. Maria em Alemquer por causa da peste, e elle por este respeito no Mosteiro do Mato falleceo nelle, e por mandado da Infanta foi trazido a este Convento e enterrado n'esta Capella, a qual mandou fazer aqui a mesma Infanta. Anno 1569.»

Quando se reformou, querendo-se ladrilhar, foi conveniente que o official cavasse no pavimento, e estando fazendo esta deligencia para assentar o lagedo, sentiu debaixo da terra, onde estava o corpo do Padre Fr. Miguel, dar tres pancadas para cima muito grandes; largou medroso a ferramenta, e sahindo ao claustro gritou a grandes vozes, ao que, acudindo os religiosos contou o succedido, e não continuou mais em cavar sem que lhe assistisse um monge.

Tem outro claustro de abobada por cima, para o qual se sobe por uma escada de pedra que vae de uma casa, que fica junta ao claustro de baixo.

D'este claustro se entra para a sala do Capitulo, que tem um altar com uma pintura muito antiga em taboa, do Espirito Santo descendo sobre os Apostolos; tem mais os retratos d'El-Rei D. João I, o fundador, D. Sebastião, bemfeitor do mosteiro, e de varios venerandos da Ordem.

D'esta casa se entra no dormitorio que tem 316 palmos de comprido, e 15 de largo, obra do infante D. Luiz. N'este dormitorio está um pequeno corredor para o claustro de cima, onde estão duas

casas com janellas para o *Tanque dos Adens;* uma é a cella prioral, e outra a livraria. N'estas duas casas que são obra do Cardeal Rei, assistiam, além d'elle, o infante D. Luiz e El-Rei D. Sebastião, quando vinham divertir-se a este mosteiro.

Tem uma escada de pedra que finaliza junto da que vae para o Capitulo, que é a principal entrada d'este mosteiro, ficando-lhe anterior um alpendrado que tem por cima a cella prioral e a livraria, a qual tem 20 palmos de largura, e 47 de comprimento.

N'este alpendrado está um letreiro que diz:

«*Na era de 1627 em o 1.º de Dezembro ao meio dia houve uma cheia que alagou todo este Convento até á altura d'esta pedra.*» (Mais de seis palmos).

Não consta que depois d'esta cheia houvesse outra se não em tempos antigos, da qual trata o padre fr. Antonio de Beja em um tratado que fez contra o juizo dos astrologos, que dedicou á rainha D. Leonor, terceira mulher d'el-rei D. Manuel; que se imprimiu em Portugal, de letra gothica, e se conserva na livraria d'este mosteiro, junto com outro que escreveu de Politica.

Diz este padre que, no anno de 1518 houve uma tão grande cheia a 23 de janeiro, que rompeu os muros da cêrca por sete partes, de maneira que alagou todo o mosteiro, e correndo ao mar arrasou a ponte de Cascaes; do que o dito padre diz fôra testemunha.

Além da agua tem tido tambem por grande inimigo este convento o fogo, que, pegando na serra, se tem visto entrar no cerco, e queimar todas as arvores.

Sahindo do mosteiro para a parte do cerco se descobre um pateo onde antigamente houve um pomar.

Da parte esquerda da estrada fica a celebrada *Fonte da Porca*, cuja agua é admiravel para os achacados de pedra.

D'este pateo se entra por uma porta de grades de ferro para outro pateo lageado, que tem no meio um lago em que andam os adens; n'este tanque estavam sempre estas aves, que tinham rendas para o seu sustento, que lhe deixou o Cardeal Rei, o qual estando á janella da casa onde assistia, ouvindo-as estar gritando, perguntou a um fr. Antonio, monge d'este mosteiro, (a quem fazia mercê, e elle lhe dizia algumas galanterias):—Que dizem os adens? Respondeu-lhe o padre que pediam de comer; e o Cardeal lhe mandou dar uns tantos moios de pão para seu sustento, os quaes se ficaram sempre pagando.

N'este claustro, no lanço que fica defronte da porta do mostei-

ro, ha uma porta que dá em um taboleiro de arvores de espinho que se chama o *Jardim do Cardeal Rei*, o qual tem tres fontes: uma que chamam das *Lagrimas*, por ser uma gruta onde se vê um penhasco que se despenha em agua, na fórma de lagrimas, que cahem em um tanque, dentro da gruta. Tem outra a que chamam a



72 — *Cintra: A cadeia e o antigo mercado*
Photographia antiga

Fonte de Moysés, por nascer de uma pedra correndo de uma fenda, a qual é adornada de assentos em circumferencia, e com embrechados de conchas. A ultima corre em um tanque que tem no meio um pilar de jaspe, por onde sae com muita força

N'este jardim ha um alto que lhe serve de eirado, de parapeitos, de onde se vê o mar, e no fim tem uma ermida.

N'este claustro está uma porta com grades de ferro que conduz ao cerco, que é bastante grande, quasi todo plano, com ruas mui compridas de murta e louro, e com muitas arvores silvestres, um grande pinhal e um bom pomar. Passam-lhe pelo meio dois rios que o tornam muito fresco.

A' direita da porta, em alguma distancia, fica uma plataforma, para a qual se sobe por poucos degraus de pedra, onde estão dois tanques, ficando entre elles um claro de pouca distancia de um ao outro.

Cada um d'elles tem o seu pilar de jaspe ao meio, começando



73 — *Cintra: Paizagem de Valle de Flôres*
Photographia do sr. João Moreira

em quadrado, e terminando em redondo, rematando com um chapéo redondo por onde deitam agua em abundancia, que desce em fórma de manga de vidro. Esta plataforma é quadrangular, tendo de uma e outra parte assentos com espaldares.

Defronte da entrada, na ultima porta d'este quadrangulo, se sóbe por uns degraus de pedra a uma casa que se fórma em quatro arcos, que sustentam um zimborio rotundo, ficando tres arcos na circumferencia em que remata o zimborio, e o quarto aberto, que serve de porta por onde se entra.

No meio tinha uma fonte de pedra vermelha, (que era a que está na fonte da Porca), com um tanque, com uma columna de jaspe de cinco palmos, pela qual lança agua á altura de duas varas. Tem nos lados d'esta casa, assentos em meio circulo.

Pela parte de fóra ha muitas arvores silvestres que fazem sombra a toda esta obra, junto da qual está uma ermida da Senhora

da Annunciação. Chamam-se estas obras do Cardeal-Rei, porque elle as mandou fazer.

Para a parte do sul, quasi no meio do cêrco, fica a obra do Nuncio Zambucano, que consta de uma ermida de S. João Baptista, cercada de fontes que desaguam em um grande lago; cujas obras reparou e ampliou Fr. Agostinho de Quadros, prior d'este convento.[1]

Têm florescido muitos monges d'este mosteiro em letras e virtudes, contentando-nos de nomear aqui os nomes de alguns para não sermos fastidiosos, remettendo o leitor ás chronicas que relatam de suas vidas.

Entre estes farei menção do padre Fernandianes, ou Fernando João, natural de Coimbra, e companheiro do P.e Fr. Vasco primeiro fundador.

O P.e Fr. Diogo de Murça, natural do Algarve, graduado em Theologia pela universidade de Louvaine,[2] mestre e aio do infante D. Duarte, filho d'el-rei D. João III, e reitor da universidade de Coimbra.

O P.e Fr. Miguel de Valença, cujo epitaphio já copiámos.

O P.e Fr. Brás de Barros, primeiro bispo de Leiria, de que falaremos quando descrevermos o mosteiro da Pena.

O P.e Fr. Francisco do Espirito Santo, que falleceu aos 94 annos de idade, e outros.

A pouca distancia d'este mosteiro está uma gruta de crystalisação, que antigamente foi fechada, e que foi descoberta, segundo

---

[1] Pela extincção das ordens religiosas em 1834, o convento de Penha Longa, com a sua cerca e dependencias, foi incluido no numero dos «bens nacionaes», e mais tarde arrematado pelo abastado capitalista Thomaz Maria Bessone, que ali residia no verão, dando festas sumptuosas.

Decahido este opulento proprietario, adquiriu-o o não menos abastado capitalista Sebastião Pinto Leite, já então visconde de Gandarinha, e mais tarde conde de Penha Longa, que, gastando largamente os seus avultados rendimentos, transformou o antigo mosteiro de Nossa Senhora da Saude de Penha Longa, n'um sumptuoso palacio, e a sua cerca n'uma verdadeira quinta modelo, que deixou a perder de vista todas as quintas regionaes do paiz, não só no que dizia respeito á applicação das mais modernas e aperfeiçoadas machinas agricolas, mas ainda no escrupuloso apuramento das raças cavallar, bovina, e suina.

Por morte do conde de Penha Longa, esta propriedade esteve por algum tempo na posse d'um dos seus herdeiros o conde dos Olivaes e Penha Longa, voltando pouco depois ao poder da condessa de Penha Longa, viuva, na posse de quem ainda se encontra.

[2] Universidade Catholica fundada e sustentada pelo clero, na cidade de Louvain, da Belgica.

me affirmam, (por constar de memorias antigas), por um monge d'este convento no reinado d'el-rei D. João III.[1]

Desce-se para esta gruta por uma porta, (que n'outro tempo serviu para a guardar), que está a sete ou oito pés de altura, com



74—*S. Pedro de Cintra*
Photographia do sr. Alipio Alves

ajuda de uma escada de mão; logo em baixo ha um pequeno largo, d'onde segue uma mina pela terra dentro, pela qual é necessario em parte ir de rastos, e vae terminar em outro pequeno vão.

Pela parte superior ha uma fenda por onde o sol, penetrando os seus raios com um effeito maravilhoso, torna fulgente esta casa crystalina.

E' lastima que o genio devastador de alguns visitadores, tenha em parte destruido o fantastico tecto d'esta estancia

As aguas que lhe entram julgo terem formado para o lado esquerdo, onde parte um ramo da gruta, e onde parece mais escavada, algum deposito, porque os visinhos têm por costume avisar aos

---

[1] Esta gruta está situada no concelho de Cascaes, na propriedade denominada de Portocôvo, e pertence actualmente ao dr. Feliciano Gabriel de Freitas.

Proximo, na tapada que foi de Francisco Izidoro Vianna, formosissima propriedade que hoje pertence ao conde de Valle Flor, foi ultimamente descoberta uma outra gruta, bem mais formosa e de mais facil accesso, que muitos visitantes julgam ser a de Portocôvo, hoje parece que esquecida.

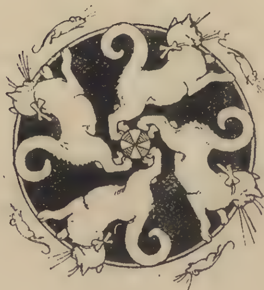
curiosos de evitarem um poço, que asseveram existir n'aquella mina.

Ha nas faldas da serra um pequeno logar entre brenhas, chamado o Cubello,[1] d'onde se avista o mar, e parte do rio de Lisboa, em dias em que as nevoas o deixam descobrir.

Ora avulta acolá, Castello annoso
Em fragosos cabeços que tyranno
Do territorio e dos vassallos medo
Com suas ameias ao Céo accomettia
Què em tempos de terror, discordia, sangue,
Viu lançadas mortaes, viu gentilezas
De nossos invenciveis Cavalleiros.

---

[1] E' o sitio que se refere na nota (a), pag. 23.





IX



ESTE castello vulgarmente conhecido pelo nome do Castello dos Mouros, cujos vestigios e ruinas de muralhas se veem na parte occidental da serra, sobre enormes calhaus.

Qual foi a raça de dominadores que primeiro o ergueu, é o que se não póde asseverar em tanta antiguidade; mostrando comtudo as suas muralhas, isto é, o que d'ellas resta, que por differentes mãos foram construidas, sendo em parte de uma argamassa mui solida, igual á que se encontra em todos os vestigios de obras lavradas pelos sarracenos.[1] O certo é que no tempo d'estes existia, pois consta que D. Sancho I o reformára, ou por causa de ruina procedida na sua tomada, ou por causa de ou-

[1] Pretendem alguns que este castello tenha sido edificado pelos Turdulos, no anno do mundo 3382, e mais tarde reedificado pelos mouros, no anno 713 da nossa era, depois da batalha que perdeu D. Rodrigo, o derradeiro rei dos Godos, contra Tarifa Abenzaca, nos ferteis campos de Andaluzia. Foi reformado por D. Sancho I, e mais tarde, em 1373, D. Fernando I guarneceu-o completamente, conservando-se assim até 1383, sendo seu governador D. Henrique Manuel de Vilhena, conde de Cêa e Cintra,

tro accidente, isto por carta passada ao anadel e besteiros de Cintra, em que os isenta de pagarem ensacas e entalhas, nem outra cousa nenhuma, salvo no fazimento e refazimento dos muros; ordenando aos Alvazis e Veedores que lhe cumpram; e a qual confirmou seu bisneto em o anno de 1336.

Outr'ora suas torres alterosas, sustentadas no cume das montanhas, orgulhosas da sua solidez, pareciam demandar o céu, e talvez o pensamento vaidoso do homem que as levantou,—o homem, atomo imperceptivel, ephemero e passageiro na cadeia das destruições, julgou que afrontaria centenares de seculos a obra dos seus trabalhos.

Fragil e quebradiça como o ente que a ergueu, que poder podia ter contra a vontade d'Aquelle que fez a terra com seu poder, poz em ordem o mundo com a sua sabedoria, e estendeu os céus com a sua prudencia!

Deus pensou, e digamol-o assim, ao écho do seu pensamento, o raio vibrado cahiu de entre as nuvens, e enchendo com o seu tremendo fragor os valles cumvisinhos, derrubou por terra essa erguida torre, outr'ora talvez atalaia d'onde o vigia mouro espreitava cauto, (qual timido coelho), não se avisinhasse de seus muros, favorecidos da obscuridade da noite, alguma turba d'esses cavalleiros semi-monges corredores de aventuras.

Durante o silencio da noite tudo lhe augmenta o medo e receio, o vento repentino que se levantou e sacode as folhas outomniças, cans d'esse ancião dos bosques, d'esse carvalho enrugado, o disperta; o corvo que se roçou por aquella mouta, proxima dos muros do castello, lhe representa que o inimigo se avisinha.

Elle julga ouvir ao longe o tropear dos cavallos, e aquelle fogo que lá em baixo na planicie, aquenta uma quieta familia, á roda do qual o ancião da casa conta a seus filhos, ou lendas de santos, ou historias antigas, se lhe afigura signaes em um acampamento de sitiadores.

Mas para que são tanto sangue debalde desparzido, tantas mortes, se todos jazem, e a mesma morte veiu a este castello *(mors etiam monumentis venit)*.—A terra abalada nivelou com os seus ali-

---

que tinha o castello por parte da rainha D. Leonor, viuva de D. Fernando I.

E' a partir d'esta data que as chronicas deixam de referir-se ao *Castello dos Mouros*, que o discorrer dos seculos foi convertendo até que em 1839 el-rei D. Fernando propoz á camara tomá-lo de aforamento, como effectivamente tomou, pelo foro annual de 240 réis, em 16 de dezembro de 1839.

cerces a maior parte de suas muralhas! Orgulhoso theatro de mortes, testemunha de tantas vicissitudes de imperios,a quantas nações tens curvado o seu collo altivo!

Poisou sobre tuas ameias a aguia ensanguentada do Tibre; arvorou em tuas torres o seu pendão o visigodo feudal; o arabe oriental as suas meias luas, e na tua esplanada plantou a palmeira do deserto como em terra da patria; cedeste emfim as quinas sagradas sempre vencedoras; mas, quem sabe... cerremos um escuro véu sobre um futuro tenebroso!

Hoje que resta de ti? Um cadaver de ruinas que o povo povoa d'esses fantasmas tão conhecidos entre nós com o nome de mouros e mouras encantadas, o qual está persuadido que aqui existem thesouros encantados, e que um rei aqui foi sepultado com todas as suas riquezas em um sarcophago, e que é guardado por genios malfazejos.

Tradição popular, tão antiga, que já existia no tempo de Gil Vicente, que assim d'ella faz mencão no seu *Triumpho do Inverno.*

A serra de Cintra que fala:

Eu tenho muitos thesouros
Que lhe poderam ser dados,
Mas ficaram encantados
D'elles de tempos de mouros,
D'elles dos antepassados.
....
Hum filho dos Reis passados
Dos gentios Portuguezes
Tenho eu muito guardado
Ha mil annos e tres mezes,
Por um magico encantado;
E este tem um jardim
Do paraizo terreal
Que Salomão mandou aqui
A um Rei de Portugal;
E tem no seu filho alli.

Se a desvairada imaginação do vulgo collocou fantasmas n'estas ruinas, a natureza sempre fertil em reproduzir contrastes, plantou os attributos de paz n'este sitio de guerra; semeou com as doces illusões da vida, o logar da morte.

Nessa outr'ora mortifera seteira foi a andorinha tecer o seu ninho; n'essa esplanada, theatro de gentilezas de antigos cavalleiros, pasteja hoje o pacifico boi; n'essas torres meio derrubadas,

outr'ora guarida de sarracenos, se senta a dama fatigada, o viajante curioso, e d'alli espairecem os olhos sobre a amena veiga de Collares, sobre esse mar que rebrama ao longe... esse mar que já tremeu debaixo dos pés dos portuguezes!

Recua o pensamento a melhores tempos a seculos de gloria



76—*Burro e burriqueiro*
Photographia do sr. João Moreira

que passaram e mais não voltarão, e ainda quer n'essas ondas distinguir o rasto que deixou o argonauta portuguez, quando desferindo ufanas vellas foi quebrar as furias do Adamastor, bater ás portas do Oriente!

Lá se avista a foz do soberbo rio; nem uma vella se enxerga que o desmande, nem uma lhe oprime o dorso, que n'outro tempo gemera com o peso de tantos soberbos galeões que traziam da Africa, da Asia e da America as riquezas e commercio.

Hoje, por dourada garganta, vomitas prodigo as riquezas que enguliste!

Mas, voltando ao castello: era elle fortificado e defensavel no anno de 1383, quando Lisboa esteve cercada pelos castelhanos na época do levantamento do Mestre d'Aviz; e governado então por parte dos castelhanos, por D. Henrique de Vilhena, conde de Cêa.

O Condestavel, depois de o ter tornado com trezentas lanças, á vista do governador, que n'elle se tinha fechado, se recolheu tendo feito muito damno, e uma preza consideravel.

Para este castello, que se compunha de cinco torres de que ainda estão as ruinas, e mais concavidades de que está minado, e é facil acha-las quando se examinam, sobe-se indo rodeando a cerca



77 — *Festas da Senhora do Cabo, em Cintra, em 190*

Photographia do sr. Alipio Alves

do convento da Trindade, e se entra para elle por uma porta pequena, á mão direita.

A pouca distancia se encontra outra porta, na segunda muralha do castello, que tem onze palmos e meio de altura, e é a principal, encostado á qual se acha um reducto com tres columnas de cada lado para a parte esquerda, e tem o comprimento de cem palmos.

Logo se encontra uma antiga ermida, que se suppõe ter sido mesquita de mouros, a qual serviu de freguezia, (depois de tomado o castello aos mouros), com a invocação de S. Pedro de Canafe-

rim; na capella mór se via antigamente um vestigio de S. Pedro, pintado.

Tem a dita ermida, na capella mór, trinta e dois palmos de largo e vinte de comprido, com uma inscripção arabe á roda, em muitas partes extincta.

O corpo d'esta ermida está todo descoberto e tem quarenta e nove palmos de comprido; a porta principal fica ao poente, e da banda do sul tem outra, pequena, e uma janella fronteira. Além da imagem pintada no altar mór, havia outra de pedra, que ainda existe na ermida de Santa Eufemia.

A pouca distancia da ermida se acha um deposito de agua, a que Murphy chama sala de banhos dos mouros[1], vulgarmente conhecido por cisterna dos mouros, distante das primeiras tres torres trezentos passos; entra-se para ella por uma porta pequena que tem dois degraus, e para o lado esquerdo tem outros dois degraus, que estão mettidos dentro da agua.

E' esta cisterna coberta de abobada com tres arcos, e se acha com duas fendas, arruinada, por onde se vêem as suas aguas, que são de um excellente sabor; e tem de comprimento sessenta e tres palmos, e de largo vinte e seis; é esta fonte o primeiro objecto de quem vae vêr o castello, pela eminencia em que fica, e ser o seu

---

[1] Não só Murphy, mas ainda outros escriptores suppõem que esta cisterna tenha sido um grande banho mourisco, abobadado.

A este respeito escreve Camillo Castello Branco, n'uma das suas notas á *Formosa Lusitania*, de Lady Jackson, que tambem cahiu no mesmo erro:

«Peço venia para não acceitar a applicação que estrangeiros e nacionaes lhe deram. As cisternas em castellos não eram casas de banhos: eram depositos de agua potavel. Sinto descrer d'essa reputação de limpeza concedida aos mouros por equivoco. Os agarenos eram uma raça tão suja que derrubaram as luxuosas thermas romanas que encontraram na Peninsula.»

Já Camões os invectivou de *tôrpe gado*.

Ajuize-se dos mouros suburbanos de Lisboa, pela limpeza dos saloios, seus representantes actuaes.

A lenda popular de que as filhas do crescente se lavam e penteam, por noutes de S. João, no espaldo das montanhas, mirando-se no crystal das correntes, quer significar que ellas, posto que tivessem nomes lyricos, Haydés, Fatimas e Zuleikas, apenas se lavavam uma vez cada anno.

Isto pelo que respeita á mourisma pura; quanto ao que é d'outra raça mais aceada, a mozarabe, veja-se o que decide o sr. dr. Theophilo Braga, que é capataz no assumpto, e leva de poz si a admiração de toda a gente, segundo a phrase do Apocalypse:

Et admirata est universa terra post bestiam.

nascimento tão abundante[1], que no verão se lhe não conhece diminuição em suas aguas que se encaminham ás fontes do palacio real.

Está bastantemente entulhada de caliça, e de pedras que lhe lançam dentro.

Indo para a primeira torre se encontrava uma tulha, que tinha cinco palmos e meio de diametro, por onde dizem que havia uma estrada encoberta, que ia até Rio de Mouro[2]; e para a parte direita se divisava o signal de uma porta, por onde, dizem, era a dita entrada.

Ao pé d'esta primeira torre estava outra tulha quasi entupida, e no fim da quinta torre outra, e duas mais depois de sahir pela porta da Traição, por onde, segundo a tradição, os nossos valorosos portuguezes conseguiram ser senhores do castello, e as quaes têem communicação uma com a outra.

Esta torre se achava muito arruinada por causa d'um raio que n'ella cahiu; subia-se ao alto d'ella por uma escada, muito arruinada tambem, que se achava dentro da dita torre, a que se chamava da Homenagem, cuja abobada, logo quando se entrava, estava suspensa no ar. Pelo terremoto de 1755 ficou quasi toda demolida, assim como a maior parte dos muros d'este castello se demoliu em partes.

A segunda e terceira torres ficam em distancia da primeira, sendo todas de uma argamassa muito forte.

A quarta torre, que está antes de chegar á porta da Traição, era mais formosa, e se chamava Torre Real, onde se punha o estandarte regio[3]. Subia-se para ella da mesma forma que para a terceira, á roda da muralha, por mais de quinhentos degraus, muito arruinados. Tinha a sua entrada por um buraco grande que havia na dita torre defronte do nascente, e dentro d'ella, por cima do buraco, tinha uma janella da altura de doze palmos, e defronte um pedestal da mesma materia de que é a sua fabrica, onde se arvorava a bandeira, arruinado quasi todo, porém mostrando nos vestigios que tinha sido feito para este ministerio.

---

[1] Affirma o sr. Franzini, nas notas ao exemplar que nos foi dado examinar, que «não existe nascimento algum, sendo uma verdadeira cisterna, na qual se recolhem as aguas da chuva, que descem pelas encostas adjacentes.»

[2] A casual descoberta, ha alguns annos, proximo do Ramalhão, de uma galeria subterranea, entulhada a curtas distancias pelo abatimento do solo, parece confirmar esta tradição.

[3] Tambem no dizer do Abbade de Castro, se arvorava n'esta torre a *Sina* (bandeira real), e por isso conservou o nome de torre real.

Distante alguns passos se vê a porta da Traição, remate do castello, e que está para a parte do poente; é muito pequena, e com difficuldade cabe uma pessoa por ella.

Era este castello duas vezes no anno guardado pela gente do termo de Cascaes, que n'elle vinha assistir; de noite faziam fogos para signal de que n'elle estavam, por cujo motivo lhe era concedido o privilegio de pagarem só meia jugada [1].

O primeiro governador, ou alcaide-mór, de que acho noticia, foi Ruy Fernandes, o qual confirma o foral de Cintra — «Ruy Fernandes, Pretor Sentra confirmo.»

O segundo de que tenho conhecimento foi Gil Martins, mordomo-mór d'el-Rei D. Affonso III, como consta do foral de Beja, onde, entre outros confirmantes, vem o seguinte: — «D. Gil Martins, Mordomo da Corte, teente Sentra — na era de 1292» (An. 1254). D'este Gil Martins se acham memorias desde a era de 1291 (An. 1253) até o fim da era de 1299, (An. 1261) no Real Archivo.

Na confirmação do mesmo foral de Beja, feita por El-Rei D. Diniz, sem data, entre outros confirmantes se acha o seguinte: — «Pedro Eanes portel teente Sentra». D'este Pedro Eanes se acham memorias sem designação de logar ou emprego, desde a era de 1308 (An. 1270) até á de 1344 (An. 1306).

No reinado d'El-Rei D. Fernando foi alcaide-mór d'este castello Pedro Affonso [2], e no de El-Rei D. João I estava este castello, no principio da sua acclamação, governado pelo conde de Cêa, por parte de Castella, sendo á sua vista torneado, como já dissemos, pelo Condestavel. Em vingança da affronta recebida pelo marido, lhe preparou a condessa sua mulher uma traição em Coimbra, onde, juntando os seus criados deu de improviso no paço, onde se achava o Condestavel, o qual, se não fôra advertido, lhe cahiria nas mãos.

D. João II fez mercê d'esta alcaidaria a Gonçalo de Azevedo [3].

---

[1] Direito real, imposto nas propriedades lavradias, ordinariamente baseado no numero de jugos ou juntas de bois, com que o colono agricultava a propriedade.

[2] Carta por que D. Fernando deu «emquanto sua mercê fosse a alcaydaria de Sintra a Pedro Affonso, morador na dita Villa, outro sy o fez couteiro das perdizes e corvos do termo da dita Villa.» 18 de novembro de 1410.

[3] Carta d'el-rei D. João II. *L 5.º de Mist. fl. 25.* No anno de 1503 fez a rainha D. Leonor, doação confirmada por elrei D. Manuel, ao dito Gonçalo de Azevedo, do concelho d'el-Rei, e do seu desembargo do Paço, da alcaidaria mór que elle tem de Cintra. com as carceragens e pena d'arma, e bem assim a coima, sangue, vento, força, pescado da alcaidaria, etc., seja verificado em seu filho maior. — *L. 5.º de Mist. fl. 25.*

Ha muito tempo que esta alcaidaria anda na casa dos Ribafrias [1].

Defronte do castello, em um monte visinho, que fica da parte do sul, está a ermida de Santa Eufemia, muito antiga; e pouco afastada da dita ermida, para a parte do norte, se acha uma fonte que lhe pertence, em cujas aguas se veem banhar varios enfermos, que por meio da sua virtude conseguem melhorar das suas enfermidades [2].

---

[1] Gaspar Gonsalves Ribafria, por carta de Filippe II.—*L. 1.º, fl. 185.*
[2] A capella de Santa Eufemia, a sua casa de banhos, cuja fama de milagrosos ainda hoje corre, merecerá mais longa referencia nas notas finaes d'este livro.



78 — ***Pelourinho de Cintra***
Segundo um desenho antigo



X



ROXIMO da ermida de Santa Eufemia, situado em outro monte, está o convento da Pena, que teve principio em uma ermida de Nossa Senhora, que, segundo a tradição, appareceu n'este logar, onde foi venerada muitos annos com o titulo de Nossa Senhora da Penha.[1]

D'esta ermida acho uma memoria do XIV seculo, pela qual consta que os priores da egreja de Santa Maria iam todos os sabbados a ella dizer missa[2].

---

[1] A historia do sumptuoso edificio da Pena, tem duas epocas distinctas, em ambas predominando dois reis faustuosos e protectores das artes: D. Manuel e D. Fernando.

Da primeira trata-se desenvolvidamente na primeira edição d'este livro que vimos reproduzindo; da segunda nos occuparemos na parte final, pois que nos daria aqui uma nota demasiado longa.

No entretanto cabe aqui dizer da origem do nome de Pena.

Affirmam auctorisadas opiniões que «da crista penhascosa em que assenta, derivou a origem e o nome», e embora Byron tivesse affirmado que Pena, vinha do *penar* dos monges, que para alli iam por seus delictos *penar*, vem nas edições posteriores do seu *Childe Harold* confessar ter errado, e embora não julgue necessario alterar os versos do seu poema, explica que *pena*, que elle diz dever escrever *peña* significa penhasco, sendo assim o convento de Nossa Senhora da Pena, o mesmo que se se dissesse de Nossa Senhora da Rocha. (I do not think it necessary to alter the passage, as though the common acceptation affixed to it is «our Lady of the Rock).

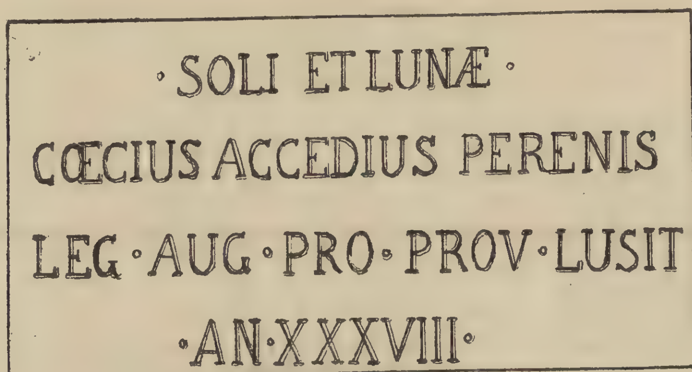
[2] Corrige o autor, no final da primitiva edição:

Eram os beneficiados da egreja de S. Pedro de Cintra que iam dizer

No anno de 1493 veiu pagar um voto á Senhora que n'esta casa se venera, el-Rei D. João II, como faz menção Garcia de Rezende.

«E em Nossa Senhora da Penha, — diz o chronista, — elle e a Rainha foram estar onze dias, por uma novena que prometteram; e estiveram muito sós porque a casa era uma bem pequena Ermida, e os que com elles estavam pousavam em tendas que el-Rei ahi mandou levar, onde se agazalhavam muito bem, e a todos se dava de comer em muita perfeição, e nos onze dias, acabada a dita novena, el-Rei e a Rainha se tornaram a Cintra.»

El-Rei D. Manuel, affeiçoado a este sitio, deu principio ao mosteiro onde estava a ermida, para a religião de S. Jeronymo, man-



79 — *Inscripção romana do templo da Lua*
(Desenho do sr. João Moreira)

dando cortar a penha a todo o custo, até que se fez uma planicie de oitenta pés de terraplanado, onde levantou de madeira este edificio que, dizem alguns, foi modelo, o principiou em 1503, e durou oito annos.

Vendo el-Rei D. Manuel que esta obra não era perduravel, a mandou fazer de cantaria e abobada, principiando-se a obra em 1511, e custou trinta mil cruzados fóra outras despezas, o que para aquelle tempo era uma grande quantia, e em breve se acabou, fazendo-se capaz de morarem n'elle dezoito monges [1].

---

a missa, e para cumprirem este encargo lhes fez el-rei D. João I, por Carta dada em Cintra a 8 de agosto de 1387, mercê de um moio de trigo cada anno.

[1] Parece que quando foi das extincção das ordens religiosas nenhum monge já existia no convento da Pena, porque as chaves estavam no con-

Tem este mosteiro entrada para a parte do meio dia, entrando-se por uma porta de grades de ferro, e logo á entrada da cêrca se vê uma fonte com seus assentos e um tanque. Seguem-se logo os apriscos do gado, horta, e uma praça onde se corriam touros.

Perto do mosteiro ha um pateo onde estão as hospedarias, com



80 — *Festas da Senhora do Cabo, em Cintra, em 1902*
Photographia do sr. Alipio Alves

a porta ao poente, a qual se fórma de um arco de pedra em meia laranja, d'onde continúa até ás hospedarias um lanço de muralhas com suas ameias, repartido em tres arcos, e cada um d'elles em

---

vento da Trindade, d'onde um religioso as levava para ir mostrar aos visitantes o convento da Pena.

De resto, parece que o numero de religiosos n'este convento nunca foi grande. Em 1789, quando Murphy o visitou, apenas lá encontrou quatro monges.

dois, que divide uma columna de ordem jonica, rematando em duas meias columnas da mesma obra, a qual se sustenta sobre um meio parapeito de parede, de altura de um homem de estatura ordinaria com seus assentos de cantaria.

Terão estas hospedarias quarenta pés de comprimento, levantando-se n'esta distancia dois botaréos que fazem um alpendre, sobre o qual está uma varanda, tendo os dois botareos tres claros, dos quaes se formam tres arcos, tendo cada um dois, porque os divide uma columna da mesma obra.

Sobre o parapeito da varanda tambem tem arcos e columnas, sendo o tecto do alpendre de laçaria de pedra, com as armas reaes nos feixos.

Da parte do norte está uma escada que entra para a egreja, cujo tecto é de laçaria de pedra, com as armas reaes nos feixos, cruz de Christo e florões, descançando toda esta laçaria em quatro meias columnas, que estão nas paredes.

E' toda a egreja azulejada de branco e verde. No meio tem uma sepultura com guarnição de pedra preta, onde se lê o seguinte letreiro :

Sepultura de D. Leonor da Fonseca
Mulher que foi de George Tibáo
e seus descendentes

E mais abaixo se vê outro letreiro que diz :

Aqui está tambem Francisco Tibáo seu filho
Fidalgo da Casa de Sua Magestade

Tem esta egreja um retabulo em que está a imagem de S. Jeronymo, e em cima da cimalha este letreiro:— *Semper vox illa sonat in auribus meis; surgite mortui, venite ad judicium.*

O outro altar, do lado da epistola, é de S. João Baptista, e no altar mór, na banqueta, está a Senhora da Pena No espaldar fica o celebre retabulo de jaspe, que passo a descrever.

Forma-se este retabulo, pela parte superior, com um arco de meia laranja, que descança em duas columnas de jaspe preto. O arco é feito do mesmo jaspe, com quadrados sobrepostos de pedra de alabastro, com suas divisões de jaspe preto de embutidos razos, com este letreiro: — *Isa. Rorate cœli desuper et nubes pluant justum, aperiatur terra et germinet salvatorem.*

Tem no fim de cada ponta ou canto, dois meninos de alabastro que sustentam dois magotes feitos d'armas, fructos e flores, que pendem d'estas pontas até o meio do retabulo.

Continua o arco com uma cimalha de azulejo listrado com um

tecto de laçaria de pedra que fecha com uma cruz de Christo, de azulejo de estrellinhas. Das duas columnas de jaspe preto se forma um nicho, em o qual se vê o nascimento de Christo, todo de figurinhas de vulto feitas de alabastro.

Descendo por este meio, entre duas columnas de jaspe preto sobresae o arco, debaixo do qual se vê o Sacrario.

Sobre este arco está uma imagem de Nossa Senhora, assentada dentro de outro nicho pequeno, com duas columnas de jaspe preto sobresahidas, e duas meias interiores, sobre as quaes se formam tres arcos de renda, de alabastro. Tem esta Senhora o Menino no braço esquerdo, e no direito um livro aberto, apparecendo a cadeira em que está assentada, mostrando que está ensinando os homens e os anjos, e d'aqui descem umas varandas até ao fim do arco em que está o Sacrario, tendo collateraes d'este nicho outros dois, um da Annunciação, e outro dos Reis, tudo de figuras de alabastro.

Debaixo d'estes nichos estão outros dois, um da Apresentação no templo, outro da fugida para o Egypto, ambos egualmente de figuras de alabastro.

No meio d'estes nichos está outro mais concavo, onde está um sepulchro de alabastro, sobre o qual se vê a imagem de Christo morto, e tres anjos que o estão sustendo, do mesmo alabastro, que são as maiores figuras d'este retabulo.

No friso da cimalha d'este nicho, que torneia por dentro, tem este letreiro:

In die illa quid stat in signum, et erit sepulchrum ejus gloriosum.

No remate das columnas tem, n'um, *Isaìas*, no outro *Cap. II.*

As bases d'estas columnas são em meia laranja, todas de alabastro, com guarnições e frisos de jaspe preto lavradas de meio relevo de folhagens. Fica este sepulchro superior ao Sacrario, o qual é em forma rotunda, sobresahindo de toda esta obra, e tem da parte direita um anjo com as armas reaes, e da esquerda outro, com as da rainha D. Catharina

É este Sacrario de alabastro; tem pela parte de fora um resguardo com zimborio do mesmo alabastro, e o Sacrario move-se pela parte de dentro em redondo, o qual tem na circumferencia seus apainelados dos passos da Paixão, de figuras em meio relevo, e em um d'elles, que é a porta, tem este letreiro: — *Panis qui de cœlo descendit*, e por baixo a era em que foi feito, que diz ser em 1531.

Os passos da Paixão que tem esculpidos na circumferencia são

os seguintes: a prisão do Senhor á columna, o *Ecce Homo*, a cruz ás costas, e o descimento da cruz, tudo de figuras.

Tem dentro o Sacramento, e quando se lhe mette uma luz, ou se põe por detraz, transparece a luz, como se fôra crystal, podendo-se com ella ler.

Sustenta-se o retabulo em umas pilastras, com umas laminas da mesma pedra, tendo da parte do Evangelho a Ceia e o Horto, e da parte da Epistola a Resurreição e a descida ao Limbo.

Da parte do Evangelho tem em uma base este letreiro:

Divæ Mariæ Virgini et matri sacratur;

e da outra parte, no pedestal do mesmo altar, o seguinte:

Joan.^s *III Emm. F. Ferdinand. nepos. Eduard. Pronep. Joan. I. Abnep. Portug. et Algarb. Rex. Afric. Ætiop. Arab. Pers. Ind. ob felicem partum Catherinæ Congugis incomparabilis suscepto Emmanuele filio Principe Aram cum signis pos. dicavitque an. MDXXXII.*

O que quer dizer: — El-Rei D. João III, filho d'El-Rei D. Manuel, neto de D. Fernando, bisneto de D. Duarte, e 3.º neto d'El-Rei D. João I, Rei de Portugal e dos Algarves, Africa, Ethiopia, Arabia, Persia, India, pelo feliz parto da Rainha D. Catharina, sua incomparavel Consorte, nascendo o Principe D. Manuel, dedicou esta obra no anno de 1532.

Custou este retabulo, cuja pedra foi extrahida da serra, quatro mil cruzados, e foi executado por um estatuario estrangeiro, chamado Nicolau, de nação franceza, segundo encontro em uma memoria antiga, e o assevera Duarte Nunes de Leão, ainda que alguns o fazem italiano.

Apesar de o seu lavor não parecer dos mais correctos, quanto ao desenho, aos modernos, nos tempos antigos gozava de grandes creditos, e pela sua boa execução fez um portuguez o seguinte epigramma latino:

Mira Manus, mirus lapis, misteria mira
Ast magis est mirus quæ bona mira fecit:
Non cælum miror non tot piacula rerum
Quanto sub æthereo cardine mundus habet:
Hoc opus, hunc lapidem, hanc artem super omnia miror,
Sunt indigna viro sed bene digna Déo.

Fizeram dadivas a este mosteiro os antigos reis D. Manuel e

a rainha D. Maria fizeram presente á Senhora da Pena de uma corôa do primeiro ouro que veiu da India, ornada com uma grande esmeralda. A rainha D. Catharina, de umas contas de ouro com uma cruz de rubins, trabalhada na India. A rainha D. Maria, mais uma alampada de prata.

Festejava-se esta Senhora todos os annos em diversos tempos. Pelas ladainhas de maio vinha o cirio de Lisboa; pelo Espirito Santo, o de Belem; por Santiago, o de Cintra e Ericeira; pela Assumpção, o do Lumiar, e a 21 de outubro, o de Santo Izidoro que fica junto ao mar, e outras muitas festas de devotos. [1]



81 — ***Esperando os visitantes do Paço Real***
Photographia do sr. João Moreira

Consta o claustro d'este mosteiro de um superior e outro infe-

[1] Todos estes cirios ha muitos annos que se não realizam; o ultimo de que temos noticia é o de Cintra, que ha mais de cincoenta annos deixou de fazer-se.

Realisava-se no dia 15 de agosto, sahindo do paço de Cintra, em direcção ao convento da Pena, e vindo d'ahi á egreja de S. Pedro de Penaferrim.

Abria o cortejo um grupo de tres anjos, entoando lôas, e empunhando um d'elles o estandarte com a imagem de Nossa Senhora. Encorporava-se grande numero de devotos, entre os quaes tinha sempre o primeiro logar a rainha D. Maria II, e algumas vezes tambem el-rei D. Fernando, que eram considerados protectores do cirio, que tinha o titulo de *real*, e de que era juiz perpetuo o principe que mais tarde devia ser o rei D. Pedro V.

rior, e na cerca havia differentes ermidas, umas feitas pela arte e outras feitas pela natureza, para onde os antigos monges se retiravam a orar.

E' este mosteiro muito sujeito aos raios pela sua eminencia, que lhe tem causado alguns damnos. Em uma pedra no campanario se lia uma oração contra os raios, escripta em versos latinos, a qual, segundo a tradição, deu um peregrino aos monges, visitando este convento.

Em dia de S. Jeronymo, a 30 de setembro de 1743, pelas quatro horas da tarde, quando os monges celebravam a festa do seu patriarcha, cahiu um raio que arruinou parte da torre, e communicando-se á egreja pela porta da capella mór, damnificou algumas guarnições de pedra de que que é construida, queimou a maior parte da armação com que estava armada a egreja, estragou o orgão, destruiu as grades do côro, e tirou da abobada algumas pedras grandes; communicou-se depois á sacristia, queimou varias vestimentas, e fez em pedaços a parte que vae para o interior do mosteiro. O que é porém singular é que, achando-se naquella casa vinte e quatro monges, e mais de duzentas pessoas, apenas o Ministro da Trindade foi ligeiramente offendido.

Entre os monges que pelo seu saber e virtude illustraram este convento, foi o Padre Fr. Brás de Barros, primeiro bispo de Leiria, filho de Valentin de Barros morgado de Amoreira, primo do nosso insigne historiador João de Barros, e tio de Gaspar Barreiros. Estudou na universidade de Louvaina [1] juntamente com Fr. Diogo de Murça e de seu conselho procedeu a fundação da universidade de Coimbra por el Rei D. João III. Foi nomeado primeiro bispo da cidade de Leiria, a qual acabava de ser erigida em bispado pelo Papa Paulo III, a instancias d el-Rei D. João III. Porém logo cinco annos depois renunciou nas mãos d'el-Rei, e se retirou a fazer vida eremitica n'este mosteiro, onde falleceu a 31 de março de 1579, e foi sepultado na sepultura que mandou fazer, ao lado da qual em umas columnas estão umas pedras com o letreiro seguinte:

«Por alma de El-Rei D. João III, que santa gloria haja, se diz para sempre em este Mosteiro huma Missa cada semana, e pela da Rainha D. Catharina, sua mulher se diz outra; e outra por El Rei D. Sebastião seu neto nosso senhor cuja vinda esperamos, a qual Deus por sua piedade lhe dará e assim sua gloria. E depois esta Missa se dirá sempre por El-Rei que em este Reino de Portugal reinar 1579. Esta Missa mandou dizer o dito Bispo.»

---

[1] Louvain. (Belgica)

Foram, além d'este, conhecidos pelas suas virtudes e letras, o Padre Fr. Francisco de Barcellos, filho natural do Conde do Prado e de D. Maria de Faria;

Fr. Braz de Olivença, natural d'esta cidade, que foi Prior de Belem, e Provincial da Ordem, o qual fez algumas obras a este convento;

Fr. Pedro de Ribafria, e Fr. Affonso de Coimbra, e outros, que não nomeio por não ser o fim da minha obra d'elles dar noticia circumstanciada, por esta existir na Chronica de sua Ordem.

Ha annos, vindo um inglez, hospede de Alexandre de Gusmão, visitar este sitio, descobriu junto d'este convento pedras de cevar [1].

---

[1] Ferro magnetico.



82 — *Carroça saloia de almocreve*



XI



A UMA legua ao poente da villa de Cintra, e a seis de distancia da cidade de Lisboa, para o noroeste, superior a um fecundo e verdejante valle, conhecido pelo nome de *Varzea*, está situada a ridente villa de Collares, a qual, pelo despenho de suas fontes, melodia das aves, temperança de seus ares, que no mais intenso ardor do estio nos fazem experimentar uma moderada primavera; mimo de suas fructas, pureza de suas aguas, com justo titulo poderemos chamar um verdadeiro paraizo na terra.

Estende-se esta varzea até o Oceano, que dista uma legua d'esta villa, onde vae desaguar o rio das Maçãs.

Corre este rio, que nasce no termo de Cintra, no logar de Lourel, de nascente a poente, e recebendo as aguas que se despenham do alto da serra, e de dois riachos que lhe entram, um junto á quinta da Breja, e outro junto ao tanque da varzea da mesma villa, depois de haver feito mover varias azenhas, e fertilisado os pomares que ficam nas suas duas margens, com suas aguas (as quaes usavam por distribuição do almoxarife, sem pensão, os povos d'esta villa), tomando o nome de Gallamares desde o sitio de Ponte Redonda, á Varzea, e d'esta até o Oceano o de rio das Maçãs, vae ali morrer na praia denominada das Maçãs.

Pretendem que o nome de Gallamares seja vocabulo corrupto de *Alaga-Mares*, por chegar antigamente a maré a este sitio, e alagar-se na sua enchente o valle.

Era então o rio, segundo a tradição antiga, navegavel, e entrava no Oceano por uma foz limpida e funda, por onde entravam as embarcações que surgiam no porto de Collares. Hoje, porém, no estio é vadiavel em toda a parte pela diminuição das suas aguas, o que procede de varias causas, sendo as principaes a agua que se reparte para a rega dos pomares, e a muita que se embebe na terra pelo impedimento das areias que se amontoaram na barra. Estas teem alli formado tantos baixos e parceis que apenas pode chegar á bocca do rio alguma pequena embarcação, e isto quasi sempre com perigo.

No anno de 1154 já se chamava com o nome de Galamar este rio no foral de Cintra, nas confrontações do termo de Cintra, n'elle descriptas.

Alem do nome d'este rio, o de alguns sitios á borda do mesmo rio de Collares, como Porto, Reconcavo, Terra Firme, Ilha, Auguaria, etc., provam não ser tão falta de fundamento a conjectura tradicional de ter o mar occupado estes campos e areaes a que ainda chamam *marinhas*, que hoje se vêem aproveitadas em vinhas e pinhaes.

O certo é que, em uma doação antiga do Reguengo d'esta villa, feita por D. Affonso II, no anno de 1255, a Pedro Miguel e sua mulher Maria Estevam, se faz menção de um porto chamado Bassa (que reputamos povoação romana), o que é digno de observação, por alli virem as confrontações, e poder precisamente designar-se o sitio.

Tomou esta villa o nome de Collares provavelmente por estar assentada sobre dois collos, ou collinas, sobranceiras á varzea. A etymologia que lhe dão o nosso celebre historiador João de Barros no seu *Clarimundo*, e o auctor da *Ulysséa*, poremos aqui, mais para recreio do leitor, do que por utilidade.

Diz pois o historiador, no romance que inventou, que esta villa tivera principio no Castello de Collir, edificado pela condessa de Compa, senhora natural da Allemanha, que residia na Dinamarca. Tendo-lhe o principe d'esta terra morto o marido, esta nova Dido temerosa das consequencias que a ameaçavam, tendo junto as suas joias, e acompanhada de alguns dos seus, e de tres filhas, tendo-se embarcado em duas náus, abordou a estas praias, e subindo o rio acima, attrahida da amenidade do sitio, resolveu fixar-se n'elle, e buscar descanço aos seus trabalhos.

Sabendo que aquellas terras pertenciam a Zeilão, senhor de

Lisboa, lhe requereu parte d'ellas para n'ella habitar, reconhecendo-se como tributaria, cujo regulo annuiu com a condição de lhe comprar a terra por cem pezos de ouro e trezentos de prata. Não tendo a condessa o dinheiro necessario, lhe deu em penhor tres collares de ouro, com a condição de que, não sendo resgatados em tres annos, ficariam pertencendo ao dito Zeilão.

Feita a compra, tratou a condessa logo de edificar com os seus o castello, ao qual, em memoria do penhor, chamou Colir, e junto a elle se construiu a povoação, que hoje se chama de Collares, do qual derivou o nome.

Vejamos agora a invenção do nosso poeta Gabriel Pereira de Castro, na sua «Ulysséa»:

Um novo Caco, por nome Phitodemo, devastava estes sitios, e n'elles habitava em uma profunda caverna, horrido covil de suas sanguinosas presas, o qual foi vencido e morto por Alcides. Divulgada a noticia da sua morte por os povos d'aquella terra, ninguem ficou sem vêr a caverna, horrivel habitação do gigante; despovoaram-se os campos para vêr o corpo ensanguentado, que arrastaram com fortissimos *collares*, erguendo-se altares a Alcides.

E o tempo gastador que tudo come
De Collares conserva o proprio nome.

Porém, deixando fabulas, e voltando á nossa descripção.

E' esta villa muito antiga; o grande numero de inscripções e medalhas aqui encontradas, não deixa logar a duvidar ter sido povoação dos Romanos.

Ignoramos como passou do dominio dos mouros para o dos christãos; um vestigio, porém, parece conservar-se no nome da calçada que conduzia ao castello antigo, que ainda hoje se chama do Albornoz.

Quem seria este Albornoz?

Seria o senhor mouro d'esta villa?

O certo é que, em tempo d'el-rei D. João III, havia em Cintra um Martim de Albornoz, pessoa de auctoridade, que exercia os cargos d'esta villa, que se correspondia com o dito rei com certa liberdade, que inculcava ter gosado da sua privança.

Tem a villa por armas um castello entre arvores, indicando estas a fertilidade da terra, e aquelle ser terra fortificada ou ganhada á força d'armas.

Do antigo castello se serviram os officiaes da Camara para os ministerios publicos; porém, fazendo gosto de viver n'esta villa Diniz de Mello e Castro, bispo que foi de Leiria, de Vizeu e da

Guarda, poude obter o dominio e posse do dito, convertendo-o em palacio, que hoje pertence a seus herdeiros.

Deu foral a esta villa el-rei D. Diniz, a 16 de maio de 1295, com o patrimonio de 340$000 réis, pagos do producto de uma finta.

No anno de 1255 fez doação do seu Reguengo de Collares el-rei D. Affonso III, a Pedro Miguel, com a obrigação de lhe plantar vinhas, e de lhe dar o quarto de todos os fructos, cujo Reguengo tinha Pedro Castelhano, da Rainha D. Urraca; porém, a primeira pessoa que teve esta villa, com os seus castellos, termos e reguengo foi o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, a quem el-rei D. João I fez d'ella doação por Carta passada em Santarem, em 20 d'agosto da era de 1423, de Christo 1385.

Quando o Condestavel repartiu as suas terras as deu a seu neto D. Affonso, conde de Ourem, o qual fez d'ellas doação a D. Izabel, filha de D. Affonso, conde de Barcellos.

Tudo consta de uma carta de confirmação d el-rei D. Duarte, feita em Santarem em 29 de março de 1433. Na mesma carta se declara que na dita doação assignaram o conde de Barcellos, como pae e curador que era do dito D. Affonso, e tambem D. Fernando, conde de Arrayolos, que, na falta de successão, havia de possuir aquella terra como irmão e herdeiro que era do conde de Ourem D. Affonso; foi a doação feita em Coimbra em 7 de novembro do mesmo anno.

Casando a senhora D. Izabel com seu tio, o infante D. João, Mestre de Santiago e Condestavel do reino, passou o senhorio d'esta villa para sua filha mais velha, a senhora infanta D. Izabel, o qual não logrou por se ter desposado em Castella com el-rei D. João II.

Por este casamento passou o dominio d'esta villa para sua irmã, a senhora infanta D. Beatriz, mulher do duque de Vizeu, e mãe d'el-rei D. Manuel, de quem este Rei a houve, e lhe deu novo foral a 10 de novembro de 1516, e, seguindo o exemplo de seus antepassados, lhe augmentou os privilegios que de tempo antigo gosava, e lhe concedeu mercê de não pagar portagem, e lhe commutou, por um estipendio annual mais suave, a pensão de quarto que pagava de todos os seus fructos.

Parece que não logrou este Rei a posse pacifica d'esta villa, porque poucos dias antes de morrer, em 20 de novembro de 1521, fez uma escriptura de contracto com D. Brites, filha do Condestavel, em que se obrigou a dar-lhe 200$000 réis de juro e herdade pela cessão que lhe fez da villa de Collares com todas as suas mantenças, direitos e jurisdicções.

No anno seguinte de 1522, no mez de setembro, mandou seu



83 — *Um interior do cottage Sassetti (Cintra)*
(Photographia do sr. Manini)

filho el-rei D. João III tomar posse d'esta villa e de seus rendimentos a Francisco de Macedo, de cuja commissão deu conta em uma carta a el-rei, que se acha no Real Archivo.

Tem esta villa, casa de Misericordia, fundada por D. Diniz de Mello com ajuda do povo, [1] casa da Camara ou Audiencia, a que preside juiz ordinario; e consta todo o seu termo de uma só freguezia, em que ha 565 fogos e 1:744 almas, [2] parochiados por um reitor apresentado pelo povo da freguezia, e é seu orago Nossa Senhora da Assumpção.

Compõe-se o districto d'esta freguezia de vinte e cinco povos, entre quintas, casaes e logares de

Almoçageme, com	115	fogos
Ulgueira, com	40	»
Atalaya, com	15	»
Azoia, com	62	»
Total	232	»

São sujeitos ao concelho de Cintra e á extincta camara de Alemquer.

Os que pertencem ao concelho de Collares, e antiga comarca de Torres Vedras, são os seguintes:

A villa de Collares, com	60	fogos
Quinta do Conde	2	»
Sarraçola [3]	1	»
Pedra Firme	1	»
Covão	1	»
Bulhocas [4]	1	»
Morrassal	1	»
Cellas [5]	3	»

---

[1] Por alvará de 14 de fevereiro de 1862, foi annexada á de Cintra.

[2] Pelo censo de 1900 tem a freguezia de Collares 3:813 habitantes. O de 1878 dava-lhe 844 fogos e 3:104 habitantes. E' curioso o confronto dos algarismos nos differentes recenceamentos da população: em 1862, a estatistica parochial dava á freguezia de Colares 886 fogos, e 3:786 habitantes: mas já anteriormente o diccionario chorographico de José Avelino d'Almeida, lhe attribuia maior numero de fogos, 996. O censo de 1864 dá-lhe 2:980 habitantes, isto é, menos 806 do que a estatistica parochial dois annos antes feita, e que só é inferior em 27 habitantes ao recenceamento de 1900!

[3] Sarrazola.

[4] Bulhões.

[5] Cellão.

Moufal [1]	35	fogos
Vinagre	3	»
Eugaria	32	»
Volta	5	»
Rio do Milho	4	»
Gigaros	8	»
Bocca da Matta	3	»
Penedo	119	»
Casas Novas	19	»
Santo André	8	»
Azenhas do Mar	22	»
Rodizio	3	»
Farol da Roca	2	»
Somma	333	»

O numero medio dos nascidos em cada um dos ultimos cinco annos, até 1820, foi de 80, o dos fallecidos 27, e o dos casamentos. 15 [2].

Confina o districto d'esta freguezia com os das freguezias de S. Martinho da villa de Cintra, S. João das Lampas, e com o Oceano, pertencendo-lhe as praias que lhe são adjacentes, e indo acabar no cabo, ou farol da Roca.

Tinha no seu districto o convento de Santa Anna de Carmelitas, e as antiquissimas egrejas de Milides, S. Saturnino e Peninha.

A pouca distancia do convento dos Capuchos da Serra, fica a antiquissima ermida da Senhora de Milides, cuja origem data do principio da monarchia

Nas ruinas de tão modesto edificio, que se diz ter sido a primeira parochia da villa, ainda se divisam os fragmentos da sua respeitavel antiguidade.

O nome de Milides lhe vem, segundo a tradição dos povos, do seguinte facto:

Vinte portuguezes meditavam uma empreza de guerra contra os mouros, ou fosse a tomada d'esta villa, ou outra qualquer facção militar atrevida; começavam comtudo a vacillar á vista d'um desproporcionado numero de inimigos, e o seu animo varonil começava a afrouxar, á vista do perigo inevitavel.

Á moda dos tempos antigos, alentavam-se com a oração n'este retiro, eis senão quando ouvem uma voz que dizia:

— Ide, que *mil ides.*

Despertados e electrisados por esta voz magica, sahem resolu-

---

[1] Mocifal.

[2] Nos ultimos cinco annos, (1898 a 1902) a media annual dos nascimentos foi de 116, dos casamentos, 28, e dos obitos 78.

tos, e aos gritos repetidos de *Milides* dão sobre os mouros, e apesar de tão desproporcionado numero, os desbaratam, e veem dar graças de tão portentosa victoria á Senhora, que d'ora em deante appellidaram de *Milides*.[1]

Aformoseiam muito a villa de Collares as differentes quintas que a cercam, ornadas de viçoso arvoredo, e rendosos pomares de espinho e caroço, sendo entre estas as mais conhecidas as do Rio de Milho, da Breja, do Duque de Cadaval, Aguas Ferreas, La Roche, Montano, e de José Dias, onde se vê um bello jogo de agua.



84 — *Convento do Carmo (Collares)*
Photographia do sr. João Moreira

[1] Pode talvez referir-se esta lenda á conquista pelos christãos do Castello dos Mouros, e esta opinião é corroborada por uma poesia firmada pelas iniciaes P.e C. J. R. que em 1894 encontramos publicada no *Tempo* n'um folhetim firmado por D. M. que diz possuir uma copia do manuscripto original.

São ainda do folhetim, as seguintes palavras:

«Ha annos tendo chegado esta antiga capellinha ao mais censuravel abandono, foi a imagem da Virgem de Milides conduzida em procissão para a parochia de Collares, aonde ainda hoje é adorada pelo povo d'estes sitios com especial devoção.

«As ruinas da poetica capella foram vendidas junctamente com os terrenos que lhe pertenciam; o seu frondoso e historico platano foi decepado e reduzido a taboado e a carvão; hoje restam apenas umas muralhas sombrias, cobertas de musgo e herva, e a historia que passa de paes para filhos, unica recordação que a mão destruidora do homem jámais poderá extinguir».

Summamente aprazivel é o sitio de Varzea, onde o rio tem uma ponte de cantaria, e se reprezam as aguas que servem para a réga dos pomares, e de agradavel recreio para aquelles que o navegam em um pequeno batel, debaixo da sombra das arvores carregadas de pomos, os quaes, indo pelo rio abaixo, quando o rio era navegavel até ao mar, deram o nome á praia onde elle vae juntar a sua humilde veia com as encapelladas vagas do Oceano, que se quebram nesta praia a que chamam das Maçãs

Proximo á sua foz ha um largo que retem as aguas que lhe deixam as marés altas.

A esta praia acodem no verão muitas familias que veem de Cintra e Collares a tomar banhos, os quaes, pela agua ser muito batida, são de grande proveito, porém se tomam ás vezes com grande perigo. [1] Um funesto exemplo se experimentou, recente, no anno de 1838. Tres senhoras que se banhavam foram ar-



85—*Quinta da Regaleira. Construcções modernas*
(Photographia do sr. Manini)

[1] Hoje a Praia das Maçãs é já uma povoação de promettedor e ridente futuro, e a que mais detidamente faremos a referencia que merece, no final d'este livro.

rebatadas pelas ondas juntamente com os banheiros; d'estas apenas uma foi arrojada morta á praia, as outras não foram mais vistas, enchendo de consternação tão lastimoso successo as familias, que n'aquelle tempo por aquelles sitios residiam.

Sobranceiro ao Oceano se eleva um enorme banco de pedra cortado pela natureza, quasi perpendicular, em cuja base as ondas batem espumosas, e refervem com espantosa furia.

Chama-se a esta muralha de pedra, que assim lhe podemos chamar, *Pedra de Alvidrar*, objecto que entre os mais interessantes disperta a curiosidade do estrangeiro que visita Cintra.

Apenas se chega ao logar de Almoçageme, é de vêr a quantidade de homens e rapazes, que, a troco do mais pequeno ganho, se disputam a primazia de descer este elevado, ingreme e lizo rochedo.

O que é o homem, ou para melhor dizer, o que é o habito!

Aquillo que não ousaria o mais destemido guerreiro o faz um povo inteiro, pela maior parte creanças, por um costume antiquissimo transmittido de paes a filhos, do qual já fez menção Duarte Nunes de Leão na sua descripção de Portugal. [1]

Arrepiam-se as carnes, desmaia o coração do espectador ao vêr o perigo imminente d'estes infelizes, que, sem mais auxilio que os pés e mãos, vão descendo pela rocha, até serem salpicados das ondas.

Ai d'aquelle a quem escorregou um pé na sua temeraria tentativa, que, precipitado no mar, pagou com a vida o seu ousado arrojo.

Admira o atrevimento d'esta infeliz gente, a quem a fome compelle a tão arriscado ganho; porém, admira ainda mais a maldade do coração humano e o egoismo d'aquelle que, por um simples passatempo, tão facilmente põe em risco a vida do seu similhante.

E' comtudo bello ver, de cima d'este penhasco, a immensidão do oceano; correr com os olhos por quanto ahi podem abranger de horizonte, e enxergar ao longe os navios que em varias direcções vão levar a diversos paizes as riquezas do commercio, e mais perto essas ***muletas*** multi-velliferas, semeadas por toda a costa, de grata vista para aquelle que aborda a foz do Tejo.

---

[1] Ainda hoje é vulgar tal costume.

*
* *

Eminente ao mar, na mesma costa, está a ermida de Nossa Senhora da Peninha, situada sobre um rochedo, o qual, por ser inferior em grandeza relativamente áquelle em que se edificou o convento da Pena, se chamou — da Peninha.

Refere-se por tradição que, no reinado de El-Rei D. João III,



86 — Cottage Sassetti
Photographia do sr. Manini

havia, no logar de Almoinhas Velhas, uma pastorinha muda que costumava ir apascentar as suas ovelhas á serra. Um dia lhe fugiu uma ovelha branca do rebanho, a todo o correr, e não parou senão no alto d'este penhasco. A este logar a foi buscar a pastorinha, toda chorosa, pelo excessivo trabalho em que a puzera.

Chegando ao alto d'aquelle rochedo viu, com admiração, uma menina muito formosa que estava junto á ovelha, a qual, vendo-a tão afflicta, lhe perguntou o que buscava; e recebendo ella aos impulsos d'esta voz soberana a fala de que carecia, lhe respondeu que esta ovelha lhe havia fugido do seu rebanho.

A esta resposta lhe disse a formosa menina que a levasse a sua mãe e lhe dissesse que lhe desse pão.

Era n'este tempo grande a falta que havia de trigo, e tambem grande a fome que todos experimentavam; e, assim, respondeu a pastorinha que sua mãe não tinha pão.

Tornou-lhe a menina a dizer que fosse, e pedisse a sua mãe pão, porque em tal arca tinha tantos pães.

Chegando a pastora a casa, já quasi noite, bradou pela mãe, que a desconheceu pela fala, porque nunca a tinha ouvido falar, e, reconhecendo ser sua filha, foi tão grande o alvoroço e a alegria que acudiram os visinhos; sabendo o successo e vendo o que a pastora pedia, lhe respondeu a mãe que o não havia; e dizendo-lhe que sim, que o tinha, a encaminhou para a arca onde se achavam os cinco ou seis pães que a Senhora lhe tinha dito; e com isto referiu todo o successo.

No dia seguinte partiram os paes e visinhos da pastora, e indo todos áquelle rochedo da Peninha, e descorrendo por todas as partes d'elle para vêr se estava alli alguma pessoa, viram em uma rotura de pedra umas pedras postas de mão, e entalhadas, que a fechavam; tiraram-nas, e dentro descobriram a imagem da Senhora que hoje se venera n'este logar.

Trouxeram a imagem para a antiquissima ermida de S. Saturnino, (de que já fizemos menção tratando da freguezia de S. Miguel) que fica alli proxima, e n'ella a collocaram; mas a Senhora que havia alli santificado o logar, deixando a ermida de S. Saturnino, foi buscar a sua penha, o que repetiu por tres vezes.

N'este idilio sagrado teve origem a veneração d'esta imagem, e o culto na devoção d'aquelles aldeões, os quaes, vendo a vontade da Senhora, trataram de lhe fazer uma ermida, ajustada com a sua pobreza.

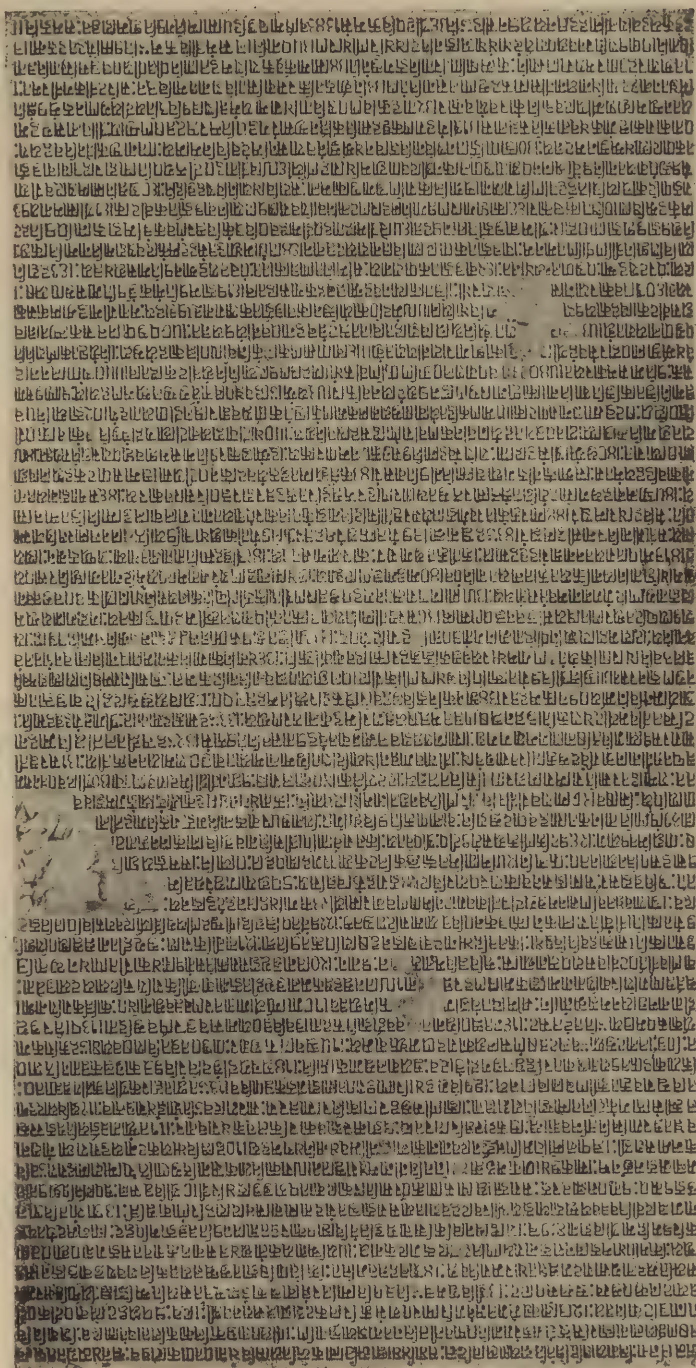
Com effeito lhe levantaram uma ermidinha de pedra secca, e na parede fronteira á porta metteram uma lagem sacada para fóra, que juntamente lhe servia de throno e altar, e n'ella a collocaram.

Arruinada a ermida pelo desabrido do logar e rigor dos ventos que alli são muito rijos, a qual estava no logar que hoje é eirado, e crescendo a devoção dos povos visinhos, fizeram outra pouco maior, porém mais capaz de resistir ao rigor do tempo, no logar onde hoje é a capella-mór.

No tempo do Cardeal Rei, pelos annos de 1579, accudiram a veneral-a muitos povos, como Collares, Cintra, Cascaes e de todos aquelles logares circumvisinhos até o Milharado, que foi a primeira confraria, [1] os quaes, com suas esmolas, fizeram outra er-

---

[1] De Milharado, no concelho de Mafra, realiza-se ainda annualmente uma romaria á Peninha na segunda semana de setembro e que é muito concorrida.



87 — Inscripção em sanscrito existente na Quinta da Penha Verde — Cintra

mida melhor, com seu altar, e outro nicho mais levantado, e n'elle perseverou a Senhora até o anno de 1673, pouco mais ou menos, em que o Irmão Pedro da Conceição, mancebo de vinte e oito annos, official de pedreiro, vindo áquelle sitio em companhia de outros moços do seu efficio, resoluto de ahi acabar a vida em serviço da Senhora, vestiu o habito de ermitão de Nossa Senhora do Carmo, e deu principio á nova egreja.

Vendo o Irmão Pedro a má serventia que havia para a ermida, que era tão escabrosa que por força se havia de subir com trabalho pelas rachas da rocha, aonde se haviam assentado algumas pedras sobre cal, a modo de degraus, se resolveu a fazer-lhe uma escada, quebrando os penedos que lhe faziam impedimento.

Constando isto aos Padres Vicentes o quizeram obrigar a que se compozesse com elles, sobre as offertas e esmolas que se faziam á Senhora, ou despejasse o sitio, porque era seu, com ermida de S. Saturnino, por uma doação que d'elle lhe havia feito El-Rei D. Sancho I, o que o ermitão impugnou, mostrando que lhes não pertencia, mas á Fazenda Real, porque partia com a dos conegos Regrantes de S. Vicente; e contentando-se já com que de fôro lhes pagassem um frango, nem n'isto quiz consentir o ermitão, que alcançou sentença a seu favor.

Os Padres Carmelitas pretenderam tambem que lhes pertencia por ser obra de um ermitão seu; vendo-se novamente vexado recorreu ao Arcebispo de Lisboa, sujeitando a ermida á parochia de S. Pedro, do arrabalde da villa de Cintra, por chegar alli o seu districto, e de cuja parochia ia todos os domingos e dias santos o capellão dizer missa, que satisfazia o Irmão Pedro.

Passadas estas tormentas continuou o Irmão Pedro a egreja, que tem capella mór e tribuna, e é de marmore de varias côres, que descobriu n'aquelles sitios, e de embutidos, em cujas obras gastou grande parte de uma herança que teve de um parente do Ultramar.

Além da obra da egreja, fez umas casas para commodidade dos romeiros; e rompeu umas terras que lhe deu El-Rei D. Pedro II, para do fructo d'ellas assentar renda para a cêra, azeite, e congrua do capellão.

Trinta e cinco annos viveu n'este retiro, onde falleceu, deixando em seu testamento trinta mil réis ao ermitão, e trezentos e sessenta alqueires de trigo ao capellão para haver alli missa.

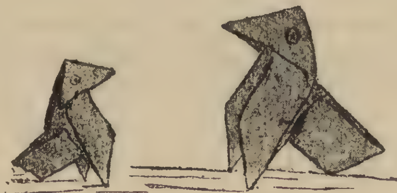
Tem a sua sepultura feita por suas proprias mãos, fóra da porta da egreja, onde pôz este epitaphio:

Aqui jaz o ermitão de Nossa Senhora da Peninha, o Irmão Pedro pede hum Padre Nosso, e huma Ave Maria, pelos bemfeitores.

A imagem da Senhora está em uma tribuna que tem o retabulo da capella-mór, a qual imagem é de pedra, da altura de quatro palmos, e tem uma mão quebrada.

Do adro da egreja se avista a dilatada e magestosa vista do oceano, que banha a base do penhasco sobre o qual está erguido o templo, e da costa, da qual são os logares mais notaveis, (além da Pedra d'Alvidrar e Praia as Maçãs, de que já falámos) os do Cabo da Roca, sobre o qual estão postados pharoes para segurança dos navegantes, Azenhas do Mar e Magoite. [1]

[1] N'um alto pincaro, perto da Peninha, e sobranceiro ao Cabo da Roca existe um d'esses curiosos monumentos megalithicos, dolmens ou antas, que se acham espalhados pela peninsnla, e se attribuem aos seus primitivos povoadores.





XII



ROXIMO da ermida de Milides está o extincto convento de invocação Santa Anna, de frades carmelitas.

Foi primeiro fundado este convento no casal da Torre, [1] antigamente chamado de Miguel Joanes, no termo de Cintra, que pertenceu a mestre Henrique, physico mór d'el-rei D. Duarte, o qual, tendo primeiro impetrado licença do dito rei para a sua fundação, que lhe foi concedida por Carta dada em Lisboa em 14 de novembro de 1436, deixou em testamento o dito casal, onde já tinha edificado uma capellinha ou oratorio, á ordem do Carmo, para por sua morte se fundar n'aquelle logar o dito convento, deixando por testamenteiro e executor d'esta sua ultima vontade a D. Fr. João Manuel, bispo de Ceuta, e capellão-mór.

Por morte do dito mestre Henrique, no anno de 1449, com

---

[1] O casal da Torre está na freguezia de S. Martinho de Cintra, e alli existem ainda vestigios de ruinas que bem podem ser as d'este convento.

auctorisação da rainha D. Izabel, mulher d'el-rei D. Affonso V, senhora da villa, passaram a tomar posse do casal o padre Fr. Rodrigo, sub-prior, com mais quatro padres, e Gonçalo Boto, em nome do bispo testamenteiro.

Nomeou logo o bispo para habitar no dito casal a Fr. Constantino Pereira, sobrinho do Condestavel, e para dar principio á sua fundação levou em sua companhia o padre Fr. João de Santa Anna, o qual passado pouco tempo se ausentou, e ficando Fr. Constantino só, deu principio á nova Fabrica, conseguindo edificar alguns comodos para os religiosos que alli houvessem de habitar.

Como o sitio fosse pouco fructifero, e desabrigado, tendo um certo Sebastião e sua mulher Ignez Esteves feito doação ao dito Constantino Pereira, para elle, seus herdeiros e successores, de uma sesmaria [1] que possuiam no logar da Boca da Mata, partindo pelo oriente com a quinta de Milides, e pelo poente com a serra, tratou logo de suspender a obra começada, e principiar nova fabrica n'este local, ficando malograda a primeira fundação.

Chamou este para o ajudar o seu antigo companheiro, o padre João de Santa Anna, e prevendo ambos que o edificio gastava tempo antes que fosse de todo concluido, construiram uma pequena ermida, com o nome de oratorio, dedicada a Santa Anna, que tomaram por orago do novo convento, onde interinamente celebravam os officios divinos, empregando-se os ditos padres em cultivar a serra, rompendo matos, plantando arvores, emquanto se não podia acudir á obra do edificio por a Provincia [2] não ter os fundos necessarios para a despeza.

N'estes exercicios se conservou o sobrinho do Condestavel, até que falleceu a 14 de fevereiro de 1465.

Morto Fr. Constantino, entregou o juiz dos direitos de Collares esta sesmaria, com a ermida, a um tal Alvares Fernandes de Abreu, escudeiro do arcebispo de Lisboa, para a gosar como sua, emquanto a infanta não julgava a quem verdadeiramente pertencia.

Mandaram logo os religiosos á villa de Collares o padre Fr. Antonio, em companhia do sub-prior, para mostrar o direito que tinham áquella sesmaria, porém não resolvendo este a duvida, recor-

---

[1] Assim se denominavam antigamente as terras, casaes ou pardieiros, incultos, abandonados ou em ruinas, e que seus donos não faziam aproveitar e valer.

[2] Conjuncto de conventos e conventuaes de uma ordem monastica n'um paiz, e que é governado pelo *provincial*, sujeito ao *geral* d'essa ordem.

reram á dita infanta D. Izabel, que lh'a mandou dar, a qual depois gosaram sempre pacifica.

Sendo eleito vigario para este novo convento fr. João Namorado, tiveram notavel incremento as obras, com alguns subsidios dos prelados, doação que lhe fizeram da herdade da Torre, com a obrigação dos padres dizerem as trinta e cinco missas, que o mestre Henrique tinha ordenado em seu testamento, e com as esmolas de alguns devotos.

Acha-se o convento edificado em um sitio ameno, em uma planicie na raiz da serra, e sobranceiro á villa de Collares, cercado de frondoso arvoredo.

Gosa ao perto da aprazivel vista da Varzea, casas de campo, pomares, e quintas revestidas de copados arvoredos, e mais longe, de logares e casaes, terminando o horisonte de um tão variado e deleitavel painel, o oceano, cujas vagas prateadas se estão vendo em distancia quebrar n'aquellas praias.

Tem a egreja a frente para o poente, e está assentada em um adro, no fim do qual se lê em letras minusculas:

O Bispo D. Fr. Christovam Moniz, Religioso do Carmo, sagrou esta Igreja até este logar no anno de 1528.

E' a egreja de uma só nave, e tem de comprimento cento e vinte palmos.

No anno de 1612 conseguiu o padroado da Capella-mór para elle e seus herdeiros, Diniz de Mello e Castro, bispo de Leiria, de Vizeu, da Guarda, e Regedor das Justiças, determinando que n'esta seria o logar da sua sepultura, sendo n'elle egualmente depositado Braz Corrêa.

No presbyterio do lado do Evangelho está a sepultura rasa do padroeiro, e na campa um escudo de armas partido em palla; na parte direita tem seis aruellas em duas pallas, e na esquerda seis besantes entre uma cruz doble. Sobre o escudo o chapeu prelaticio entre as duas insignias de Regedor e Bispo, com a seguinte inscripção:

Sepultura de D. Diniz de Mello e Castro, filho de Francisco de Mello e Castro, e de D. Brites Nobre, Bispo que foi de Leiria, de Vizeu e da Guarda, do Conselho de Sua Magestade e Regedor das Justiças d'este Reino de Portugal, falleceu aos 25 de dezembro de 1640.

No mesmo pavimento se vê a sepultura de seu irmão, egual-

mente em campa rasa, na qual na parte superior se lêem estas letras H. S. E., e mais abaixo a seguinte inscripção:



88 — *Villa Estephania — Chalet Castanheta*
Photographia do sr. João Moreira

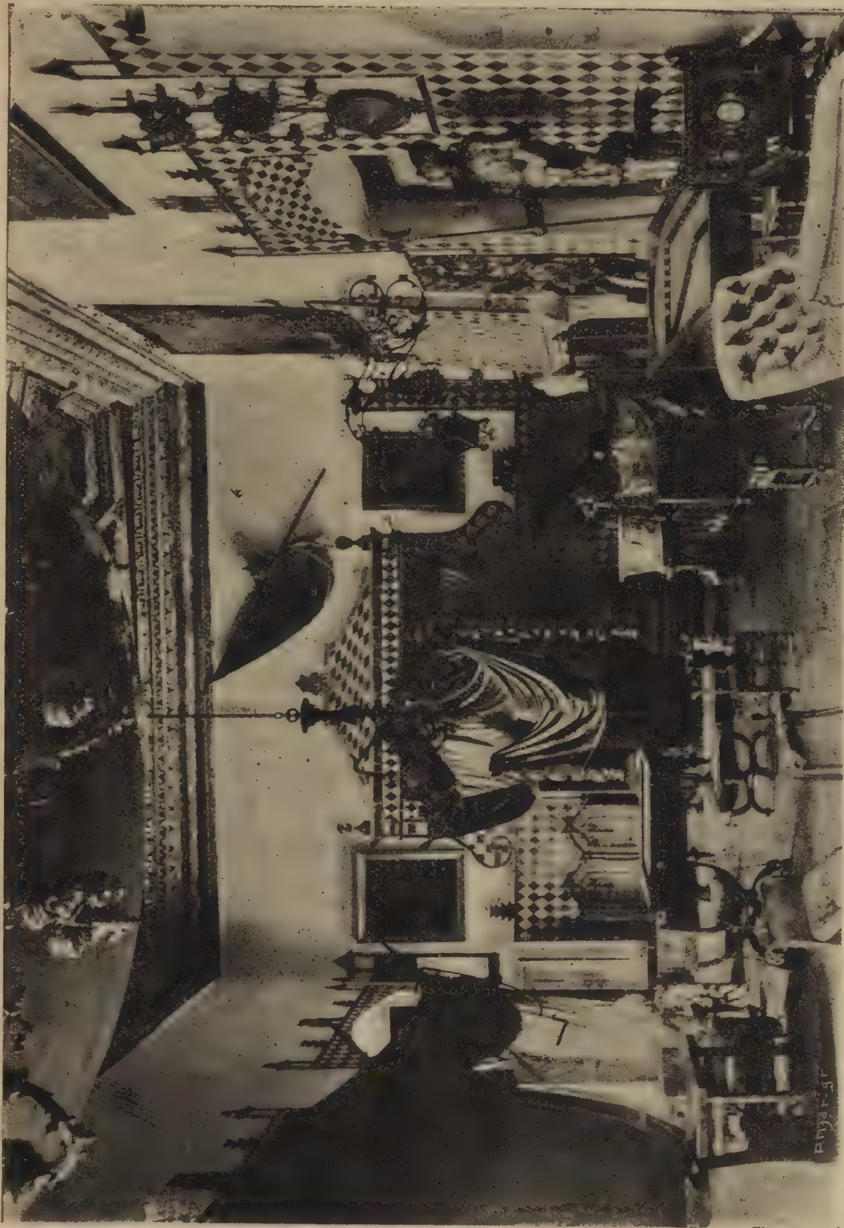
Fr. Emmanuel de Mello, Francisci de Mello de Castro & D. Beatricis Nobilis dilectus filius, Religione virtute, ac in sua singulari pietate: hanc sepulturam sibi soli œdificavit. Ann. D. 1638.

No meio de cada uma das paredes dos lados está mettido um mausoléo, ambos de pedra branca e preta, similhantes entre si na architectura.

No feixo do arco do mausoléo, que fica do lado do Evangelho, se vê um escudo fretado de correias, repassadas umas por outras, e na face da urna se lê o seguinte epitafio:

Esta Capella he de Brás Corrêa, e nella se diz por sua alma huma Missa quotidiana com seu responso; e para se enterrar a mandou fabricar e ornar, e a dotou de cincoenta mil reis de renda Diniz de Mello e Castro seu herdeiro, a quem pertence o padroado, e a seus herdeiros; e todo o direito que se contem no contrato que fez com os Religiosos desta casa, que está no seu cartorio, e na Torre do Tombo. M. P.

O escudo que está no feixo do outro arco he esquartelado. No primeiro quartel tem seis arruellas postas em duas pallas; no con-



89 — *Sala dos Cysnes, no Paço de Cintra*
Photographia do sr. Luiz Oram

trario seis besantes entre uma cruz doble; no segundo uma aguia, e no contrario um leão; timbre a mesma aguia.

Na face da urna, depois das letras *D. O. M.* tem este epitaphio.

Petro de Castro Domino de Ferreira Sanguinhedo Pareda Lostoso Castelpam de Freitas Ceixal Proefecto arcis de Melgaço & Castro Laboreiro a proarcis habitis conjugi D. Beatrici de Mello filio Francisco de Mello, ejusque uxori D. Beatrici de Mello Nepotibus Emanueli et Joanni de Mello: Dyonisius de Mello de Castro avo integerrimo, patre optimo, fratibus desideratissimis. M. F.

No meio do pavimento da capella ha um carneiro; n'elle foi sepultado, no anno de 1689, Antonio de Mello e Castro, governador e vice rei que foi do Estado da India. Em 7 de abril de 1718, foi tambem alli sepultado seu filho Caetano de Mello e Castro, commendador de S. Miguel de Azamar na Ordem de Christo, governador que foi de Sena e Pernambuco, vice-rei e capitão general do Estado da India.

Não ha outra alguma sepultura dentro d'esta capella.

No cruzeiro ha duas capellas fundas. A da parte do Evangelho, até o anno de 1706 foi consagrada a Santa Anna: n'este anno trasladaram d'ella os padres a imagem da Santa Padroeira para o altar mór, e collocaram n'esse logar uma imagem de Jesus Christo, que estava no interior do convento.

No anno de 1614 se constituiram senhores d'esta capella, onde estava o Santissimo Sacramento, Antonio Rodrigues Rocha, e sua mulher Leonor Coelho, para seu jazigo e de seus herdeiros.

A outra capella que lhe corresponde da parte da epistola, é de Santa Luzia. Em uma pedra embutida na parede, da parte do Evangelho, se lê a seguinte memoria:

Capella de Brites Vaz com Missas de obrigação conforme o contrato: a qual pagou, dotou, e fabricou da sua terça. A mais fazenda herdou este Convento por parte de seu filho o Padre Fr. Cosme dos Santos; falleceu a 7 de maio em 1614.

As paredes do corpo da egreja são azulejadas, obra que mandou fazer o Padre Mestre Fr. Filippe de Santa Thereza, sendo provincial.

Entrando-se pela portaria que fica ao norte, antes do portico, ha um atrio com tres arcos de pedra do lado exterior. No interior abre a porta para uma casa espaçosa, na qual, entre outras pin-

turas se via o retrato original, segundo a tradição do padre Fr. Constantino Pereira.

Segue-se um claustro quadrado, com columnas de pedra. Da parte direita ha uma porta, pela qual se entra para a Sacra Via onde está a capella d'onde se trasladou a imagem de Jesus Christo crucificado, para a egreja, collocando-se em seu logar outra que estava em uma ermida da cerca

Debaixo do altar se vê um tumulo de pedra de differentes côres, no qual esteve depositado o corpo de fr. Estevam da Purificação.

Na parte do Evangelho se lê um letreiro que diz:

Esta Capella he de Antonio Trancoso Corrêa e de sua mulher Maria Jacome, a qual elles fizeram á sua custa, e a dotaram da renda e fabrica, com obrigação d'este Convento lhe dizer todas as semanas huma Missa das Chagas, e huma cantada pelos Santos para sempre. Era 1612.

Fronteira a esta capella corre a sacristia, cujas paredes se achavam cobertas de paineis; defronte da porta d'esta se começou a levantar a torre, cujos sinos, são os mesmos da fundação do convento.[1] Tinham estes sua estimação dos moradores circumvisinhos singular virtude contra as tempestades, cedendo estas ao echo das suas vozes.

Por detraz da sacristia e pelo mesmo pavimento se vae para o segundo claustro. Tem este columnas de pedra entre arcos, sobre cada um dos quaes ha uma janella rasgada formando uma galeria. O quadro se compõe de um jardim com um tanque no meio.

No lanço do poente ha varias cellas em que se acommodavam os religiosos.[2] N'aquelle em que assistiu e acabou a vida o padre Fr. Estevam da Purificação se lavrou uma capella dedicada a Nossa Senhora, enriquecida de reliquias e adornada de boas pin-

---

[1] Segundo se affirma n'um artigo datado de Collares, em 1894, firmado por *D. M.* e publicado no jornal *O Tempo*, «os sinos ainda não ha muitos annos eram os mesmos da fundação do convento. Tinham elles na estimação dos moradores circumvisinhos grande prestigio, pela sua singular virtude contra as tempestades, cedendo estas quasi sempre ao echo das suas vozes».

[2] Ainda por algum tempo, depois da extincção das ordens religiosas, se conservaram n'este convento alguns religiosos. O ultimo d'elles foi o P. Francisco de Santo Elias Granja, que durante muitos annos foi capellão em Almoçageme, povoação da freguezia de Collares, e ahi falleceu ha talvez vinte annos, pouco mais.

turas, distinguindo-se entre estas uma feita em Roma, do Senhor caminhando para o Calvario com a cruz ás costas.

A ultima cella d'este lanço era a livraria, a qual se compunha de muitos volumes, dos quaes fez doação ao convento o padre fr. João Feixó de Villalobos. No outro lanço, que é o do sul, está a a casa do capitulo, que tambem servia de cemiterio para os conventuaes.

Na parte do nascente se encosta um altar, e em uma das se-



90 — *Cintra — Praça de trens na estação do caminho de ferro*
Photographia do sr. João Moreira

pulturas do pavimento está aberto em pedra rasa o seguinte letreiro:

Aqui jaz o veneravel Padre Fr. Estevão da Purificação, varão insigne em virtude.

Para o dormitorio alto se sobe por uma escada de pedra. No lanço do poente correm as cellas em que se accomodava a maior parte dos religiosos, sendo a primeira a prioral No lanço do meio dia fica a casa chamada do *fogo;* no contrario, que é o do norte, o noviciado.

Descendo-se para a cerca, pela parte que fica junta ao refeitorio, antes que se entre n'ella, ha um passeio na distancia de todo o dormitorio do poente, o qual vae acabar na parte chamada do cerco.



91—*Sala dos Cysnes no palacio de Cintra, (outro aspecto)*

No meio do muro que fica da parte do poente está uma porta, pela qual se entra em um pomar, para regar o qual entrava o convento na repartição da agua, que vem da serra com differentes applicações, entre os moradores da villa.

Utilisava-se o convento dois dias em cada semana, por mercê d'el-rei D. João III, por Carta passada em Almeirim aos 14 de dezembro de 1556.

Corre este pomar pelo declive da serra para a parte da villa a entestar com a matta de Milides, vindo acabar onde, nos primeiros tempos da fundação, esteve a antiga ermida de Santa Anna.

Deixando o pomar, e principiando a subir pelo restante da cêrca para o lado do Meio Dia, se encontra um tanque onde se recolhe a agua que vem da serra para a rega das arvores.

Na visinhança d'este tanque corre uma fonte d'agua nativa, e a pouca distancia d'esta fonte ha uma ermida, antigamente dedicada a Santo Adalberto Drepanense.

Voltando-se para o nascente, e subindo-se ao sitio mais alto da cêrca para o lado da serra, se chega a um sumptuoso tanque, mandado construir pelo Provincial Fr. Filippe de Santa Thereza, para n'elle receber as aguas do *Vimal do Duque*, que descem da serra, as quaes, a requerimento da Communidade, foram doadas ao convento por Filippe III, por alvará feito em Lisboa aos 7 de outubro de 1605, com o qual beneficio se augmentou consideravelmente a renda da cêrca.

Não tem a cêrca coisa alguma mais digna de memoria, senão uma ermida que se encosta ao muro da estrada que pela Bocca da Matta se encaminha para o logar do Penedo.[1]

---

[1] O convento do Carmo é actualmente propriedade do conselheiro José Dias Ferreira, que alli fez importantes melhoramentos, conservando-lhe, porém, a severa apparencia monastica que exteriormente apresenta.





XIII



VILLA de Bellas [1] fica situada n'um delicioso valle, na aba da serra da Carregueira, distante doze kilometros de Cintra para E. S. E. e quinze kilometros de Lisboa, para O. N. O ; e era cabeça do antigo concelho de Bellas, extincto por decreto de 24 de outubro de 1855, que a encorporou no concelho de Cintra.

E' a sua freguezia da invocação de Nossa Senhora da Misericordia, e confina com as freguezias de Barcarena e Bemfica, do concelho de Oeiras, e Almargem do Bispo e Rio de Mouro, do concelho de Cintra, e é atravessada pela ribeira de Bellas, ou de Jarda.

---

[1] A freguezia de Bellas não figura na primeira edição d'este livro. Não foi, certamente, o facto de não fazer parte do concelho de Cintra que influiu no espirito do auctor para a sua exclusão. Collares tambem por si só constituia concelho, e coube-lhe largo quinhão de referencias.

Bellas faz hoje parte do concelho de Cintra, e pela sua importancia entendemos dever destinar-lhe um capitulo n'este livro, como annotação á edição primitiva.

Consta a sua população de 3:612 habitantes [1] parochiada por um cura, cuja apresentação pertenceu ao mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, de Beja.

Comprehende esta freguezia as seguintes povoações:

Agua Livre, Agualva, Bellas, Boa Vista, Bouba, Cacem de Baixo, Carenque, Carpeniques, Charneca, Dabeja, ou A da Beja, Gargantada, Grajal, Idanha, Lagar, Machado, Massamá, Matta de Baixo, Melleças, Mina Velha, Olival de Carenque, Papel, Pedreira Molle, Pego Longo, Pendão, Ponte de Carenque, Ponte Pedrinha,



92 — *Varzea de Collares*
Gravura antiga

Portella da Camara, Queluz, Rio de Sapos, Talla, Venda Secca, etc., além de alguns outros logarejos de inferior importancia e casaes, taes como os de S. Braz, Outeiro, Bouba, Castanheiro, Quintã, etc.

---

[1] Accusa este numero o censo de 1900.

Na *Chorographia* do padre Antonio Carvalho da Costa (1706 a 1712) attribue-se á freguezia de Bellas apenas 90 fogos; José Avelino d'Almeida, no seu *Dicionario Chorographico*, impresso em 1866, dá-lhe 776 fogos.

A *Estatistica parochial*, (relatorios dos parochos existentes na secretaria da justiça e referidos a junho de 1862) dá lhe 876 fogos e 3:972 habitantes; isto é, mais 1:255 habitantes do que o censo de 1864, mais 1:467 do que o de 1878, e mais 360 do que o de 1 oo!

A comparação d'estes algarismos só serve para demonstrar quão pouco escrupulosamente são feitos os recenseamentos da população entre nós.



93 — Planta de Cintra e Real Paço

O numero médio dos nascidos nos ultimos cinco annos (1898 a 1902) foi de 115, o dos fallecidos 95 e o dos casamentos 22

Existe na freguezia de Bellas o monte do Suimo, onde hoje está o casal do Suimo, ou do Suino, como vulgarmente lhe chamam, e em cujo monte, segundo affirma o padre Nicolau de Oliveira, no seu livro *Grandezas de Lisboa*, se encontravam muitas pedras das que se chamam jacinthos, tanto que a senhora D. Brites, mãe de el-Rei D. Manuel, então donatario da villa de Bellas, doando a um seu criado muitas terras d'este termo, exceptuou as minas de pedras preciosas do logar do Suimo, que deixou a seu filho, o dito rei D. Manuel.

Seguindo-se o leito da ribeira, principalmente nos dias seguintes aos de grandes chuvas, ainda hoje não é difficil encontrar algumas pedras lindissimas, entre ellas umas de um preto retinto, muito lustrosas, e que são, na verdade, muito bonitas.

As minas do Suimo estão hoje, por assim dizer, abandonadas, tendo principiado a sua exploração no reinado d'el-Rei D. Diniz, e continuado até ao reinado d'el-Rei D. Manuel, a quem, como fica dito, pertenceram.

A villa de Bellas é hoje um dos mais concorridos sitios dos arrabaldes de Lisboa, onde passam o verão dezenas de familias. Possue quintas formosissimas, de grande vegetação, entre ellas a do Bomjardim, com a ermida do Bom Jesus, um magnifico palacio e largo terreiro, pomares, vinhas e hortas, e muitas fontes de crystalinas aguas, que pertenceu ao conde de Redondo, sendo hoje propriedade do sr. marquez de Borba, directo representante d'aquella casa, cujo titulo pertence hoje a um de seus filhos.

O seu maior e mais antigo edificio é o palacio dos condes de Pombeiro e marquezes de Bellas, cuja primitiva architectura se acha hoje bastante modificada, em consequencia das reparações e reconstrucções que em differentes epochas tem soffrido. Annexa a este palacio está a magnifica quinta de Bellas, rica e extensissima propriedade onde está a ermida do Senhor Jesus da Serra, cuja tradicional romaria, a mais popular e a mais concorrida do districto de Lisboa, se realiza, annualmente, no ultimo domingo de agosto.

Possue esta quinta magnificos pomares, hortas e jardins, matas e terrenos agricultados, cascatas, fontes, monumentos e outras obras d'arte dignas de serem vistas.

A «Quinta Grande de Bellas», nome porque ainda hoje é conhecida a magnifica propriedade, é sem duvida uma das mais historicas de Portugal, como se verá por este pequeno resumo:

Em 1318 estava a quinta de Bellas no tombo de Gonçalo Annes Correia, que, por sua morte, a legou ás commendadeiras de

Santos. Estas trocaram-na, em 1334, por uma outra de Lopo Fernandes Pacheco, fidalgo da côrte de D. Affonso IV, embaixador em Roma, e um dos homens mais respeitados e dignos do seu tempo.

Por sua morte transmittiu-se a propriedade da quinta de Bellas, por morgadio, para seu filho o celebre Diogo Lopes Pacheco, essa heroica figura que tão importante papel desempenhou nos tres reinados de D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando I.

Foi Diogo Lopes Pacheco um dos assassinos de D. Ignez de Castro, e foi sem duvida quem mais concorreu para incitar odios contra a *linda Ignez*, e quem principalmente contra ella instigou as iras patrioticas. Tendo conseguido fugir á sanha do que fôra o apaixonado principe, e era o rei vingador que na Historia teria o cognome de *cruel*, refugiou-se em Hespanha, e os seus bens foram confiscados, passando, com elles, a quinta de Bellas ao senhorio real.



94 — *Bracelete encontrado proximo de Ribafria*

D. Pedro I adorava aquelles sitios. Alli mandou construir sumptuoso palacio, e lá se refugiava dos trabalhos e maçadas da côrte, chorando talvez ainda a perda da sua linda amante.

Por morte de D. Pedro, seu filho o rei D. Fernando I indultou a Diogo Lopes Pacheco, que voltou ao reino, sendo-lhe restituidos seus bens, e voltando por consequencia a quinta ao seu dominio e posse.

Mas nas luctas que se manifestaram e desenvolveram durante o infeliz reinado de D. Fernando, Diogo Pacheco tomou o partido de Castella; por isso D. João I lhe confiscou de novo todos os bens, e a quinta e senhorio de Bellas foram, em dadiva real, concedidos a Gonçalo Pires Malafaya, um dos primeiros dignitarios da côrte. Era chanceller mór, vedor da fazenda, regedor da justiça e governador da casa do civel.

Por morte de Gonçalo Malafaya, D. João I adquiriu a quinta, por compra, e d'ella fez doação a seu filho, esse purissimo caracter, que foi o infante D. João. Morto este, em 1442, a quinta de Bellas passou a ser apanagio de sua filha a infanta D. Brites, que em 1447 casou com seu primo D. Fernando, duque de Vizeu.

Este infante reedificou o palacio e aformoseou muito a quinta, durante os 64 annos em que a possuiu. Varias lendas e episodios referentes ás mil intrigas e sangrentas tragedias e conspirações que encheram a vida e o reinado de D. João II, se relacionam com esta propriedade. Em cada palmo de terra, em cada recanto do palacio, em cada uma das extensas e largas avenidas d'aquella formosa quinta, ha uma testemunha muda de sinistros dramas alli planeados.

Os 36 annos de viuvez da altiva e vingativa princeza foram,



95 -- *Penha Longa*
Gravura antiga

na maior parte, passados alli, e devorados no desejo ardentissimo de realizar os seus violentos projectos de dominação, de odios e de vindictas.

O seu coração de mulher não podia deixar de odiar immensamente, por isso que immensamente tinha amado. Era mãe; e dois filhos tinham sido immolados á cruel e fulminante justiça de D. João II. Um, o seu formoso e adorado Diogo, o herdeiro do titulo e grandes dominios de seu pae, o louco duque de Vizeu, morto traiçoeiramente em Setubal, em 1484, ás mãos do proprio rei; outra, a sua querida Izabel, envolta nos crepes da viuvez e coberta de opprobrio, pela morte affrontosa na praça de Evora, em junho de 1483, do duque de Bragança, D. Fernando.

Por morte de D. Brites, em 1506, foi a quinta doada a Rodrigo Affonso de Athouguia, fidalgo da casa de seu marido o infante D. Fernando; o padroado da egreja foi dado ás freiras da Conceição de Beja, reservando as minas de Suimo, que legou a seu filho o rei D. Manuel.



96 — *D Affonso VI á janella do Paço de Cintra*

D. Maria da Silva, bisneta d'aquelle Rodrigo Affonso d'Athouguia, casou com D. Antonio Castello Branco, 12.º senhor de Pombeiro, feito conde d'esse mesmo senhorio em 6 de abril de 1668 passando assim a quinta ao senhorio dos condes de Pombeiro e marquezes de Bellas.

Assim ficou n'esta casa o seu ultimo possuidor D. Antonio de Castello Branco, 9.º conde de Pombeiro. Seu pae, D. José de Castello Branco, fiel ás suas ideias legitimistas, como seu pae, o penultimo marquez de Bellas, morresse depois de 1834, e o titulo paterno só lhe pudésse ser conferido por decreto de seus adversarios politicos, não o quiz pedir, nem receber, assignando-se até á morte conde de Pombeiro, titulo que tinha antes d'aquella mudança politica, como primogenito.

O ultimo marquez de Bellas, pae do actual, morreu em 6 de junho de 1891, tendo sido casado em primeiras nupcias com D. Julia de Oliveira Pimentel, filha do visconde de Villa Maior, Julio Maximo de Oliveira Pimentel. Esta senhora falleceu na Ilha da Madeira em abril de 1874, contrahindo o marquez segundas nupcias com D. Maria da Piedade de Lacerda Lebrim, actual marqueza de Bellas, (viuva) filha de Paulo Correia de Lacerda, fidalgo da casa real, e proprietario de S. Pedro do Sul.

Ainda em vida do ultimo marquez fallecido, foi a Quinta Grande de Bellas comprada pelo sr João Borges d'Almeida, que não tem destruido nenhuma das suas bellezas e tradições.

Entre as muitas obras d'arte que povoam a quinta, ha uma estatua representando Neptuno, que se affirma ser obra do celebre esculptor, pintor e architecto italiano Lorenzo Bernini, que fulgurou no principio do XVII seculo.[1]

---

[1] G. Lorenzo Bernini, conhecido na arte pelo nome de *Cavalleiro Bernini*, ganhou no seu tempo, pela variedade dos seus generos, — pintura, estatuaria e architectura, — pelo fulgor do seu traço e pelo arrojo das suas exhibições, o nome de *Miguel Angelo moderno*.

Sahiu de Italia apenas em 1665, sendo chamado a Paris por Luiz XIV, para a confecção do plano da restauração do Louvre, plano que não foi adoptado, porque exigia a demolição total do que existia.

Os seus quadros foram todos para os palacios de Barberini e Ghisi. De esculptura conhecem-se: a estatua de Constantino e de Langini, na egreja de S. Pedro, de Roma; o grupo de *Santa Thereza e o anjo*, na egreja de Santa Maria de Victoria; os grupos de *Apollo e Daphne*, e de *Eneas e Anchises*, e a estatua de Luiz XIV, collocados no parque de Versailles, juntos da «Pièce d'eau des suisses». A estatua de Neptuno, da quinta de Bellas, não se acha mencionada entre as obras do grande esculptor; no entretanto, affirmam entendidos que ella lhe pertence, porque possue todas as linhas, traços e arrojos do grande cinzel de Bernini.

A pequena ermida do Senhor Jesus da Serra fica no alto do monte que limita a quinta pelo lado do poente, e para onde se sahe por diversas ruas cobertas de espessa ramaria de frondosissimo arvoredo. Dois caminhos principaes porém, intercortados de alguns lanços de escadas, e ladeados de grutas e bancos de pedra, conduzem á capella do Senhor da Serra, delicioso logar, d'onde a vista abrange um vasto e lindissimo horizonte.

A conhecida romaria do Senhor da Serra celebra-se annualmente no ultimo domingo de agosto, com grande concurso de povo de



97 — *Santa Eufemia — O sitio onde appareceu a Santa*

Lisboa e arredores, em alegres ranchos que se estendem por toda a extensa quinta, n'esse dia franqueada ao publico; e ahi, á sombra do vetusto arvoredo, devoram os seus farneis e fazem as suas libações n'uma animação louca, enchendo aquelles vastos campos d um pittoresco indizivel.

E entre os milhares e milhares de festeiros do Senhor da Serra, muitos alli vão ainda hoje consagrando a tradição e avivando antiga fé, para deixarem na bandeja do Santo, após concentrada invocação, esmolas mais ou menos avultadas, que constituem um razoavel rendimento, que o dono d'aquella propriedade applica ás diminutas despezas do culto, e aos reparos de limpeza indispensaveis na quinta, que bastante soffre n'esse dia de louco folguedo, em que, pela indole expansiva do povo, ou pela falta de comprehensão dos seus deveres, a propriedade alheia não merece aquelle respeito que lhe é devido, e que é impossivel impôr ás multidões.

Possue a villa de Bellas tambem um magnifico edificio escolar, o melhor dos de todo o concelho de Cintra, e onde estão installadas as duas escolas officiaes de instrucção primaria, para os dois sexos.

O projecto d'este edificio foi elaborado pelo distincto engenheiro sr. Arthur Alberto Falcão Rodrigues, a pedido do sr. Duarte José Bellas, proprietario n'aquella villa e d'alli natural, quando presidia a junta de parochia de Bellas, a quem pertencia o encargo das casas escolares.

Com o producto da venda de uns terrenos que pertenceram á



98 — *Convento dos Capuchos — Capella de Santo Antonio*
Photographia do sr. Luiz Oram

junta de parochia, com o de um bazar que alli promoveu, e ainda com alguns outros donativos que esperava obter, contava o sr. Duarte Bellas levar a effeito a construcção d'aquelle edificio; no entretanto, a lei transferia esse encargo das juntas de parochia para as camaras municipaes, e o projecto e fundos destinados á sua execução, passaram para a camara municipal de Cintra.

Presidia á vereação de então o commendador Francisco Moreira Freire Correia Manuel Torres de Aboim, mais tarde visconde de Idanha, que teve a gloria de iniciar e concluir a construcção do magnifico edificio, solemnemente inaugurado em 27 de maio de 1894, com a assistencia dos srs. ministros do reino e das obras publicas, os conselheiros João Franco Castello Branco e Carlos Lobo de Avila.



99 — *Cintra — O convento da Pena no seculo XVI, segundo o livro de Duarte d'Armas*

*

* *

Pertence á freguezia de Bellas o logar de Queluz, uma das mais importantes povoações do concelho de Cintra [1] e que é sobretudo notavel pelo magnifico palacio real alli existente, e grandiosa quinta e vastos terrenos que lhe estão annexos.

O logar de Queluz era, no meado do XVI seculo, uma pequena e insignificante aldeia, onde o segundo marquez de Castello Rodrigo, D. Manuel de Moura Côrte-Real, possuia uma quinta, com casa para sua residencia. Em 1640, quando da revolução do 1.º de Dezembro, o marquez de Castello-Rodrigo tomou o partido de Hespanha, e para este paiz se ausentou, sendo-lhe por tal facto confiscados todos os bens para a corôa portugueza.

Em 1654, el-Rei D. João IV fez doação á casa do Infantado, [2] de que foi primeiro possuidor o infante D. Pedro, seu terceiro filho varão, e immediato successor da corôa, em consequencia da morte no mesmo anno do principe D. Theodosio.

Após a morte de D. João IV e durante a regencia da rainha D. Luiza, o infante D. Pedro muito frequentava o seu palacio de Queluz, e, mais tarde, tendo já seu irmão o desditoso rei D. Affonso VI tomado conta do governo,[3] elle, protestando aggravos recebidos, sahiu da côrte e alli se installou definitivamente.

Foi n'esse palacio onde, isolado da côrte, longe do ministro e valido de D. Affonso, o conde de Castello Melhor, e livre por consequencia da vigilante espionagem que elle estabelacera, sabedor como era de quanto o odiavam os jesuitas e a côrte, foi ahi que se urdiu o trama que depois de tão variados como vergonhosos episodios, roubou ao desditoso monarcha o sceptro, a esposa e a liberdade.

---

[1] O «Diccionario Chorographico», de José Avelino d'Almeida, attribue-lhe 221 fogos e 660 habitantes, numero este actualmente muito elevado.

[2] A Casa do Infantado foi instituida por D. João IV, por alvará de 11 d'agosto de 1654, em favor do filho segundo dos monarchas, afim de estabelecer e assegurar uma segunda linha de successão.

[3] D. Affonso tomou conta do governo, então nas mãos da rainha D. Luiza, sua mãe, nas vesperas de uma projectada convocação dos tres estados, em que se trataria da sua deposição e da exaltação ao throno de seu irmão o infante D. Pedro.

Durante a posse e administração de D. Pedro, quer como infante e regente do reino, quer depois como rei, poucas modificações soffreu a antiga propriedade do marquez de Castello Rodrigo. Na casa do Infantado succedeu seu filho o infante D. Francisco, que gostava muito da quinta de Queluz, e ahi permanecia todos os annos durante o verão. Não era positivamente das mais pacatas e prudentes a vida d'este infante, que parece ter deixado de si triste memoria por aquelles sitios;[1] foi porém durante os trinta e cinco annos em que esteve de posse d'aquella propriedade que se principiou augmentando o palacio, e que a quinta recebeu alguns beneficios.

Por morte do infante D. Francisco, como tivesse deixado apenas um filho bastardo, levantou-se questão entre este e os infantes D. Antonio, filho de D. Pedro II, e D. Pedro filho de D João V, sobre quem teria direito á casa do infantado, sendo o



100 — *Um moleiro*

[1] Relata I. de Vilhena Barbosa que os moradores de Queluz não gostavam muito das visitas do infante D. Francisco, que algumas vezes ficavam assignaladas por grandes travessuras «que tocavam muitas vezes nos limites da crueldade, e que foram tantas e taes em todo o curso da sua vida, que por sua morte se espalhou e enraizou no animo do povo dos logares circumvisinhos a crença de que a alma do infante, em castigo de seus peccados, vagueava todas as noites dentro e em torno da quinta de Queluz. Ainda não ha muito tempo morava n'aquelle logar um octogenario, que affirmava com muita ingenuidade que a alma do dito principe por alli andara penando até 1842, anno em que se completára um seculo depois do seu fallecimento».

pleito decidido a favor de D. Pedro, que pelo seu casamento com D. Maria I veiu a ter logar entre os reis portuguezes, com o nome de D. Pedro III.

Foi na posse do infante D. Pedro que a quinta foi augmentada com algumas propriedades confinantes, e foi elle quem resolveu fazer d'ella uma pequena Versailles, encarregando do risco e execução do novo palacio e da planta e ornatos dos jardins e quinta o architecto portuguez Manuel Vicente d'Oliveira, auctor da basilica do Coração de Jesus, e o architecto e esculptor francez João Baptista Robillon, a cargo do qual principalmente ficou o delineamento e ornamentação dos jardins e parque.



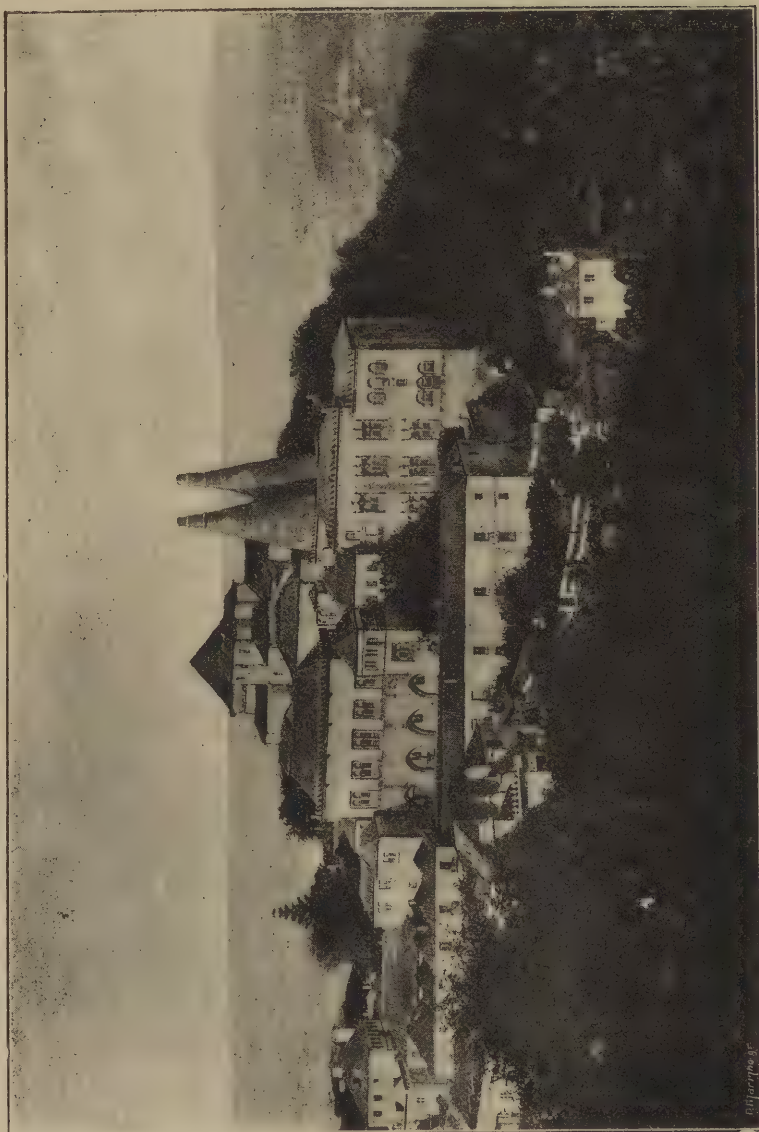
101 — *Capella de Santa Eufemia*

Principiaram as obras poucos mezes antes do grande terremoto de 1755, parando por morte de D. Pedro em maio de 1786. Oito annos depois recomeçaram as obras por ordem da rainha D. Maria I, ficando concluidos os jardins e incompleto o palacio, apesar dos grandes rendimentos annuaes da casa do infantado, que a essas obras foram applicados, e dos avultados subsidios que o thesouro publico para ellas forneceu.

Durante a vida de D. Pedro celebraram-se no palacio de Queluz importantes festividades, que tinham logar quasi sempre nos dias de S. João e de S. Pedro, e nos anniversarios natalicios dos membros mais importantes da familia real.

O palacio real de Queluz foi residencia permanente da familia real desde que um violento incendio destruiu uma grande parte do palacio de Ajuda, até que, em 1807 fugiu para o Brazil.

Quando em 1821 D. João VI voltou a Portugal, foi com sua familia habitar o palacio de Queluz, mudando-se depois para o



102 — Palacio real de Cintra

palacio da Bemposta, em consequencia de desintelligencias com a rainha D. Carlota Joaquina, que se conservou em Queluz com sua filha a infanta D. Anna de Jesus Maria.

O palacio de Queluz tem uma triste celebridade na historia, por ter sido o logar onde permanentemente e com mais ardor se conspirou contra a liberdade, desde que falleceu D. João VI, em março de 1826, até que, em 1828, a infanta D. Izabel Maria entregou a regencia do reino a seu irmão D. Miguel de Bragança, que até 1833 habitou este palacio com as infantas D. Izabel Maria e D. Maria d'Assumpção.

Depois que em 24 de setembro de 1834 falleceu D Pedro IV, que para alli se fez transportar nos ultimos dias da enfermidade que o matou, com o proposito de expirar no proprio quarto onde nascêra, o palacio de Queluz ficou deshabitado.

Conhecida a historia do paço de Queluz, procuremos descrever, ainda que muito de relance, algumas das suas sumptuosas salas, que, apezar de desguarnecidas do seu riquissimo mobiliario, ainda hoje são a admiração dos que visitam aquelle palacio

São treze as principaes salas do paço de Queluz, das quaes occupam o primeiro logar a *das talhas* e a *das serenatas*.

As paredes e portas da *sala das talhas* são guarnecidas de espelhos e doiraduras, assim como as columnas oitavadas que sustentam os doceis dos thronos nos topos collocados As preciosas talhas de porcelana do Japão que decoravam esta sala, e que lhe deram o nome, estão hoje dispersas por varios paços reaes, como o da Pena e o da Ajuda principalmente.

No tecto foi reproduzido, em pintura, um dos saraus, ou *serenins*, como então lhe chamavam, que foram moda na côrte do tempo, e nos recordam as pittorescas e originaes festas que no seculo XVIII se realizavam em Queluz, com o concurso da nobreza e do corpo diplomatico.

Figuram no *serenim* o rei D. José e a rainha D. Marianna Victoria, o celebre maestro David Peres tocando cravo, a princeza D Maria, que depois foi rainha, a infanta, mais tarde princeza do Brazil, D. Maria Francisca Benedicta, e as infantas D. Maria Josepha e D. Maria Dorothéa; todas cantando; o infante D. Pedro, marido da herdeira do throno, regendo o concerto; completando o quadro musicos da camara, e pessoas da nobreza formando o selecto e attento auditorio.

Como esta pintura indica, foi esta sala construida expressamente para os concertos da côrte, e com effeito, alguns alli se executaram; porém mais tarde passou a servir para as recepções solemnes, e audiencias aos embaixadores, destinando-se para os concer-



103 — *Recanto de uma das salas do Paço de Cintra*

tos uma outra sala, mais ampla e sumptuosa do que a primeira. Paredes e portas são cobertas d'alto a baixo de magnificos espelhos; as suas columnas jonicas batidas de oiro nos capiteis, e resaltando do tympano das portas e do remate das ogivas scenas de D. Quixote e do Casamento de Figaro.

Não obstante a acção do tempo ter deteriorado bastante o interior do edificio, algumas das suas magnificas salas demonstram ainda o quanto de luxo, de arte e de bom gosto presidiu ao seu delineamento e ornamentação.

Todas os outras salas são mais pequenas, mas egualmente ri-



104 — *Cintra — Santa Eufemia — Cavallariças reaes*

cas, com as paredes revestidas de espelhos, magnificos dourados em relevo, e os pavimentos de lindos mosaicos em madeira.

N'uma das mais pequenas salas, a ultima da extensa galeria, conserva-se ainda o leito onde falleceu D. Pedro IV, e a disposição de todo o mobiliario é quasi a mesma, se não a mesma do dia do seu fallecimento. [1]

Está n'esta camara um magnifico retrato de D. Miguel pinta-

---

[1] Em 1862 foram roubados alguns objectos dos que adornavam esta camara; porém alguns dias depois foram descobertos, e novamente collocados em seus logares.

do em Vienna d'Austria em 1827, por Giovanni Eudor, retrato que é uma magnifica obra de arte, e apresenta D. Miguel, quando infante, montando galhardamente um soberbo e garboso cavallo.

A quinta e jardins que estão tratados com esmero, conservam ainda o mesmo gosto da sua primitiva disposição, com as suas numerosas estatuas e vasos de marmore, os seus lagos de varios tamanhos e feitios, alguns d'elles guarnecidos de bellos grupos de figuras.

A povoação de Queluz é, como fica dito, uma das mais importantes do concelho de Cintra, tendo-se desenvolvido extraordinariamente depois da abertura do caminho de ferro.

Já em 1804 D. João VI elevara Queluz á categoria de villa, mas, partindo precipitadamente para o Brazil nunca mais se lembrou de tal coisa, e o seu decreto nunca teve cumprimento, não passando por isso Queluz d'um simples logar, de bem maior importancia, é certo, que algumas villas.

Queluz deu tambem um viscondado a Antonio Bartholomeu Pires, que morreu em Henbach, na Allemanha, quando acompanhava D. Miguel no exilio. [1]

[1] Antonio Bartholomeu Pires, primitivamente barbeiro, enfermeiro do hospital de S. José, e depois cirurgião, foi agraciado com o titulo de barão de Queluz, em 25 de abril de 1828, e elevado a visconde do mesmo titulo por decreto de 6 de janeiro de 1829.





XIV



TERMO do concelho de que esta villa é cabeça, compõe-se das sete freguezias que aqui se descrevem.[1]

*

* *

Montelavar.

Orago, Nossa Senhora da Purificação. Consta a sua população de 462 fogos, e 1912 almas,[2] parochiadas por um vigario apresentado pelo prior de S. Miguel, do arrabalde de Cintra.

---

[1] As sete freguezias a que o auctor se refere são Alcainça Grande e Egreja Nova, que hoje não pertencem ao concelho de Cintra, e que por isso excluimos da presente edição; S. Pedro de Penaferrim, já descripta nos anteriores capitulos, e Montelavar, Terrugem, Rio do Mouro, e São João das Lampas, cuja descripção vamos transcrever e annotar, addicionando mais no presente capitulo a freguezia de Almargem do Bispo, que hoje pertence ao concelho de Cintra, e que não figura na primitiva edição, por que d'elle não fazia então parte.

[2] Pelo *Diccionario Chorographico* de José Avelino d'Almeida, 531 fogos; pela estatistica parochial, em 1862, 532 fogos e 2:244 habitantes; pelo censo de 1864, 2:355 habitantes; pelo de 1878, 650 fogos e 2:532 habitantes; e pelo de 1900, 3:[illegible]66 habitantes.

Pelo districto d'esta freguezia passa a estrada real que vae de Lisboa para Mafra. E' situada na distancia de uma legua para o nascente de Cintra, e quatro para o poente de Lisboa. [1]

Confina com as freguezias de Cheleiros, Almargem do Bispo, Terrugem e Bellas. Compõe-se o seu districto de 37 povos, comprehendidos os logares, quintas e casaes denominados Montelavar, Abremum, [2] Outeiro, Quinta da Fonte, Ribeiro de Aranez, [3] Covões, Cabecinha, Dafacão, [4] Cortegaça, Palmeiros, S. Miguel,



104 — Collares — Solar Mazziotti

Passo de Moreleira, [5] Moreleira, [6] Cabrafiga, Das Vivas, Dos Goimos, [7] Condado, Urmal, Pero Pinheiro, Pé da Serra, Maceira, Er-

---

[1] Em Montelavar realizavam-se antigamente duas feiras annuaes, uma na primeira oitava de Paschoa, e outra a 21 de Setembro. Ultimamente foi alli creado um mercado mensal no quarto domingo de cada mez, mas que é muito pouco concorrido.

[2] Ambremum.

[3] Armez.

[4] A da Facão.

[5] Paço de Morelena.

[6] Morelena.

[7] Casal dos Gosmos.



105 — Palacio real de Cintra — Outro aspecto

mida, Ribanque, Mourão, Granja dos Serrões, Azenha, Cabeça, Ausos, Barreiros, Farello, Ribeira dos Tostões, S. João das Covas Abegoaria, Alfova, [1] Tabuco, [2] Granja da Nazareth [3], Chileiros. [4]

O numero medio dos nascimentos nas ultimos cinco annos até 1820, foi de 75, o dos mortos de 68, e o dos casamentos de 17. [5]

Em o logar de Pero Pinheiro, do seu districto, ha grandes pedreiras de marmore, das quaes se extrahe pedra para os edificios reaes e particulares d'esta capital. [6]

Produz o seu terreno com mais fertilidade vinho e trigo. [7]

*
* *

Terrugem. Orago, S. João Degolado.

E' esta freguezia filial de Santa Maria do Arrabalde, donde dista uma legua para o nordeste, e quatro e meia para o noroeste de Lisboa.

Confina com as freguezias de Montelavar, S. João das Lampas e Santa Maria do Arrabalde de Cintra.

Consta a sua população de 264 fogos e 1040 [8] habitantes parochiados por um prior, e compõe-se o seu districto de 27 povos

---

[1] Alfouvar.

[2] Sabugo.

[3] Mais vulgarmente conhecida por Granja do Marquez, por ter pertencido ao Marquez de Pombal, na posse de cuja familia ainda hoje está.

E' uma vasta e magnifica propriedade, fundada em 1701 por Jacome da Costa Loureiro. Esteve alli estabelecida a Quinta Regional de Cintra, até ha approximadamente quinze annos, em que foi transferida para as proximidades de Coimbra, com o nome de «Escola Pratica Central de Agricultura».

[4] Pertence ao concelho de Mafra.

[5] Nos ultimos cinco annos (1898 a 1902) a média annual dos nascimentos foi de 131; dos casamentos 20; e dos obitos 94.

[6] A exploração de pedra de cantaria é ainda hoje o principal commercio da freguezia de Montelavar, estando em actividade a exploração de grande numero de pedreiras.

[7] Teve a freguezia de Montelavar uma Albergaria, destinada, como tantas outras que se achavam disseminadas pelo paiz, a hospicio transitorio de pobres e miseraveis peregrinos, e viandantes estropeados ou enfermos. Foi extincta por alvará de 22 de junho de 1868, e incorporada na Misericordia de Cintra.

[8] Pelo *Diccionario Chorographico* de José Avelino d'Almeida, 304

entre logares e quintas, denominados Terrugem, Toja, Da do Bispo, [1] Alpolentim, Urmeiro, Passo, Villa Verde, Ligeira, Ribeira de Cabrella, Alcolomba, [2] Fervença, Lameiras, Armez, Moleirinhas, [3] Casal de Sequeiro, Bombeiras, [4] Murganhal, Alparrel, Almurquim, Funxal, Fajão, [5] Silva, Cabrella, Casaes, Granja, Carnessada, Goudigana.

O numero medio dos nascidos n'esta freguezia, nos ultimos



106 — *Povoação de Azenhas do Mar*

cinco annos até 1820, foi em cada anno de 37, o dos mortos, 18 e o dos casamentos de 7. [6]

---

fogos; pela estatistica parochial, em 1862, 316 fogos e 1:311 habitantes; pelo censo de 1864, 1:292 habitantes; pelo de 1878, 392 fogos e 1.485 habitantes, e pelo de 1900, 1:642 habitantes.

[1] A do Pipo.

[2] Alcolombal.

[3] Armez e Moleirinhas, pertencem hoje á freguezia de Montelavar.

[4] Bombacias.

[5] Faião ou Fayão.

[6] Nos ultimos cinco annos, (1898 a 1902) a média annual dos nascimentos foi de 59, a dos casamentos, de 11; e a dos obitos de 45.

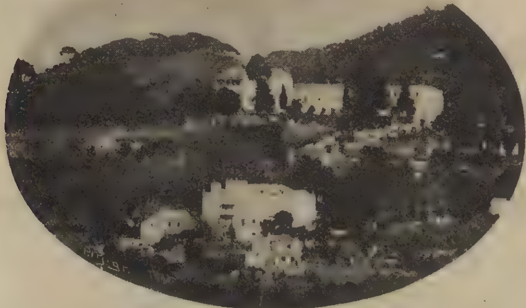
Corre pelo districto d'esta freguezia um pequeno rio denominado Fervença, sobre o qual ha uma ponte de cantaria. [1]

Produz com mais fertilidade trigo, cevada e milho.

* * *

Rio do Mouro. Orago Nossa Senhora de Belem.

E' situada esta freguezia na distancia de uma legua ao sueste da villa de Cintra, e quatro ao noroeste de Lisboa, na estrada real que vae de Lisboa para a villa de Cintra e Collares.



107 — *Penha Verde e Bella Vista*
Photographia do sr. João Moreira

Confina com as freguezias de Bellas, S. Domingos de Rana e S. Pedro de Penaferrim.

Correm pelo seu districto dois pequenos rios denominados um do Mouro, e outro do Papel, assim chamado este ultimo por passar por uma fabrica de papel. [2]

Consta a sua população de 273 fogos e 1400 habitantes, parochiados por um cura. [3]

---

[1] No sitio denominado da Fervença, tinha este rio uma famosa queda d'agua, que em parte foi desviada como força motriz d'uma serração de pedras alli fundada ha poucos annos pelo sr. Joaquim Vicente Albogas.

[2] A unica fabrica que hoje existe na Ribeira do Papel é a tinturaria a vapor fundada em 1746 por Pedro Roque Eustaquio Cambournac, ampliada e desenvolvida em 1865 por seu filho Pedro José Alfredo Cambournac, ha poucos annos fallecido, e presentemente dirigida pelo sr. Pedro Roque Cambournac neto do seu fundador.

[3] A estatistica parochial (1862) attribue-lhe 336 fogos, e 1496 habi-

Compõe-se o seu districto de vinte e cinco povos, logares e casaes, dos quaes são pertencentes ao concelho de Cascaes os seguintes: [2] Covas, Serradas, Moncorvo, Albarraque, Axfamil, [1] Varse Mondar, e Cabra Figa; e pertencentes ao concelho de Cintra, Rio do Mouro, Dos Francos, S. Marcos, Papel, Cacem, Pavões, [3] Rinxoa, Mercês, Baratam, Meleças, Pexelgaes, Mosqueiro, Jambujal [4] Telhal, Varse Meirinho, Sobralhas e Pinheiro.

O numero medio dos nascidos nos ultimos cinco annos até



108 — *Capella da Piedade, na estrada de Collares*

Photographia do sr. João Moreira

1820 foi de 33, o dos fallecidos de 21, e o dos casamentos 10. [5]

Ha n'este sitio optimas aguas ferreas de que se vêm utilisar muitas pessoas, e na sua proximidade existe uma mina de jancin-

---

tantes; mas o censo de 1864 accusa apenas 1301 habitantes; o de 1878, 335 fogos e 1:319 habitantes, e o de 1900, 1:644 habitantes.

[1] Pertencem hoje todos ao concelho de Cintra.

[2] Asfamil, é como encontramos em todos os documentos.

[3] Paiões ou Payões.

[4] Zambujal.

[5] Nos ultimos cinco annos, (1898 1902) a média annual dos nascimentos foi de 48, dos casamentos de 9, e dos obitos de 45.

thos, os quaes com facilidade se colhem á superficie da terra quando é revolvida com o arado no tempo da lavoura, e dos quaes colhemos alguns, que lapidados mostraram côr resplandecente, ainda que alguma coisa carregada.

E' principal producto d'este terreno fructa de espinho, de caroço, e vinho. [1]

*

* *

S. João das Lampas. Orago S. João Baptista.

E situado o districto d'esta freguezia em distancia de legua e meia para o norte da villa de Cintra, e confina com os das freguezias de S. Martinho de Cintra, Collares, Terrugem, Chileiros, e Reguengo da Carvoeira.

E' a sua população de 715 fogos, e 3300 habitantes, [2] parochiados por um vigario, e compõe-se o seu districto de 32 povos ou logares denominados: S. João, Bolelos, Montearoio, Odrinhas, Barreira, Alvarinhos, Amoreiras, Almagreira, [3] Areias, Alfaqueques, Jacarés, [4] Peroleite, Cabeças, Tojal, Mouxeira, Arieiro de Arreganha, [5] Seixal, A dos Palheiros, Assafora, Cortezie, Cantrivana, Arneiro dos Marinheiros, Poianos, Tojeira, Magoute, Bolembre, Fontenellas, Gouvéa, Pernigem, Aldêa Gallega, Chilreira e Codiceira.

Correm pelo termo d esta freguezia as ribeiras de Magoute, de Samarra e do Barril, que vão desaguar na foz de S. Julião.

Consiste a principal fertilidade do seu terreno em trigo, cevada, milho e vinho, e ha no seu districto varias pedreiras.

*

* *

Almargem do Bispo. [6] Orago S. Pedro.

---

[1] No logar do Rio do Mouro ha tambem uma importante fabrica de estamparia de algodões, que pertenceu ao sr. Filippe José da Luz, e hoje é explorada pela firma Cupertino Ribeiro & Salgado.

[2] Segundo a estatistica parochial, tinha em 1862, 696 fogos e 2:842 habitantes; o censo de 1864 dá-lhe apenas 2:660 habitantes; o de 1878, 765 fogos e 2:761 habitantes, e o de 1900, 3:297 habitantes.

[3] Almograve.

[4] Não encontramos noticia de tal povoação. Deve provavelmente ser Junqueira.

[5] Arneiro de Arreganha.

[6] Não vem indicada esta freguezia na primitiva edição da *Cintra Pinturesca* (1838) mas foi em 1836, por motivo da divisão administrativa decretada em 6 de novembro, que ella foi annexada ao concelho de Cintra.

Fica Almargem do Bispo a 3 kilometros a nordeste da estrada real de Lisboa a Mafra, e a 15 kilometros para este-nordeste, da villa de Cintra

Segundo a estatistica parochial em 1862, tinha esta freguezia 712 fogos e 3.200 habitantes; mas o censo em 1864 attribue-lhe apenas 2.972 habitantes, o de 1878, 821 fogos e 3:084 habitantes; e finalmente o de 1900, 3.402 habitantes.

Comprehende esta freguezia os logares de Almargem do Bispo, Albogas, Covas de Ferro, Negraes, Sabugo, Mancebas, Almornos, D. Maria, Camarões, Aruil de Baixo, Aruil de Cima, Priores, Machado, Rapoula, Mastrontas, Alfouvar, Santa Eulalia, Olella, Valle de Lobos, Tapada, Fonte da Aranha, Portella, entre alguns outros de menor importancia, e muitos casaes entre os quaes os da Freira, Falcão, Gosmos, Feiteira, Santa Cruz, Malveiro, Charca, etc.

Nos ultimos cinco annos, de 1888 a 1892, a média annual de nascimentos foi de 158, a de casamentos de 28, e a de obitos de 127.

Um facto merecedor de estudo, mas que até hoje tem passado completamente despercebido nas regiões officiaes, é a enorme percentagem na mortandade das creanças, até os dois annos de idade, que n'alguns annos chega a ser superior a sessenta por cento.

São fertilissimas as terras da freguezia de Almargem do Bispo, que é uma das mais ricas do concelho de Cintra, sendo a sua producção cerealifera a mais importante.

Um dos principaes commercios é a lavagem de roupas em que se emprega grande numero de mulheres, e muitos homens.



Notas e Documentos

26



NOTAS E DOCUMENTOS

Pag. 23—linha 15

«E egualando á sua piedade a sua generosidade repartiu com os seus do que tinha ganhado, como assim doou ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a quinta de Milides, e aos Cavalleiros do Hospital e do Templo, que andavam no seu exercito, muitos bens, herdades e casaes, entrando nas doações a estes ultimos a mata de Almosquer, que pela extincção d'esta ordem foi devolvida á de Christo.»

CASAS EM CINTRA

Doação á ordem do Templo [1]

Continuo idem Stephanus Arie ostendit legit et publicare fecit quamdam literam domini Regis alfonsi primi in qua videtur donare Magistro Gualdino ordinis Militie Templi domos et possessiones quas idem rex habebat apud Sitriam que littera nullo sigillo munitur continet tamen quoddam magnum signum rotundum habens duas circumferentias per tres lineas ductas in girum et in prima circumferentia describitur Rex Alfonsus et Regina Mahalda et in secunda circumferentia describitur cum filiis

[1] Transcripta textualmente da primeira edição.

suis fiat pax. In medio vero ejusdem signi habetur quedam crux nigra in cujus membris litteris cardinalibus describitur Portugal. In qua quidem littera discribuntur barones seu nobilis et quidam alii officiales Curie confirmantes cujus littera tenor talis est.—In nomine Patris et Filii et Spiritu sancti Amen. Ego Alfonsus Portugalensium Rex et Comitis Henrici et Regine Terasie filius Magnique regis Alfonsi Nepos et uxor mea Regina Mahalda facimus tibi Magistro Gualdino Cartam donationis et firmitudinis de domibus et hereditatibus cultis et incultis quas tibi tradidimus apud Sintriam pro beneplacito et fideli servicio quod nobis semper feciste Damus tibi prefactas domos cum suis hereditatibus ut habeas et possideas eas omnibus diebus vite tue. Post obitum vero tamen habeas potestatem vendondi donandi testandique et etiam in vita tua similiter cui volueris, et ubi volueris, et ad quem tibi placuerit. Si forte aliqua persona cujuslibet ordinis aut dignitatis temerario ausu preditas domos cum suis hereditatibus tibi tollere presumpserit pro sola presumptione redat ipsas hereditates duplatas sicut ipso tempore restaurate et fuerint rege tere C C C C C solidus purissimi argenti. Ille vero qui ex semine nostro processerit et te contra illos qui tibi has hereditates propter cordis sui nequitiam abstare voluerit adjuverit et defenderint omnipotentis dei misericordiam et nostram benedictionem ipse et semen ejus in secula seculorum possideat facta Carta Donationis et firmitudinis Era MCLXXXX. Ego prefactus Alfonsus Portugalensium Rex et uxor mea Regina Mahalda hanc cartam quam sponte fieri jussimus propriis manibus roboramus Gonsalvus de Sauza Curie Regis dapifer Cont. Santius Nunis Vadastus Sanchis Conf. Egas Fafias Petrus Pelais Curie Regis Signifer Confirmo, Rodricus Pelaiz Conf. Petrus Gomes, Martinus Nuniz Martinus Zonparel Conf. Alfonsus Rodriguiz Petrus Paiz Alfonsus Venegas Ermigues Conf. Laurentius Venegas Ermiguis Menendis Conf. Suerius Venegas Rodericus Venegas Conf. Fernandus Rodriguiz Martinus Anaya Fernandus Gonsalvis Conf. Petrus Pelaiz Randulfus Conf. Petrus Randulfez Menendus Gonsalvis Couf. Petrus Silva Sante Marie prior scripsit. Qua littera sic ortensa publicata et perlecta memuratus Velascus Fernandi asseruit et recognovit quod prefacta littera originalis et auctentica cum ordo prefactos dicipere cepisset per eundem Velascum Fernandi in eadem forma substantia ac integritate certis litteris et signis et figuris in qua aparebat fuit deposita una cum quibusdam aliis sub fedilitate et custodia supradicte Dmini Deonysii Dei gratia Regis Portugalie et Algarbi. Et tunc Dominicus Pelagi procurator predictus proponendo et protestando ut supra contra dictam litteram apposuit ut sequitum. Item aparet alia littera Regis Alfonsi primi donationis cujusdam hereditatis de Sintra qua apparet suspecta eo qui dictus Rex in letteris quæ inveniuntur inter litteras dictorum Templariorum et dicuntur ejusdem Regis sit signum dicti Regis ut in Carta permutationis de cera et in aliis continetur: in ista vero nullum signum ejusdem Regis continetur.

E' datada da era de 1190 anno de Christo de 1152.

Real Archivo. Livro de Mestrados, fl. 66.

Esta doação se acha entre outras doações feitas á mesma Ordem.

Pag. 24 — linha 4

«Seguiu se a isto dar Foral á villa, o que fez no anno de 1154, aos nove dias do mez de janeiro, exercendo n'elle a sua clemencia com os vencidos, assim como a sua liberalidade com os seus povoadores, com graças, privilegios e isempções.»

Foral de Cintra

Dom Afonso pela graça de Deus Rey de purtugal e dos Algarves daaquem e daalem mar em Africa. A quantos esta Carta virem fasemos saber, que os oficiaes e homens boons da villa de Cascaes nos enviaram



109 — *Praia das Maçãs*

dizer per alvaro afonso seu procurador que a elles era necessario o trelado do forall do ditto Concelho pera guarda de sseu direito o quall jazia em a Torre do nosso tombo. E nos visto sseu dizer e pidir e querendo lhe fazer graça e mercê Mandamos a gomes eanes d'azurara Commendador da hordem de Christus nosso Chronista e guarda moor do tombo dos nossos regnos que lhe desse o ditto trelado por alvará que foy feito em a Cidade de Coinbra a vinte e dous dias d'agosto por Lopo ffernandes o quall em cumprimento de nosso mandado, fez buscar as dittas escripturas da ditta torre honde foy achado o ditto forall que diz assy.

«In nomine patris & fillii & spiritus santi amen. Placuit mihi alfonsso portyalensium regi comitis Henrici & regine Terasie filio magni quoque Regis alfonssy nepoti & uxori mee Regine Mahalde, comitis amedeu filie vobis qui Syntrie habitatis maioribus sive minoribus cujus cumque ordinis sitis bkartam facere firmitudinis votis & filiis vestrys atque

progenis de jure stabilitate atque servicio. In primis damus vobis treginta casales cum suis hereditatibus in ulixbona triginta populatoribus qui in presenti illud Castelum populatis ut habeatis illos tam vos quam filliis vestri hereditario jure & non faciatis de illis aliquod forum in ulixbona nisi in vestro Castello. Si vero placuerit vobis mitere homines in ilis Casalibus nulum forum faciant nisi vobis dominis cassalium & sy habueritis vel emeritis hereditatem in aliqua terra Regis habeatis illam per forum Sintrie. Hec igitur sunt que pertinent ad vestrum forum mnmquam itaque faciatis nobis Senaram pro homicidio rrauso & estercure in horo posito, decem morabitinos harum rerum operator tribuat medium Regi medium dominis jntentionis & si fecerit homicidum per occasionem qui bonios homines illum videant vel peetet quod sy imposuerit ey rrausum vel peetet nisi per exquiricionem bonorum hominum qui domum alicujus disruperit sexaginta solidos pectet medium Regi medium dominis jntencionis si disruptor illis duobus aut plus se comitantibus fecerit sini autem minus vel et in nulla calupnia recipiantur illi qui Castellum judicaverint siquis alicui vulnera lancea gladio aut cutelo intulerit quinque morabitinos, pectet medium regi medium domini intencionis qui arma in oppida insane extraserit perdat illa & sy lex sub fidejusoribus comissa fuerit per forum Sintrie nons sedeat de holneo nec de lorica nisi de escuto & de porina & non veniat ibi homo de aliqua terra et qualis dederit ipso recado tale dent illi alio pro igualia sit cautum illius ant fiadoria unum solidum sy fuerit juncta aut distributa, et non sedeat prova facta nec infiada sy non plus centum quinquaginta morabitino et pro morabitino nihil de aliis percussionibus factis manu calce petra et pallo & aliis jntencionibus nulla sit calupnia excepto supradictis agricole pedetes qui uno bone laboraverint, unum sextarium triticum et sederam cibariam tribuat si duobus aut quâ pluribus laboraverint unum quartarium inter triticam et sedam cibariam dent per alquere, centum quinquaginta azeugui et unum puzal vini a quinque quinalibus et supra centum quinquaginta alio labore nihil homo qui cum vobis liboraverit non faciat alium forum de alia ganancia qui ganaverit venator si cervum aut cervam aut hujusmodi venatum laqueis sive mactariis ceperit medium lumby tribuat de porco unam costam. Si quis inquisitor cunelios fuerit semel iso anno tres cunelios cum suas pelles tribuat sy quis inquisitor mellis fuerit semel in anno unum medium alquere ipsius mellis tribuet Zapaterio unum solidum faber feret unum Cavallum Mercator sive pelitario unum solidum coquum pri fuerit sabido de sua muliere bona per exquisicionem de bonos homines, pectet unum morabitinum homo Mauro qui non habuerit filios quando morierit dant suum habere ad suos parentes et pro sua anima sy furtum super aliquem inventum fuerit dominus pecunie in duplum accipiat pecuniam et Regio principi sextem partes sy homo vel mulier occiderit suum corpus nihil pectet sed accipiant suum habere parentes ejus. Si aliquis ibi comorancium ab uno anno vendat suam hereditatem ad suum vecinum homo qui non habuerit boves et cum alienis centum quinquaginta aliqua terra laboraverit in sua hereditate faciat forum sui vicini. Mercator Sintrie non det portadigo in tota terra regis si aliquis vendederit au emerit si fuerit cum mandato centum quinquaginta concilio, vel centum quinquaginta rrancura ad regem habet suam racionem in curiam Regis.

Milites simul in anno in Regis exercitu militent pro sua ganancia et non accipiat Rege centum quinquaginta illos nihil. Et si volueri aut em non potuerint in fossado ambulare nihil pectet et in appelido contra Chris-

tianos tantum exeant ut eodem die ad domum redire possint contra paganos autem prout melius potuerint sequis habere potueruit subditos in Castello vel extra municionibus in sue heriditate domum habitantes non faciunt forum nisi ad dominum heriditatis. Militum sequis obierit et uxorem reliquerit quamdiu fuerit vidua estet in honore militis. Quad sy miles perdiderit equum estet honoratus usque ad annos quinque post si non potuerit aut voluerit habere equum faciat honorem peditis peditum autem siquis habere potuerit equum estet in honore militum et filii militum aut peditum quandiu in heritate patris se potuerit continere mortuo autem vivente patre unus pro omnibus unum forum faciant si quis cum omnibus aliis in locis habitantibus, intencionem habuerit et in concilio directum petierit et non impetraverit et pignus acceperit quamvis postea ab in· intencione convictus sit pignus, absque duplo redat. Siquis habuerit intencionem vel concilium taliaverit cum homines de fora det directum juxta aquas currentes centum quinquaginta suo Castello judices qui intencionem judicaverint sedeant per medium. Siquis ad Concilium venire neglexerit ad faciendum directum centum quinquaginta licet quod sibi abjecerit sacom eat ad pignorandum eum et pignus accipiat sed numquam domum sigillet si judicem vel sejom pro sua intecione et non por intencione principis percussus aut vulneratus fuerit sit tanta Calumpnia illius quanto de alio aliquo sy judicem perçussus fuerit principis duos solidos pectet pro saiom unum solidum pro intencionem Regis judicem et Saiom sit ex naturalibus et intret et exeat per manum Concilii et nunquam judicem nec Saiom centum quinquaginta alia terra super vos veniat judicem accipiat sua decima centum quinquaginta tota Calumpnia partem principis Saiom accipiat aliam decimam de partem judicis. Homo qui inprimar et alium percuserit accipiat decem barancadas et ponat dextram manum in terra et postea faciat directum ad illum qui percusserit por suum forum. Milites si viderint inimicos Regis paganos vel Christianos que male volunt facere veniant cum mandato in ulixbonam et plus longe non et pro alia intencione non faciant alium mandatum neque pedites neque milites.

Milites qui in alieana terra ambulaverint sint cautati et non ponant in illis manum pro malle facere, pro nulla intencione, ut sy jam illum prendiderint aut de equm suum in terra jactaverit centum solidos pectent et postea quantum centum quinquaginta mandaverint tantum in duplum componát aut si aliquis illi male facerint sive centum quinquaginta habere quomodo de alia intencione tota in duplo componat. Homo qui fuerit feridore et non se inde voluerit emendare usque tres per manum concili aut custolator fuerit et non se voluerit emendare per forum Sintrie domum suum destructum sit per forum Sintrie sex homines debent jurare pro homicidio, pro aliquod quoque juramentum tres homines et nunquam plus nisi pro homicidio. Milites Sintrie Castello deben testimoniare cum omnes milites tere Regis exeptu Regem pedites similiter milites Sintrie qui bene serviverint prout suum alcaide recipiant de illo uno donum bo num semell in ano. Homo qui voluerit acceperit mulierem per mandatum de suos parentes det ey in dote suo unam fustam et unas Zapatas et unam structam et una pelle, et unum manto, et quinquaginta solidos in fiadoria pro benedictiones sed sy postea penituerit quantum dederit tantum perdat et ipsam fradoriam pectet et si mulier penituerit aut noluerit aut parentes ejus quantum de eo acceperit tantum rredeat sed postea suam fiadoriam homicida et rrefuga qui iby confugerint retineantur servus similiter exceptis si fuerit centum quinquaginta. Rege Clerici habeant mo-

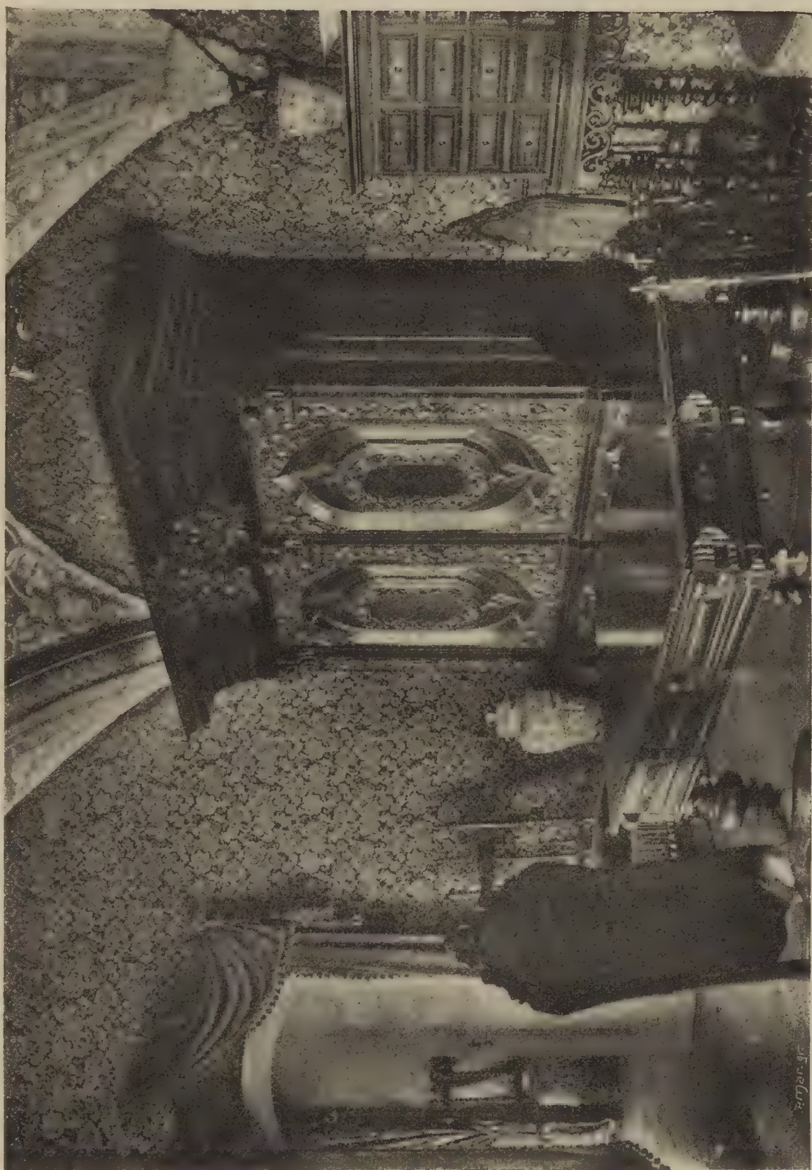
rem militum. Clericus si naturalis et per forum Sintrie non perdat suam eclesiam sed habeat illam pro hereditate nisi facerit talia facinora pro quibus debet et amittere ordines pro nulo homine neque per Regem neque per episcopum sed nos moratores supradicti Castelli pro isto bono foro quod nobis Rex noster et uxor ejus dant promittimus illis fidele semper obsequium et contra homines eorum inimicos ponamus corpora et habere. Et si tempus venerit quod illas Ravaldes Sintrie Rex voluerit populare singulos Cassalles cum suis hereditatibus accipiant illy qui castellum moraverint. Clerici Sintrie debent servire suo episcopo et habeant racionem in domo episcopy Episcopus det ad illum semell in anno unum donum bonum. Era Milessima centessima nonagessima secunda quinto idus Januari.

Ego alfonsus gracia dey Rex portugalensium simul cum uxore mea Regina Mabalda Roboro et confirmo istam Kartam. Et siquis venerit vel venerimus qui hoc factum irrumpere voluerit pariat quingentos aureos et cum belzebub sit excomoniatus. Sint autem termini hujus terra pro labore aut pro plantare sedeat almosquer aquas discurrentes et ad oiteiros et quomodo dividit per viam publicamque vadit sub caprellas usque ad montem aquas vertentes ad outeiros et quomodo dividit por Chilaios usque ad flumen galamar et sy plus crescerent gentes crescant ad illas Hereditatem per placere Regis Dapifer Curie fernandus captivos testis, pelagius Zapata, gonsalvus de saussa petrus fernandis Domnus Velascus gonsalvus Rodrici Menendus muniz laurencius Venegas sansius muniz Egeas archidiaconus eclesie ulixbonensis confirmo hoc factum signifer petrius pelagi principex Ulixbone alfonsus menendus confirmo principex colinbrie Rodriceus pelage principex santaranensis Jahones Ramiriz confirmo Magister albertus notarius Regis escripsi. Ego Sancius dey Gracia portugalensium Rex una cum uxore mea et filiis et filiabus meis hanc Kortam Roboro et confirmo in Era Milessima Ducentessima vigessima septima.

Domnus petrus alfonsi signifer Regis Confirmo Ruy Vasques Confirmo Domnus L. ribeira Confirmo Ruy Fernandes pretor Sintrie Confirmo Julianus notarius Curie Confirmo fernandus bispo testis.

O qual forall da ditta villa de Syntra escripto em huna pelle de pergaminho em ho dito Cartorio a sy achado per o dito fernam dalvares prioll Castreiro suso dito o sobredito gonçalo afonso escudeiro susso dito Requereo a mim gonçalo eanes escripvam das escripturas da torre do tombo por mandado dElRey que lho escrepvessem e lhe desse o trelado del sob meu signal e de fernam lopez. E eu visto o que pella parte da dita Senhora Raynha foy requerido o treladei escrepvi em este livro das terras da dita Senhora Raynha. Era e dia susodito. O qual forall asy achado o dito alvaro afonso sseu procurador rrequereo que lhe dessem o trelado o qual lhe foi dado em comprimento do dito alvará dante em a cidade de lixboa a cinquo dias do mez de setembro. El-Rey o mandou per o dito gomes eanes a que pera isto tem dado especiall encarrego. Ruy lopes fez ano de nosso Senhor Jesus Christo de mill e e quatrocentos setenta e dous annos—gomes eanes comendador—Pagou oitenta réis—lugar do sello que pendia por fita de nastro azul e branco pagou vinte réis—fernam d'alvares.

Maço 1.º de foraes antigos n.º 11 e L. 2.º dos Bens proprios da Rainha f. 41 v.



110 — *Uma das salas do Real Castello da Pena no tempo d'El Rei D. Fernando II*
Photographia do sr. Luiz Oram

Confirmado digo Reformado por El-Rei D. Manuel a 29 de outubro de 1514. L. de Foraes Novos da Estremadura a fol. 136 col. 2.ª

Esta certidão que publicamos, na falta do foral original, parece em partes estar truncada; por quanto tem alguns periodos que não offerecem sentido algum inteligivel.

(*Da 1.ª edição.*)

Pag. 26 — linha 16

«... e consistia em uma *fusta*, um par de sapatos ou cendalhas uma structa, uma pelle...»

Sobre as duas palavras *fusta* e *structa*, consultámos differentes diccionarios, e não achámos a sua significação; não contentes com isso consultámos egualmente o oraculo das antiguidades portuguezas, o erudito João Pedro Ribeiro, o qual nos não poude dar uma solução satisfatoria. Conjecturámos que a palavra *fusta* tira a sua etymologia do vocabulo arabe *Futah*, que significa um tecido de lã, ou de algodão e seda com listas, do tamanho e feitio de uma cinta, que os arabes trazem enrolado na cabeça, como turbante, ou á roda do pescoço no tempo de inverno. A palavra *Futah*, é sinonymo de *Xale*; de um e outro usam os arabes para o mesmo serviço; assim julgo que o vocabulo *fusta* deve significar manto ou chaile de senhora. *Structa* provavelmente era a parte do vestuario que ajustava ao corpo; do verbo stringo. *Mastruca*, era um vestido de pelle, de que usavam os povos antigos da Sardenha.

Talvez as etymologias que indicámos sejam forçadas, porém não achamos outras. O que porém é digno de notar-se, é o antiquissimo uso de passar as prendas, que hoje é um mero estylo, porém que n'aquelles tempos era como um penhor do contracto.

(*Nota da 1.ª edição*).

*

Fusta, segundo Viterbo, é o castigo que por auctoridade publica se dava, açoutando com varas os criminosos; e certo é que n'outros foraes apparece a mesma palavra, com significação bem differente da que tem no foral de Cintra.

«De *Fusto*, oũ *Fustigo*, se disse *Fustis*, e *Fustám*, para significar este castigo de varas, que ainda nas Religiões se pratica, a Egreja Santa algumas vezes usa, e a que entre os militares succederam as *Pranchadas.*»

Viterbo. — Elucidario.

Pag. 26 — linha 32

«Taes foram as leis municipaes e privilegios, que o primeiro rei dos portuguezes concedeu aos antigos moradores da villa de Cintra, e que ampliaram seus successores, sempre sollicitos no bem estar de seus subditos.»

PRIVILEGIOS

Carta de quito da renda da Villa de Cintra

Dei gratia Rex Portugaliæ vobis pretoribus et alvasilibus de concilio de Sintra salutem et gratiam. Siatis quod ego intelexi quod vos eiratis graviti de renda quam ego posui vobiscum quod daretis mihi de ipsa villa pro omnibus daretis mihi annuatim. Vero ego volo vobis facere gratiam et mercedem quito vos de ipsa renda et fidejussores vestros et mando quod si aliquam cartam vel scripturam mihi fecistis de ipsa renda mihi dandaque de cetro nihil valeant. Ed mandoque de cetro non teneamini mihi de ipsa renda. Si de hoc anno habui tantum de vobis de ipsa renda quantum mihi ipsa villa solebat valere in quolibet anno. Si vero de vobis non habui adhuc in hoc anno tantum quantum ipsa villa solebat valere compleatis mihi de isto anno currente ipsam rendam quam solebat valere et teneatis ipsam rendam usque ad tempus in quo incipiunt rende ipsius ville de anno venturo. Et postquam iste annus exierit sitis liberi de ipsa renda quam mihi promitistis pro ipsa villa quolibet anno. Et de omni obligatione quam mihi fecisti pro ipsa renda, et rende de ipsa villa revertant in illo statu in quo erant tempore patris mei et avi mei et montent ipsas rendas quicunquem eas voluerit montare. In cujus rei testimonium do vobis istam meam cartam apertam de meo sigillo sigelatam Dante Vimaranes 2 die febrarii Rege mandate per domnum Egidium Martinis et per Cancellarium et per domnum Johanem de avoyno et per alios de Concilio Regis. Dominicus perfecit. Era 1299. An. (1261). Item similem cartam habuet concilium de Ourem et Concilum Montemori veteris. *Liv. 1.º de D. Affonso III f. 49.*

*

Carta aos besteiros de Cintra em que D. Affonso IV concede aos ditos besteiros por estes lhe mostrarem uma carta de D. Sancho, seu Avô, o privilegio de não pagarem certos impostos e fintas ao Concelho, excepto para o *fazimento* e refazimento dos muros da villa. Anno de 1336. *L. de D. Affonso IV f. 75.*

*

Privilegio aos besteiros de Cintra, por carta que lhe mostraram d'El Rei D. Sancho, seu bisavô, na qual se continha que o Anadel e besteiros do Couto de Sintra, não paguem nem entalhas nem ensacas ao concelho, nem outra cousa nenhuma, salvo no fazimento e refazimento dos muros, ordenando aos alvasis e veedores de Cintra que lh'a cumpram. Dada em Lisboa, 10 de agosto de 1336. — *L. 4.º de D. Affonso IV f. 75.*

*

Carta de confirmação de privilegios dada por D. Fernando em 29 de abril de 1377. Não declara quaes sejam. — *L. 1.º f. 40.*

*

Carta porque el-Rei D. João I outorgou e confirmou ao Concelho e homens bõos da sua villa de Sintra todo-los privilegios, foros, liberdades e bons costumes de que sempre huzarom. Em Santarem, a 7 de setembro de 1385. — *L. 1.º de D. João I, f. 91.*

*

Privilegio dado á villa de Sintra, por el-Rei D. João I em Evora no anno de 1401, que possam dar os officios das escrepvaninhas, procuratorio, thesouraria, almotaçaria e outros, se elles estivessem em posse de o dar em vida dos Reis e Rainhas passados. Conf. por D. Manuel em Estremoz, a 3 de fevereiro de 1497. — *Liv. 2.º da Estremad. f. 276 v.º*

*

Carta de confirmação geral de privilegios á villa de Sintra, dada por el-Rei D. Duarte a 21 de novembro de 1433. — *L. 10 da Estremad.*

*

Carta d'el-Rei D. Duarte, cujo theor em parte é o seguinte:

D. Duarte pela graça De Deus Rey de portugal e do Algarve Senhor de Cepta. A quantos esta carta virem fazemos saber que considerando nos como vymos a esta villa de ssintra muitas vezes ter algums verãos. E assim cremos que farão os Rex que depoes nos vierem por achar-mos a terra de mui boos ares e aguas e de comarquas em que ha avondança de mantimentos de mar e terra e por a nossa muy nobre e leal Cidade de lixboa sser taon acerqua e avermos em ella assas de folganças e desenfadamentos de montes e caças. E por termos em ella nobres paços de mui espaçadas vistas e vendo que por azo de nossas estadas os moradores da dita vila e seu termo recebem alguns nojos e perdas em algumas que jeralmente se nom podem escusar em pumares vinhas e ainda nas pouzadas posto que elles hajão outros proveitos dos mantimentos que vendem mylhor por azo de nossa estada etc.

Concede differentes privilegios aos seus moradores que na dita villa habitarem, tiverem casa, fazenda roupa ou alfaias ou n'ella viverem a maior parte do anno e entre estes que não vão servir por terra mais que a vinte leguas, e que não sejam constrangidos a ter armas ou cavallo, outros ordena as roupas que se devem dar aos aposentados. Dada em Sintra. Anno de 1435 a 24 de julho.

Confirmada por D. Affonso V, dante em Sacavem a 4 de setembro de 1439, com authoridade da Senhora Rainha ssua madre e titora e curada com accordo do infante D. Pedro sseu thio e defensor por elle de seos regnos e senhorios. Novamente confirmada por D. Manuel a 4 de fevereiro de 1497 na villa de Santarem. — *L. 2.º da Estremad. f. 178.*

*

Alvará de D. Affonso V concedendo aos besteiros da villa de Sintra o privilegio que já possuiam para não pagarem jugada nem outavo a requerimento dos ditos besteiros que se queixaram que a isto os constrangiam. Feito em Coimbra por authoridade do Senhor Infante D. Pedro, a 15 de agosto de 1441. — *L. 10 da Estremad. f. 47.*



111 — *Arco de Penha Verde, na estrada de Collares*
(Segundo um desenho antigo)

*

A villa de Sintra, privilegio que não haja ahi Coudel, nem escripvão da Caudelaria e sobre o avaliamento e conthias de sua fazenda serão providos por um escudeiro, isto pelo grande trabalho e fadiga que recebiam em servir nas obras do Paço. Em Oeyras 28 de Março de 1450. Confirmado por D. Manuel em 1491. — *L. 6.º da Extremad. f.* ....

*

Alvará d'el-Rey D. Affonso V concedendo á villa de Sintra privilegio para que nenhum fidalgo não possa estar de aposentadoria em a dita villa nem por outra qualquer maneira posto que para ella tenha poder d'El Rey. Em Portalegre 18 de Maio de 1465. Confirmado por D. Manuel em Extremoz a 3 de fevereiro de 1497. — *L. 2.º da Estremad. f. 273.*

*

Carta de privilegio de D. Affonso V á villa de Sintra para que possão cortar lenha nas matas coutadas não cortando arvores de fructo.

*

Carta d'El-Rey D. João II para cortarem nas matas a lenha necessaria para fazer a festa do Espirito Santo. –*L. 29 de D. Manoel f. 79 v.*

*

Carta para se fazer a festa do Espirito Santo nos paços da villa.— *L. 2.º da Estremad. f. 298 e 29 de D. Manuel f. 79, v.*

*

Alvará d'El-Rey D. João II em que concede aos moradores da villa de Sintra por estes lhe representarem os damnos que os coelhos fazião em seus pães e fructos, poderem armar em sitios demarcados aos ditos coelhos e isto com toda-las armadilhas que quizerem tirando cepos e cenadoyros e redes de ser. Dado em Sintra a 7 de outubro de 1493. Confirmado por D. Manuel em 1495.

*

Privilegio á villa de Sintra para se porem quadrilheiros que guardem os fructos quando a ella fôr a Corte pelo damno que recebem impondo a pena de 500 réis áquelle que nos ditos damnos forem aprehendidos. Dado em Coruche a 2 de outubro de 1519.—*L. 13 da Estremad, f. 207.*

*

Confirmação d'El-Rey D. Manuel a um Alvará d'El-Rei D. João II feito em Santarem em 27 de maio de 1484, concedendo licença aos moradores da villa de Sintra, como era costume fazerem a festa do Espirito Santo na salla chamada dos Infantes e cortarem nas matas toda a lenha que lhes fôr necessaria para a dita festa. Em Estremoz 3 de fevereiro em 1497. *L. 2.º da Estremad. f. 278.*

*

A villa de Sintra confirmação de um Alvará de 1437, concedendo-lhe licença para caçar veados e porcos montezes nos «pumares, olevaes, soutos e hortas» em 1497.

*

Privilegio para que os carniceiros não possam comprar nenhum gado na dita villa e seu termo. Em Coruche, a 2 de outubro de 1505. *L. 13 de da Estremad f. 207.*

*

Carta de D. Manuel do anno de 1497 confirmando o privilegio concedido á villa de Sintra por D. Affonso V, no anno de 1460, para ter feira que dure cinco dias tendo principio dois dias antes do dia de Santo Antonio, e findando dois dias depois, concedendo grandes privilegios e liberdades aos que a ella vierem não sendo presos nem demandados pelos maleficios que tiverem cometido. *L. 1. da Estremad. f. 144 v.*

*

Licença d'El-Rey D. João III á Camara de Sintra, para fazerem bodo no dia de Corpus Christi como era de de costume immemorial, applicando uma quarta parte das esmolas que se tirassem para a fabrica das freguezias. Em Evora, 15 de novembro de 1535. *L. de D. João III f. 115 v.*

*

Carta de privilegio dada aos moradores da villa de Sintra por D. João III. *L. 5.º de D. João III f. 80.*

*

Carta do mesmo Rey aos seus moradores para lhe não tomaram suas cousas que trouxerem a esta Corte. *L. de D. João III f. 51.*

*

D. Sebastião e D. Henrique. Alvará á Camara de Cintra para ter um medico. *L. 43 f. 92.*

*

Alvará sobre a criação dos cavallos. — *L. 7 f. 213.*

*

Camara de Cintra. Alvará de Filippe I para caçarem nos seus pomares, etc. *L. 32, f. 131.*

*

Alvará de Filippe II aos lavradores de Cintra para usarem de seus privilegios. *L. 4. f. 174.*

*

Alvará do dito Rei para trazerem eguas soltas a pasto na Serra. *L. 1.º f. 96.*

*

Alvará de Filippe III aos moradores de Cintra para usarem de seus privilegios. *L. 5.º f. 249.*

*

Alvará do dito Rei para caçarem os coelhos. *L. 30 f. 87.*

*

Côrtes

Capitulo especial porque praz a El-Rei que não haja ahi mais de doze besteiros do couto, e dos mais os ha por relevados. Anno 1461.

A villa de Cintra. Capitulos especiaes por um dos quaes é accordado que ácerca dos que buscam mel, e o hão, se guarde pela guiza que se usou e costumou até á vinda da Rainha. E por outro é declarado que as penas das forças pertencem aos almoxarifes. E os alçamentos d'ellas aos juizes ordinarios. E outros capitulos a que é provido por respostas. — *L. 10 de Estremad. f. 38.*

Estes capitulos explicam em parte algumas cousas do antigo foral, por exemplo: Inquiritores melis, se entende pelo que vae buscar mel, e não pelo que tem colmêas. Idem, senhor, em o dito foral se contém que todo aquelle que buscar mel uma vez do anno dê um meio alqueire d'esse mel ao senhorio. E ora senhor o rendeiro que em cada um anno é, demanda todo-los que tem colmêas que lhe dêem meio alqueire, o que nunca foi nem é direito, porque é contra o foral. Nos mesmos capitulos se explica que cousa seja *Sayão*. Item senhor se contem em o dito foral que o Mordomo que se chame Sayão, etc. e egualmente que medida seja o puzal. Item senhor em o dito foral é conteudo que qualquer que colher vinho e houver cinco quinhões que tal como este pague um puçal de vinho á bica do lagar, que são nove almudes, etc.

Confirmação ou resposta de D. Affonso V a certos capitulos de que foram partes os Juizes Vereadores e homens bons da villa de Cintra.

Ordena-se que os Judeus se sirvam dos portaes que têm na Judaria e tenham nos ditos portaes umas verdezelhas da altura que deem a um homem pela cinta para poderem dar por ellas as bofominhas e outros generos que venderem, os quaes não venderão aos domingos e festas de preceito, antes de finda a missa do dia sob pena de pagarem 200 reis para captivos.

Item penas contra os que caçarem perdizes nas coutadas.

Item licença para uma vez por anno correr os lobos, ordenando aos monteiros que os acompanhem áss ditas c orridas.

Item ordenando que os Memposteiros dos captivos e outras pessoas que pedem para differentes invocações, peçam em mealheiros.

Item concedendo a Luiz Pires por o serviço de temperar o relogio e ajudar á missa na capella, attendendo á sua pobreza e ser muito bom homem, certa gratificação.



112 — *O largo de Collares*

Photographia do sr. João Moreira

Item prohibindo que nenhuma pessoa de qualquer condição que seja, no tempo das eiras nem fóra d'ellas, vão pedir para bodos nem bodas para nenhuma pessoa. Dado em Lisboa a 18 de maio de 1452. Confirmado em Extremoz a 3 de fevereiro de 1479.

Capitulos especiaes da villa de Sintra apresentados nas Côrtes de Evora convocadas por el-Rei D. Affonso, pelo procurador de Sintra Duarte Rodrigues, aos quaes el-Rei respondeu que ha por bem confirmar-lhe o privilegio de não serem acontiados e outro si lhes releva certas penas com condição que d'ahi em deante obedeçam aos mandados, aliás mandará

contra elles executar as ditas penas. Evora 12 de março de 1475. *L. 10 da Estremad. f. 284.*

Veja-se *L. 2 de D. Affonso V f. 19.—L. 13 f. 3 v.—L. 24 f. 57 v. L. 28 f. 42.—L. 30 f. 107 v.—L. 1 da Estremad. f. 191 v.—L. 4 dito f. 274 v.—L. 5 dito f. 163 v.—L. 10 f. 39 f. 106.*

*

Doações

Carta de escambo de Cintra entre el-Rei D. Diniz e o Infante D. Affonso por Marvão e Portalegre. *L. 3 de D. Diniz f. 10 e L. 3 f. 37.*

Sentença que julgou pertencer á corôa do Reino, as villas e castellos de Cintra, Ourem e Armamar, e não á Infanta D. Izabel por ser nulla a doação que el-Rei d'elles fez ao Infante D. Affonso. Não traz data. *Gaveta 15 Maço 5.º n.º 1.*

Doação que el-Rei D. Diniz fez a seu filho Pedro Affonso, de uma adega, vinhos, terras, azenhas e outras muitas coisas na dita villa.

Em nome de D.ˢ amen.

Conhoscão qtos esta cta vyrem que eu dom Deniz pela graça de D.ˢ Rey de port. e do Algvẽ em sembra co a Raynha dona jsabel minha molher co iffante dõ Af.º nosso filho pmo herdejro dou e outorgo a vos P.º Af.º meo filho todolos hdmentos que eu ey en Sintra e en seu termo os quais forom de p.º ffernandes que foy copejro dElRey dom Af.º meo padre e seu almũxe en lisboa. Conven asaber hũa adega cõ saas cubas e tjnha ena villa. E huã asenha cõ sa almoya que chamã de pombal e huũ qrto dũa asenha com huũ qnho de pomar apar dela que foy dalvoro e huã orgejra e huũ campo em baratojo huã cõrella de vjnha a par das donas de chelas. E outra cõrella de vjnha que jaz na varsea que parte cõ mtim alvares, e de outra parte o rio d'almargem e de out.ª o caminho publico e outra cõrella em Galamar que parte com Domingos mts e co o herdamento dos piliteiros e co a carrejra que vay paã serra er pte co o ryo que vẽ da villa e outra coyrella de pomar na serra que parte cõ o Templo e co vicente velho e cõ mtm chanceler e cõ sam Vicente. E huũ casal cõ casas e cõ curral o qual he en lentergo o grande e parte co os da Zibreira e cõ lentergo peqno e co mtm johnes Barhualvo e cõ a carreira que vay da villa pã ffontanellas e cõ a dos Gameiros. Outrossi vos dou o casal que ffoy de p.º de lanhaes o qual he no azambujal en termo dessa villa do qual casal estes som os termos contra Oyeiras aguião sã Domingos a travesia aldea de Teraz abrego o mar dou e outorgo a vós sobredito p.º affonso meo filho todolos sobrdtos hdamẽntos e possissoens que vos e vossos filhos lidimos e aqulls que deles descendenrẽ lydimamẽnte de direita ljnha os aiades e possuyades pera todo o sempre. E se vos ou vossos filhos lidimos ou aqls que delles descenderem lydimamente de dereita ljnha morerdes sẽ filhos lydimos os sobreditos hdamẽtos possisoens tornesse aa coroa do reyno cõ todos seus melhoramentos livmente sen enbargo nẽ huũ. E que esta dãçõ seia firme maes estavel outorgo que nunca venha contra ela. E que qr. que a compdamente agrdar aia a beçõ de d.ˢ e mjnha. E se alguẽ assi da minha parte como dos estranhos contra esta mha doaçõ vier aia e maldiçõ de D.ˢ e a minha. E esta doaçõ fique firme estavel pa todo sempre assi como de suso dito he.

Em testemyo d'esta cousa dou ende aa vos P.º alffonso meo filho esta mha ct.ª seelada de meu seello de chumbo. Dãt em Lixboa 28 dias de junho. Era de 1339 (Anno 1301). *L. 3.º de D. Deniz f. 15 e Gav. 12 Maço 7 N.º 21.*

Doação da Rainha Santa Izabel da villa de Cintra, Obidos com suas alcaydarias e padroados de Igrejas, etc. Dada em Coimbra aos 27 de junho de 1287. *L. 1 f. 201.*

Doação da colheita da dita Rainha. *L. 1 f. 200.*

Camara de Cintra. Sentença sobre o corte de lenha entre seos moradores e os do Reguengo ou Collares. *L. 3 f. 88 e 89.*

*

D. Affonso IV

Escambo que a Rainha D. Beatriz fez com a ordem de Christo dos bens que a dita ordem possuia em Cintra devolvidos dos Templarios com os que a dita senhora possuia na Ega e Torre da Murta. 20 de junho de 1345.—*L. de Mestrados f. 103.*

Doação da dita Senhora pelo Prior e Mosteiro de S. Vicente de Fora da sua quinta de Milides em o termo da villa de Cintra com a condição que por sua morte deixasse ao dito Mosteiro tanta herança que lhe rendesse trinta libras cada um anno pagas pelo Natal. Segue a carta de procuração da Rainha datada de Alemquer, a 18 de dezembro de 1350, a Gomes Vasques, provedor do Hospital de Santo Eloy de Lisboa, para obrigar os seus bens ao dito pagamento. *L. de Reis f. 121.*

*

Doação do padroado da egreja de S. Miguel ao Cabido da Sé de Lisboa:

Dom Affonso pela graça de D.ˢ Rey de portugal e do Algarve. A quantos esta Carta vyrem fasemos saber que nos consideramos o serviço de Deus e da Virgem gloriosa Santa Maria sa madre e do bemaventurado marter sam Vĩcẽte com outorgamento da Rainha D. Beatriz nossa mulher e do Iffante dom Pedro nosso filho moor herdeiro por saude de nossa alma e em Rememento de nossos pecados, damos, doamos e outorgamos por pura duação livremente para sempre sem outra condição e sem nenhum embarguo ao cabido da sée de sam Vicẽte de lixboa o padroado da nossa Igja de Sam Miguel de Sintra do bispado de lixboa e de todo o outro dito qualquer que nos avemos e saber devemos por qualquer razom e maneira em essa Igreja de sam Miguel por tal guiza que nunca se pode revogar. E tolhemos e partimos logo de nos e do nosso puder do estado e de nossos socessores a dito padroado e todo o outro dito que avemos... devemos na dita Igreja e direitos d'ella p. qualquer razom e damolo trespassamolo e poemolo compdamente com todas suas pertenças e ditos no dito cabido e posse del pdfca e por palavra segundo lhe melhor e mais compridamente dar doar e outorgar podemos que o tenham ajam possuam e defendam como verdadeiro senhor e possuidor com todas as suas pertenças e ditos e razoens e acçoens. E

que façam e possam fazer da dita Igreja e do padroado e ditos e pertenças della todalas cousas e cada huma dellas que verdadeiro señor póde e deve fazer de sa cousa propria e que nos mesmos fariamos e poderiamos fazer se das ditas cousas e cada huma d'ellas fossemos verdadeiro sôr teedor e possuidor. E esta dita doaçam outorgamos e havemos por firme e por estauel para todo o senpre.

E prometemos e obrigaunos por nos e por nossos socessores de nunca arrevogar de nunqua em ñehuũ tempo por nos nem p. outreem por nhũa razam nẽ ocasião nem de fazer nem dizer contra ella nem contra parte della razam ñhuũa perq̃ no aja firmidade pera sempre. E rogamos e mandamos e defendemos sob pena da nossa benção a nossos socessores e herdeiros quaesquer outras pessoas que por si nem por outrem nam vam nem façam contra esta dita nossa benção nem parte della nem contra as cousas e cada huma dellas q̃ em elle som contheudas. E se alguem tentar ou tentar fazer haja a maldição de D.ˢ e a nossa e esta doação fique todavia firme e estavel para sempre. E aquel ou aquelles que a guardarem ajam a benção de D.ˢ e a nõssa. E rogamos a dom Joham bpo de lixboa que de sua authoridade e outorgamento a esta doação e a todalas em ella conteudas e que a aja por firme estavel e valiosa. Em testemunho disto mandamos seelar esta carta do nosso seelo de chumbo. Dante em ebora 24 dias de fevereiro. ElRey o mandou Domingos martins a fez era de 1374 (Anno de 1336). E nos Joane pela merce de Deus bpo de Lixboa sobredito considerando que esta dita doação he a serviço de Deus e de st.ª sa madre de S. Vicente e prol da dita See de Lixboa a roguo do dito Sor Rey D. Af.º de certa sciencia outorgamol-a e damos hy nossa authoridadade e outorgamento. Em testemunho desto sobrescrevemos aqui nosso nome e mandamo-la seelar com nosso seelo de sera pendente. *L. 4.º de D. Affonso 4.º f. 4 v.º*

D. Fernando

Doação da villa de Sintra a Rainha D. Leonor em 1372. *L. 1.º f. 107. L. 2.º f. 60 e L. 1.º de Reis.*

Carta coutando a mata de Almosquer pertencente á ordem de Christo, a pedimento de D. F. Nuno Mestre da Ordem, por este se queixar que lhe fazião damno cortando-lhe lenha e fazendo-lhe outras avarias. Em 1371. *L. 1.º f. 70.*

*

D. João I

Carta para ser C'intra termo de Lisboa. — *L. f. 23.*

*

Doação á Infanta D. Leonor. — *L. 1. de Reys f. 108.*

Doação das Jugadas ao Conde D. Henrique, 6 de abril de 1385. — *L. 1.º f. 31.*

D. Affonso V

Cintra: Doação á princeza. — *L. 32 f. 8.*

*

Doação á Rainha D. Isabel. — *L.º 25 f. 51 e L. 1.º de Reys.*



113 — *Pelourinho de Collares*
Photographia do Sr João Moreira

*

Doação do casal de Ranholos a D. Alvaro irmão do Duque de Bragança. — *L. 2.º de Misticos.*

D. João II

Doação de Obidos, Cintra e Alemquer á Princeza D. Izabel.—*L. 43 de D. Manuel f. 57.*

*

Doação á Rainha D. Leonor. — *L. 3 f. 49.—L. 10 f. 76.—L. 1.º de Misticos f. 135.—L. 2.º ditto f. 87 e L. 1.º de Reys f. 10 v.º*

D. Manuel

Doação á Rainha D. Leonor. — *L. 43 f. 57 de Misticos f. 134.*

D. João III

Doação á Rainha D. Leonor por se haver estipulado no contracto do Cazamento d'esta Senhora com El-Rey D. Manuel que as terras que tinha a Rainha D. Leonor sua irman e thia de D. João 3.º quando vagassem passariam á dita Senhora: esta doação foi feita por virtude do escambo que fez por quatro centos de maravedız que a ditta Rainha mãi d'El-Rey tinha em Castella do Imperador seu irmão segundo consta do contrato de troca, escambo e permutação feito com consentimento do Imperador. 2 de Novembro de 1528. — *Gav. 15 M. 15 N.º 5.*

*

Doação de Cintra á Rainha Catherina.—*L. 14 f. 191 e L. 48 f. 104.*

*

Doação a D. Alvaro de Castro dos castanhaes das Mealhas, á Fonte d'El-Rey. — *L. 57 f. 6.*

(Da 1.ª edição)

Pag. 40 — Nota (*b*)

«Quasi pela mesma fórma se expressa lord Byron, no seu poema: *Childe Harold's Pilgrimage*, de que em nota no final d'este livro damos as estancias que a Cintra se referem, acompanhadas da sua traducção e annotações necessarias »

Childe Harold's Pilgrimage

Canto I

....

XVIII

Poor, paltry slaves! yet boru'midst noblest scenes —
Why, Nature, waste thy wonders on such men?
Lo! Cintra's glorious Eden intervenes
In variegated maze of mount and glen.
Ah, me! what hand can pesseil guide, or pen,
To follow half on which the eye dilates
Through views more dazzling nuto mortel ken
Than those suberesf such things the bard relates,
Who to the awe — struck world nulock'd Elysium's gates?

XIX

The horrid crags, by toppling convent crown'd,
The cork — trees hoar that clothe the shaggy steep,
The mountain-moss by scorching skies imbrown'd,
The sunken glen, whose sunless sbrubs must weep,
The tender azure of the nuruffled deep,
The orange tints that gild the greenest bough,
The torrents that from cliff to valley leap,
The vine on high, the willow branch below,
Mix'd in one mighty scene, with varied beauti glow.

XX

Then slowly climb the many — winding way,
And frequent turn to linger as you go,
From loftier rocks new loveliness survey,
And rest ye at our «Lady's house of wae»;
Were frugal mouks their little relics show,
And sundry legends to the stranger tell:
Here impious men have punish'd been, and lo!
Deep in you cave Honorius long dire dwell,
In hope to merit Heaven by making earth a Hell.

XXI

And here and there, os up the crags you spring,
Mark many rude — carv'd crosses near the path:
Yet deem not these devotion's offering —
These are memorials frail of murderous wrath:

For wheresoe'er the shrieking victim hath
Pour'd forth his blood beneath the assassin's kinfe
Some hand erects a cross of mouldering lath;
And grove and glen with thousand such are rife
Throughout this purple land, where law secures not life.

XXII

On sloping mounds, or in the vale beneath,
Are domes where whilom kings did meke repair;
But now the wild flowers round them only breath;
Yet ruin'd splendour still is lingering there.
And youder towers the Prince's palace fair:
There thou toa, Vathek! England's wealthiest son,
Once form'd thy Paradise, os not arware
Wen wanton Wealth her mightiest deeds hath done,
Meek Peace voluptuous lures was ever wont to shun.

XXIII

Here didst thon dwell, here schernes of pleasure plan,
Beneath you mountain's ever beauteous brow:
But now, as if a thing nublest by Man,
Thy fairy dwelling is as loue as thou!
Here giant weeds a passage scarce allow
To halls deserted, portals gaping wide:
Fresh lessous to the thinking hosovr, how
Vain are the pleasaunces on earth supplied;
Swept into wrecks anon by Time's ingentle tide!

....

Lord Byron.

(Traducção.)

XVIII

....

Eis que em maior labyrintho de montes e valles surge o glorioso Eden de Cintra. Ai de mim! que penna ou que pincel logrará jámais dizer a metade sequer das bellezas d'estas vistas mais deslumbrantes que ess'outras em que falla o poeta que abriu ao mundo, tomado de espanto, as portas do Elysio?

---

[1] E' do sr. Alberto Telles a traducção que aqui publicamos.

XIX

Mosteiros suspensos de horridos penedos; sobros seculares em volta de precipicios vestidos de musgo, que o ardor do sol crestou; arbustos gotejando á sombra no valle profundo; o azul suave de um mar tranquillo; aureos pomos em viridentes ramos; torrentes que se despenham das cristas da serra; no alto os ninhos, cá em baixo as ramas dos salgueiros... Fórma tudo um quadro maravilhoso, de variada belleza!



114 — *Collares — Egreja de Milides*
Photographia do sr. João Moreira

XX

Trepae então de vagar a senda tortuosa e, voltando o rosto a miude, parae de quando em quando. Cresce a altura da fraga e as graças crescem! Repousae depois no convento de Nossa Senhora da Pena, onde monges frugaes amostram aos estrangeiros as reliquias que possuem e narram lendas antigas. [1] Homens impios foram castigados aqui... Mas olhai!

[1] No *Panorama*, de 1838, foi esta passagem traduzida assim:

Subis de espaço a tortuosa senda:
Voltando a face, repousaes na encosta:
Cresce a altura da fraga, e as graças crescem:
No mosteiro da Pena então parando,
Monges frugaes nos mostrarão reliquias,
E estranhas lendas nos dirão de outr'ora.

Alem, n'aquella cova, por largos annos viveu Honorio, fazendo da terra um inferno na esperança de ganhar o céo!

XXI

Ao passo que subis, vêde quantas cruzes toscas, aqui e ali, á beira do caminho! Não as tomeis por devotos testemunhos de piedade; — são fracas memorias de ferozes matadores. Sim, por toda a parte que a victima, soltando um grito, derramou o sangue sob o ferro do assassino, alguem ha que levanta uma cruz de fragil ripa. E cheios d'ellas se encontram a cada passo bosques e valles n'esta terra sanguinaria, em que as leis não bastam para proteger a vida. [1]

XXII

Nos recostos das collinas e no valle, palacios arruinados, que só flores silvestres cercam — antiga morada de reis — dão ainda a lembrar o passado esplendor. Alem se eleva o bello palacio real. E ali tambem tu, Vathek! opulento inglez, fizeste outr'ora o teu paraizo, sem considerar que a riqueza, prodiga de voluptuosidades, quando uma vez chega a realisar os prodigios de que é capaz, é para logo se dizer adeus a todo o socego.

XXIII

Aqui moraste, aqui, sob os pincaros sempre bellos d'esta serra, formaste sonhos de prazer. Hoje, porem, como coisa amaldiçoada dos homens, a tua vivenda encantadora está solitaria como tu. Altas hervas parasitas a custo dão passagem para salas desertas e portaes abertos. Que lição ainda recente para o homem que medita! Vaidade dos prazeres do mundo que o tempo inexoravel depressa mudou em ruinas!

---

[1] O fecho d'esta estancia é antes uma conclusão, embora exagerada, do estado social do reino em 1809, que propriamente o resultado de uma impressão local, de uma impressão de Cintra.

E' evidente que as frageis cruzes de ripa que orlam a beira do caminho, das quaes fala o poeta, em nenhuma maneira se podem referir, como, aliás, pretende a tradição, ás grandes cruzes de pedra, que indicam ao viajeiro o trilho do convento dos Capuchos.

Por outro lado, que fundamento ha para se poder suppôr que esses indicios christãos de mortes naturaes ou violentas estivessem alli, por esse tempo, espalhados em tamanha quantidade que merecessem, realmente, menção especial? A não se querer insinuar, á força, que lord Byron teve o proposito deliberado de mentir e difamar, quando é certo que os tristes successos da epocha lançam em grande parte um vivo clarão nas suas tremendas imprecações, é licito pensar que n'aquella estancia os oito primeiros versos veem apenas para exprimir o fim do ultimo, que é um facto historico.

Esses versos são, digamos assim, a severa fórma poetica, (e bem livremente poetica!) em que se envolve, meia disfarçada, meia viva, a verdade.

Pag. 48 — Nota *(b)*

«A cadeia de Cintra, tal como ainda hoje se encontra, foi reedificada em 1822, sendo empreiteiro d'essas obras Pedro d'Oliveira, que não cumpriu muito escrupulosamente o seu contracto, como demonstram documentos que no final vão publicados, com mais desenvolvida noticia ácerca d'este edificio »

Por escriptura de 11 de dezembro de 1606 adquiriu a Camara, pelo preço de 80$000 réis, umas casas no sitio onde se encontra a actual cadeia, de que eram proprietarios Jeronymo de Mello e sua mulher D. Izabel d'Oliveira, de Villa Viçosa, que na respectiva escriptura foram representados por Fr. Luiz de Jesus, religioso da Ordem de Santo Agostinho, residente no «mosteiro de Nossa Senhora da Penha de França». Estas casas pertenceram a Jeronymo de Mello, e sua mulher, por herança de seu pae e sogro Antonio de Mello, e mulher D. Brites.

Por parte da Camara outorgou na escriptura Nicolau Garcia, morador em Cintra, «como procurador da Camara e Concelho da dita villa».

D'este contracto existe uma copia ainda em muito bom estado de conservação, no archivo da Camara Municipal.

Parece, porém, que a cadeia então construida não ficou ampla bastante para o movimento que então havia, porque em 15 de julho de 1797, a Camara deliberava o seguínte: [1]

«Nesta se detreminou que se comprasse a Agostinho João as casas «que o mesmo possue junto á cadeya e que lavrada a escriptura pello «preço que se ajustassem se passasse a fazer nas mesmas as acomoda«ções percisas para o regulamento da cadeya, fazendo se esta obra com «o aseyo e segurança que em tudo exige huma obra publica.»

Em 1821 foram feitas no edificio da cadeia obras importantes, de que foi empreiteiro Pedro d'Oliveira, a favor de quem, em 1 de dezembro do mesmo anno, foi auctorisado o pagamento de 800$000 réis, por conta de maior quantia.

Essas obras não estavam ainda concluidas em 1822, como se deprehende do que das actas das sessões de 10 e 27 de julho d'esse anno consta. [2]

Em 10 de julho:

«Nesta requereu o Procurador do Conselho que estandoce fazendo «a Obra da Cadeya e detreminando o Risco da mesma que se fizece dois «Segredos, elle Procurador do Concelho tendo visto a dita Obra acha que «elles ficão muito pequenos, e que he empocivel adotarce o mesmo Risco

---

[1] Acta da sessão de 15 de julho de 1797, a fl. 60 do Liv. 1.º
[2] Liv. 3.º, fl. 98 a 140.

«naquella parte por ser athé em prejuizo da Omanidade, por cujo motivo «requeria se procedece a Vestoria para á vista della se detriminar se deve «ou não altarar o dito Risco, o que sendo houvido assim se mandou.»

Em 27 de julho:

«Nesta se determinou visto conhecersse da Vestoria a que se proce«deo ser empatricavel o fazersse dois Segredos no lugar que estava des«tinado para elles se fizece só hum visto que os dois ficavão muito peque«nos de maneira apenas cabia huma só pessoa com muito emcomodo «ficando desta maneira desobrigado o Arremetante de fazer os dois Se«gredos, e ficando sómente obrigado a fazer hum só Segredo.»

Depois d'esta obra nenhuma outra se fez n'aquella prisão, que mereça mencionar-se, conservando-se tal como ha perto de 80 annos a actual cadeia, cuja demolição se apresenta como uma necessidade urgente... vae em meio seculo.

Pag. 55 — linha 12

«A frequencia dos reis anteriores, a epocha em que suppõe a sua fundação, principalmente de El-Rei D. Affonso IV, que vinha a esta terra caçar, o que deu logar á corajosa intimativa de seus Conselheiros, e sobre a doação de El-Rei D. João I, d'estes paços, ao Conde D. Henrique, corrobora o que temos dito relativamente á sua primeira origem.»

Doação dos Paços de Cintra ao Conde D. Henrique

D. João, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos veendo e consirando os muytos servyços que nos e estes regnos recebemos e entendemos de recebermos ao deante do Conde D. Henrique portador desta carta e querendo-lhe nos conhecer e galardoar com merces o que deve fazer o bom Rey e Senhor a tão leal vassallo e servidor. E querendo-lhe fazer graça e mercee teemos por bem e damoslhe e doamoslhe e fazemoslhe livre e pura doação antre vivos valedoira deste dia para todo sempre para elle e para todos os seos filhos e filhas e netos e bisnetos que delle descenderem por linha direita e de todos os seos descendentes dellos de todos os nossos paços que nos avemos na nossa villa de Sintra com todas as suas entradas e sahidas e direitos e pertenças por aquella mesma guiza que os nos avemos e de direito devemos daver e que os avião os reis que ante nos forom porem mandamos que elle por sua propria authoridade ou por seu certo procurador tome e faça tomar posse e propriedade dos ditos paaços e os possa aver e vender dar e doar escambar e fazer delles e em elles tudo o que lhe prouver como de sua cousa propria e corporal posiçam e que nem nos nem outro nenhum que seja em nosso nome nem os nossos socessores que despois de nos vierem nom possamos hir contra esta doaçom em parte nem em todo. E prome-

temos em nossa boa ffé rreal por nos e por elles aa nom contradizer em nenhuna guiza que seja nom embargando Leis degredos glosas opiniões husos foros privilegios liberdades graças mercees costumes instituiçoens e ordenaçoens dos regnos e outros quaesquer direitos que em contrario desto sejam feitos os quaes nos aquy avemos por expressos e certificados. E queremos e mandamos que nom valham nom tenhaõn nem ajam aquy lugar e que esta doaçam tenha para todo o sempre como dito he nom embargando que os ditos paaços de direito sejam fiscados e devolvidos á



115 — *Memoria de Valle de Milho*
Photographia do sr. João Moreira

corôa dos regnos por quanto nos tiramos de nos todo ho puder e direito que em elles avemos e poemos no dito conde e nos sobreditos seos descendentes. E mandamos ao nosso almoxarife da dicta villa e a outro qualquer que esto ouver de veer por nos que lhos leixem aver e lhe não ponham sobre ello torna nem embargo e querendo lhe elles ou outro algum poer mandamos aos juizes do dito logo e as outras nossas justiças a quem esta carta for mostrada que o nam consintam e lhes alcem dello força e o mantenham a elle em posse e em testemunho desto lhe mandamos dar esta nossa carta assignada por nossa maão e sellada de nosso sello dante em Villa real de panoyas 4 dias de dezembro elrey o mandou. Stevam Rodrigues a fez era de 1423.

Liv. 1.º, fl. 164. (Da 1.ª edição.)

Pag. 62 — nota 1

«A lenda das pêgas tem por diversa fórma sido descripta, e Garrett conta-a em bellos versos que publicou na *Illustração*, em agosto de 1846, e depois colleccionou no primeiro volume do seu *Romanceiro*.»

«Lopes de Mendonça, o brilhante dramaturgo, aproveitou tambem a lenda para uns bellos versos, na farça *Zé Palonso*, que, com a collaboração de Gervasio Lobato e D. João da Camara, escreveu em 1901, e que só foi representada uma unica vez.»

POR BEM

AS PÊGAS DE CINTRA

Gavião, gavião branco
Vae ferido e vae voando;
Mas não diz quem n'o feriu,
Gavião, gavião branco!

O gavião é callado,
Vae ferido e vae voando;
Assim fôra a negra pêga,
Que ha de sempre andar palrando.

A pêga é negra e palreira,
O que sabe vae contando...
Muito palra, palra a pêga,
Que sempre ha de estar palrando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem ás vezes, falando,
O segredo dos sisudos
Que elles não guardam calando.

Era uma pêga no paço
Que el-rei tomara caçando;
Trazem-n'a as damas mimosa
Com a estar sempre afagando.

Nos paços era de Cintra,
Onde estava el-rei poisando:
A rainha e as suas damas
No jardim andam folgando,

Entre açucenas e rosas
Entre os goivos trabalhando;
Umas regavam as flores,
Outras as vão apanhando;

E a minha pêga com ellas
Sempre, sempre palreando.
Vinha el rei atraz de todas
Com Dona Mécia falando.

Era a mais formosa dama
Que andava n'aquelle bando:
No hombro de Dona Mécia
A pêga vinha poisando,

E zelosa parecia
Que os andava espreitando...
Colhêra el-rei uma rosa,
A Dona Mécia a ia dando.

Com um requébro nos olhos
Tam namorado e tam brando...
Inda bem, minha rainha,
Que adiante vaes andando!

Pegou na rosa a donzella,
Disfarçada a está cheirando...
Senão quando a negra pêga
Que lh'a tira e vae voando.

Deu um grito Dona Mécia...
E a rainha, voltando,
Deu com os olhos em ambos...
Ambos se estão delatando.

—«Foi por bem!» lhe disse o rei,
Seu accôrdo recobrando:
—«Foi por bem!»—«Por bem», repete
A pêga em torno voando.

—«Por bem, por bem!» grasna a tonta,
De má malicia cuidando
Co'a chocalheira da lingua
Andar o caso enredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem ás vezes falando
O segredo dos sisudos,
Que elles não guardam calando.

Riu-se a rainha da pêga,
E ficou acreditando

Que a innocencia do caso
 N'ella se estava provando.

Da pêga mexeriqueira,
 Do bem que fez, mal pensando,
Nos reaes paços de Cintra
 A memoria está durando.

E eis-aqui, senhora, a historia
 Da pêga que ahi vês palrando,
Da rosa que tem no bico,
 Da lettra que a está cercando.

A pêga é negra e palreira,
 O que sabe vae contando:
Mas quer Deus que os chocalheiros
 Guardem segredo falando.

O gavião, esse é outro;
 Vae ferido e vae voando:
Mas não diz quem n'o feriu...
 Gavião, gavião branco!

Almeida Garrett.

Esta poesia do Visconde de Almeida Garrett, publicada na *Illustração*, vol. II, n.º 5, de 1 de agosto de 1846, vem no primeiro volume do seu *Romanceiro*, precedida das seguintes linhas:

«Dou aqui logar a esta composição que, moderna, como é, e minha, toda é feita de coisas populares e antigas. A anecdota devêra ter sido celebrada pelos menestreis do tempo: não o foi, e eu procurei supprir o seu descuido. Não apparece, pois, em meu nome, senão no d'elles, embora de longe os rastreie.

Quando a primeira vez sahiu da minha carteira a presente ballada, foi para se imprimir na *Illustração*, jornal que se publicava em Lisboa em 1845–46. Reimprimirei com ella aqui tambem a carta que então escrevi ao redactor d'aquelle jornal, porque devéras contem a historia da sua composição.

Eis aqui a carta:

« — Queria escrever-lhe um artigo, meu caro redactor, para a sua *Illustração*, que realmente faz milagres no meio d'esta escacez de tudo, e d'estes impedimentos para tudo que characterizam a nossa boa terra. E' promessa velha e que eu devia ter cumprido ha muito. Mas como, mas quando? E que ha de um homem escrever que se leia — que se leia por damas bellas e elegantes cavalheiros — quando lhe anda intallado nos bicos da penna o fatal fio da politica, que a faz espirrar e esgravatear em tudo o mais?

«Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organisações ministeriaes, e não sei que mais coisas taes, foi-se-me de todo a



116 — A Pena em Cintra no seculo XVI

derradeira reminiscencia litteraria que ainda por cá havia. Tenho saudade d'ella, mas foi-se, morreu pela patria!

«Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer; mas é certo que morreu.

«Eu porém nunca prometti, que faltasse, a homem nenhum—nem a mulher, que mais é! O ponto está que me acceitem em pagamento aquillo que eu posso dar. Que, ás vezes, o máu pagador não é máu senão pelas absurdas e excessivas exigencias do crédor. Axioma de eterna verdade, especialmente quando applicado a tudo o que passa entre os representantes do nosso pae Adão e as representantes da nossa mãe Eva...

«Passemos adeante. Quer, senhor redactor, acceitar-me em pagamento da lettra de minha promessa, este papel que achei embrulhado entre mil rabiscos de projectos de lei, tenções de autos, notas ao orçamento e outras coisas galantes do mesmo genero?

«Se quer aqui o tem, e disponha d'elle.

«Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito.

«Estava eu em Cintra, foi em... Que importa lá quando foi? Basta saber que não era n'essa estação *fashionavel* em que a elegancia de Lisboa se vai infastiar classicamente para o mais romantico sitio da terra. Era na primavera; passeavamos dois sós, ou quasi sós, n'aquelle Eden delicioso. Fomos vêr o palacio; chegámos á sala das Pêgas.

«Pêgas são chocalheiras e linguarudas: eu detesto o bicho... e n'este tempo, estava-lhe com zanga de morte...

«Abominavel bicho! Isto já lá vai ha muito tempo, meu caro redactor, e ainda me faz ferver o sangue...

«Passemos adeante!

«Perguntaram-me a explicação d'aquellas pêgas da sala. Contei a historia popular que é tam sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a pozesse em verso: fiz isto.

«E isto que é? Não sei. E' romance ou é apologo? E' fabula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador d'essas coisas; que fará agora!

«O que lhe digo é que no seculo XVI a XVII, segundo consta do *Fidalgo aprendiz* do nosso Francisco Manuel de Mello, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como esta:

«Gavião. gavião branco,
Vai ferido e vae voando.»

«Nunca pude encontrar o resto, nem procurei muito por elle; mas ingracei com este principio, e servi-me d'elle aqui. Acha mal feito? Eu não.

«Se soubesse, meu caro senhor, todas as circumstancias d'esta composição! Se soubesse de certa pêga ou pêgas que me perseguiram com seu maldito palrear, e me queriam, ainda em cima, assacar, a mim gavião, ellas pêgas, as manhas que só ellas teem!

«Mas ficou lograda a pêga e...

«Adeus, meu amigo, outra vez adeante! O gavião, e sobretudo o gavião branco — note — é animal nobre, de especie genero, e até de familia differente da pêga.

Passe muito bem. Aqui estão os versos; eu vou salvar a patria.»

Julho, 22 — 1846.

POR BEM

I

Na resplendente sala
D'um alcaçar real,
Com dama esbelta fala
Um rei de Portugal.
E uma ardilosa pêga,
Pousada no alizar,
Os olhos não desprega
Do regio conversar.

El-rei, meigo, adjura:
«Um beijo que tem?»
E a pêga murmura
Baixinho: «Que tem?»

II

Primaveral e doce
Lá fóra o céo reluz;
Subtil a brisa trouxe
Tépido aroma a flux.
E el-rei, mansinho, á sonsa,
Já trémulo de amor,
Acérca a barba intonsa
Do rosto encantador.

E a dama segreda:
«Não veja ninguem!»
E a pêga, mui queda,
Repete: «Ninguem!»

III

Mas quando o labio pousa
N'uns labios de romã,
Assoma á porta a esposa
Do regio D. Juan...
O austero olhar aterra
Os conturbados réos,
A dona para a terra
Abaixa os olhos seus.

E el-rei, com voz branda,
Murmura: «Por bem!»
E a pêga desanda
Aos berros: «Por bem!»

Lopes de Mendonça.

De collaboração com Gervasio Lobato e D. João da Camara, escreveu Henrique Lopes de Mendonça a farça *Zé Palonso*, que foi representada uma unica vez na noite de 10 d'abril de 1891. E' d'essa farça esta canção *Por bem*, que foi cantada pela insigne cantora Helena Theodorini.

Pag. 66 — nota 4

«A descripção em verso, por muito extensa e de pouco interesse, transferimol-a para as notas finaes.»

Sintra se chama esta deleitosa
Parte onde repouso o moço engeita,
Vai pensativo achar hua cavernosa
Pedra de largo ventre & porta estreita,
Ousado entra na gruta cavernosa,
E huma lamina dentro escrita espreita,
Toda Arabios versos a occupavam,
Que grandes cousas lhe pronosticavam.

Sahe o Rey muito mais triste e turbado
Do concavo penedo imaginando
No novo cazo onde descuidado
Em varios desconcertos vai cuidando:
Oh! o como me levara alvoraçado
(Se a cauza fora amor) atrás chorando,
Pois claras agoas, verdes arvoredos,
Não puderão fazer seus olhos ledos.

Descobre a breves paços altos teitos
Por entre a espessa & verde rama,
D'alguma mais que umana industria feitos
Quaes não cantou moderna ou antiga fama,
Não consumindo outros tão perfeitos
O largo tempo ou Dardania chama,
Igualmente o lavor se ali reparte
Não excedendo a materia á arte.

Entra subindo por torcida escada
De marmores luzentes jaspeados
A varios corredores de estremada
Vista e parapeitos relevados,
Ouvem a voz umana retumbada
Os passaros nocturnos e espantados
Fugindo vão da luz e teitos ricos
A dar nas mãos dos inimigos bicos.

Entrando logo na maravilhosa
Casa dos brancos Cisnes, que guardando
O costume na morte tenebrosa,
Parece certo ali que estão cantando:
Avante passa onde huma dolorosa
Nympha mostrava estar-se-lhe queixando
Da agoa que por cima lhe corria,
Que n'uma curva concha ali cahia.

Dua banda do solio coartado
Sahindo da clara agoa hua espadana,
Que mais de dous lanços levantado
Parece que repugna á industria umana:
Da outra parte um tecto está dourado
Que os quatro ventos tem por onde mana
Fresco rocio & ás vezes se esprimenta,
De bravo inverno ali brava tormenta.

Logo a Galé ávante a vista espanta
De tarjas cheias onde está pintado
O monstro de septivoca garganta
E cerebro trifauce encarniçado:
Ipomanes que atrás vai de Atlanta,
Cefalo que madruga namorado,
Bosques batalhas & selvages feras,
Sulfureas grutas, orridas chimeras.

A Camara das Pegas antre aquelles
Aposentos estava & e outros que calo
Cujo lavor˜o grande Praxiteles
Nem Calicrates mal podem iguala-lo:
Pois Parrasio Protogenes & Apeles,
Timante com os mais em que não falo,
Se ficárão suspensos na pintura
Parceiros acharião na Escultura.

Em fim (por dar remate) o moço entrando
Pela casa dos Cervos estendia
A vista em varias cousas a occupando
Que ali de seu cuidado o suspendia:
O espirito bravo levantando
Vendo que hum forte escudo ali pendia
De cada um dos cervos que mostrava
Levar gloria no pezo que levava.

Os escudos brazoens são do esforçado
Bravo Luso & de tropheos antigos
Onde se vê o que he por sangue onrado
E o que deve a onra a graves perigos:
De reis Duques o sangue derramado,
De capitaens (flagelo de inimigos)
E o da que morta Pedro lhe procura
Melhor que Mauseola sepultura.

Os Loronhas, os Essas, Alencastros,
Meneses, Melos, Souza, Manoeis,
Coutinhos, Telos, Telez, Faros, Castros,
Silvas e Aragoens tambem vereis:
Almeidas & Mendonças & outros Castros,
Castellos Brancos e outros que sabeis
Que aqui não he razão que vos nomeie
Porque com tanto nome os não enleie.

Tambem ali dos inclitos Pereiras
As Cruzes tão temidas se mostravam,
Barretos, Athaides & Silveiras,
Tavares & Saldanhas tambem estavam:
Nos pendentes escudos se pintavam
Castelos, Serpes, barras & bandeiras,
Memorias dos tropheos que ganharam
O que de si memoria alta deixaram

Os Gamas & Albuquerques animosos,
Que com razão aqui no alto pendurão
No tecto seus brazoens mais gloriosos
Que os dos que supera-los não procurão,
Os Cunhas e outros muitos valorosos
Que a vida por ganhar fama aventurão
As devisas aqui tem penduradas
Das cousas que fizerão sinaladas.

Transcrevemos textualmente da 1.ª edição d'este livro, as estrophes que ahi ficam, e que pertencem ao canto IV do poema *Elegiada* de Luiz Pereira Brandão.

Pag. 72 — nota 1

«Em commemoração do centenario do nascimento do Visconde de Almeida Garrett, passou a estrada dos Pizões a denominar-se «Avenida Garrett, em fevereiro de 1899.»

A velha estrada dos Pizões, que é ainda hoje um pedaço da velha e verdejante Cintra de ha alguns annos, recebeu o nome de «Avenida Garrett», em fevereiro de 1899, por occasião de celebrar-se o primeiro centenario do nascimento do Poeta.

Acertada escolha, porque nenhum outro ponto da villa de Cintra recorda *com mais verdade* o pittoresco da verdejante e «amena estancia», do tempo de Garrett, como nenhum outro tambem mais inspirou os poetas do seu tempo.

Foi á entrada d'essa rua, quasi junto ao velho chafariz dos Pizões, que sob as verdejantes franças tem sido muda testemunha de tanto devaneio poetico, foi ali, na parede do lado esquerdo, que era da antiga «Quinta Velha», do Marquez de Pombal, e hoje pertence ao mimoso jardim que circumda o elegante *chalet* do sr. Pedro Gomes da Silva, que a Camara mandou collocar, para commemorar o facto, a seguinte lapide, que mede um metro de largo por metro e meio de alto:

AVENIDA GARRETT

CINTRA, AMENA ESTANCIA,
THRONO DA VECEJANTE PRIMAVERA,
QUEM TE NÃO AMA? QUEM SE EM TEU REGAÇO,
UMA HORA DA VIDA LHE HA CORRIDO,
ESSA HORA ESQUECERÁ?

CAMÕES, DE GARRETT.

EM 4 DE FEVEREIRO DE 1899
PARA
COMMEMORAÇÃO DO 1.º CENTENARIO
DO
NASCIMENTO DO VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT
A
CAMARA MUNICIPAL DE CINTRA
MANDOU COLLOCAR ESTA LAPIDE

Esta lapide foi inaugurada na manhã do dia 4 de fevereiro de 1899, dia de rigoroso inverno, aproveitando-se um pequeno intervallo em que a chuva deixou de cahir tão torrencialmente.

Assistiram ao acto da inauguração, que foi abrilhantado pela philarmonica da Sociedade União Cintrense, além de dois representantes da municipalidade, o dr. Carlos Augusto Guimaraens, que desde muitos annos aqui exercia o cargo de facultativo do partido municipal, e era viuvo da sr.ª D. Maria Adelaide Garrett Guimaraens, virtuosissima filha do Poeta; o deputado por Cintra sr. Antonio Maria Dias Pereira Chaves Mazziotti, e quem vem fazendo estas annotações, que representava o *Jornal Saloio*, de que era director e proprietario.

A lapide, que estava coberta com a bandeira portugueza, e circumdada de festões de verdura, com grande quantidade de flôres, foi descerrada pelo sr. Carlos Guimaraens, queimando-se n'essa occasião algumas girandolas de foguetes, e tocando a philarmonica o hymno nacional. Pronunciaram breves allocuções o sr. Carretas, um dos representantes da Camara; e o deputado sr. Mazziotti.

A concorrencia de espectadores foi muito limitada, por causa da impertinente chuva, que obrigou tambem a que aquella cerimonia se realisasse quasi de fugida.

A estrada dos Pizões já em 1888 mudára de nome, tendo tomado o de «Rua do Conselheiro José Luciano de Castro», por deliberação de uma vereação d'essa epoca. Um dia, porém, o letreiro, que tinha sido pintado pouco mais ou menos no ponto onde hoje se encontra a lapide commemorativa do centenario de Garrett, appareceu picado por pedradas, e nunca foi mandado restaurar, tendo cahido quasi em completo esquecimento aquella nova denominação da estrada dos Pizões, que hoje toma o pomposo nome de «Avenida Garrett».

Pag. 72 — nota 2

«Tem esta propriedade uma interessante historia, a que, por extensa, nos referimos em nota final.»

E' tradição, e alguns titulos corroboram, que esta casa foi propriedade dos duques d'Aveiro, e aqui se reuniram, por algumas vezes, os conjurados que planearam o attentado contra a vida d'el-Rei D. José, e em que aquelle titular desempenhou importante papel.

Foi hotel ou hospedaria, e anteriormente tinha sido fabrica, facto este que não vemos confirmado em documento algum.

A parte superior do edificio é toda moderna, de varias datas, parecendo que, d'esse pavimento, só a casa de entrada é resto da primitiva construcção.

O pavimento terreo, hoje adaptado a cosinhas, cocheiras e outras dependencias, parece ter sido primitivamente a parte nobre do edificio, como demonstram os restos de arcaria, de portas e janellas que fôram descobertas, em recentes obras, para o lado da estrada de Collares, que, evidentemente foi, n'aquelle ponto, muito aterrada.

Naturalmente confiscada para a corôa, com todas as propriedades do duque d'Aveiro, foi por escriptura de 18 de junho de 1868, na nota de Paulo d'Almeida Seabra, juiz da inconfidencia, em Lisboa, emprazada pelo rei, a Manuel Caetano de Sousa Prego, sendo ainda hoje foreira á casa do conde de Belmonte.

Por execução que foi promovida contra Antonio Valeriano de Sousa Prego, processo que correu pelo cartorio do escrivão José Maria Damaso da Silva, em 1810, foi arrematada em praça publica por Maximo José dos Reis, ultimo capitão-mór de Cintra, por morte do qual pertenceu a sua filha, casada com Miguel David Gawlley, a cuja descendente ainda hoje pertence esta historica propriedade.

Pag. 74 — nota 4

«A' tradicional origem do nome *Seteaes*, ou *Senteaes*, oppôz o grande romancista Camillo Castello Branco a sua opinião, affirmando que Seteaes vem de *Seto*, em antigo portuguez *sébe*, *tapada*, *redil*, *estacada*, porque o terreno em que se fundou o palacio, terá sido em tempos remotos uma estacada de torneios, ou simplesmente um terreiro vedado por sébes.»

«Já tinhamos que farte necedades referidas e impressas a respeito de *Seteais*, umas de gente boçal, outras de pseudo-antiquarios; não obs-

tante a escriptora [1] deu-nos a novidade dos sete clamorosos *ais* ou *hourrahs* em 1808. Ninguem póde prever até onde se estende a elasticidade de uma inepcia. Leio no *Archivo Pittoresco*, em um artigo do sr. Vilhena Barbosa, que selectamente pesquiza ha longos annos todas as velharias portuguezas o seguinte a respeito de *Seteais:* — Desde tempos muito antigos, um dos divertimentos predilectos da gente moça era ir áquelle ro-



117 — *A Cruz Alta*

Photographia de J. Moreira

cio, á tardinha, despertar os echos que ali ha. Pela disposição dos pincaros da serra, formando um reconcavo no fundo do terreiro, as palavras proferidas em voz alta na extremidade do norte do mesmo terreiro, são repetidas pelo echo com muita clareza e por varias vezes. Dizem que

[1] Lady Jackson, escreveu: «Disseram me que este nome (*Seteaes*) tem referencia á assignatura da Convenção; porquanto, quando os officiaes e soldados que enchiam a casa tal souberam, expediram sete clamorosos *Ais!* ou *hurrahs*, repelindo o seu quinhão do aviltamento de Junot; em memoria do que, se denominou a casa do marquez de Marialva, Palacio dos *Sete ais*. Dizem outros que a causa é haver no edificio um ecco que repete sete syllabas.»

n'aquelles tempos a palavra mais usada em taes exercicios era um *ai*, e que d'aqui viéra o nome ao rocio denominando o *Senteais* na opinião de uns, por parecer que a serra os sente e expressa; ou *Seteais*, segundo outros, crendo que o echo repete sete vezes a mesma palavra. Fosse, porém, qual fosse a etymologia do nome, o que é certo é que foi este ultimo o que prevaleceu.

E devia prevalecer n'este paiz onde se estudam etymologias nas crendices populares.

Recorrâmos á palavra radical, e refuguemos de vez, se possivel é, interpretações apenas ageitadas para completarem o cabaz de ridiculezas que os estrangeiros levam de Portugal para escancararem as mandibulas dos seus patricios.

Seto, em antigo portuguez, *sebe*, *tapada*, *redil*, *estacada*, etc. (de *Septum*, que tem analogas significações).

Seteaes — plural de *seto* Quer haja sido uma tapada o terreno em que se fundou o palacio, ou, em remota época, uma estacada de torneios, ou simplesmente um terreiro vedado por sebes, tudo nos ilucida a etymologia da palavra, sem nos acostarmos á conjectura dos sete *ais*, nem ás repetições do *ai* que o ecco repercute, nem ainda á sensibilidade dos pincaros da serra, conforme as tradições que o operoso snr. Vilhena Barbosa não refuta na sua escripta.

Declaro que não fundamento em auctoridades a minha opinião, porque a não trasladei. E' de crer que não encontrem a palavra *seto* nos vocabularios de uso vulgar, nem ainda no *Elucidario*; porém Fr. Sancta Rosa de Viterbo publicou um livro de somenos porte, intitulado *Diccionario portatil das palavras, termos e frases que antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. A palavra está ahi. Se a formação do plural de *seto* em *seteaes* fizer implicancia aos grammaticos, transijam com as irregularidades do povo no seu modo de formar pluraes, e convenham em que se dizia tambem *seteal*. Na provincia de Traz-os-Montes ha campos, leiras e devezas com aquella denominação; e d'ahi deriva o verbo setear (cercar).»

«C. Castello Branco. Nota á *Formosa Lusitania* de Lady Jackson.»

Pag. 80 — nota 1

«Por demasiado longa, e sem interesse, destacamos para o final d'este livro a traducção d'esta inscripção e as *observações sobre a especie de verso em que é composta*, que na primitiva edição entram n'esta altura, no texto do livro.»

Homenagem ao Deus Seeva

Verso 1 — Sentido muito escuro.
2 — Um certo principe reparte benções dia e noite.

3 — Louvores de pessoa cujo nome he conteudo no verso seguinte. O elogio declara que ella é feliz e rica pelo favor do Deus Seeva que aqui he denominado Kapardee, que a sua boa fortuna apraz em extremo ao Deus, que não tem mais que uma defeza a felicidade das tres regiões do mundo da raça do inimigo da divindade incorporea, pela qual foi creado Ganesa (o Deus da prudencia e da politica) o filho de Seeva (o Tempo) inimigo do Deus d'Amor.

4 — Uma parte d'este verso é ininteligivel. Uma pessoa do nome Weeswa Malla é representada como o ornamento da magestade real e com um Rei victorioso illustrando a raça de Oolookya. A sua administração dimana de um cento de canaes sem fim da primeira origem do reservatorio da continencia.

5 — Uma parte é illegivel. Este verso parece ainda ter relação com Weeswa Malla e com o desarraigamento da arvore da abundancia não pelo raio mas por meio de uma certa pessoa da ordem militar cujo nome era Rajanarayna.

6 — O senhor Vedya Natha ornato de toda a terra, cuja authoridade é empregada em adoçar os males a que ella é exposta e que a traz no seu coração. O segundo hemistichio é ininteligivel.

7 — Este Vedya Natha tinha uma mulher chamada Nagalla Devee de uma forma igual a da Deusa Sree, e da qual o Raja houve filhos que forão o terror dos seus inimigos.

8 — O sentido d'este verso é em geral escuro. Bhooja Pratapa irmão mais moço do Pratapa Malla tomou posse do governo por força.

9 — No primeiro hemistichio Weeswa Malla poem em seu logar o filho de Pratapa Malla. A segunda parte do verso é imperfeita: tem alguma referencia á participação de Weeswa Malla ao alimento divino e á agua da immortalidade que tem o nome de sua mulher.

10 — Verso muito escuro e de alguma sorte imperfeito. Arjoona que é representado como um mancebo de uma habilidade extraordinaria, aqui é denominado Arjoona Deva.

11 — Tem na mão esculpida a figura de uma roda. Foi o protector do seu povo. Verso difficil de entender.

12 — O seu parente Soranga Deva derrota os chefes de Goojara que são representados como victimas do orgulho que lhes inspiravam suas riquezas.

13 — E' celebrado como tendo sido victorioso em uma batalha entre os generaes Yadava e Malava, e comparado á aguia de Weeshno, a qual, na fabula do elefante e da tartaruga disputando entre si preeminencia, lhes cahe em cima e os arrebata.

14 — Seu filho Nakoolee igual a uma divindade, desce de cima para servir a raça humana.

15 — E ao mesmo tempo para livrar a raça de Oolookya que gemia desde muito sob a maldição de um pae.

16 — Quatro personagens inspirados cujos nomes são Kooseeka, Garggya, Karoosha, e Matreya descem sobre a terra para completar certas cerimonias chamadas pasoopeta-vrata, confiadas ao seu ministerio.

17 — Não é muito claro. Tornado humilde por vir de uma santa personagem, elle vem a ser o ornamento do mundo que cercou de quatro mares. Faltam algumas syllabas ao primeiro pé.

18 — Este verso é igualmente defeituoso e escuro. N'elle se fala de

uma familia que gosou do favor de quatro santas personagens oriundas da raça Gorggeya, tronco de uma infinidade de homens grandes.

19 — O primeiro hemistichio declara que uma pessoa do nome de Karteeka-Rasee foi o libertador da familia Gorggeya e governador da praça. O segundo hemistichio é imperfeito.

20 — Verso imperfeito e muito ininteligivel. Valmeeckee-Rasee parece n'elle ser annunciado como o successor de Karteeka Rosee.

21 — O principe é aqui comparado ao deus Treepoorentaka e muitos outros grandes homens a Deuses differentes; e o verso declara que isto está consagrado em uma pedra.

22 — Treepoorentaka é representado como o discipulo, ou antes talvez, como o successor de Valmeekee-Rasee. A maior parte d'este verso é muito escura.

23 — Inintelligivel.

24 — Difficultoso. E' relativo á execução de uma peregrinação.

25 — Idem, idem, idem.

26 — Idem, idem, idem.

27 — Idem, idem, idem.

28 — Idem, idem, idem.

29 — Idem, idem, idem.

30 — Treepoorentaka reflecte sobre a bondade do Deus Rama. Visita Lamka e a calçada ou ponte que suppõem ter sido construiada durante as guerras de Rama e de Ravana, entre a Ilha de Ceilão e o Continente.

31 — Muito embrulhado. Visita feita por Treepoorantaka a outro logar santo.

32 — Visita ao rio Saraswatee e ao de Prayaga.

33 — Visita á Cidade do Deus, que traz um Crescente de que faz o ornamento. (Benaros).

34 — O illustre Grande Vreehaspatee, em virtude de ordens de Treepoorantaka, que lhe foram communicadas por um Bramine, funda aqui uma Cidade magnifica.

35 — Treepoorantaka julgando que conseguiria acabar de se immortalisar pela pureza das suas acções, se lisongeia com esta idéa. Este verso não é claro.

36 — Verso muito imperfeito e escuro. Contém em substancia que o celebre Treepoorantaka deve ser contado no numero dos Reis que descendem da geração dos Deuses que illustraram o throno, etc., etc.

37 — Elle reparte dadivas magnificas a uma pessoa que está em miseria.

38 — Muito embrulhado. Declara que Rama, ou por sua mulher, ou pela sua fortuna, fez o ornamento do mundo.

39 — Muito enigmatico. As intelligencias Celestes, que se aprazem em esvoaçar por entre os atomos da luz, provenientes da folha embriagante do Ketakee, de que é composta a corôa da Deusa Sareswatee, adornaram as mulheres dos outros pontos da terra com as virtudes as mais brilhantes.

40 — Por este homem sabio (allude a Treepoorantaka) foram fundados para holocaustos, chamados Ayatanas, cinco templos ao Norte de Madapa (Sarai) da Ayatana de Someswara, junto do antigo relojio de Sree-Bhoge, e debaixo da protecção das cinco glorias de Sree Kanta.

41 — O homem dotado da magnificencia infinita dos grandes espiri-

tos que por felicidade da Senhora de Malhama ahi collocou o Senhor de Malhama.

42 — O homem sabio cujas acções correspondem as da primeira idade, que estabeleceu ali uma Ayatana pelo marido de Oonna chamado Vreeshapatee.

43 — Que, presidindo á fama dos grandes homens, educou Vreeshapatee, o marido de Oonna, para fazer a felicidade d'esta.

44 — Aqui o marido de Rama é chamado o senhor Treeporantaka Rameswara, que é o seu nome proprio, nome favorecido do protector da bella Treepoorantaka.

45 — O ente cujo diadema é um crescente, e que está collocado no meio de cinco Ayatanas, a Deusa de Saraswatee, o Deus que escuta os nossos desejos (Ganesa), e seguem outros muitos nomes inintelligiveis.

46 — Aquelle que levantou uma columna fóra da porta ao orte da Gidade.

47 — Uma pessoa de nome Jagnatha Kolance, pertencente ao serviço diario dos Deuses.

48 —
49 —
50 —
51 —
52 —
53 —
54 —
55 —
56 —
57 —
58 —
59 —
60 —
61 —
62 —
63 —
64 —
65 —
66 —
67 —
68 —
69 —

Todos estes versos têem relação a uma variedade de deveres a preencher nos Templos, relativos aos Holocaustos prescriptos, e á manutenção dos Altares para as oblações.

70 — Elle fundou uma Ayatana para uso de Chatoorjeta Kapata, por causa de uma porta que tinha sido quebrada e arrombada.

71 — Elle fez construir esta cidade santa, ou erigir este Sasana (ou Táboa das Leis) á custa de seus bens legitimamente adquiridos.

72 — Elle fundou a deliciosa casa de Sree, no meio da Ayatana, e ali pendurou um quadro com a sua genealogia divina para gloria do illustre Ganda-Ranaka-Vreehaspatee, e de Saranga Bhospatee.

73 — Verso mui duro de quatro pés, de quatorze syllabas cada um, e totalmente inintelligivel.

74 — Idem, idem.

75 — Idem, idem.

76 — Idem, idem.

No anno da era de Sree Veckrama 1343 a 5 da nova lua do mez de

magha [1] no grande dia das solemnidades prescriptas em honra de Leango (Priapo) e do rei da Assembléa.

Observações sobre a especie de verso em que esta inscripção é composta

1 – Um verso de quatro pés, chamado Arya.

2 — Quatro pés de quatorze syllabas cada um, chamado Vazanta-teela-Kana e formado da maneira seguinte:

Longas breve l b b b l b b l b

— — ⌣ — ⌣ ⌣ ⌣ — ⌣ ⌣ — ⌣ — —

3 —
4 — Mesma medição.
5 —

6 —Quatro pés de dezenove syllabas cada um chamado *Sardool-veekreereeta*, da fórma seguinte:

— — — ⌣ ⌣ — ⌣ — ⌣ ⌣ ⌣ — — —

⌣ — — ⌣ —

7 —Quatro pés de onze syllabas cada um, assim medido:

— — ⌣ — — ⌣ ⌣ — ⌣ — —

Esta especie de verso é chamado Eendroovajra.

8 — Idem, idem.

9 — Idem, idem, mas incorrecto.

10 — O mesmo que o segundo, a syllaba $\frac{l}{l}$ falta no primeiro pé.

11 — Idem, idem.

12 — Idem, idem.

13 — Especie curiosa de verso, chamado arya. Exige para a sua composição que a quantidade do primeiro e do terceiro pé seja igual a doze syllabas breves, a do segundo a dezoito, e a quantidade do quarto a quinze.

14 — Quatro pés de dezenove syllabas. Este verso parece muito incorrecto.

15 — Quatro pés de doze syllabas. E' chamado Venastabeela.

⌣ — ⌣ — — ⌣ ⌣ — ⌣ — ⌣ —

16 — O mesmo que o decimo terceiro.

17 — Verso de especie a mais commum, chama-se Onooshtoopa, e consta de quatro pés de oito syllabas cada um. A regra pede que a primeira syllaba de cada pé seja breve, a setima do segundo e quarto pé igualmente breve, e a sexta de cada pé, longa.

18 — Idem.

19 — Quatro pés de onze syllabas cada um e igual no resto ao decimo setimo. Imperfeito.

[1] Dezembro. A. D. 1286.

20 — Como o segundo.
21 — Idem.
22 — Como o decimo setimo.
23 — Como o segundo.
24 — Difficil de explicar; faltam muitas syllabas.
25 — Como o decimo setimo. A maior parte das syllabas do segundo e do terceiro já faltam.
26 — Faltam cinco syllabas no terceiro pé e tres no quarto.
27 — Verso de onze syllabas de que a terceira, a sexta, a setima e decima nona são breves. Faltam sete syllabas no quarto pé.
28 — Verso de quatorze syllabas por pé. Faltam quatro syllabas no quarto pé.
29 — Verso de onze syllabas. Faltam quatro syllabas no ultimo pé.
30 — Idem. E' medido do modo seguinte:



31 — Verso de quatorze syllabas igual ao segundo.
32 — De onze syllabas por pé.
33 — De doze.
34 — De oito.
35 — De onze.
36 — De dezenove. Igual ao sexto.
37 — De doze syllabas. Como o decimo quinto.
38 — De onze, formado do modo seguinte:



e chamado Rathodata.
39 — De doze syllabas. Da mesma especie do decimo quinto.
40 — De quatorze como o segundo.
41 — De oito. Parece incorrecto.
42 — De oito
43 — De oito.
44 — De doze. Da especie do decimo quinto.
45 — De onze. Como o trigessimo oitavo.
46 — De onze. Idem.
47 — De oito syllabas.
48 — De oito.
49 — Igual ao primeiro, e decimo terceiro.
50 — De oito.
51 — De oito.
52 — De oito.
53 — De oito.
54 — De nove. Parece imperfeito.
55 — De oito. Imperfeito.
56 — Idem.
57 — Idem.
58 — Idem.

59 — Idem.
60 — Idem.
61 — De oito.
62 — De oito.
63 — De oito.
64 — De oito.
65 — De onze syllabas por pé, chamado Saleence.
66 — De onze syllabas da especie do setimo.
67 — De oito.
68 — De doze, chamado Eendravensa, medido por este modo:

— — ◡ — — ◡ ◡ — ◡ — ◡ —

69 — De onze syllabas assim medido:

◡ ◡ ◡ — — ◡ ◡ — ◡ — —
— — ◡ — — ◡ ◡ — ◡ — —
◡ ◡ ◡ — — ◡ ◡ — ◡ — —
— — ◡ — — ◡ ◡ — ◡ — —

70 — De oito syllabas.
71 — De quatorze, da especie do segundo.
72 — De quatorze. Idem.
73 — De quatorze. Idem.
74 — De quatorze. Idem.
75 — De quatorze. Idem-
76 — Difficil de designar por ser imperfeito.
A conclusão é em prosa.

N. B. Os versos não começam no principio da linha, mas são desi gnados por numeros.

(Da 1.ª edição.)

Pag. 84 — nota 1

«N'um livro de poesias d'este auctor — *Florestas de Cintra e Passeios de Collares*, impresso em 1809, figura esta decima, que elle diz ter sido composta de repente e no proprio sitio onde se vê esculpida.

«N'essa edição foram modificados alguns versos, que d'ella textualmente copiamos no final d'este livro.»

Descripção de Cintra [1]

As Campinas retalhadas,
Serrado bosque no centro,

[1] Esta descripção de Cintra, que o Author d'estas Rythmas alli fez de repente, acha-se hoje traduzida em Inglez per hum Escritor d'aquella Nação, que ultimamente

Mimosos valles por dentro,
Fóra as serras penduradas:
Sempre as aguas prateadas,
Continuo verde a espessura,
Zefiro sempre em doçura,
Mil Satyros, mil Silvanos,
Brandas Ninfas, seus enganos
São de Cintra formosura.

Pag. 87 — nota 1

«A Quinta da Bella Vista, que hoje é propriedade do Visconde de Monserrate, nunca pertenceu á casa Cadaval. Em nota final se dirá a sua origem.»

A quinta da Bella Vista foi adquirida pelo Visconde de Monserrate (Francis Cook) em 1893, por compra que fez ao visconde de Bella Vista.

O Visconde de Bella Vista, então o commendador Rodrigo da Costa Carvalho, comprou em 1867 a quinta da Bella Vista, (então Quinta da Boiça) a D. Maria Benedicta Rubim Pereira de Araujo; e posteriormente augmentou-a com a compra que fez ao Conde de Penamacôr de alguns boccados de pomares, e a Aniceto Joaquim dos Santos, de Cintra, de um terreno foreiro á camara municipal de Cintra em 1$210 réis, com laudemio de quarentena, e que em 1858 fôra aforado áquella corporação por Estanislau José Rodrigues, de Cintra, de quem o referido Aniceto Joaquim dos Santos o adquirira por compra.

D. Maria Benedicta Rubim Pereira de Araujo, viuva de José Augusto Pereira de Araujo, de Alemquer, herdou a Quinta da Boiça, por morte de seu pae, Joaquim Duarte do Nascimento, que falleceu em Alemquer em 1856, e fôra casado com D. Jacintha Izabel de Sousa Ribeiro, fallecida em 1852.

Foi Joaquim Duarte do Nascimento quem fundou a Quinta da Boiça, tendo adquirido os terrenos que ainda hoje fórmam quasi o seu todo, pela seguinte fórma:

Em 1794 comprou a D. Anna Bernarda de Freitas, e seu marido, o capitão Manuel Abreu de Sousa Prego, «uma fazenda do sitio da Boiça, termo da Villa de Cintra, composta de arvores de espinho e matta», que em 1793 haviam herdado de seus avós, Manuel Ferreira e mulher, Joanna Michaela;

No mesmo anno de 1794 comprou a João Cabral da Fonseca, e mulher, Izabel Thereza de Jesus, uma «fazenda composta de arvores de

---

escreveo de Portugal, e de sua situação; e no original se acha gravada em huma pedra artificiosamente embutida em hum penedo dos que guarnecem a capella de S. João na memoranda quinta de Penha-Verde em Cintra, merecendo este acolhimento á illustre Familia representante do g.de Vice Rei das Indias o sn.r D. João de Castro, per isso mesmo que n'aquelle sitio a compoz seu Autor.

Florestas de Cintra e Passeios de Collares. — *Ioze Manoel da Camera.* Lisboa—1809.

espinho, castanhal e matta, no sitio da Boiça, limites dos Castanhaes da Fonte d'el-Rei», que constituía um praso em vidas, de livre nomeação, foreiro á collegiada de S. Martinho de Cintra, em 100 réis pelo Natal, com laudemio de dezena. João Cabral da Fonseca herdára esta propriedade por morte de sua mãe, Thereza Joaquina de Figueiredo, que em 1757 a recebera em dote de seu pae, Manuel Ferreira de Andrade, que por seu turno a arrematára, em virtude de uma execução que a Misericordia de Cintra promoveu contra Francisco da Luz.

Foi com estas duas «fazendas» que Joaquim Duarte do Nascimento fundou a Quinta da Boiça, a que mais tarde annexou um pinhal, que fizera semear em «uma porção de chão de serra, junto ao rio das Pedras, proximo ao sitio da Boiça», que em 1817 lhe foi dado pela rainha D. Carlota Joaquina, com o fôro de 800 réis pelo Natal e laudemio de vintena. —(Carta de 11 de março de 1817, registada na chancellaria da Real Casa e Estado no livro de semelhantes a folhas 141 v. em 9 de maio de 1817, e no livro do Almoxarifado de Cintra, a folhas 279 v.).

Pag. 87—nota 3

«Estas ruinas foram adquiridas em 1855 por Francis Cook, primeiro visconde de Monserrate, que as transformou n'uma das mais artisticas e opulentas vivendas. A sua descripção, ainda que incompleta, torna-se demasiado extensa, por isso a damos nas notas finaes dieste livro.»

Diz a tradição que nos tempos do dominio arabe, morou no alto da Penha, ou seja nas proximidades do sitio hoje denominado Monserrate, um *mosarabe* ou fidalgo christão, que tinha grande predominio sobre todas as familias christãs que então habitavam a serra.

Esse fidalgo andava de rixa velha com o alcaide do Castello de Cintra, resultando d'essa discordia este vir desafial-o para duello, cujo resultado foi o ficar sem vida, no campo, o fidalgo, que foi logo considerado por todos como martyr, erigindo-se-lhe um tumulo, e depois um capellinha para oração.

Essa pequena ermida desfez-se em ruinas, e em 1520 foi substituida por uma outra edificada pelo padre Gaspar Preto, que tendo vindo d'uma peregrinação á abbadia de Monserrate, em Barcelona, ali tinha concebido a idéa da fundação de um templo a Nossa Senhora de Monserrate, mandando vir de Roma a imagem da Virgem, em alabastro.

Durante uns largos 230 annos, foi a capella da Senhora de Monserrate aproveitada no culto divino, e certamente que a sua imagem seria festejada annualmente, como é de antigo uso entre os habitantes d'estes sitios; nada nos diz porém a historia de positivo, anteriormente a 1770, em que Gerardo De Visme, rico negociante inglez, tendo protestado deixar em Portugal duradoira lembrança da sua estada n'estes reinos, percorria diversas partes do paiz, tendo afinal resolvido edificar um palacio no sitio mais pittoresco e encantador que encontrasse nos arrabaldes de Cintra.

Escolhido o local, a antiga capella de Monserrate, que tendo sido

dada ao hospital de Todos os Santos, de Lisboa, fôra aforada a Caetano de Mello e Castro, vice-rei da India, que a vinculara na sua sua familia, conseguiu De Visme, não sem grandes difficuldades, um contracto de arrendamento, por vinte annos apenas, o que contrariou bastante as suas largas aspirações.

Principiada a construcção do palacio, justamente no ponto onde se achava a antiga ermida, foi esta mudada para um outro ponto, onde ainda hoje se vêem as suas ruinas, envolvidas de pujantes trepadeiras, e rodeadas de magnificas plantas.

Apenas durante 16 annos gosou De Visme da sua obra, pois que findo esse tempo teve de fixar residencia em Inglaterra, cedendo então os quatro annos de posse que lhe restavam para concluir o arrendamento a William Beckfort, homem distincto, tanto pelos seus conhecimentos scientificos, como pelo seu conhecido bom gosto, e cuja auctoridade como entendedor e apreciador de obras d'arte, era incontestavel.

Senhor de importantissima fortuna, Beckfort fez altas diligencias para conseguir do dono a venda definitiva da propriedade, nunca chegando a conseguil a; mas era tal o seu enthusiasmo por Monserrate, e tão grande esperança tinha de mais tarde ou mais cedo conseguir a sua posse definitiva, que dispendeu fabulosas quantias aformoseando os jardins e o parque, e mandando construir aquellas soberbas cascatas que a maior parte dos visitantes consideram como naturaes, e que ali existem á custa de muito trabalho e enormes despezas.

Foi este o primeiro periodo aureo da principesca vivenda, realisando-se ali brilhantes festas a que assistia a côrte, festas em que as aventuras cavalheirosas de capa e espada, e os poemas de amor, doces idylios da alma, ali deixaram vivas recordações.

Quando em 1810 lord Byron esteve em Portugal, foi no palacio de Monserrate, ainda rasoavelmente conservado, que elle passou a maior parte do tempo que aqui esteve, e, diz a tradição que foi ali que elle escreveu aquellas soberbas estrophes em que fala das bellezas de Cintra, no seu *Child Harold*.

Foi depois d'esta data que o palacio de Monserrate ficou, por assim dizer, absolutamente desprezado, cahindo em progressiva decadencia durante aproximadamente quarenta annos. Durante este tempo alguns estrangeiros endinheirados o tentaram comprar; e el-rei D. Fernando, que foi um dos mais acerrimos pretendentes, chegou a planear uma estrada pela serra, ligando o castello da Pena, com o palacio de Monserrate, que elle tinha em grandissimo apreço. O seu velho possuidor nunca se deixou porém seduzir pelas propostas vantajosas que muitos homens de bom gosto lhe fizeram, preferindo ter a quinta arrendada por um preço relativamente insignificante, até que veiu a fallecer na avançada edade de 91 annos. Foi então que os seus herdeiros venderam a magnifica propriedade a sir Francis Cook, rico inglez, que pouco depois trazia comsigo de Inglaterra um mestre de obras chamado Bermett, e um jardineiro chamado Burt.

Foram estes dois distinctissimos artistas, por assim dizer, os delineadores d'aquelle esplendido conjuncto de bellezas, e os mestres de muitos operarios que alli se empregaram. Só em 1865 terminou esta importantissima obra em que se dispenderam centenares de contos, e se empregaram milhares de braços.

Do que é ainda hoje a maravilhosa propriedade de Monserrate, dão

uma ideia os periodos que seguem, e que para aqui destacamos d'um curioso artigo em 1898 publicado por *C. M.* iniciaes que occultam o nome d'um cavalheiro que de perto conhece a principesca vivenda, e privava com o seu proprietario de então:

«Ao parque de Monserrate povoado de plantas exoticas que o sr. visconde [1] tem mandado vir de toda a parte do mundo, bastar-lhe-ia aquelle soberbo bosque de fetos arboreos, onde se encontram distinctissimos exemplares, para o tornar notavel.

Aquellas tres mumias etruscas que se encontram nas grutas, foram adquiridas em Roma por um preço fabuloso, e, segundo a descripção que as acompanhava, e que o sr. visconde possue, teem tres seculos de existencia antes da era christã!

A entrada do palacio é um verdadeiro encanto, o effeito deslumbrante que produz a sua linda galeria, principalmente quando está illuminada, transporta a gente aos primeiros annos da vida, quando a criada velha nos descrevia com vivas côres o palacio da moura encantada, heroina de uma historia de fadas, que as velhas dos tempos antigos contavam com inimitavel propriedade. As grades de marmore branco *jeipore* que a ornam, e que são inquestionavelmente de muito valor artistico, comprou-as o sr. visconde á familia de Lord Canning, que por muitos annos foi governador da India ingleza.

Ao lado esquerdo d'esta galeria ha uma vistosa escada, toda de cantaria arrendada, que conduz ao segundo pavimento. Na base da escada avulta uma antiga estatua romana, representando Nillo, de grande valor e merecimento. As paredes d'esta escada acham-se cobertas de lindos e valiosos pannos de arrás.»

*

«A bibliotheca de Monserrate é guarnecida por notaveis e preciosas antiguidades; a porta da entrada é em antigo alto relevo italiano, feito em madeira preta; tem nas estantes mais de cinco mil volumes, onde se encontram obras em todas as linguas e de quasi todos os principaes escriptores antigos.

Entre as bellezas que a adornam merece especial menção uma estatua equestre, em barro, que serviu de modelo á que existe em Roma, representando Marco Aurelio.

A casa de jantar tem as paredes cobertas por seis magnificos quadros a oleo, de assumptos puramente religiosos, da escola italiana. São estes quadros de bastante merecimento, não só na parte artistica, como tambem pela sua reconhecida antiguidade.

A baixella é a que pertenceu ao fallecido Marquez de Vianna, e o serviço para chá é todo em cobre esmaltado, juntando á excentricidade das suas fórmas, um verdadeiro cunho de antiguidade.

As duas salas que ficam paralellas á bibliotheca e á casa de jantar, constituem uma verdadeira exposição de objectos raros, reflectindo-se nos

---

[1] Sir Francis Cook foi agraciado por el-rei D. Luiz com o titulo de Visconde de Monserrate, pelos relevantes serviços por elle prestados ao desenvolvimento das artes em Portugal.

magnificos espelhos de Veneza que guarnecem as paredes. Os tapetes da Persia e da India, as soberbas jarras do Japão, os bufetes de talha, os crystaes de rocha, as loiças de Saxe e de Sêvres, os cofres antigos, e finalmente, uma infinidade extraordinaria de objectos d'arte difficil de examinar e quasi impossivel de descrever, deslumbram a vista do visitante.

Passando d'estas salas ao torreão do norte, temos ali o grande salão de musica ou de baile, como lhe queiram chamar. E' esta grande sala guarnecida por uma riquissima mobilia da India, de madeira negra, caprichosamente arrendada.

Entre muitas preciosidades antigas que alli se encontram, ha umas mezas de mosaico, de um trabalho perfeitissimo; além d'estas, ha uma outra de malachites, que, além de muito elegante, é de um alto valor e merecimento.

Está tambem n'esta sala um piano de cauda construido em Vienna d'Austria, o mesmo que ganhou o primeiro premio na exposição de Londres, em 1862. A' direita, entrando, está um grupo de marmore branco, uma verdadeira belleza artistica.

Temos, finalmente, o quarto chamado de Santo Antonio, que o sr. visconde invariavelmente mostra e recommenda ás raparigas solteiras que ali entram, como muito milagroso em questões de casamentos.

A imagem d'este santo foi feita em Roma pelo celebre e distincto esculptor Rossi, por encommenda do segundo proprietario de Monserrate, sr. Beckfort. Ha tambem n'este quarto, além de muitas antiguidades, varias custodias de subido valor artistico, uma lindissima pia chineza que servia para agua benta, e uma riquissima cadeira de espaldar em tartaruga, ébano e marfim, que pertenceu a um doge de Veneza.»

*

A opulenta e vasta propriedade de Monserrate está hoje na posse do 2.º visconde de Monserrate sr. Frederico Cook, que, como seu pae, é tambem considerado um benemerito de Cintra, repartindo pelos pobres, a mãos largas, uma parte dos seus grandes rendimentos, dando trabalho a centenas de braços, que são o amparo de dezenas de familias, e sustentando escolas, onde são educadas creanças pobres.

Pag. 95 — nota 1

«A tradição dá ainda uma outra origem, ainda que inverosimil, á fundação do convento dos Capuchos, que vemos mencionada no *Espelho dos Penitentes*, e no final transcreveremos.»

«No mais escondido da Serra nos fundou este pobre Conventinho D. Alvaro de Castro, Vêdor da Fazenda d'El-Rey D. Sebastião e seu Conselheiro de Estado, filho de D. João de Castro, quarto Vice-Rey da India, em cujo nome sómente ouvido, fazem ecco as suas proezas, para em todo o mundo se celebrarem agigantadas, e de sua mulher D. Leonor Coutinho.

«Na causa que o moveu a edificar neste logar, fallam as nossas me-

morias com variedade, como tambem no tempo da sua fundação; com tudo concordando umas com outras, seguiremos o que nos parecer mais conforme com a verdade.

«Dizem umas que, acompanhando este Fidalgo a El-Rey D. Sebastião, de quem era muito valido, no exercicio da caça por esta Serra, querendo descançar da fadiga, e por ser tambem muito grande a calma, procuraram este sitio, onde a natureza havia fabricado uma formosa lapa: gravado do somno adormecera, e que sonhara adorava ao Santissimo Sacramento nas mãos de um Sacerdote, que revestido o ministrava; vendo outrosi aquella lapa convertida em uma aceada Ermida; e que succedendo-lhe o mesmo em outra occasião se resolvera a nos edificar o convento, fundando a Igreja no concavo da lapa.

«Bem mostra esta noticia ter manifesta a sua falencia; porque fundando-se o convento no anno de 1560 El-Rey D. Sebastião a este tempo só contava cinco annos de idade na qual mais o devemos considerar attrahindo os coraçoens no Palacio, do que despedaçando as feras no monte; e suposto que elle se mostrou neste exercicio intrepido he com tudo repugnante á razão para o credito, em tão tenra idade tanto excesso, nem os seus Historiadores o referem »

«*Espelho de Penitentes*», de Fr. Antonio da Piedade.

Pag. 103 – nota 1

«A agua da Sabuga é considerada uma das melhores, senão a melhor, das de Cintra, e é objecto de importante negocio. A ella anda ligada uma lenda que com outras indicações, no final relatamos.»

A agua da Sabuga gosa da fama de ser a melhor e a mais fina das aguas de Cintra, e é por isso exportada em grande quantidade para fora de Cintra, e muito principalmente para Lisboa, onde o seu consumo é grande. O municipio, vendo na grande exportação da agua uma fonte de receita, relativamente importante, decretou em maio de 1888 uma postura, na qual, sem que se especialisasse a agua da Sabuga, impunha a taxa de um real por litro, sobre toda a agua que, em porção superior a dez litros, fosse exportada para fora do concelho.

Este imposto, aliás insignificante, veiu comtudo incommodar os negociantes da agua de Cintra, á frente dos quaes estavam o conhecido luveiro Gonçalves, do Rocio, e o então dono da conhecida Tabacaria Neves, que levaram recurso d'aquella deliberação municipal, sendo attendidos na instancia superior, quatro annos depois, por influencias da politica local, contrarias á vereação que tal decretára, mas não sem que o municipio arrecadasse n'esses annos, sem encargo algum, a receita de alguns centos de mil reis, e que mais se elevaria se mais rigorosamente fosse fiscalisada a sahida da agua.

Para dar uma ideia do negocio que então se fazia, e ainda hoje se faz, com a venda da agua da Sabuga, recortamos das allegações da Camara, n'esse curioso pleito, os periodos que seguem:

«Não sendo a agua das fontes alguma das cousas *publicas* cujo uso é licito *a todos*, como das estradas e pontes, das costas e mares (cod. civil art. 380.º e n.os), mas unicamente das cousas communs, como os baldios, o rigor legal auctorisaria até a prohibição d'aquella sahida.

«Porque se permitte, mas com ligeiro encargo, queixam-se os recorrentes!!

«Até se dizem *prejudicados e vexados*, e clamam, — que á camara de Cintra lá lhe pareceu que era o cumulo da ousadia que alguem em Lisboa bebesse agua das suas fontes sem lhe pagar imposto!

«A humildade, desinteresse e justiça estão, por certo, a resplandecer no pedido e desejos dos recorrentes, victimas de cruel iniquidade.

«Elles e outros fazem, ha annos, importante commercio com agua das fontes de Cintra, ou antes da melhor d'ellas; os seus serviçaes ou agentes pejam o logar em volta d'essas ou d'essa fonte; concorrem para a deterioração dos tanques; impedem o uso da agua aos moradores de Cintra, emquanto, tomada a vez regulada pelo art. 22.º das posturas, lhes é preciso encher as suas grandes vasilhas; e os que soffrem o incommodo, a demora e o prejuizo, hão de, elles sós, os municipes, custear pelo imposto as despezas de construcção e conservação das fontes, ao passo que os recorrentes, pagando um real por litro de agua, que vendem a 10 réis o copo, e milhares d'elles, são, não só os prejudicados, mas ainda os vexados.

«E como veem a ganhar menos um real em litro, ou 5 réis, pouco mais ou menos, em doze copos, que vendem por 120 réis, e não poderão levantar o preço, compadecem-se da gente de Lisboa, como se ella gritasse por lhes doer a elles!»

*

A imaginação popular sempre propensa ao maravilhoso attribue uma virtude á agua da Sabuga, que muito se assemelha á do fabuloso Lethes. Os que em Cintra veem fixar residencia, se a bebem primeiro do que a nenhuma outra, esquecem-se da terra da sua naturalidade, de quaesquer outras onde tenham vivido, ou onde tenham tido negocios, para só pensarem em Cintra, e nunca mais d'aqui querem retirar-se.

E' vulgar dizer-se de qualquer, a quem embora os negocios não tenham corrido prosperamente, nem a aura da fortuna tenha bafejado, e continue permanecendo em Cintra:

— Aquelle bebeu a agua da Sabuga!

*

Reproduzimos por interessante, o resultado da analyse da agua da Sabuga, feita no laboratorio municipal de Lisboa.

Analyse n.º 468

ANHYDRIDO

Resultado da analyse quantitativa:

Em 10:000 partes

Materia fixa		0,1700
Anh.º carbonico	combinado	0,2980
	livre	0,0685

Acido silicico	0,2220
» sulfurico	0,0435
» nitrico	0,0128
Chloro	0,3235
Ferro	0,0072
Cal	0,0696
Magnesia	0,0388
Sodio	0,2329
Potassio	0,0269

O exame microscopico não revelou a existencia de seres organisados.

Pag. 103 — nota 2

«Tanto pela forma porque á *Fonte da Sardinha* se refere o auctor da *Cintra Pinturesca*, como pelo facto de ter sido á camara que foi pedida licença para a fundação do estabelecimento de banhos, aquelle recinto foi logradouro publico, sendo mais tarde vedado com o pretexto de resguardar o estabelecimento, como tambem, e com o mesmo pretexto, foi vedado por uma cancella, o caminho para os banhos, junto ao matadouro antigo, e que era pouco mais ou menos no local onde está hoje o palacio do conde de Valenças.»

Os documentos que aqui publicamos, confirmam em absoluto o que na nota transcripta se diz:

Officio existente no archivo da Camara Municipal de Cintra

«Ill.mos Snr.s — No Inverno passado obtive de V. S. a auctorisação p.a hir a Lx.a as vezes q̃. precizasse affim de promover a fundação de um Estabelecimento de Banhos nesta terra do q.al eu esperava q̃. p.a ella resultasse grande vantagem: e não obst.e não poder em tão breve tempo levar a eff.to mais q̃. uma piquenissima p.te não me illudi; pois q̃. alem do curativo gratuito a mais de 20 Pessoas pobres; pude attrahir de diversas p.tes do Reino m.tos Doentes q̃. aqui deixarão lucros. De novo rogo a V. S. queirão auctorizar-me a hir as vezes q̃. me forem necess.ras a Lx.a aonde existem as Pessoas q̃. me auxilião q̃. são das principaes do Reino; e aonde so posso encontrar os utencilios de q̃. careço. Ficão fazendo as m.as obrigações os quatro Cirurgiões da terra. — D. G.de a V. S. &. &. — Cintra 3 de Dezembro de 1849. — Ill.mos Snr.s Presidente e mais veriadores da Cam.ra Municipal. — Do Medico do Par.to — Bernardino Egidio da Silv. e Castro.»

Extracto da acta da sessão da Camara Municipal, em 5 de fevereiro de 1849

(L.º 4.º (8.º) fls. 217)

«Tendo na presente Sessão o Doutor medico Bernardino da Silveira Castro, exposto á Camara que para comodidade da obra que se empriende fazer na Quinta de D. Caetano Deagam relativo aos banhos de agua fria, lhe convinha que junto ao matadouro antigo se fexace aquelle local tendo uma porta com chave para resguardo da mesma Quinta, a Camara pela sua parte anuio a este pedido com a condição de que elle se entenderia com os interessados que possuem fazendas que seguem para aquelle caminho.»



118 — *Palacio de Monserrate*
(Gravura antiga)

Pag. 110 — lin. 13

«...; e finalmente a ermida de S. Saturnino, para onde se retirou D. Pedro Paes, Alferes-Mór d'el-Rei D. Affonso Henriques, e algum tempo de seu filho D. Sancho, e muito estimado de ambos, o qual deixou a côrte e se retirou a esta serra a fazer penitencia.»

Doação da Albergaria de Antrinces e Cellas de Collares ao convento de S. Vicente de fora e da Herdade de S. Saturnino por D. Affonso 3.º na era de 1299 na qual se inclue a doação primordial de D. Sancho 1.º a Pedro Ermitão na era de 1230 no mez de julho. Confrontacões. Concedo de jure heredetario Albergariã de Atrinces cum omnibus heredeta-

tibus et pertinenciis que sunt determinate per aquas de Collibus ad prefactum locum despecientibus undique concurrentes ab oriente videlicet et occidente setemptrione ad que miridie. Do tibi Cellam de Collares ut est determinata ab oriente et occidente sicut defluit aqua ab aquilone per lapideis de portu ab austro per sumitatem collis et heredetatem de covom ut circumfluit aquis e sacellum beati Saturnini de Monte de Sentrie quod habuite a tempore quod cepit habitari atque deinceps habitatum est.

Esta doação foi feita por o dito Ermitão ter vestido o habito n'aquelle Mosteiro.

L.º 1.º de D. Affonso 3.º f. 27 e 55.

Pag. 114 — nota 11

«Do palacio do Ramalhão, a que na edição que vimos annotando, nenhuma outra referencia se faz alem do que n'esta pagina se lê, nos occuparemos em desenvolvida nota final.»

O palacio do Ramalhão, residencia predilecta da rainha D. Carlota Joaquina, pertencia á *Casa das Rainhas*, extinta em 1833.

Foi alli que esta rainha se refugiou quando em 4 de dezembro de 1821 se recusou jurar as bases da constituição, e onde seu real esposo a foi buscar, depois de restabelecido o governo absoluto.

Não só o «Paço do Ramalhão» como a magnifica quinta que o cerca, foram testemunha muda de extraordinarias scenas, n'esse periodo agitado da vida portugueza, umas que a historia regista, outras que a tradição tem trazido até nós, e que a imaginação popular tem revestido d'um degradante e infame aspecto, exagerando-as talvez, tão pouco verosimeis parecem.

Foi no Ramalhão que decorreram o primeiros annos de adolescencia do infante D. Miguel, que mais tarde foi rei, e foi tambem alli que em 1832 rasidio o pretendente D. Carlos, e d'alli expedio o seu protesto contra o reconhecimento dos direitos da rainha Isabel á corôa de Hespanha.

Pela extinção da «Casa das Rainhas» o palacio e quinta do Ramalhão foi arrematado em praça por José Isidoro Guedes, primeiro visconde de Valmór, estando ainda hoje na posse dos seus herdeiros.

O visconde de Valmór fez alli obras importantes restaurando o parque e jardim que então estavam quasi em completo abandono, e reparando o palacio, cujo estado de ruina muito se acentuava já.

As salas do palacio são magnificas e vastissimas, communicando umas com outras em sentido longitudinal, constituindo no seu conjuncto um amplo e vastissimo salão, que nas noites de festa, á luz de magnificos candelabros, é d'um brilhantissimo effeito.

N'essas salas reuniu o visconde de Valmór preciosas obras d'arte, de subido valor, que, cremos, ainda hoje alli se conservam.

O parque tem magnifico arvoredo cuja espessa ramaria os raios do sol a custo atravessam; as ruas são orladas de altos buxos, e povoam aquelle delicioso recinto varios tanques e lagos, que espaçosas varandas dominam.

Pag. 115 — nota 1

«Este tumulo foi aberto em 7 de abril de 1830, e pelo que então se verificou, ficou destruida a lenda dos *dois irmãos*. A noticia d'este facto, demasiado longa para o limitado espaço de uma nota de pagina, vae no final d'este livro.»

Transcrevemos do *O Recreio*, «Jornal das Familias» a desenvolvida noticia que a paginas 94 do tomo IV (maio de 1878) encontramos:

«O tumulo vulgarmente chamado — Dos Dois Irmãos — existente na Estrada de Cintra»

«Vê-se na estrada publica que vae do Ramalhão para a Villa de Cintra um tumulo que segundo o uso dos primeiros tempos da monarchia, adoptados dos romanos, está exposto á veneração dos viandantes.

«Antigas tradições populares, que pela maior parte são seguidas tambem pelas classes elevadas da Sociedade, quando não são esclarecidas pela critica, tinham feito acreditar que, n'aquelle monumento sepulchral, existiam depositados dois irmãos que haviam pelejado um contra o outro, matando-se reciprocamente.

«No anno de 1827, examinou o Visconde de Santarem a parte externa do tumulo, e não lhe foi difficil encontrar a decantada *Bandeira Bipartita* chamada *Balsa*, de que usavam os Templarios, e sobre a campa uma cruz gravada que, confrontando-a com as que descreve Santa Rosa no seu *Elucidario*, e de que dá os desenhos, unicamente estiveram em uso no tempo de El rei D. Affonso I.

«Julgando-se, á vista d'estas indagações, haver toda a probabilidade de ser aquella sepultura pertencente a um templario de grande distincção que talvez perecesse na guerras que houve na Serra de Cintra com os Sarracenos, na tomada da villa do mesmo nome, e fazendo as mais minuciosas buscas nos documentos do antigo archivo da Misericordia d'aquella villa, se encontrou *que no anno de 1409, já excedia a memoria dos homens a fundação do Hospital da Gafaria dos Lazaros* no Cabeço do Ramalhão ao nascente d'este mesmo sitio, de que a Camara era administradora, e que já então confrontava com aquelle monumento.

«No dia 7 de Abril de 1830, procedendo-se á abertura do referido monumento, na presença de D. Miguel, de varios Fidalgos que o acompanhavam, e do Juiz de Fóra da Villa de Cintra, etc., reconheceu-se que aquelle tumulo pertencia a um unico individuo, o que se provou pelos ossos que no fundo se encontravam e posição em que appareceram; porquanto, quasi na profundidade de dois palmos, se achavam os mesmos ossos em uma disposição tal, que bem mostravam ter sido o logar da cabeça a parte do monumento mais afastada da cruz, e a dos pés a contigua a esta.

«No sitio pois onde pela largura indicava ser a dos hombros, se encontravam a vertebras dorsaes, e as duas claviculas ainda com consistencia, e em estado de bem mostrarem a parte do corpo a que haviam pertencido; e continuando pelo vacuo, para o lado da cruz, foram apparecendo mais ossos, algumas costellas inteiras, parte de uma omoplata, os

dois humeros, os dois cubitos, parte de um osso illiaco; e proximo á cruz appareceram as duas tibias.

«Por mais diligencias que se fizeram não foi possivel encontrar inscripção alguma pela qual se conhecesse quem era o individuo que alli se achava sepultado, nem o tempo em que fallecera.

«Havendo-se pois ordenado aos operarios que pozessem o tumulo em seu antigo estado, sem com tudo se observar a ordem na posição dos ossos, tornou-se a assentar a campa, e tapando as suas juntas com argamassa, poz-se uma nova cruz, por existir uma de pau, muito antiga desde tempo muito remoto, em que se quebrou a antiga de pedra; lavrou-se o competente auto de que se remetteu uma copia ao Archivo da Camara de Cintra, e outra ao da Misericordia da mesma villa.

«Ao concluir este artigo é neccessario advertir que no Archivo Nacional da Torre do Tombo, aonde se fizeram as mais minuciosas buscas, n'aquelle anno, não foi tão pouco possivel achar documento algum que podesse aclarar o assumpto de que se trata.»

Pag. 115—nota 2

«D. João da Camara, o distincto dramaturgo e poeta, romantisou esta lenda n'um delicioso conto.»

O tumulo dos dois irmãos

Terminou a charneca. Respira-se finalmente.

Começa a subida para S. Pedro de Cintra e o caminho é sombreado pelos velhos ulmeiros.

Quando chega o inverno e os despoja, brinca o vento da tarde com as folhas seccas, e fal-as girar e dançar em corropios doidos, sobre a sepultura dos dois irmãos. Vem dezembro, e os carcomidos troncos atiram para o ar tragicamente os braços de esqueleto, e a lua espreita por entre elles, livida como uma face de enforcado.

Um tumulo fica á beira da estrada. Uma pedra chata, com uma cruz de malta esculpida.

Elle basta para dar tristeza a todo aquelle bocado de paizagem. Para além é Cintra, a serra acastellada, cheia de aromas, onde cedros e pinheiros são abraçados pelas heras, onde nos musgos que revestem as arvores decrepitas os fetos nascem viridentes sempre. Terra de flôres e de arvores, que na primavera, quando as violas perfumam o ar, fala de esperanças aos novos; que no outomno, quando os choupos são doirados como os poentes, fala de saudades aos velhos!

Os poetas cantaram-n'a sempre. Ainda antes que a pedra funebre alli tapasse uma cova, Cintra, montanha de flôres, era d'amores a morada.

A pedra, o tempo a foi gastando e ha de gastal-a de todo. E a historia ainda ha de ser contado de bocca em bocca, porque foi um caso de amor, porque foi um caso de morte.

Juramentos de mulher são como o perfume das verbenas, que mal dura uma noite. Pois haviam sido soluçados entre lagrimas ao cavalleiro

que partia a combater os moiros. Quando este se foi, levava no coração, chagado mas tranquillo, um segredo que era só d'elle, nos labios o perfume d'um beijo, na memoria uma promessa.

E ella chorava; e seu crime, que havia de commetter, foi o de sua mocidade. O luto, que pôz na alma, não o vestiu a natureza. Continuaram as fontes a cantar, rosas e violas perfumando as manhãs, os melros alegrando os vallados, e os pinhaes, quando ella passava, murmuravam queixas de tanta doçura que a distrahiam das saudades.

Já ella, n'um pasmo, n'um extasis dulcissimo de entresonho, a si mesmo perguntava a quem mais queria no mundo, se ao amor, se ao cavalleiro amado.

E, á janella, ouvindo os sussurros da noite, já não chorava, sorria.

Uma tarde, avistou outro cavalleiro que passava, ainda mais novo, ainda mais gentil do que esse que se fôra de longada, a buscar renome combatendo os moiros, e de quem mais não houvera novas. Ainda mais novo, ainda mais gentil!... Esperou o muitas vezes, manhãs e tardes; leu cartas que um pagem malicioso lhe trazia; deixou que elle lhe falasse, uma vez, de noite, á luz das estrellas, que mal coava entre as ramarias dos ulmeiros.

Ah! como bebia, sôfrega, palavras que elle lhe dizia! Falava-lhe de seus olhos d'ella, quando a vez primeira a avistára, e que do céo, onde ella os tivera fitos, lhe entornavam n'alma o azul scintillante; falava-lhe do sorriso dos labios abertos á viração perfumada; perguntava-lhe se não lhe sabia já do amor, se lh'o não haviam contado as fontes a deslisar nos musgos, as aves a chilrear nos bosques, as petalas brancas desprendidas das accacias em flôr.

E ella cuidava que lhe penetravam na alma docemente todos os aromas da serra, todas as harmonias dos bosques.

Todo o passado esquecera; mas o juramento que fizera, alguem se lembrava d'elle, porque lhe fôra apêgo á vida em mil tormentos padecidos.

E, n'essa mesma noite, mal convalescido de graves ferimentos, que em terras longes do Alemtejo o haviam prostrado semi-morto no campo de batalha, caminhou devagarinho na sombra do bosque cerrado. Os olhos, fartos de vêr sangue e estertores, viera descançal os um instante no granito da janella que as heras emolduravam.

Uma voz, que era a musica de todos os sonhos que sonhára entre a vida e a morte, encantou-lhe os ouvidos. Repetia palavras de amor que já uma vez lhe ouvira. Qual dos dois é que sonhava n'aquella noite?

Avistou um vulto sob a janella. Deu um grito a que a mulher respondeu com outro, que logo lhe morreu abafado na garganta. Ainda ella ouviu as espadas a tilintarem faiscando, quiz chamar soccorro, mas cahiu desmaiada, ouvindo aquelle a quem mais queria no mundo exclamar n'um arranco:

— Deus tenha compaixão de minh'alma!

— Irmão!... Irmão! gritou o guerreiro, ao reconhecer pela voz quem atravessára com sua espada.

E, deixando-se sobre ella cahir, os dois só tiveram tempo para com os labios convulsos trocarem um beijo e um perdão.

A sepultura juntou quem o amor desunira.

Serra de amores, se não havia n'ella de passear a morte!

(1903) *João da Camara.*

Pag. 118 — nota 2

«Este penedo é vulgarmente conhecido por «Penedo dos Ovos», nome a que anda ligada uma curiosa lenda que no final d'este livro reproduzimos.»

A'quelle penedo elevado a prumo, caprichosamente, pela natureza, ou produzido pelas convulsões vulcanicas do terreno, em tempos ignotos, anda ligada a seguinte interessante lenda:

Era voz constante que debaixo d'elle havia escondido um thesouro, — thesouro encantado — que só pertenceria a quem fosse capaz de o derrubar, atirando-lhe com ovos.

Era uma especie de esphynge, que difficil seria adivinhar.

Ora, succedeu que a uma velha d'aquellas immediações se lhe metteu na cabeça conquistar o apetecido thesouro. N'esse proposito dispôz-se a boa velhinha a juntar tantos ovos quantos podesse, e quando já estava senhora de uma boa provisão, deu principio á sua ingenua tarefa.

Carregou, pouco a pouco todos os ovos para as immediações do penedo, e metteu mãos á obra. Um a um, dois a dois, e com quanta força dispunha, ia arremessando os ovos contra o penedo; quando nenhum já lhe restava, — cruel decepção! — o penedo continuou erecto e firme, lavado em ovos!

E foi assim que, em vez de cahir por terra o penedo, pondo a descoberto o maravilhoso thesouro, cahiram por terra desfeitos todos os sonhos, e todas as esperanças da pobre velha!

E ainda hoje, o povo sempre propenso ao maravilhoso, julga ver nos musgos amarellados que cobrem o penedo, as gemmas dos ovos que a velha contra elle arremessou.

Pag. 129 — nota 1

«... E' a partir d'esta data que as chronicas deixam de referir-se ao *Castello dos Mouros*, que o discorrer dos seculos foi destruindo, até que, em 1839, el-rei D. Fernando propoz á camara tomál-o de aforamento, como effectivamente tomou, pelo fôro annual de 240 réis, em 16 de dezembro de 1839.»

Auto de Vestoria no sitio denominado Castello dos Mouros, na Serra de Cintra, junto ao Mosteiro de Nossa Senhora da Pena.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e nove, aos quatro dias do mez de outubro do dito anno, n'este sitio denominado o Castello dos Mouros, na Serra, junto ao Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, aonde veiu a Camara Municipal do Concelho de Cintra, composta do seu Presidente Bernardo José Pinto, e os Membros Simões Antunes, Vicente Duarte, Julião dos Santos, José Antonio Belleza e Antonio Alves Martins, comigo João da Silva Pinto, amanuense da

Camara, servindo no impedimento do actual secretario d'esta por sua nomeação, e bem assim o official de deligencias do concelho, Agostinho Fernandes Carreira e os louvados ajuramentados pela Camara, José Diogo Monteiro da Silva, e Duarte João, a fim de se proceder a vestoria naquelle sitio, em virtude de ter sido requerido o aforamento phathiozim perpetuo por Sua Magestade El-Rei Dom Fernando, o terreno denominado o Castello dos Mouros, de que já se fez menção; ao que a Camara tendo tomado em consideração as boas intenções do seu requerimento o qual vae junto ao presente auto e d'elle faz parte; e não havendo pessoa alguma que obstasse a semelhante aforamento, e a Camara conhecendo não ser em nada prejudicial antes proveitoso, pois com o seu aforamento não só é conservado e reparado um monumento antigo, e que já pela sua immensa antiguidade, só por tradição se sabe que ao tempo em que os Romanos e Mouros conquistarão a Luzitania já aquellas obras existião: mas até se aproveitará aquelle árido terreno com plantação de Arvores Silvestres, que tornarão aquelle sitio ameno e deleitozo, servindo assim de recreio aos Nacionaes e Estrangeiros que concorrem nos mezes de verão a frequentar este Paiz, o que muito convem aos interesses d'elle, em vista do que a Camara encarregou aos sobreditos louvados:

Primeiro: — Em demarcassem e confrontassem por todos os quatro lados Norte, Sul, Nascente e Poente, o terreno em que é situado o mencionado Castello dos Mouros, Segundo: — Que avaluassem o seu valor como livre de qualquer onus; e, Terceiro: — O seu valor de foro annual constituido praso phatiozim perpetuo, tendo porém em vista que Sua Magestade El-Rei Dom Fernando, ou aquella pessoa que tomar de aforamento o sobredito Castello dos Mouros, será debaixo das condições seguintes: —Primeiro: — Que não poderá fazer outro algum uso do referido terreno que não seja o de construir n'elle um passeio publico. — Segundo: — Que será obrigado e conservar todas as Muralhas e Vestigios antigos que tornam aquelle logar Monumento de recommendação e que bem longe de os deteriorar os augmentará fazendo n'elles todos os reparos necessarios sem que de fórma alguma altere a sua Architectura, e plantar de Arvores Silvestres, ou Arbustos todos os sitios que se mostrarem susceptiveis d'aquella plantação. — Terceiro. — Que será obrigado a deixar no sobredito Castello uma entrada franca e publica, para por ella poderem entrar e sahir livremente sem impedimento algum em todo o tempo e sempre, todas e quaesquer pessoas sem excepção de algumas que se quizerem utilisar do passeio publico do sobredito Castello dos Mouros, sem que em tempo algum lhes seja negada a entrada ou sahida d'este, hindo de passeio: Ao que os louvados depois de ouvirem a determinação da Camara, principiarão a fazer a medição e confrontação do dito terreno e é a que segue: Pelo lado do Norte e quasi em linha recta até á esquina do extremo da cerca do Mosteiro da Pena, duzentas braças; pelo lado do Sul partindo em sitios com as paredes do Castello até encontrar a cerca da Pena, tem duzentas braças; pelo lado do Nascente, que faz frente á Villa e não contém senão penedos, cem braças; e pelo lado do Poente confinando com os Muros da Cerca cincoenta braças; e depois de assim terem concluido a medição e confrontação declararam debaixo do juramento de seus cargos que julgavam e avaluavam aquelle terreno medido e confrontado na quantia de trinta mil reis como livre de qualquer onus ou encargo e que constituido em praso phateozim perpetuo com as condições n'este auto declaradas, avaluavam no foro annual de duzentos réis com a reputação de Laude-

mio a razão de vintena no caso das vendas. Ao que a Camara tendo assim ouvido a referida medição e confrontação do terreno, seu valor como livre e de foro annual como praso phatheosim perpetuo com o Laudemio á razão de vintena no caso das vendas, e perguntando aos Louvados se além do que lhes tinha sido encarregado tinhão alguma outra declaração mais a fazer, ao que responderão que nada mais tinhão a declarar de que o que lhes tinha sido ordenado o que já tinhão executado e declarado debaixo do juramento de seus cargos; em vista do que ordenarão se affixassem Editaes nos logares do costume e pelo tempo que para taes casos he permittido em os quaes se annunciasse ter logar no dia treze de Dezembro proximo fucturo pelas doze horas do dia nas Casas das Sessões da Camara, à arrematação do aforamento phateosim perpetuo do terreno denominado Castello dos Mouros, de que n'este auto se faz declarada e expressa menção devendo n'elle mencionar-se as condições a que he sujeita a arrematação, demarcação do terreno, valor do foro annual em praso phatheosim perpetuo com Laudemio de vintena nos casos das vendas, e todas as mais circumstancias que forem tendentes a esclarecer os Cidadãos que se acharem habilitados a lançarem na arrematação d'aquelle terreno e que igualmente fosse bem apregoado em praça pelo mesmo tempo da affixação dos Editaes, seguindo se em tudo o que pelas Leis e Regulamentos vigentes se ache prescripto para taes aforamentos, e forma do seu processo. Dando-se por esta forma por concluida e finda a presente Vistoria de que para constar determinarão se lavrasse o presente auto que todos assignarão bem como o Official de Diligencias e os Louvados depois de lhe ser lido por mim João da Silva Pinto, Amanuense de Camara servindo no impedimento do actual Secretario d'esta por sua nomeação que o escrevi e conjuntamente o assignei:—O Presidente, Bernardo José Pinto.—Simão Antunes.—Vicente Duarte,—Julio dos Santos. —José Antonio Belleza.—Antonio Alves Martins.—Agostinho Fernandes Carreira.—José Diogo Monteiro da Silva.—Duarte João.—João da Silva Pinto.

*
* *

Auto de arrematação da parte do sitio denominado o Castello dos Mouros pelo foro annual de 240 réis.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e nove, aos desassseis dias do mez de Dezembro do dito anno, n'esta Villa de Cintra e Cazas da Camara d'ella, estando reunidos em acto de Vereação o Presidente Bernardo José Pinto, e os membros Vicente Duarte, José Antonio Belleza, e Antonio Alves Martins, comigo João de Silva Pinto, Amanuense no impedimento do actual Secretario. Logo a Camara mandou meter em pregão de arrematação de aforamento phethiozim Perpetuo o terreno denominado o Castello dos Mouros avaluado o seu foro annual de duzentos réis e não havendo quem mais desse do que o offerecido por o Excellentisimo Barão de Eschwege como Procurador de Sua Magestade El Rei Dom Fernando pela quantia de duzentos e quarenta réis annuaes como praso phathiosim perpetuo sujeitando-se ás condições inceridas no auto de Vestoria a que se procedeu em quatro de Outubro ultimo e mais sujeitar-se ás condições estipuladas nos contractos de aforamentos d'esta Camara, mandou fosse arremata-

do e elle Exellentissimo Barão com mais a condição de fazer Escriptura de reconhecimento á Camara dentro do prazo de trinta dias, cuja arrematação a Camara houve por boa e bem feita. E para constar mandarão fazer o presente auto a que foram testemunhas presentes Serafim Antonio Martins e José Duarte, d'esta Villa que todos assignarão. E eu João da Silva Pinto Amanuense no impedimento do actual Secretario o escrevi.—Bernardo José Pinto —Vicente Duarte — José Antonio Belleza —Antonio Alves Martins—Barão de Eschwege, Coronel de Engenheiros, como Procurador de Sua Magestade El-Rei Dom Fernando—Serafim Antonio Martins —José Duarte.

Pag. 137 — nota 2

«A capella de Santa Eufemia, a sua casa de banhos, cuja fama de milagrosos ainda hoje corre, merecerá mais longa referencia nas notas finaes d'este livro».

*

Não conserva já o pittoresco aspecto d'outros tempos, a fonte de Santa Eufemia, e a sua minuscula casa de banhos.

Construcções modernas alli feitas ultimamente, para installação das cavallariças reaes, e aposentadoria da respectiva creadagem, destruiram os enormes e alcantilados penedos que na encosta sobranceira á fonte se amontoavam, dando-lhe aquelle encantador aspecto que para as almas simples que na milagrosa agua procuravam alivio, como que as alheava do mundo, aproximando-as do céo.

Dos apontamentos por nós tomados, em maio de 1880, por occasião de uma excursão pela serra, extrahimos esta completa e minuciosa descripção do sitio e fonte de Santa Eufemia:

«Ao fundo d'um quadrado situado no pequeno largo acima descripto, ha uma pequena pia de pedra com cincoenta centimetros de comprido, quarenta e cinco de largo, e trinta e cinco de fundo, onde, d'uma bica tambem de pedra, já um pouco gasta, corre pequena porção d'agua; sobre a bica, uma porta de $0^m,60$ por $0^m,90$ dá ingresso para a mina que tem cinco metros de comprido, com uma largura de setenta centimetros.

Sobre a porta está gravada em pedra, a seguinte inscripção:

O C. DE CARV.
MANDOU CONSERTAR
A SUA MINA E A DE
S.ta EUFEMIA
NO ANNO DE 1845.

Sobre esta lapide, e por debaixo de uma pequena cruz de pedra que remata a parede do fundo, está uma outra lapide com a seguinte inscripção:

ESTA OBRA MANDOU FAZER
A SOA CUSTA O CAP.^{am} FRAN.^{co}
LOPES DE AZ.^{do} NO ANNO DE 1738,
E ESTA É A AGOA MILAGROSA DA
SNR.^{a} Sta EUFEMIA E ALI ESTÁ
A CAZA AONDE SE TOMÃO OS BANHOS.

Na parede da esquerda, uma porta com $1^m,40$ de altura, e $0^m,80$ de largo, abre para a casa de banho, que tem a superficie de $2^m,80 \times 2^m$. A casa é abobadada, o chão forrado de tijolo, e ao nivel d'este tem um tanque de pedra com setenta e cinco centimetros de fundo e uma superficie de $0^m,80 \times 1^m,50$.

Subindo até ao alto da montanha, por um pedregoso atalho, encontra-se a egreja de Santa Eufemia. Na parte exterior da parede da direita ha uma abertura com um metro de largo e outro de fundo, tendo de altura $1^m,20$. Aos lados, dois nichos vasios, parece terem sido primitivamente destinados á collocação de quaesquer imagens, e ao fundo um quadro em azulejo, com umas figuras representando qualquer episodio da vida da Santa, e esta inscripção:

Este é o lugar aonde apareceo a milagrosa Santa Eufemia, da Cerra de Cintra filha de hu Rei barbaro ogentio, filho da Cidade de Braga chamado Cathelio ov lucio Caio, athile e sua Mai tambem gentia chamada Calcia q. atere e a oito Irmãns todas de hu parto e todas forão martires por mandado de Seu Pae: no Segundo Seculu do anno de Jezus Cristo em 125, a qual Santa he advogada de todas as enfermidades do corpo, e principalmente da Sarna, e do figado e corpos chagados, que tudo Cura Com a agoa da Sua fonte que a Sim o dizem os que tomão os banhos no seu tanque, e esta pegada que Sevê n'esta pedra, dizem q. fora aonde amilagrosa Santa posera os pés quando apareSeu. anno de 1787.

No chão, gravado na rocha, como que o signal d'um pé, que tem de comprimento vinte e cinco centimetros, e tres de largura.

A porta principal da egreja mede $2^m,60$ de altura e $1^m,30$ de largura, tendo por sobre ella um pouco espaçoso côro.

O comprimento da egreja até ao arco cruzeiro é de $9^m,20$, e a sua largura de $6^m,50$; na parede da direita tem um pulpito, em pedra de côres diversas; e na parede opposta uma porta que dá para o vasto terreiro.

Na capella mór, que tem $3^m,90$ de largura por $3^m,40$ de fundo, está a imagem da Santa apparecida, n'uma maquineta dourada, collocada sobre o throno. E' uma grosseira esculptura, em marmore, que em 1903 foi substituida por uma outra imagem mandada fazer pela rainha D. Amelia, e que em agosto d'esse anno para ali foi processionalmente conduzida, da capella do paço da Pena.

*
* *

A historia de Santa Eufemia, que resumidamente se faz no quadro em azulejo, que aqui fica transcripto, é a seguinte que julgamos apropriado transcrever tambem:

Corria o anno de 118 da era de Christo. Imperava em Roma Elio

Adriano, filho de Adriano Afro e successor de Trajano; sendo consul Lucio Cayo, natural de Braga, homem de muitos haveres e poderio.

Querendo Elio visitar as provincias do seu imperio, mandou Cayo a Hespanha a fim de saber do estado de animos d'estes povos e de preparar as recepções festivas com as quaes o mesmo Adriano devia ser recebido pelos seus amados subditos.

Partiu Cayo de Roma para dar cumprimento ás ordens dimanadas do real imperante e se dirigiu logo a Braga, não só por ser a capital da provincia, mas por em Braga estar a sua muito amada mulher Calcia.

Detido Cayo em Braga apenas o tempo necessario para dar descanço ao corpo e apaziguamento á alma agitada pelas longas saudades de Calcia, se partiu Lucio a visitar as terras de Galliza, deixando Calcia emcinta.

Foi longa a demora de Cayo no reino da Galliza e tão longa que ao fim de nove mezes Calcia dava á luz nove robustos e formosos meninos, que foram como o penhor demonstrativo do muito amor de Cayo pela esposa e de quão vivas e intensivas tinham sido as caricias que o mesmo Cayo tinha usado para com ella, além de outros divinos e ignorados designios que o Supremo Creador de todas as coisas poderia ter em vista com tal prodigioso manifesto de proliferação.

Ficou Calcia vexada ao vêr sahir da concha do seu gentilissimo ventre uma tal quantidade de raparigas, e ignorando, como gentillica que era, os ulteriores destinos para que Deus criou prole tão numerosa, deu-se por injuriada nos seus sentimentos de mulher honesta com tal successo, patenteando com esta vergonha uma crassa ignorancia de factos congeneres que a historia relata, e que nós passamos a expôr para criterio e segurança de futuras Calcias.

Decenio Frisa refere que uma Matrona Romana, chamada Escofrea, parira trinta filhos d'um só parto. Monge escreve d'uma condessa de Olanda, chamada Margarida, que déra á luz d'um só parto, tantos filhos quantos dias tem o anno, e Martin Cromeiro escreve na historia da Polonia que a condessa, mulher do conde Birboslau, tivera d'uma só vez trinta e sete filhos. E descendo na escala nobliarchica, para a infima gente do povo, mas n'uma proporção decrescente, como é de convir, Alberto Magno refere que no seu tempo um medico curara uma mulher da Allemanha que parira de um parto cento e cincoenta filhos e o illustrissimo Arcebispo de Braga D. Rodrigo da Cunha affirma que na villa de Chaves uma mulher parira quatorze filhos d'uma vez e uma outra da Quinta de Villa Maior, da honra da Teixeira, parira, sete filhos d'uma só vez. Ignorava, como diziamos, Calcia estes exemplos de copiosa e santa fecundidade, todos authenticados por escriptores de nome e de virtudes e por isso, levada pela vergonha, determinou que a real prole fosse submergida como felina alimaria nas aguas do d'Este, serviço de que se encarregou a sua serva e confidente Sita.

Condoida esta da sorte a que eram destinadas as infelizes meninas, e arrostando com os perigos que lhe poderiam advir pela desobediencia praticada, resolveu furtal-as ao banho frio d'Este e entregal-as a amas de leite e christãs para que as amamentassem e educassem, nos santos principios da virtude e da religião.

Posto em execução o heroico intento foram as meninas baptisadas pelo Bispo d'então, Santo André, que lhe poz os nomes de Quiteria, Genebra, Victoria, Eufemia, Marinha, Mariana, Germana, Bazilia, Liberata e Uvilgeforte, com que brilharam mais tarde no mundo christão.

Foram as nove meninas crescendo, como flôres de virtude e sabedoria e conhecedoras da sua origem quasi real, dos intentos da mãe e da dedicada intervenção de Sita, resolveram as nove irmãs consagrarem a vida e a margarida da sua virtude a Christo, para o que se reuniram, como nucleo de estrellas, em commum, em casa propria, sita nos arredores da cidade.

Tinha sido revogado o edito mandado publicar por Adriano e que suspendia a perseguição contra os christãos, e proseguia esta mais feroz e animada do que o tinha sido no tempo de Trajano.

Lucio Cayo, ao tempo consul, e com a residencia em Braga, mandou publicar e pôr em execução o odioso decreto pelas terras da Lusitania, que o eram as Asturias, a Galliza, a Astorga, tendo Braga por capital.

Convictas de serem ferrenhas christãs foram as nove filhas de Calcia colhidas na rede do tenebroso edito e conduzidas á presença de Cayo, que de sobrecenho feroz e fera catadura, ainda que interiormente sensibilisado pela modestia e encantos que rescendiam d'aquelle alfobre de donzellas, lhes perguntou quem eram, e qual a religião que professavam.

— Se perguntaes pela nossa linhagem, lhe respondeu Genebra, filhas tuas somos. Se pela nossa religião, todas somos servas e escravas de Nosso Senhor Jesus Christo.

Ficou colhido de assombro Cayo ao tal ouvir e mandando retirar do pretorio todos os assistentes que se apertavam de curiosidade, fez chamar Calcia que mais com lagrimas do que com razões lhe confirmou o que Genebra tinha dito, e bem assim os motivos que a tinham determinado á extrema resolução de afogar as pequenas.

Rejubilaram os dois por achado tão precioso, beijaram-se e beijaram as tenras crianças que assim encontravam tão bellas e formosas, e foi grande o goso que n'esse dia sentiram e fizeram, com festas e luminarias, sentir ao povos de Braga.

Mas dado é ás coisas d'este mundo serem todas ephemeras e passageiras. Bem depressa aos mimos e carinhos do primeiros dias, succederam as asperidades e durezas com as quaes Cayo e Calcia procuravam reduzir ás praticas do paganismo as inclinações christãs que as nove meninas patenteavam. E tantos foram os maus tratos que ellas soffreram, que Deus condoído por tanto penar, lhes mandou por um anjo dos melhores da sua celestial côrte dizer que era do agrado d'Elle Deus, que ellas fugissem da casa paterna, onde tantos soffrimentos padeciam, e onde perigava a sua fé. Acataram submissas, como competia a almas tão piedosas a Divina ordem, e guiadas pelo alado mensageiro sahiram da casa paterna, sem de ninguem serem presentidas, — apezar de mulheres serem — as nove filhas de Cayo e Calcia.

Conduzida d'este modo pela mão de Deus, foi Eufemia, uma das nove irmãs ter a Obebriga, cidade que ficava ao norte de Braga, e onde descançou das fadigas causadas por tão longo caminhar. Passado porém, algum tempo, querendo tonificar a alma com o precioso elemento da oração e para fugir ás perseguições que a esse tempo se faziam em Obebriga contra os christãos, subiu ao monte do Gerosio, assim chamado pelas muitas voltas que os caminhos dão n'estes logares. E lá, entre as asperezas dos penhascos, e no convivio dos lobos e javalis, viveu durante dois annos consecutivos, entregue á oração, até que, achando-se refeita d'alma para affrontar o martyrio se dirigiu a Obebriga, com o acrisolado fim de dar a vida pelo seu Esposo adorado, para o que entendeu ser melhor ca-

minho o de se dirigir ao juiz da cidade, e o increpar pela sua conducta pelo mesmo juiz tida para com os christãos.

Não levou em boa conta o juiz de Obebriga a reprimenda da santa, antes, cego ás palavras de luz e de perdão que Eufemia lhe dizia, a mandou esbofetear e açoitar pelos algozes, até que das tenras carnes d'esta lhe escorresse sangue.

Julgava o iniquo juiz isto meio seguro para acabar com os ardores de fé que Eufemia mostrava por Christo, esperando que as dores e as feridas a rendessem ao paganismo, mas Deus, que tudo vê e de tudo cuida, lhe mandou solicitos anjos que com balsamos perfumados e oleos preciosos, taes como só na côrte celestial se podem encontrar, não só lhe dissiparam as dores, mas a curaram das feridas recebidas, deixando Eufemia ainda mais bella e formosa, d'esta belleza mystica que dá a fé em Deus.

Espantado o juiz pela cura tão rapidamente sobrevinda, e dominado pela mocidade e belleza que Eufemia ostentava, procurou vencer a relutancia e castidade da santa, estendendo-lhe sob os pés o escorregadio cebo da adulação e dos mimos, cebo que é o peor meio de que os homens podem lançar mão contra a virtude das mulheres, e onde tão frequentemente ellas se deixam cahir. Não succedeu assim com Eufemia, que se soube precaver contra as infames tentações que lhe armava o lascivo juiz, apoiando-se na fé e no amor pelo divino Esposo, que tinha no coração; o que, vendo-o o seu carrasco, tomado de aceso furor, mandou que a metessem no equleo e no potro, e depois a dependurassem pelos cabellos sobre uma fogueira, onde apesar das dores soffridas o rosto de Eufemia mostrou uma serenidade e alegria proprias de quem só em Deus espera e confia.

Crescendo a ira no juiz, á medida que via tornarem-se improficuos todos os seus esforços e tormentos para vencer o amor e fé tão arreigados, com nova e mais irada sanha ordenou aos legionarios que o assistiam, que a levassem d'ali e a conduzissem ao monte do Gerosio, e que do cimo da mais elevada rocha a despenhassem no abysmo; o que os legionarios servilmente executaram, mas sem o menor resultado; por quanto Deus, que nunca desampara os que se lhe dedicam, mandou por seu lado aos anjos da sua côrte que a salvassem, o que fizeram estendendo as suas azas, sobre as quaes o corpo de Eufemia veiu cahir, como por cima de colchão de fofas penas. Canduzida de novo sã e escorreita á presença do juiz, este, n'um impeto de furor, atravessou-lhe o corpo e o coração com a propria espada, libertando d'este modo do corpo mortal aquella rara alma que foi cahir, como pomba branca, aos pés do Senhor.

Foi a 13 de abril do anno de 140 que se deu tão prodigioso successo, havendo coros festivos de anjos nos ceus, hossanas de louvor pelo triumpho alcançado pela estremecida martyr, que, vestida e revestida como defensora da castidade e da fé, com a gloriosa tunica de Hollanda mais fina da sua virgindade e do manto de purpura de sua triumphante paixão, recebeu a duplicada corôa do martyrio e da castidade.

Pag. 139 — nota 1

«A historia do sumptuoso edificio da Pena, tem duas epocas distinctas, em ambas predominando dois reis faustuosos e protectores das artes: D. Manuel e D. Fernando.

Da primeira trata-se desenvolvidamente na primeira edição d'este livro, que vimos reproduzindo; da segunda nos occupamos na parte final.

No *Diario do Governo* n.º 229, de quinta feira 27 de setembro de 1838, veiu publicada, sob a rubrica da Junta de Credito Publico, a lista n.º 433 — R. R. R. — que dizia assim:

ARREMATAÇÃO PERANTE A JUNTA DE CREDITO PUBLICO

No dia 3 de novembro de 1838

....

DISTRICTO DE LISBOA

CONCELHO DE CINTRA

Convento de Nossa Senhora da Pena da Serra de Cintra

1556 — Edificio do convento e mais casas ou hospedarias juntas, e a cêrca, que consta de limoal, terras de semeadura, pinhal e mattas.. 700$000

N. B. — A arrematação d'este predio é com a expressa clausula de ficar o arrematante obrigado a cuidar da sua boa conservação, na conformidade do que dispõe a carta de lei de 15 de abril de 1835, visto ser um monumento nacional, e conter a egreja um retabulo de primorosa esculptura.»

A arrematação fez-se com effeito no dia 3 de novembro annunciado, como se verifica do *Diario do Governo* n.º 269 de 13 do mesmo mez e anno, em que sob a rubrica da Junta de Credito Publico, 3.ª repartição, vem publicada a seguinte:

Relação dos arrematantes de bens nacionaes que satisfizeram no cofre da dita junta, na semana que decorreu de 5 a 10 do corrente mez, o preço das arrematações por elles feitas, em conformidade do decreto de 25 de abril ultimo

Numeros		Preços		Nomes dos arrematantes	Especies de pagamento		
das listas	dos bens	das avaliações	das arrematações		Papel moeda	Esc.es do thesouro	Dinheiro metal
433 R. R. R.	1.556	700$000	761$000	Sua Magestade El-Rei D. Fernando	253$600	250$000	257$400

Como se vé do que fica transcripto, o convento da Pena foi vendido por 761$000 réis a el-rei D. Fernando, com a clausula expressa de que o arrematante ficaria obrigado a cuidar da sua boa conservação, «visto ser um monumento nacional e conter a egreja um retabulo de primorosa escultura.»

Como esta clausula foi respeitada por D. Fernando, todos o sabem, porque Sua Magestade não só conservou como augmentou e enriqueceu por tal fórma a propriedade, que ella é hoje a mais bella de Portugal, e uma das mais bellas da Europa.

Dos trabalhos que o *Rei Artista* ali fez iniciar com toda a actividade, pouco depois de ter adquirido o *Convento de Nossa Senhora da Pena*, que em parte tinha sido demolido, em consequencia do estragos causados pelo terremoto de 1755, surgiu em poucos annos, como por encanto, o palacio maravilhoso da Pena, que constitue hoje a admiração de nacionaes e estrangeiros.

O primeiro trabalho mandado executar logo que D. Fernando tomou posse d'aquella propriedade, foi a magnifica estrada macadamisada, desde S. Pedro até ao antigo convento, para substituir o escabroso e empinado trilo que existia e que até certa altura mal dava passagem aos carros que desciam carregados de madeira, dos vastos pinhaes, tornando-se quasi impraticavel d'ahi para cima.

Estabelecida assim a facil communicacão para transporte dos materiaes necessarios para as importantes obras que estavam projectadas, sofferam ellas então vigoroso impulso, e em 1841 estava já concluida a magnifica torre do relogio, com quatro mostradores; e a ponte levadiça em que principia o tunnel, que dá ingresso para o pateo principal do palacio. No anno seguinte, 1842, ficava ampliado o adro da egreja, erguendo-se sobre os rochedos que o cercavam do lado do norte a grossa muralha coroada de arcadas mouriscas.

Reparada quasi completamense a parte do antigo convento, em 1844 foi iniciada a primeira parte do novo palacio, que communica com o antigo edificio, levantando-se os dois bellos porticos de estylo arabe, um dos quaes é copia fiel da porta da justiça, existente no maravilhoso edificio da Alhambra,

A par d'estes trabalhos de construcção, na cerca do convento, a que gradualmente iam sendo annexados outros terrenos que D. Fernando successivamente ia comprando ou aforando, seguiam-se os trabalhos agronomicos, traçando-se largas ruas, por entre a enorme variedade de magnificas plantas que ali se iam acclimando e desenvolvendo.

Em dezembro de 1885 fallecia el-rei D. Fernando, a cujo talento e bom gosto se deve a creação d'aquella maravilha, e tornava-se então do dominio publico o seu testamento feito em 13 de janeiro do mesmo anno, e no qual havia a seguinte disposição:

«Portanto, constituo a minha muito amada esposa a senhora condessa d'Edla legataria de tudo de que por lei posso dispor. Quero que nos bens que couberem a minha esposa se comprehendam os seguintes: moveis, objectos de arte, pratas, loiças, quadros, etc., que se achem nos aposentos occupados pela minha esposa, ou todo ou parte, á sua livre escolha; todas as minhas propriedades situadas no concelho de Cintra, taes como, palacio da Pena e pertences, incluindo os *chalets*, Castello dos Mouros, quinta da Abelheira e pertences, S. Miguel e pertences, as tapadas ulti-

mamente compradas, incluindo a tapada nova dos Capuchos, assim como a mobilia, pratas, loiças, e mais recheio do palacio da Pena, dos *chalets* e das outras casas acima mencionadas».

Esta disposição testamentaria levantou immediatamente protestos vehementes, e a imprensa de todos os matizes clamou que era necessario poupar Portugal á vergonha de ver passar para a mão de qualquer particular endinheirado, aquella joia artistica, que devia ficar sendo propriedade da nação, em uso fructo da casa real.

Effectivamente por carta de lei de 25 junho de 1889, e contracto de 12 de julho de 1890, o palacio da Pena e todas as propriedades que D. Fernando possuia no concelho de Cintra passavam para a posse do Estado, ficando no usufructo da Corôa.

Pag. 139 — nota 1

«...embora Byron tivesse affirmado que Pena, vinha do *penar* dos monges que para ali iam por seus delictos *penar*, vem nas edições posteriores do seu *Child Harold* confessar ter errado, e embora não julgue necessario alterar os versos do seu poema, explica que *pena*, que elle diz dever escrever-se peña, significa penhasco,...»

Não obstante a opinião de Byron, parece fóra de duvida que ali «penaram» frades, o que se verifica das queixas que o abbade de Castro ainda lá viu escriptas em 1841, como refere na *Memoria historica sobre a origem da fundação do real mosteiro de N. S. da Pena*:

«O carcere do Mosteiro ficava no corredor do claustro baixo. Tinha 10 palmos de largo e 15 de comprido, com uma estreita fresta na parede que lhe dava alguma claridade; a um dos lados havia um banco de pedra, e no meio do vão estava, no pavimento, um annel de ferro; as paredes eram caiadas, e n'ellas ainda se observam muitas inscripções romanticas, sentenças, maximas e queixas, feitas com algum instrumento agudo; porém, de todas a mais notavel é a seguinte:

Adeus convento ingrato, adeus tirano,
Cruel executor do meu triste fado.
De ti fujo hoje, hindo expulsado;
Goza-te do teu rigor sempre ufano.
Não sejas traidor infiel, desumano;
Trata a teus monges com outro agrado;
A nenhum dês o pago que a mim me tens dado.
Fica-te muito embora com teu engano.
Deus! que já tenho valor de sobejo
Para esquecer esperanças de algum dia;
Já de ti nada quero nem tambem desejo.
Mas oh! enganadora leve phantasia,
Que só de Jeronimo prezo me vejo
Quando cuidava n'esta expulsão lhe fugia».

Pag. 145 — nota 1

«Todos estes cirios ha muitos annos que se não realisam; o ultimo de que temos noticia é o de Cintra, que ha mais de cincoenta annos deixou de fazer-se.»

Das lôas a que nos referimos, e que constituem hoje uma raridade, reproduzimos aqui o titulo e dedicatoria das que se referem ao cirio do anno de 1840:

OS FESTEIROS DO ANTIGO E REAL SIRIO
DE
NOSSA SENHORA DA PENNA
DE QUE SÃO PROTECTORES SUAS MAGESTADES FIDELISSIMAS
A RAINHA
A SENHORA D. MARIA SEGUNDA
E ELREI
O SENHOR D. FERNANDO;
E JUIZ PERPETUO
S. A. O PRINCIPE REAL
O SENHOR D. PEDRO D'ALCANTARA

Conduzindo em triunfo na tarde de 15 de agosto de 1840 a prodigiosa imagem de MARIA SANTISSIMA virgem mãi de JESUS CHRISTO, rainha dos anjos, e augusta soberana dos ceos e terra, da freguezia de S. PEDRO de Pena-Ferrim, para festejarem a imagem santa immaculada no seu augusto templo denominado da PENNA na serra de Cintra.

Em testemunho do seu jubilo e gratidão; offerecem, dedicão e consagrão

A' PRIMEIRA VIRGEM CELESTIAL
ESTES
HYMNOS DE LOUVOR
RECITADOS POR TRES ANJOS

Estas lôas eram recitadas: Ao receber o Pendão; — Ao sahir da capella do Real Paço de Cintra; — Chegando a S. Pedro de Pena-Ferrim; — Ao entrar o cirio no Sagrado Templo de Nossa Senhora da Penna, situado na Serra de Cintra; — Ao sahir o cirio do Templo de Nossa Senhora da Penna, para voltar á egreja de S. Pedro de Pena Ferrim; — Ao entrar o cirio na freguezia de S. Pedro de Pena-Ferrim; e, finalmente —

A' entrega do Pendão, terminando por um «Elogio feito a S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Segunda, protectora do real cirio, e a todos os festeiros.»

D'ellas destacamos, por serem das mais interessantes, as destinadas a serem recitadas «Ao sahir da Capella Real do Paço de Cintra»:

Primeiro anjo

Como apoz ruidosa porcella
Vem um dia sereno e formoso,
Apoz annos de horrores e crimes
Portugal é emfim venturoso;
Porque nos Ceos, por elle
Orava a Mãi de Deus;
E um Anjo de bondade
Davam á terra os Ceos;
E este Anjo, como a Virgem,
Maria se chamava;
E a Mão da Providencia
N'um Throno a collocava,
E esse Throno augusto,
De gloria rodeado,
Da Fé amparo e abrigo
Por nós é proclamado.
Honra e gloria á Rainha dos Anjos,
Que é nos Ceos efficaz Protectora!
Gloria á Imagem mais bella da Virgem,
A Maria da Fé salvadora!

Segundo anjo

E vós, Excelso Esposo, que nascido
Longe de nós, a terra do Occidente
Acceitastes por Patria, e ser quizestes
Irmão e Pai da Lusitana gente;
Vós, que entre nós não tendes Sceptro herdado,
Mas que sois, mais que Rei, amigo nosso,
Tendes reino de amor que vale muito,
E em nossos corações o imperio vosso.

Terceiro anjo

Tenro Principe, que um dia
Cingireis a antiga c'rôa,
Cuja gloria ainda resôa
Pela Europa, e alem do mar,
Possais vós nunca esquecerdes
Que essa herança vos tocou,
Porque Deus sempre a salvou

Para a Fé eternizar;
Que onde as Quinas tremulavam
(Desses Reis que já lá vão)
Das conquistas por padrão
Uma Cruz se via alçar:
Pela Virgem conduzidas,
Nossas armas se estenderam;
Foi assim que ellas fizeram
Longes povos accurvar.

Possais vós a crença avita,
Nosso amor, nossa esperança,
Pura sempre, e sem mudança,
Entre nós fazer reinar.

Todos tres

Consolação dos afflictos,
Virgem pura e immaculada,
Que nunca pelos humanos
Debalde sois invocada,
Alcançai para este Povo
A Divina Misericordia.
Alcançai para Portugal
União, Paz e Concordia.

A. H.

Pag. 150 — lin. 23

«O certo é que, em uma doação antiga do Reguengo d'esta villa, feita por D. Affonso II, no anno de 1255, a Pedro Miguel e sua mulher Maria Estevam. . . . »

Karta de Regalengo de Collares termino de Sintræ.

Notrum sit omnibus presentes litteras inspectanturis quod ego Affonsus dei gratia Rex Portugaliæ et Comes Bolonie una cum uxori mea Regine dona Beatrice Ilustris Regis Castelle et Legionis filia. Do concedo et vobis Petro michaelis et uxori vestra Marie Stephani meum Regalengum quod jacet in Collares in termino de Sintræ Videlicet ad portum de Bassam quod tenuit Martinus Petri Castellanus de Regina dona Urraca et est in duobus peciis et una pecia jacet super ipso portu de Bazam et alia pecia sub ipso portu. Do vobis ipsum Regalengum sicut dividit per aquam de Mazuphal et sicut dividit cum Almargem de Mauris e sicut dividit cum alio meo Regalengo de Collares quod tenent alii laboratoris tali videlicet pactu quod plantetis vineas in ipso Regalengo et detis inde mihi et omnibus successoribus meis quartam partem de vino et de omnibus fructibus

quos vobis Deus dederit ibi prout dant mihi de aliis meis Regalengis que sunt circa illud habeatis igitur supradictum Regalengum cum terminis et divisionibus supradictis et cum supradicto foro et omnis posteritas vestra et faciatis de eo quiquid vestre placuerit voluntati faciendo mihi et omnibus successoribus meis de eo supradictum forum cunctis temporum seclorum. Et quicumque istud factum meum bene et integre observaverit sit bene dictus a Deo amen. Et quicumque contra hoc factum meum atemptaverit iram omnipotentis dei et beate Marie Virginis et omnium Sanctorum, et maledictionem mea incurrat quiquid ipse fecerit a suis successoribus in irritum ducatur facta Carta apud Ulixbonum XVI die maij Rege mandante per domnum E. martini Maiordomum Curie et per Cancelarium D. Petri fuit Era M. CC. LXXXX tercia.

L. 1.º de doações de D. Affonso III, 152 v.º

(Da 1.ª edição.)

Pag. 152 — lin. 33

«... os privilegios que de tempo antigo gosavam...»

DOAÇÕES E PRIVILEGIOS

D. Pedro I

Carta de confirmação de privilegios aos moradores de Collares, &. em Evora 5 de fevereiro de 13... *L. 1.º fl. 41.*

D. Fernando

Doação de Collares & a Gonçalo Paes da Meira. *L. 1.º fl. 82 v.*

D. João I

Doação a D. Nuno Alvares Pereira. *L. 1.º fl. 82 v.*

*

Alvará para seus moradores não servirem na guerra. *L. 7 da Extremad. fl. 58 v.*

*

Doação do seu Reguengo a Rodrigo Annes de Barbuda, em 7 de janeiro de 1284. *L. 1.º fl. 22.*

D. Duarte

Doação á Infanta D. Izabel. *L. 1.º de Misticos, fl. 44.*

*

Doação de seu Reguengo Padroado de Igrejas & ao Conde de Ourem. *L. 1.º fl. 6.—L. 7 de D. João III, fl. 155 e 157.—L. 41 de D. Manuel, fl. 103.—L. 2.º de Misticos, fl. 234* e *L. 4.º dito, fl. 78 v.*

D. Affonso V

Carta de privilegio a seus moradores. *L. 18, fl. 24 v.—L. 23, fl. 107.—L. 7 de Extremadura, fl. 58 v.* e *L. 8 dito fl. 284 v.*

*

Carta de privilegio a seus lavradores. *L. 9, fl 54 v.* e *L. 7 da Extremad., fl. 204 v.*

*

Carta de D. Affonso confirmando o privilegio aos moradores de Collares concedido por El-Rei D. João I por mediação do condestavel para não irem á guerra.

D. João II

Doação de Collares á Infanta D. Brites. *L. 1.º de Misticos, fl. 43.*

*

Doação de seu Reguengo á Infanta D. Brites. *L. 1.º de Misticos, fl. 44.*

D. Manuel

Carta para os Caudeis obedecerem á Infanta D. Brites. *L. 1.º de Misticos, fl. 27.*

D. João III

Alvará para vezinhar com a villa de Cintra, etc. *L. 1.º fl. 57.*

D. Filippe II

Alvará a seus moradores para caçarem em seus pomares. *L. 3.º fl. 173.*

*

Alvará a seus moradores para trazerem egoas soltas na Serra de Cintra. *L. 1.º fl. 96.*

*

Carta de Alcaydaria mór de Collares ao Conde da Castanheira. *L. 6.º fl. 15.*

Pag. 152 — lin. 37

«Parece não logrou este Rei a posse pacifica d'esta villa, porque poucos dias antes de morrer, em 20 de novembro de 1521, fez uma escriptura de contracto com D. Brites...»

Escriptura de contracto feito entre El-Rei D. Manuel e D. Brites filha do Condestavel, em que o dito Senhor se obrigou a dar-lhe 200$000 réis de juro e herdade, pela cessão que lhe fez da Villa de Collares com todas suas pertenças direitos e jurisdiçoens, Em Lisboa a 21 de Novembro de 1521. *Gav. 10. Maç. 4 N.º 14. Liv. de Sentenças da Coroa, pag. 2.ª Columna 2.ª*

Pag. 152 — lin. 43

«No anno seguinte de 1522, no mez de setembro, mandou seu filho el-rei D. João III tomar posse d'esta villa e de seus rendimentos a Francisco de Macedo, de cuja commissão deu conta em uma carta a el-rei, que se acha no Real Archivo.»

Carta de Francisco de Macedo dando conta a El-Rei D. João III, que em execução de outra que recebera do dito Senhor tomara posse da villa de Collares e que cumprira tudo o mais que lhe fôra determinado por Duarte de Paiva.

Senhor. — Por Duarte de Paiva me foi dada huma Carta de Vossa Alteza e hum instrumento de contrato de venda da Villa de Collares, e outra Carta para os Juizes e Vereadores e Procuradores da dita Villa, e

tanto que me foi dado logo partimos para a dita Villa e assi o escrivão dos coutos para fazer o que Vossa Alteza me mandou, e por ao sabado não serem horas para se fazer e o juiz da dita Villa e vereador serem na feira das Virtudes, nom quiz entrar na Villa e estivemos fora, e por Domingo e segunda feira serem dias aferiados, e os dittos juizes não serem vindos da feira tive maneira que a segunda feira á tarde que era dia de Nossa Senhora, entrei na Villa com a dissimulação que o ditto Duarte Paiva dirá a Vossa Alteza, e os dittos juizes não erão ainda vindos e vierão de noute, e á terça feira pela manhãa soube que os dittos juizes erão vindos, e fiz ajuntalos em Camara, e assi os Vereadores e Procurador do Concelho, e homens boos e povo, e lhe dei a Carta de Vossa Alteza, e assi lhe apresentei o contrato, e elles obdecerão a todo e me derão a posse como Vossa Alteza mandava, segundo poderá ver pelo instrumento, que nas costas do contrato vai alem de outro que o Escrivão dos coutos fez que fica em seu puder; e dada assim a ditta posse com as mais diligencias que se fizerão, eu provi os livros, e arrendamentos dos annos passados, e achei que foy feito hum arrendamento dos quartos, de todalas cousas que Deus der na ditta Villa e Termo que pertence a Vossa Alteza, que Dona Beatriz na ditta Villa tinha e forão arrendados os ditos quartos por quatro annos, e se começou o arrendamento o anno de quinhentos e desanove aos treze dias do mez de Julho do ditto anno a João Carrasco, e a Luiz Garcia, e a Bastião Guomes por settecentos e dez mil reis pelos dittos quatro annos, e mais mil peros de Santiago e mil maçans quinhentas baionezas e quinhentas chainhas que vem a ser por anno cento e settenta e sette mil quinhentos reis em paz, e a salvo para Vossa Alteza e este arrendamento se fez de S. Joham a S. Joham, e os rendeiros que ora sam acabam seu arrendamento por S. Joham que ha de vir, e gosam esta novidade em que ora estamos, e o pagamento são obrigados a fazer ainda a primeira paga por dia de Natal que ade vir e a segunda por Setembro, que virá deste em um anno, em que am de fazer comprimento da pagua da ditta renda em estas duas paguas segundo a forma de seu arrendamento, os quaes cento e settenta e sette mil e quinhentos reis encarreguei em receita sobre André Gonçalves Almoxarife de Cintra para os arrecadar dos dittos rendeiros, e mandei aos dittos rendeiros que nom accudissem com nenhum dinheiro senom ao ditto André Gonçalves Almoxarife sob pena de o pagarem de suas casas, e de tudo mandei fazer autto ao Escrivão dos Coutos que fica em seu poder, e fiz progunta ao Almoxarife de D. Beatriz que foy, se tinha este algum lanço para o anno vindoiro, e elle me disse que si, mas que os tinha mandados ao Conde, e querendo outocentos e vinte mil reis por quatro annos, e assi fiz progunta a Arthur Rodrigues Escrivão do ditto Almoxarife, se tinha ou sabia de alguns lanços d'esta renda para os annos vindoiros, e por elle me foy ditto que nom era em seu poder algum lanço, nem lhe fora feito, e bem assi mandei meter a renda em preguam por o porteiro da ditta Villa, e se alguem em ella quizesse lançar para os annos vindoiros, se viesse a mim e eu lhe receberia o lanço, o qual porteiro foi por a dita Villa e veio, e me deo em sua fé que nam achava quem em elle quizesse lançar, e eu mandei chamar os rendeiros dos annos passados e presente e assim outras pessoas e lhes disse se querião elles lançar em esta ditta renda, e elles disseram que nom, que aguora não era ainda tempo, que veria primeiro o S. Joham e que então lançariam se lhes bem viessem, e a mim. Senhor, parece que para serviço, de Vossa Alteza, nom se deve

esta renda arrendar senom juntamente com o Almoxarifado de Cintra por Janeiro que vem, porque enton se acabam os arrendamentos do almoxarifado de Cintra, que ora os Povos tem porque será mais vosso serviço arrendar-se tudo juntamente, e a rezão disto eu a darei a Vossa Alteza quando me mandar; veja Vossa Alteza o que he mais seo serviço, e mande-me a maneira, e o que ei de fazer. De sua Villa de Collares aos nove dias do mez de Setembro de mil quinhenios e vinte e dous.—*Francisco de Macedo.*

Gav. 10. Maç. 5.º N.º 16.

(Da 1.ª edição)

Pag. 156 — nota 1

«Póde talvez referir-se esta lenda á conquista pelos christãos do Castello dos Mouros, e esta opinião é corroborada por uma poesia firmada pelas iniciaes P.e C. J. R. que em 1894 encontramos publicada no *Tempo* n'um folhetim firmado por D. M. que diz possuir uma copia do manuscripto original.»

I

Sobre os cumes de Cintra agigantados,
O Castello dos Mouros se divisa,
Sobem ao céu, seus muros que engrinaldam
As soberbas ameias. Mil penedos
Rojados aos seus pés, dizem-lhe em muda,
Eloquente linguagem: desafia
Os Seculos porvir, trophéu perenne
Do valor Portuguez! Lembrem-se os annos
Quando a branca bandeira do Mil-ides
Tremulou nas tuas torres hasteada,
E o Arabe cruel viu ás tuas portas
Os heroes avançar da lusa terra:
Tremeu seu coração; viu entre o lodo
O Crescente arrastar. Foram-se os annos;
Já o Arabe não é! Já a sua Mesquita
A' sombra enxerga das musgosas torres;
A Cruz de pedra ergue sublime os braços collossos
Com a lua posta a seus pés. Lusos
Que seu sangue em teus fossos derramaram
Repousam n'um só tumulo reunidos
Pela fouce da morte. Ha de um Deus justo
Separal-os um dia. Salvé ó sublime
Pendão da antiga gloria! quando a lua
Prateando de longe o Tejo ameno,
Banha do seu clarão, toda a sua encosta
Ao váte admirador quasi não recorda
Prodigios de valor e de esperança.

II

Pequena cohorte de fortes guerreiros,
No valle risonho se estava a juntar,
São vinte soldados, mas almas tamanhas
Que todos os dizem valentes sem par.

Não tremem na guerra, que são portuguezes,
Varões d'este nome, não sabem tremer,
Com o céu ante os olhos sorrindo marchavam
Gritando: por Christo! vencer ou morrer.

As Quinas levavam nas brancas bandeiras,
As Quinas sagradas de nossos avós,
As Quinas sagradas de Affonso primeiro,
As chagas de Christo immolado por nós.

No cume da serra, nos muros antigos
A escolta velava ao mouro cruel,
Sorria zombando de nossos guerreiros,
Jurando exterminio ao povo fiel.

As portas cerradas, bandeiras hasteadas,
Chamou seus soldados o chefe pagão;
Prostrados ás aras do falso propheta
Pediram victoria do nome christão.

E em tunica branca, com barbas hirsutas,
Ardia perfumes iniquo Mafti,
Subiam ás nuvens sacrilegas preces
E incensos que o Eterno repelle de si.

III

Mas na encosta de Collares
Já estava o povo de Deus,
Prostrado junto a um rochedo
Erguiam a voz aos céus:

—Deus de Henriques, exclamaram,
Se até aqui nos dominaram
Os mouros, não seja já!
Em vosso nome esperamos
Ver triumphantes por cá;
Somos poucos, na verdade,
Somos vinte, e nada mais;
Os mouros, oh! não tem conto,
Como as turbas infernaes.
Mas vamos por vossa gloria,
Teremos certa a victoria,
Havemos de triumphar;

E aqui para lembrança,
Se esta victoria se alcança,
Plantaremos um altar.

E aqui vereis, Deus de Henriques,
O vosso povo fiel
Ao romper da madrugada
Vir com piedoso tropel:
Aqui estarão penduradas
As bandeiras conquistadas
De dia, e de noite uma luz,
E sobre o cume da serra,
Depois de feita esta guerra,
Plantaremos uma cruz.

Disse o mais velho entre o povo,
E logo todos — que sim;
E os eccos de toda a serra
Deram a voz de um clarim;
Tremeram, mas não de medo,
E eis que todo o penedo
Se viu de nevoa cobrir,
E entre nuvens luminosas
Viram coisas prodigiosas
De que hoje o mundo ha de rir.

Uma senhora vestida
De um manto da côr do sol,
Trazia sobre a cabeça,
O astro do arrebol;
A seus pés a lua estava
E uma serpente pisava
Com o branco engraçado pé,
E logo todos disseram
Quando a visão perceberam
Esta senhora quem é?

— E disse a bella rainha —
Eu sou a Virgem Mãe de Deus;
Ide fortes portuguezes
Por vós combatem os céus,
Do mouro, posto que forte
Decretada está já a sorte,
Vós haveis de triumphar;
Entrae em tão bellas lides
Ide embora, que mil ides
O castello conquistar.

Ide embora que mil ides!!
Todo povo então gritou;
E os mouros foram vencidos
E o castello se tomou;
E no sitio do portento
Se plantou por monumento
Um altar com um tropheu,
E inda ha gente, e não poucos
Que dizem que são mui loucos
Os que confiam no céu!!...

Capellinha de Milides
E's um bem nobre padrão!
Teu nome, que nos recorda
Da antiga gloria um brazão!
Sobre os seus muros musgosos
Ha segredos mysteriosos
Que outro tempo nos legou,
Has de lembrar, não duvides,
O' milagroso Milides
Ao povo que te fundou.

Pag. 157 — nota 1

«Hoje a Praia das Maçãs é já uma povoação de promettedor e ridente futuro, e a que mais detidamente faremos a referencia que merece no final d'este livro».

Data de 1886 a fundação da povoação da Praia das Maçãs, embora dois annos antes se principiasse a serie dos seus melhoramentos, com o projecto da estrada que, cortando a vasta marinha de Collares, a viria ligar á verdejante Varzea.

Foi em agosto de 1884, que uma commissão composta dos srs. Luiz d'Almeida Albuquerque, dr. Joaquim de Vasconcellos Gusmão e Antonio Maria Dias Pereira Chaves Mazziotti, conseguiu, com a cooperação dos distinctos engenheiros srs. Joaquim Pires de Sousa Gomes e Frederico Ressano Garcia, o levantamento da planta e o projecto de uma estrada entre a Varzea de Collares e a Praia das Maçãs, na extensão de 3:400 metros, orçada na importancia de 6:800$000 réis.

A mesma commissão iniciou por essa occasião uma subscripção para os trabalhos d'essa estrada, concorrendo com importantes quantias muitos cavalheiros, entre elles o fallecido industrial e proprietario José Ignacio da Costa, um dos mais benemeritos filhos de Collares, que subscreveu com 240$000 réis, a sr.ª Duqueza de Cadaval, o sr. Visconde de Monserrate e o sr. Antonio Mazziotti, com 100$000 réis cada um, e muitas outras pessoas com quotas de cincoenta, trinta, e vinte e cinco mil

réis, perfazendo a totalidade de 1:065$000 réis, que, com o respectivo projecto, a commissão entregou á camara municipal.

Em agosto de 1886, era classificada essa estrada, como estrada municipal de 2.ª classe, e pouco depois principiava a sua construcção, sendo aberta ao publico em 1887.

No entretanto o reverendo Padre D. Matias del Campo, coadjutor em Collares, tinha já feito collocar a primeira pedra para o primeiro edificio na Praia das Maçãs, e pouco depois o sr. Manuel Dias Prego principiava a construcção de uma outra casa, que estava concluida ainda antes d'aquella, em 1888.

Lançadas assim as bases da nova povoação, outras construcções surgiam, e um dia o sr. Alfredo Keil, o distinctissimo maestro, auctor da *D. Branca*, e da *Irene*, escolhia aquella encantadora paragem, para alli passar em socego, n'aquelle poetico isolamento, algumas das suas horas preciosas de trabalho e estudo.

Muitos dos seus bellos quadros são copias das lindissimas paisagens dos arredores de Collares; e quem sabe, quantas das suas magnificas composições terão sido inspiradas no delicioso remanso da Praia das Maçãs.

O seu elegante *chalet* cuja construcção principiou em janeiro de 1889 e estava terminada em 1890, é, ainda hoje, a mais bella construcção alli feita. Junto d'elle fez o sr. Keil erigir uma pequena capella, sob a invocação da Nossa Senhora da Praia, que um anno depois fazia sagrar, e onde o Padre D. Matias del Campo resou a primeira missa, que o sr. Keil mandou celebrar por alma de seu pae. Desde 1883, e quasi sempre no ultimo domingo de setembro, alli se tem realisado uma festa, á qual concorrem muitos devotos dos logares limitrophes, vendendo-se, como recordação d'essa festividade, um registo com a imagem de Nossa Senhora da Praia, inspirada composição do sr. Alfredo Keil, emmoldurada nos seguintes deliciosos versos de Lopes de Mendonça:

I

Em tempos que já lá vão,
Quando a moirama bravia
Trucidava dia a dia
O valeroso christão,
Os miseros na afflicção
De tão crueis correrias,
Entre estas penedias
Imploravam em gritos
A Virgem Santa, afflictos
Para a sua salvação:

Valei me Virgem da Praia
Com vossa c'rôa dourada,
Livrai-me de todo o mal
Que por mim sois adorada.

II

Em sitio ermo, isolado
Entre a Praia e as Azenhas,
Transpondo as agudas penhas,
Caminha um pobre cansado.
Já do mundo abandonado
Perdeu suas alegrias,
E findaria seus dias
De tão cruel supplicio
Se á beira de precipicio
Não gritasse desesperado:

Valei-me Virgem da Praia
Com vossa c'rôa dourada,
Livrai me de todo o mal
Que por mim sois adorada.

III

Entre a vaga azul espumante
Certa donzella formosa
Brinca n'agua descuidosa
Tranquilla e confiante;
Eis quando a onda gigante
A involve de repente;
A vida fugir lhe sente
A pobre infeliz tão bella
Quando implora singella
Esta prece em sua mente:

Valei-me Virgem da Praia
Com vossa c'rôa dourada,
Livrai me de todo o mal
Que por mim sois adorada.

IV

Ruge o mar em furia irado
Com imponente fragor,
E o barco do pescador
Navega desgovernado.
O frio rochedo escalvado
A todos aponta a morte;
Escaparam, porém, á sorte
Os pobres dos pescadores,
Soltando em seus clamores
Este grito angustiado:

Valei-me Virgem da Praia
Com vossa c'rôa dourada,
Livrai-me de todo o mal
Que por mim sois adorada.

Em 1897, todas as familias que no mez de setembro se encontravam na Praia das Maçãs, combinaram dar áquella festa um maior brilho, e, auxiliadas por alguns cavalheiros de Collares, ralisaram esses festejos com grandiosidade tal, que conseguiram attrahir alli para cima de cinco mil pessoas.

D'essa festa o que mais se admirou foi o imponentissimo cirio de Collares á Praia. Sem o aspecto dos antigos cirios religiosos, mas com um cunho moderno, n'elle se encorporaram approximadamente duzentos cavalleiros e mais de cem carros artisticamente enfeitados.

O deslumbrante cortejo percorreu a esplendida estrada cortada por entre espessos pinheiraes, e aqui e alli orlada de soberbos vinhedos. Tinha um bello aspecto, e conseguiu um exito admiravel, com as suas carruagens lindamente ornamentadas, como se se tratasse d'uma elegante batalha de flôres.

No anno seguinte ainda a festa se revestiu de grande brilho, decahindo então pouco e pouco, mas sem que em nenhum anno se deixasse de commemorar o ultimo domingo de setembro, fazendo-se a cerimonia religiosa na capella de S. Lourenço, nas Azenhas do Mar, sempre que a capella de Nossa Senhora da Praia não foi franqueada pelo seu dono.

*

A Praia das Maçãs, que antigamente só era frequentada para banhos por familias das povoações proximas, teve, até certa epocha a fama de perigosissima, narrando-se com supersticioso terror uma terrivel desgraça alli occorrida em 2 de outubro de 1838, e cuja narrativa aqui reproduzimos, como a ouvimos a pessoa que de perto conheceu as victimas.

Tres amigas, creanças quasi, D. Maria Barbara Benedicta d'Almeida, de 15 annos, filha de Ignacio Rufino d'Almeida; D. Maria Adelaide Damasio, de 19 annos, filha de Jacintho Dias Damasio; e D. Sophia de Roure, de 17 annos, filha de D. Emilia Antonia de Roure Campos.

O mar estava n'este dia bastante agitado, e as tres senhoras entraram de mãos dadas, e como que brincando, levando aos lados os banheiros João Gracio e João Baeta; uma onda envolveu os cinco, e como lhes faltasse pé, seguiram na corrente, luctando desesperadamente. Mais perto de terra ficára o banheiro Baeta, segurando a custo D. Sophia, que foi trazida para terra pelo sr. Joaquim José Rodrigues Vieira, pharmaceutico em Collares, e que corajosamente voltou ao mar para salvar os restantes, sem que, infelizmente, o podesse conseguir. D. Maria Barbara d'Almeida foi n'esse mesmo dia encontrada morta entre as ribas, e D. Maria Adelaide Damasio appareceu no dia seguinte, tambem morta, na praia de Adraga, sendo sepultadas no cemiterio de Collares, em um tumulo que está junto á «porta das almas».

Os dois banheiros nunca mais appareceram.

A senhora que foi salva pelo pharmaceutico Vieira, foi mais tarde Viscondessa de Villa Maior, pelo seu casamento com Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, Visconde de Villa Maior, par do Reino, lente da Escola Polytechnica, e antigo Reitor da Universidade, e que em 1857, quando da epidemia da febre amarella, era presidente da Camara Municipal de Lisboa. Falleceu em 1897.

O *Ramalhete*, jornal de instrucção e recreio, publica no seu n.º 40,

de 19 de outubro de 1838, uma noticia d'este triste acontecimento, que representa n'uma grosseira lithographia.

Nunca mais a Praia das Maçãs foi theatro de tragedia egual, nem que de longe se lhe parecesse, sendo no entretanto de alguns centenares o numero de banhistas que nos ultimos annos alli concorrem.

*

Varias tentativas se fizeram para a construcção de uma linha ferrea, ligando Cintra á Praia das Maçãs, sendo as que mais avançaram as dos srs. José Ignacio Paulo da Costa, em 1896, e Raul Mesnier e Sertorio Côrte Real, em 1897, não logrando, comtudo, a sua realização.

Finalmente, em 16 de novembro de 1898, os srs. José Emygdio Pinheiro Borges e José Joaquim Nunes de Carvalho conseguem da camara municipal a concessão, por noventa e nove annos, para o estabelecimento e exploração de uma linha ferrea, por tracção a vapor, concessão que foi approvada por decreto de 17 de agosto de 1899.

Os srs. Pinheiro Borges e Nunes de Carvalho estabeleceram então as bases para a constituição de uma companhia, que denominaram «Companhia de Caminho de Ferro da Praia das Maçãs», que mais tarde veiu a denominar-se «Companhia Cintra ao Oceano».

Organizados e approvados os respectivos projectos, tendo sido resolvido já substituir-se a tracção a vapor por tracção electrica, iniciaram se os trabalhos de construcção da linha na madrugada de 12 de agosto de 1901, subindo ao ar algumas dezenas de foguetes, como demonstração de regosijo pela iniciação dos trabalhos de construcção de tão importante melhoramento.

Em 22 de novembro de 1903, realizavam-se as primeiras experiencias, com o mais lisongeiro resultado, em 31 de março de 1904 era aberta á exploração a parte da linha entre Cintra e Collares, e em 10 de julho do mesmo anno a parte restante até á Praia das Maçãs.

Pag. 174 — nota 1

> «O convento do Carmo é actualmente propriedade do conselheiro José Dias Ferreira, que alli fez importantes melhoramentos, conservando-lhe, porém, a severa apparencia monastica que exteriormente apresenta »

Logo depois da sahida do ultimo frade, foram o convento e cerca postos em praça pelo governo, e arrematados pelo conde de Clarange Lucotte.

Pouco tempo esteve o sr. Lucotte na posse d'esta antiga mansão religiosa, pois que, recebendo um dia a visita do conde do Lavradio, por tal fórma o velho fidalgo se agradou do convento que immediatamente propoz ao seu proprietario uma transacção tão vantajosa que poucos dias depois era elle o dono do convento do Carmo.

Tractou logo o nobre conde de proceder a importantes obras, ade-

quando a confortaveis quartos algumas das antigas cellas, e estabelecendo alli a sua residencia durante uma longa parte do anno.

Annos depois foi o Conde do Lavradio nomeado nosso ministro em Londres, o que o obrigou a deixar «o seu convento», como elle lhe chamava; porém, era tal a amizade que o velho diplomata consagrava áquella poetica vivenda, que, sempre que escrevia aos seus amigos, recordava, cheio de saudades, a epoca em que alli tinha vivido.

Depois do fallecimento d'este respeitavel fidalgo portuguez, foi o convento vendido, por uma quantia verdadeiramente insignificante, ao commendador Guimarães Ferreira, que poucos ou nenhuns melhoramentos lhe fez, legando-o por sua morte ao conselheiro José Dias Ferreira, que, apenas d'elle tomou posse, mandou proceder a importantes melhoramentos na egreja, então abandonada e profanada.

Em agosto de 1891 festejava-se a solemne sagração da egreja completamente restaurada, realizando-se uma encantadora e deslumbrante festa, a que veiu assistir o ex.^mo Bispo-Conde de Coimbra, e onde se reuniram muitas familias então veraneando em Cintra e Collares.

*

Foi no convento do Carmo que Alexandre Herculano bebeu a inspiração para os seus sublimes versos *Cruz Mutilada*, facto que o poeta Bulhão Pato assim narra:

«Em 1849, Alexandre Herculano tinha trinta e nove annos, e umas pernas d'aço. Havia-as exercitado pelas serras dentadas, escalões e fraguedos, como valente soldado de infantaria, no heroico regimento de Voluntarios da Rainha.

Saudo-te, meu honrado mestre, que, para seres grande em tudo, eras tambem um bravo!

O Marquez de Sabugosa e eu, tinhamos nossas fumaças de bons andadores. Ufanavamo-nos de, havendo sahido de uma reunião em casa do sr. Marquez de Penalva, á Patriarchal, de chibatinha na mão, das que então se chamavam *polkas*, irmos até ao palacio S. Lourenço, a Santo Amaro, e, resolvendo-nos subitamente, sem pregar olho, batermos comnosco em Cintra!

Contámos, com certo orgulho, a aventura a Alexandre Herculano, quando, na volta, que foi tambem a pé, no dia seguinte, lhe cahimos em casa sobre a ceia, impando de gloria e mortos de fome, porque todo o nosso dinheiro, n'aquella viagem, fôra meia moeda, e, quando regressavamos, chegando a Queluz, possuiamos trinta réis, que comprámos de uvas.

Quem nos dera agora tal miseria, com aquella mocidade!

Alexandre Herculano, esfregando as mãos e sorrindo, dizia-nos:

— Qualquer dia prégo-lhes umas calças, rapazes!

Combinou-se uma ida a pé a Cintra, para ficarmos alguns dias na serra, no convento do Carmo, que pertencia ao conde do Lavradio, cunhado do Marquez de Sabugosa.

Era no fim de setembro. Levantámo-nos ainda muito de noite. De sacco a tiracollo, com leve bagagem e sapato de salto razo, sapato de campino, que é o melhor, cada um pegou no seu cajado e partimos Serra de Monsanto acima, cortando para Queluz, onde deviamos almoçar.

Pelos altos da serra, via-se já o sol a romper, atirando, horisontalmente, as frechas rubras sobre o escudo bornido e esverdeado do Tejo.

Como abriamos o coração desafogado aos esplendores da natureza, nós — moços e enthusiasmados — por termos como camarada e amigo aquelle homem que nos illuminava e influia animo na nossa humilde penumbra litteraria!

Até Queluz o caminho era bravo, tudo serra — não havia estrada. Herculano seguia a passo cadenciado e militar; o corpo curvado e pendido um pouco sobre o lado direito. Pelo caminho ia-nos contando os passos do seu tempo de soldado; os dias mais felizes da sua vida, e tambem os da emigração, com terem tido muitas horas amargas.

Em Inglaterra e em França associára-se com mais tres camaradas. Os meios eram poucos; quasi a penuria. Cada um d'elles devia fazer a sua semana. Os companheiros oppozeram-se pertinazmente a que Herculano cumprisse com este dever, allegando que elle se tornava muito mais util nas bibliothecas do que na cozinha. O poeta da *Harpa do Crente* passava muitas horas do dia entre magnificos livros. Era um latino forte, conhecia muito bem francez, inglez e allemão. Tinha os meios para saber tudo. Essa epocha da sua vida foi aquella em que o espirito lhe recebeu mais efficaz e mais violento impulso. As melhores das suas composições foram escriptas no exilio.

> Oh! meu pae, oh! meu pae, como a memoria
> Me reflecte alta noite a tua imagem,
> Por entre um véo de involuntario pranto!

Exclamava elle, n'estes magnificos versos, que estão revendo lagrimas!

Alexandre Herculano adorava o pae, homem illustrado. Ainda ha dois dias que, em casa do meu amigo João Galhardo, soube pela irmã de Herculano, intelligente senhora e retrato vivo do irmão, e viuva do bravissimo general Galhardo, que o pae do auctor da *Historia de Portugal* era quem educava os filhos com todos os preparatorios para seguirem estudos superiores. A avó de Alexandre Herculano era tambem senhora de notavel talento. O morgadio, que Herculano tornára opulentissimo, tinha, pois, legitima procedencia na familia.

Foi na palestra do caminho de Queluz que elle nos fez uma revelação importante: a historia de dois roubos que praticára.

Um d'elles nem mais nem menos do que seguido de assassinato! Os casos nefandos passaram-se assim:

De uma vez, depois de algumas horas de fogo, desalojado o inimigo, chegaram a um casalito abandonado pelos seus moradores. Era momento de fazer alto. A fome apertava-o e a mais tres dos seus camaradas. Correram os cantos á casa e não acharam vitualha, quando Herculano se lembrou de accudir ao forno, e descobriu, lá no fundo, uma enorme brôa de pão de toda a farinha, redonda e grande como a roda de um carro e ainda morna. O disco salvador desappareceu n'um momento!

De outra occasião, tambem depois de combate renhido e em completo jejum, sobre a tarde, dispunha-se a passar a noite no campo, fazendo cruzes na bocca. Accendeu-se uma fogueira. Herculano farejava, aqui e além, a vêr se lhe cahia do céo alguma coisa, quando, detraz de

uns casebres desmantelados, lhe vieram ao ouvido uns grunhidos de animal suino.

Era de facto um cevado recebondo, de focinho no ar, cabeça encarapinhada, mestiço de javardo. Metteu a clavína á cara e virou o bruto com um tiro na cabeça.

Depois clamou aos camaradas:

— O' rapazes, accudam cá!

Um dos companheiros abriu uma navalha, sangrou o animal e amanhou-o n'um prompto. Era um fressureiro, que, perseguido por malhado, emigrára.

Passou-se aviso a outros que se haviam alojado n'um moinho proximo.

Parlamentou-se. Houve permuta: os do moinho trouxeram pão, uma mão cheia de sal e a borracha do moleiro.

Mãos á obra!

Sobre o brazido, com espetos de esteva, rechinava a carne, e aos clarões do fogo, todos elles acocorados em volta, devoraram o porco, a grandes dentadas de cannibaes. Foi o mais esplendido banquete da sua vida!

Terminado o almoço, em Queluz, seguimos, estrada fóra, até Cintra. Em Cintra, comemos alguma fructa, e partimos, serra acima, até ao convento do Carmo.

O mestre ia ávante! Nós não queriamos dar parte de fracos, mas suspiravamos, intimamente, pelo termo da viagem!

Pouco depois da chegada ao convento, fumegava sobre a toalha de linho, muito branca, uma grande terrina de canja. Devorámos a ceia, quasi sem dar palavra, e, em seguida, cahimos na cama com o profundo somno do Justo. Herculano levantou-se ás sete. Cerca das onze, veiu acordar-nos, e repetia-nos a seguinte cantilena:

Quatro horas dorme o santo,
Cinco o que não é tanto,
Seis o estudante,
Sete o viandante,
Oito o porco,
E nove o morto!

Nós tinhamos dormido doze!

A quem estiver na vasante da vida, como eu, e tenha visto alguma coisa, aconselho que faça os seus apontamentos.

N'este relembrar do que foi, ha um consolo que se não define! Vivemos retrospectivamente. Estas memorias, que não terão valor para os outros, são preciosas para mim! Respiro horas inteiras no horisonte da mocidade, e a consciencia com que escrevo, desafoga-me o espirito, e dá-me uma tranquillidade salutar. São como a confissão para o verdadeiro religioso! Confissão geral; e dil-o-hei — embora seja censurado — posso fazel-a alto, sem que as faces se me accendam, nem de leve. Peccadilhos, fraquezas, arrebatamentos proprios do temperamento, não me faltam, de certo; mas criminoso não sou, nem fui.

Todo o homem que disser, com verdade: — Eu nunca roubei nem dinheiro, nem honra; — ha mais ladrões d'esta especie de moeda, e são os peores! — eu nunca calumniei ninguem. Esse homem morre em paz!

A pouca distancia do convento do Carmo, n'aquella agreste e encantadora posição da nossa Cintra, a que o proprio lord Byron, inimigo figadal dos portuguezes, chama a mais bella da Europa, estava a cruz que inspirou Herculano.

Tinha um braço partido, e a hera, a mãe solitaria das ruinas, deitára-lhe em volta os braços verdejantes e cariciosos.

A poesia foi começada no convento do Carmo.

Rompe por estes magnificos versos:

Amo-te, ó cruz, no vertice firmada
De esplendidas egrejas;
Amo-te quando á noite, sobre a campa,
Junto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te quando em prestito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no ataúde,
Guias ao cemiterio;
Amo-te, ó cruz, até quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime a que deveu a terra
Do assassinado o pó!

Alexandre Herculano, censurado de impio e de hereje, especie de papão com que em certa sociedade se chegou a metter medo ás creanças, e até ás mulheres já feitas, era uma alma profundamente religiosa. E' correr os seus livros. Ha um sabor, um perfume do mysticismo santo de Jesus em centos dos seus versos, e em innumeros relanços da sua prosa esculptural.

Elle o que detestou sempre foram os hypocritas, e, logicamente, os jesuitas, que são os mais nocivos e refalsados hypocritas do mundo.

Por occasião de umas eleições, até levantaram que o auctor do *Eurico* affrontava a imagem de Christo! Miseraveis! — Um philosopho christengo, é que elle era!

N'esta composição da *Cruz Mutilada*, escripta em dias prosperos, sob o céo do nosso outomno, na convivencia de dois amigos intimos, está o coração grande e virtuoso de Alexandre Herculano. Inspiravam-o a natureza e Deus!

Aos que o accusavam de blasphemo, respondia com estes versos:

.... «As linhas puras
Do teu perfil, falhadas, tortuosas,
O' mutilada cruz, falam de um crime
Sacrilego, hostil e ao impio inutil.»

O historiador de Portugal não comprehendia a natureza sem lhe alliar um outro ideal.

Vejam-se estes soberbos versos, dos melhores, que, em todos os tempos, se teem escripto em lingua portugueza:

Rochedo que descanças
No promontorio nu e solitario,
Como atalaia que o Oceano explora,
Alheio ás mil mudanças
Que o mundo agitam turbulento e vario,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

O' matto variado,
De rosmaninho e murta entretecido,
De cujas tenues flôres se evapora
Aroma delicado,
Quando és por leve aragem sacudido,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

O' mar, que vás quebrando,
Rolo apoz rolo pela praia fria,
E fremes som de paz consoladora,
Dormente murmurando
Da caverna maritima sombria,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Correram-nos oito dias n'aquelle deserto, ora descendo á fertilissima varzea de Collares, ora subindo ás assomadas crespas da serra — ou indo vêr as ondas, que batiam, refervendo, nos reconcavos do precipicio da Pedra d'Alvidrar, — dias que ficaram para sempre impressos no espirito de Alexandre Herculano, e no nosso!

Ha dois annos — havia já quatro que eu vira agonisar o auctor da *Historia da Inquisição* — passei pela serra.

Era um dia bellissimo e temperado de setembro; mas, olhando para o convento do Carmo, senti um frio intenso e mordente, que parecia que o nordeste invernal me traspassava até ao coração!

O' mocidade, o sol és tu!

Setembro, 1883 *Bulhão Pato.*

Pag. 184 — lin. 20

«... solemnemente inaugurado em 27 de maio de 1894, com a assistencia dos srs. ministros do reino e das obras publicas, os conselheiros João Franco Castello Branco e Carlos Lobo d'Avila.»

O edificio das escolas de Bellas foi construido em terreno generosamente cedido por Antonio Ignacio da Fonseca, por escriptura de 8 de

novembro de 1891, lavrada pelo tabellião do julgado de Bellas, Joaquim Vellez de Faria d'Abreu.

A descripção completa e minuciosa do edificio, é a seguinte, que transcrevemos dos jornaes que commemoram a sua inauguração: [1]

«A escola de Bellas fica situada n'uma pequena collina, na margem da estrada districtal de Bellas á Idanha, occupando todo o edificio uma superficie de 315^{m2},54 e tendo em volta ainda um espaço de 1:837^{m2},46 para jardins de recreio, pateos para gymnastica, etc.

«O edificio tem as quatro frentes isoladas, e está completamente separado de qualquer outra construcção.

«As aulas ficam installadas no rez do chão, e no 1.º andar estão as habitações do professor e professora.

«As casas para cada uma das escolas, do sexo masculino e do feminino, são em tudo eguaes, tendo o ferimento 0^{m},60 acima do solo.

«Cada uma das salas destinadas a exercicios escolares tem 4^{m} de altura do sobrado ao tecto, occupando a superficie de 77^{m2}, dando, segundo as ultimas notas da população, n'um raio de cinco kilometros, 1^{m},30 por cada alumno do sexo masculino, e 1,90 por cada alumno do sexo feminino.

«As aulas recebem ar e luz por oito janellas e uma porta cada uma; tendo aquellas a área de 1^{m},2 $\times$ 2^{m},5 cada uma, e esta 1^{m} $\times$ 3,40, dando portanto uma superficie de 0^{m},36 por metro quadrado de area interna.

«A renovação do ar em cada uma das salas, faz-se por meio de um tubo injector que introduz ar novo na casa por buracos abertos nos espelhos dos degraus dos estrados dos professores, depois de recebido n'uma chaminé com apparelho regulador, que faz voltar a abertura do tubo na direcção do vento; e por meio de dois tubos ejectores de madeira, collocados nos cantos do lado opposto das aulas, proximo dos tectos, por onde sae o ar viciado para a atmosphera, passando por chaminés com apparelhos reguladores que fazem voltar as aberturas em direcção opposta á do vento.

«Satisfazendo todas as condições de hygiene, as salas para os exercicios escolares, taes como as que vimos de descrever, concorrerão poderosamente para o desenvolvimento physico das creanças, não só pelo ar abundante e bom que n'ellas se respira, como pela abundancia de luz que n'ellas se espalha, conservando perenne satisfação no animo dos educandos, que lhes expande a vida, e facilita as funcções d'ella.

«Além das salas destinadas aos exercicios escolares, ha uma outra para bibliotheca em cada escola, com superficie de 26^{m2},70 cada uma, e uma sala para recitações com a superficie de 14^{m2},85 cada uma.

«A porta principal do edificio dá entrada para as habitações do professor e professora, cada uma das quaes tem sete compartimentos, com 3^{m},30 de altura do sobrado ao tecto.

«Aos lados da porta principal ha duas portas mais estreitas que dão entrada para cada uma das aulas, respectivamente, cuja porta fica a um dos lados, ficando na frente a de uma espaçosa vestiaria.

«Na frente do edificio, um bello jardim em rampa, resguardado por

---

[1] *Gazeta de Cintra*, n.º 224, de 25 de junho de 1894.

um gradeamento de ferro, com um elegante portão, dando um tom ao mesmo tempo alegre e distincto ao novo templo da instrucção.»

Á inauguração do bello edificio, refere-se tambem o mesmo jornal [1] nos seguintes termos:

«Realizou-se, afinal, no domingo 26, a inauguração do magnifico edificio das escolas municipaes de Bellas, cuja povoação se engalanou festivamente para celebrar tal acontecimento.

«Assistiram á sympathica festa os ministros do reino e obras publicas, e muitos outros cavalheiros.

«A's 2 horas e 7 minutos chegava á estação o comboio que conduzia os dois ministros, e que era aguardado na *gare* pela phylarmonica de Queluz, bombeiros voluntarios de Cintra e muitos cavalheiros, entre os quaes nos recorda ter visto: Commendador Aboim, presidente da camara; Campos Andrada, administrador do concelho; Ferreira de Carvalho, escrivão de fazenda; Almeida Brito e Abreu Vieira, tabelliães; Ramos de Oliveira, professor em Queluz; Verol Junior, vereador; Joaquim Pinheiro, Arthur Cardoso, Faria Picão, Fernando Mendes, A. J. Coelho, Miguel G. de Oliveira, Alfredo de Oliveira, Manuel J. Bogarim, Lucio de Almeida, Antonio Menezes, Ernesto Bartholomeu, Antonio da Cunha, etc , etc.

«Acompanhavam os ministros os srs. José de Azevedo Castello Branco, conselheiro Pedro Victor e seu irmão Thomaz Victor da Costa Sequeira, Antonio Costa e Silva e Jayme da Costa Pinto. No mesmo comboio vinha grande numero de pessoas para assistir á festa da inauguração. Entre ellas recorda-nos ter visto D. Agostinho de Sousa Coutinho, dr. Passos Vella, D. Fernando Pombeiro, J. Theotonio Segurado, e muitos outros cavalheiros de cujos nomes nos foi impossivel tomar nota.

«Nos trens que esperavam fóra, no largo da estação, seguiram todos para Bellas, que recebeu os visitantes festivamente engalanada, serpeando o longo cortejo por entre festões de verdura e flores, ligando os mastros que bandeiras de variadas côres topetavam, orlando as ruas do transito.

«O festivo estalido dos foguetes e as notas alegres das phylarmonicas atroavam os ares, para que o echo fosse repetindo para longe os sons d'aquella encantadora festa.

«No largo de Bellas, a phylarmonica da localidade aguardava o cortejo, tocando o hymno da Carta; no jardim da escola tocava a phylarmonica de Almoçageme.

«Nas duas ruas lateraes que conduzem ao edificio formavam alas os alumnos matriculados nas duas escolas, sendo em numero de 55 os do sexo masculino e de 34 os do feminino. Todos vestiam com escrupuloso aceio. As meninas tinham cada uma d'ellas na mão um lindo ramalhete de flores naturaes, e os rapazes tinham na botoeira um raminho de bonitas flores.

«Além dos dois professores ao lado dos seus alumnos, entre a grande multidão que enchia os jardins, vimos o prior de Bellas, monsenhor Serrano, de habitos talares; Servulo da Matta, Rufino de Almeida, Nunes de Carvalho, Antonio Gomes da Silva, D. Fernando de Sousa Coutinho, Egy-

---

[1] *Gazeta de Cintra*, n.º 225, de 2 de junho de 1894.

dio da Costa, José Gomes da Silva, Eduardo Pinto Bastos, Augusto F. Vieira, Joaquim de Sousa, Alberto de Lacerda, Manuel José Malheiros, Motta Ribeiro, etc., etc.

«De todas as janellas pendiam bandeiras portuguezas, e ornamentavam-n'as como frescas flores gentis rostos femininos.

«Ao chegar em frente da porta principal do edificio, o ministro do reino fez correr a bandeira nacional, que por completo a encobria, e o sr. Costa e Silva levantou-lhe um viva, que foi correspondido por muitos dos cavalheiros presentes. Ao mesmo tempo cahiu sobre todos uma verdadeira chuva de petalas de rosas, que juncaram o solo. Depois de visitado todo o edificio, o sr. presidente da camara, dirigindo-se para a sala da escola do sexo feminino, tomou logar sobre o estrado, e, dando a direita ao ministro do reino e a esquerda ao das obras publicas, leu um pequeno discurso, em que fez notar os nomes dos individuos e das corporações que concorreram para tão util melhoramento, e aos quaes n'aquelle momento agradecia em nome do municipio que representava, e declarou, afinal, inaugurado o novo edificio das escolas municipaes de Bellas.

«Na sala tinham já tomado logar os alumnos das duas escolas, tendo á sua frente erguido o pendão da escola, de seda azul, bordada a ouro, offerta de D. Filippa Verol, de Bellas.

«Em seguida ao presidente da camara, o sr. Ernesto Bartholomeu leu tambem um bem elaborado discurso, congratulando-se, em nome da commissão organisadora da kermesse que iniciou aquelle melhoramento, por o ver afinal realisado, e terminou por levantar vivas aos dois ministros presentes e ao illustre presidente do municipio.

«Usou em seguida da palavra monsenhor Serrano, fazendo ligeiras reflexões sobre a instrucção e a educação. Olhando para o retrato da rainha, que ornamentava uma das paredes, pediu que, em frente d'elle, fosse collocada a imagem do Christo, como garantia de que a instrucção terá sempre por base a educação religiosa, e terminou fazendo a apologia da fraternidade, symbolisada no Christo, cuja imagem desejava ver ali, n'aquella casa, destinada a educar o espirito e a formar o coração das creanças.

«Que não estranhassem essa exigencia: era filha dos seus sentimentos religiosos, e, quando o não fosse, impunha-lh'a a sua missão de parocho.

«O reverendo parocho foi ouvido com agrado, e as suas palavras mereceram justificados applausos.

«Em seguida, o professor sr. Joaquim Simões Albergueira, declarando-se feliz por ver inaugurado o novo templo da instrucção, leu um longo discurso, fazendo diversas considerações sobre a instrucção e a educação, seguindo se no uso da palavra a professora D. Ermelinda Amelia de Sousa Marques, que fez sensatas considerações sobre a educação da mulher, e a sua missão na sociedade moderna, falando com muitissima correcção e elevação de ideias, sendo ouvida com muito agrado, e recebendo no fim da sua bella oração justissimos applausos.

«Em seguida foi encerrada a sessão, a que assistiram muitas senhoras e grande numero de cavalheiros.»

A festa de inauguração terminou por um grande banquete de 50 talheres, servido pela afamada casa Ferrari, de Lisboa, e offerecido, a

expensas suas, pelo presidente do municipio, commendador Francisco Moreira Freire Correia, e Manuel Torres de Aboim, actual visconde de Idanha.

A's escolas de Bellas foi mais tarde dado o nome de «Escolas Francisco de Aboim», pelo decreto que em seguida transcrevemos:

«Tendo chegado ao Meu conhecimento o importante serviço prestado por Francisco Maria Freire Corrêa Manuel Torres de Aboim, o qual já na qualidade de Vogal da Junta de Parochia da freguezia de Bellas, concelho de Cintra, já principalmente na de Presidente da Camara Municipal do mesmo Concelho, deu provas de grande dedicação á causa da instrucção popular, concorrendo notavelmente com a sua iniciativa e exforços e ainda com auxilios pecuniarios seus proprios para a obra da construcção do um excellente edificio destinado ás escolas primarias de um e outro sexo da mencionada freguezia; e convindo distinguir e considerar na pessoa do dito Presidente da Camara Municipal de Cintra o merecimento da realisação de tão valioso melhoramento: Hei por bem determinar que as referidas escolas sejam denominadas=*Escolas Francisco d'Aboim.*=O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e o faça executar. Paço das Necessidades em 6 de setembro de 1894=REI=*João Ferreira Franco Pinto Castello Branco.*»

Pag. 188—lin. 19

«Durante a vida de D. Pedro celebraram-se em Queluz importantes festividades...

«De manhã celebrava-se na capela real grande funcção religiosa com musica vocal e instrumental, executada pelos mais distinctos professores nacionaes e estrangeiros, que havia em Lisboa, alem dos musicos da patriarchal. De tarde consistia o divertimento em apparatosas corridas de toiros, ou cavalhadas, em que os cavalleiros ostentavam soberbos ginetes e custosas galas: diversões em que tomavam parte os fidalgos mais distinctos da côrte. Ao cair da noite illuminavam-se as fachadas do palacio, os jardins e o parque. Depois resoavam as orchestras em harmonioso concerto nas vastas e magnificas salas, todas vestidas de espelhos, onde se multiplicavam ao infinito as numerosas luzes dos candelabros, dos lustres, e das placas: e onde se retratava a côrte em immenso auditorio resplandecente de diamantes e de sedas multicores recamadas de oiro.

Nos concertos tomavam parte, algumas vezes, a princeza, depois rainha, D. Maria, e as infantas suas irmãs, que, na opinião de alguns contemporaneos, tinham suavidade de voz, e cantavam com expressão. Mais tarde servia-se á côrte lauta ceia. Finalmente, quando a noite ia já adiantada, rompia dos jardins vistoso fogo de artificio, cujas mil phantasticas invenções se alternavam com os repuchos dos lagos, d'onde subiam as aguas como delgadas columnas de crystal, ou em graciosas espadanas que se cruzavam, ou n'outras variadissimas formas.

Depois que se construiu o theatro, sob a direcção do architecto Ignacio de Oliveira Bernardes, e cuja abertura, na noite de 17 de dezembro

de 1778, serviu para solemnisar o primeiro anniversario de D. Maria I como rainha, accrescentou-se o numero d'aquelles divertimentos com representações de opera lyrica.»

I. de Vilhena Barbosa. «*Archivo Pittoresco*» — T. IV. — 1863.

Pag. 195 — nota 1

«As sete freguezias a que o autor se refere são Alcaînça Grande, e Egreja Nova, que não pertencem ao concelho de Cintra...»

Alcaînça Grande

Orago, S. Miguel. E' situado o seu districto na estrada real que vem de Lisboa pelo caminho do Lumiar para Mafra, de cuja villa dista uma legua para o nascente. Confina com os districtos das freguezias de Santo Estevam das Galés, Milharado, Egreja Nova e Mafra. Consta a sua população de 126 fogos e 500 habitantes parochiados por um prior. E' composto o seu districto por 13 povos entre logares e casaes denominados:

Alcaînça, em que ha	23	fogos
Lagea	4	»
Abrunheira	4	»
Malveira..................................	68	»
Carrasqueira	14	»
Venda do Pinheiro.....................	4	»
Casal de cima e de baixo.............	3	»
Casal da Pedra..........................	2	»
Casal Novo	1	»
Casal do Ferro...........................	1	»
Casal da Costa..........................	1	»
Casal do Montez........................	1	»
Casal do Oiteiro	0	»
Somma.......	126	»

O numero medio dos nascidos n'esta freguezia nos ultimos cinco annos até 1820, foi o de 14, o dos mortos 16, dos casamentos 2.

Em partes do terreno d'esta freguezia encontram-se vestigios de minas de carvão de pedra, muito sobrecarregado de enxofre. E' regado este terreno por alguns ribeiros de pequena consideração: a sua principal producção consiste em trigo, cevada, milho, vinho, azeite e fructa.

Egreja Nova

Orago, Nossa Senhora da Graça. E' situado o districto d'esta freguezia em terreno pedregoso, na estrada real que vae de Lisboa para Mafra, de cuja villa dista uma legua para o sul. Confina o seu districto com o das freguezias de Chelleiros, Alcaînça Grande, Montelavar e Mafra.

Consta a sua população de 248 fogos, e 1:200 habitantes parochia-

dos por um prior. Compõe-se o seu districto de 38 povos entre logares, casaes e quintas, que se denominam:

Egreja Nova, com	60 fogos
Casal da Estrada	1 »
Casal Velho	2 »
Casal Novo	1 »
Montureira	11 »
Villa Nova	2 »
Casal das Antas	1 »
Casal do Pipo	3 »
Redondo	3 »
Valverde	6 »
Bóco	21 »
Casal do Forno	1 »
Casal da Serra	1 »
Zarroeiras	14 »
Meam	11 »
Alqueidão	6 »
Murtal	3 »
Cabeça dos Cartazes	4 »
Mata das Flores	15 »
Canoca	1 »
Mata Pequena	9 »
Peras Pardas	2 »
Penedo do Lexim	4 »
Raimonda	3 »
Laxim	3 »
Casal do Rei	1 »
Casal do Ramillo	1 »
Lage	6 »
Germeleira	2 »
Azenha Nova	1 »
Ribeiro dos Tostões	4 »
Covas	4 »
Arrifana	17 »
Quinta da Estrada	1 »
Juncal	3 »
Carpinheira	3 »
Boavista	6 »
Louriceira	10 »
Somma	248 »

Confina o districto d'esta freguezia com o das freguezias de Chelleiros, Alcainça Grande, Montelavar e Mafra. Consiste a principal producção do pedregoso terreno d'esta freguezia em trigo e centeio. O numero medio dos nascimentos em cada um dos ultimos cinco annos até 1820 foi o de 43, o dos mortos foi 27, e o dos casamentos 9.

(Da 1.ª edição.)

Descripção Geologica e Mineralogica da Serra de Cintra, extrahida em parte das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa

Descrevendo nós a parte geognostica da Serra de Cintra, julgamos o mais acertado extractar o que sobre este assumpto escreveram os dois sabios Academicos Domingos Vandelli, e Barão de Eschwege. O primeiro na sua dissertação sobre o Volcão extincto de Lisboa, fallando d'esta Serra (que teve origem n'este Volcão, e seus penedos desabados e despegados do cume da montanha na fractura procedida provavelmente por hum terramoto) se expressa n'estes termos:

«Vestigia hugus Vulcani incipiunt in extremitate septentrionali Urbis *S. João de Bem Casados*, & Alcantara, ea interrupta tamen a collibus calcareis & lapide albo calcareo lithophytis repleto; dein scoriæ vulcanicæ obtegunt colles calcareos usque *Rioseco* in quo strata calcarei arenarii semipellucidi; *Wall.*, similia iis fere *solfatar* Neapolitanæ, s. Puzzuolo: dein colles vulcanici sequuntur fere uque *Paço d'Arcos* ad Tagi littora, e quo loco colles e stratis marmoreis usque ad Penhalonga, ubi prœter marmora, strata scoriæ solidæ nigræ, lamellosæ, s. lamellis crassioribus effodiuntur. Exsurgit mons vulgo *Serra de Cintra* inter hos colles calcareos & vulcanicos, cujus strata, præter unum spati suilli, sunt saxi cotaceo-quartzosi, quorum superiora alim fracta & divulsa forsan ab aliquo terremotu, cui basi versus Occeanum alter mons insidet *Alvidrar*, cujus strata fere perpendicularia, in ejus basi sunt marmoris crystalini albi, particulis majoris fere instar Parii; huic sequuntur alii montes marmorei usque Mafre quo in loco pulherrima marmore alba, nigra, & variagata, e quibus Magnus Joannes V Mafrense Cænobium ædificavit.

Colles autem vulcanici e littore Tagi usque *Queluz*, *Bellas Suimo* progrediuntur it ut extensio horum collium vulcanicorum e parte Tagi littorali est 2 ½ leuc et æqualilatitudine hi gaudent inter *Cabeça de Montachique & Vialonga*: eorum autem extensio longitudinalis usque ad *Torres Vedras* est 7 leuc. variis tamen in locis hi colles vulcanici interrupti suut a collibus calcareis, aut arenatis».

O segundo na sua Memoria Geognostica ou golpe de vista do perfil das estratificações das differentes rochas, de que é composto o terreno desde a Serra de Cintra na linha de Nordeste a Sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até á Serra d'Arrabida, e sobre sua edade relativa, descrevendo esta serra se explica por esta maneira:

«As montanhas de Cintra que formam um grupo isolado de formação primitiva, se elevam no meio de *formações secundarias* a uma altura de 1829 pés (termo medio de differentes observações barometricas) sobre o nivel do mar, e se estendem do Leste a Oeste n'um comprimento de tres leguas. A maior parte d'esta zona consiste em um *Granito* que mostra differentes alterações na sua posição; ora é de um grão pequeno, ora de um grão grosso, ora tem muitas rijezas, ora é tão mole e decomposto que se desfaz entre os dedos. O *Feldspath* que contém é *branco griséo*, raras vezes *avermelhado*, a *Mica preta*, e o Quartzo de *branco sujo*. Intimamente estão com ella misturadas particulas finas de ferro magnetico, que tambem se acha em pedaços soltos de varias pollegadas de diametro sobre o cume da serra. O *Granito* fórma as elevações mais altas, e os seus declivios tem pela maior parte um aspecto aspero e escabroso, muitas vezes pinturesco.

Seguindo-se o caminho para o *Convento dos Capuchos*, nas alturas de *Collares*, e descendo-se d'ahi para o *Cabo da Roca*, no pé da Serra desapparece o Granito: a superficie da montanha é mais boleada e menos aspera, e se encontra um *Porfido* Feldspathico com muitas variações na côr causadas pela sua composição, mas principalmente pela decomposição das suas partes constituintes, de sorte que muitas vezes tem o aspecto de um verdadeiro *Porfido* de côr parda avermelhada com granitos de Quartzo e *Feldspatico crystalisado*, maiormente tem lustro na sua fractura, em outras partes parece ser um verdadeiro *Eurite* (weistein). Esta rocha se prolonga até o Cabo da Roca, que se acha 160 pés elevado sobre o mar; e rodeando-se d'ahi o pé da serra pelo caminho da pequena aldeia de *Biscaya*, apparece sobre elle uma camada de *Syenito*, que apresenta na sua superficie massas formidaveis e globulosas. A extensão d'esta camada não é grande, o *Porfido* predomina outra vez d'aqui em pouca distancia, e ao pé de *Almoinho Velho* cede este o logar ao *Granito*, mostrando a passagem de uma rocha para outra.»

Eis aqui o prospecto geral das rochas de que se compõe a Serra de Cintra, nas quaes não se póde verificar uma direcção regular das suas estratificações, e só algumas vezes apparecem ellas na direcção do Nascente ao Poente parallelamente com a direcção do cume da serra. Tão simples é a composição d'este terreno primitivo, tantas variedades mostra a composição do terreno baixo, de que é rodeado, que na proximidade da serra é formado de rochas secundarias, e estas merecem toda a attenção do Geognosta observador para não ficar enganado, e para poder chegar a estado satisfatorio.

Para o lado do Oeste e Oes-Nordeste está o pé da serra banhado de mar; e para o lado do Norte e Nordeste se estende uma planicie ondulosa que se dirige para a Ericeira, Mafra, e Igreja Nova, com um aspecto seco e esteril, que se eleva ao pé do penultimo logar em direcção a uma altura de 750 pés sobre o mar. Não se me offereceu occasião de examinar este terreno, mas a sua phisionomia não deixa duvida a um terreno onde predomina o *Gres de Nebra* (Grés bigaré, grés a Oolíltes, Bunter Sundstein), e a formação *Jurassica*. As pesquizas que se fizeram no anno de 1802 na visinhança da Ericeira para se explorar uma camada de carvão de pedra, ou para melhor dizer, de paus bituminosos, affirmam esta supposição.

Na parte de Es-Sudoeste e de Sudoeste a Sul, é esta serra rodeada

de uma pedra calcarea alpina (Zechstein Magnesian limestone) que immediatamente está inclinada sobre o granito. faltando inteiramente as funcções intermediaes de transição. Na visinhança de *S. Pedro* tem este Calcareo Alpino uma côr azulada escura, quasi negra, e é estratificada em camadas grossas; ao pé do *Ramalhão* tem uma estratificação delgada, correndo a direcção d'ellas na base 6.ª da *Bussola* dos mineiros com uma inclinação de 45° para o Sul. A' primeira vista, este calcareo poderá ser confundido com um *Schisto* argiloso, mas pela effervescencia com os acidos se conhecerá facilmente este engano. Tambem observando-o só na sua extensão transversal no caminho de *Cintra* até as alturas do *Cacem*, onde se lhe não encontra petrificação alguma, fica algum tanto duvidoso se não pertence a um calcareo de transição; mas observando-o nas suas extremidades para a banda do Oeste, entre a *Charneca* e *Cascaes*, não sómente se acham no mesmo *Calcareo Alpino* petrificados que não são proprios do *Calcareo de transição*, mas tambem se acha uma camada de *Grés marnoso*, e grandes fragmentos d'um *Conglomerado* ou Grés antigo, que, espalhados sobre elle, fazem presumir que este constitue o seu leito costumado.

Perto de S. Pedro continua uma pequena eminencia para este, cuja rocha é um *Espatho fetido* de côr branca e mui crystalina, que se apresenta em bancos grossos, d'onde se tiram grandes pedras para serem serradas em taboas para mesas, usadas em Lisboa. [1]

Como este *Espatho fetido* é retalhado por muitas fendas que se encruzam, e não se podendo observar o logar onde se acha em contacto immediato com o *Calcareo Alpino*, mas podendo se ver bem claramente que, para o lado de Cintra, elle está sobreposto ao Granito, assim como o *Calcareo Alpino* ao pé de *S. Pedro*, fica portanto duvidoso se as duas acamadações [2] se prolongam por baixo do dito *Calcareo*, sendo uma formação mais antiga e independente, ou se ella é uma formação parallela ou simultanea como este.

Sobre o *Calcareo Alpino* se encontram ás vezes monticulos de Collinas dispersas da formação Trapeena, de *Trachytes porphyricos* e de Phonolites, assim como de *Diabase schistosa*, tanto para o lado do mar, como ao pé do chafariz do meio da Charneca, e nas visinhanças do Ramalhão. Os *Trachytos porphyricos* ao pé d'este ultimo logar, contém o Feldspatho de côr de carne, e o total da composição fórma uma pedra linda para as obras de ornato.

Nas alturas de Cacem se esconde o *Calcareo Alpino* por baixo das camadas do Grés de Nebra, que apparece n'este só na superficie d'alguns centos de passos na direcção da largura das suas camadas. Este Grés é de grão fino, e pelas differentes oxydações de suas particulas ferreas, apparece ondeado ou raiado com varias côres brancas, amarellas, avermelhadas, e azuladas. A sua estratificação é menos inclinada para o Sul que a do *Calcareo Alpino*, e se dirige parallelamente com este do Noroeste para o Poente. E' de notar que as camadas d'este Grés se tem estreitado consideravelmente n'estes sitios, pois proseguindo-se a linha de

---

[1] Dentro d'este *Espatho fetido*, apparece grande quantidade de ferro magnetico.

[2] A palavra acamadação significa o seguimento das camadas, tanto na sua extensão, como na sua sobreposição.

sua direcção para Leste e Noroeste, se observa que elle se alarga cada vez mais; já na visinhança de *Bellas* tem mais largura alternado com algumas camadas de pedra *Calcarea Arenosa*, apparencia propria d'este *Grés* contendo *lenhitos* espelhados no meio das suas estratificações, como se póde observar nas pedreiras onde se tiram mós para pedras d'amolar. Descendo-se da cabeça de *Montachique* para *Torres Vedras*, desapparecem quasi todas as mais formações, e o *Grés de Nebra*, que em grande parte alli é de um grão grosso, constitue todo o terreno baixo e onduloso, que se estende até ao mar, até *Obidos* e ás *Caldas da Rainha*, onde n'elle nascem as aguas hepaticas. Até aqui os dois illustres Academicos nas memorias citadas.

Além dos bellos marmores brancos da *Pedra de Alvidrar*, pretos de *Collares*, vermelhos, amarellos e azues de Peropinheiro, algumas minas de productos metallicos se tem encontrado nos termos d'estas duas villas de Cintra e Collares. O ferro apparece com frequencia: no sitio de Penalva, junto ao logar de S. Pedro, na Praça de Cintra, nas casas e quintal de Joaquim Vital Pinheiro da Veiga se tem achado, assim como na Madre de Deus, onde, segundo memorias antigas, existe uma mina de prata, na quinta do Conde de Redondo. Em o logar de S. João appareceu, em 1838, uma mina de zinco que ainda não foi observada. Encontra-se tambem na serra o Magnete ou pedra de cevar. Em Cintra, abrindo-se um poço, se achou o enxofre virgem: e em partes do terreno da freguezia de Alcainça Grande se acham vestigios de minas de carvão de pedra muito sobrecarregado do dito enxofre.

Taes são os esclarecimentos que sobre esta parte podemos apresentar, sentindo que a mingua de conhecimentos nos tolha fazer um exame mais maduro e satisfactorio sobre um tão interessante ramo d'este nosso trabalho.

Da producção vegetal, antiga e moderna, do terreno do termo de Cintra a Collares

Tendo nós feito a Descripção Historica, Estatistica, Topographica e Geologica das villas de Cintra e Collares, resta-nos dizer alguma coisa sobre a sua producção vegetal.

Do foral de Cintra se colhe constar antigamente o seu termo de matas e matto bravo, onde se creava a caça grossa como porcos, e cultiva-va-se em parte, alem de cereaes, colmeias de mel, e a vinha. D. Affonso III parece ter querido animar esta ultima cultura, por quanto na doação que fez a Pedro Miguel, e sua mulher Maria Estevão, do Reguengo de Collares, foi com obrigação de plantar vinhas, e talvez não seja muito errada a conjectura de ter este Rei ali introduzido cepas originarias de França, pela similhança d'este vinho com o d'aquelle paiz, ao qual não iguala pelo pouco cuidado no fabrico.

No livro dos Proprios da Rainha, anda lançada a colheita d'esta villa em tempo d'El-Rei D. Affonso IV, por esta maneira:

«Item se mostra mais por hum livro das colheitas do Reino, em o qual se contem em as costas d'elle estas verbas d'esta Escriptura que tal he. Livro das colheitas d'El-Rei D. Affonso o 4.°, que mandou tirar de outro livro das colheitas de Alendouro por ssa conta dada por Affonso Esteves de seu Concelho em Santarém a 23 de Abril era de 77. Eu Pero Martins esto escrepvi, per o qual se mostra a colheita da Villa de Sintra, da qual o theor della de verbo a verbo tal he.

De Sintra 4300 panes e 12 modios de cevada et sunt pro nostro 16 modios 3 quartarios 2 alqueres 2 vacas e 4 porcos e 10 carneiros et sunt inde duo... alferaz 12 cabritos 12 lectones 120 galinas 400 ovos 2 alqueires de mel e 2 de manteiga 4 restes de aliis de ceboliis et de vino 3 modios—e inda aqualis cum nostro.

Hec est emenda das colheitas Cintra do Castello, e do arravaldes primeiramente 1200 panes e devem a fazer 4 paes do alqueire. Item 24 paes de cozia. Item 3 modios de vino. Item 12 modios de cevada. Item 120 galinas. Item 400 ovos. Item 2 quartarios de milho. Item 2 vacas. Item 4 porcos. Item 10 carneiros e 2 da alferezia. Item 24 cabritos. Item 2... de cera. Item 2 alqueires de mel. Item 2 alqueires de manteiga. Item 2 almudes de vinagre. Item 2 alqueires de sal. Item 2 molhos de lino per 4 S^{t}. Item per 2 scutelis de fruyta vst. Item 2 libras de pimenta. Item 2 alqueires de farina. Item 12 carregos de lenha, Item 2 restos de allos. Item 2 restos de cebollas.»

El Rei D. Duarte, em uma carta de privilegio dada aos moradores d'esta villa, diz ser terra de muí bons ares e agua, e de comarquas em que ha avondança de mantimentos do mar e da terra. Abundava em tanto excesso a caça grossa n'esta villa e seu termo, que el-rei D. Manuel por alvará de 1487 concedeu aos seus moradores e aos de Collares o poderem matar porcos e veados em seus paens, vinhas, olivaes, hortas, soutos, e pomares.

No anno de 1517 escreve Fr. Nicolau d'Oliveira no seu livro das Grandezas de Lisboa, que não havendo cereja nem cidra de que a villa de Collares era fertilissima, entraram em Lisboa, d'esta villa e da de Cintra, onze mil seiscentos e trinta e sete cargas de fructa, e que ordinariamente vinham á Cidade de Lisboa um anno por outro, só da ribeira de Cintra e Collares, vinte mil cargas de laranjas, limões, cidras, peras, maçãs, e cerejas, não fallando das que iam de Cascaes.

Luiz Mendes de Vasconcellos diz que a ciza d'esta fructa importava em seu tempo em um conto de réis.

Martinho de Albornos em uma carta [1] escripta a el-rei no anno de 1257, em que se queixa de não vir ha annos a Cintra, e em que lhe dá conta de estar livre da peste, e da colheita do anno lhe diz que «esta Villa, seu termo, e Comarca, manteram Sua Alteza melhor que nenhuma Villa de Portugal, tamanha por tamanha.»

Eis aqui como um escriptor antigo descreve estes sitios:

«Vai o nosso Promontorio Ulisiponense de que acima tratámos acompanhado de fresquissimos bosques e umbrosos arvoredos, e altas brenhas onde andão pascendo muitos veados, corças ferozes, e porcos montezes, e todo o mais genero de caça em muita quantidade, os quaes bosques sombrios e saudosos são de avelleiras e pinheiros. Por aquelles rochedos vem descendo amorosamente muita quantidade de fontes de aguas salutiferas e mui frias, as quaes fazem a terra por extremo sadia e mui

---

[1] Senhor. Eu determinei fazer saber a Vossa Alteza como estava esta Villa ainda que a ella não quiz vir folgar fazendo este S. João cinquo annos que cá não vêo Syntra Senhor está muito sam dos ares de peste, Nosso Senhor seja sempre muito louvado e assim as comarcas darredor. E para os tempos está de pam muito boa assim vinho ainda que he velho, tem muitas carnes pescados fructas ainda que não sam muitas, muito poucas colmeas e bons ares e aguas muito frias está de maneira que houvera Vossa Alteza nella muito de folgar asy o fazião os Reis passados que o mor descanço que tinhão era virem cada anno cá ter o verão. E asy o devera de fazer Vossa Alteza por Syntra não ser tão agravada porque Senhor sei certo que ella e seu termo e comarca manteram Vossa Alteza melhor que nenhuma Villa de Portugal tamanha por tamanha e ainda agora posto que Vossa Alteza estè tão longe podya fazer huma romaria a Nossa Senhora da Pena e folgar cá vinte ou trinta dias e desenfadar-se de tanta canceira lá leva. E eu Senhor se aceitei ser guarda da Villa ha tantos tempos foi por amor de Vossa Alteza vyr a ella e nom ter razoens de dizer se Syntra estivera já saam eu fora lá folgar, e por tirar estes convenientes queimo o meu sangue e nom me aproveita pois Vossa Alteza qua nom vem. Nosso Senhor Deus acrescente o Real estado de Vossa Alteza com longos dias de vida e seu serviço amen.

De Syntra a 17 de Julho de 1527.

Cryado de Vossa Alteza

Martinho de Albomoz

(Corpo Chronologico, Parte 1.ª, Maço 37, Doc. 16).

fertil, vindo regando naquelles campos muitos pomares, quintas, e casaes da Villa de Cintra.»

Na proximidade de Collares ha a matta das avutas, e alem dos pinhaes que hoje são mais diminuidos, se veem annosos sobreiros que contam centenas de annos, assim como frequentes bosques de castanheiros, de copada sombra e aprazivel formosura.

Cultiva-se o trigo, cevada, centeio, milho, legumes, e o conhecido vinho tinto de Collares. Abunda principalmente o termo de Collares de pomares de saborosissimas fructas de caroço, e de espinho, sendo ramo mui consideravel de exportação, ainda ha poucos annos, o limão, e se vendia por tanto preço que dizia o grande Marquez de Pombal, que equivalia a ter uma preciosissima mina quem ali tinha um pomar d'este fructo, e elle mesmo, movido do interesse, plantou grandes pomares em Cintra e seu termo.

Alem das plantas que se cultivam dá a serra espontaneamente muitas flores e arbustos, os quaes ao mesmo tempo que com a variedade e belleza de suas côres matizadas, recreiam a vista e olfacto pela suavidade de seu aroma, a arte converteu em usos domesticos, e a medicina tirou dellas sucos para as suas curas.

De uma parte daquellas plantas que se encontram n'esta serra, aqui juntamos uma relação para que se veja quão variada é a vegetação nesta terra mimosa.

Abrotano
Agrimonia
Agriões
Almeirão domestico
Annegalheis
Arouca
Arredom macho
Arruda
Artemiza
Auriola
Avenca
Avancam
Aypo
Bico de cegonha
Betonica
Bom pastor
Becabunga
Bolsa de pastor
Branca ursina
Burgenheira
Calaminta
Caldea quina
Camedrioz
Canabraz
Canafrexa
Canis pitis
Cardos, oito especies
Carlina
Casceta
Cebolla albarram
Colupendula
Cormedillo papalvo
Coroa de Rei
Couvana
Daronicos
Dente de leão
Dormideiras
Engos
Enulla campana
Erva albiloura
Erva alleluia
Erva babosa
Erva boronica
Erva brico
Erva crina
Erva cor de prata
Erva divina
Erva ferrea
Erva formosa
Erva gigante
Erva de João Pires
Erva judaca
Erva montana
Erva Moura ramuda
Erva Moura vulgar
Erva do paraizo
Erva pinheira
Erva saboeira
Erva terrestre
Erva turca
Escariola
Escordia
Esopo sylvestre
Espargo
Espora de cavalleiro
Esteva
Estevam macho
Feto Real
Fidalguitos
Fidegozos
Filependola
Fumaria
Galla Christi
Garra de leão
Golfos
Grama
Jeró
Laboreira
Lavassa
Lingoa d'ovelha
Lingoa de serpentina
Lingoa sirvina
Lirio branco
Lirio conval

Lirio espadanello
Lirio roxo
Losna
Malvaisco
Mangericão sylvestre
Mangerona sylvestre
Marcavalla
Marcella Gallega
Marcella Mourisca
Margaritas sylvestres
Marroyos brancos
Marroyos pretos
Marticaria
Mazericão
Melfurado
Mercuriaes
Meymendro branco
Meymendro preto
Milfolio
Milloto
Miiileglana
Mlrasol
Morcos diabos
Morços gallinhas
Murta
Norsa
Norsa negra
Nuticana
Olembro negro
Opatica
Opitimo
Oregos
Orelha de lebre
Ouro vale
Palma Christ
Pé de leão
Pé de prata
Pelicaria maior
Pelicaria menor
Pepinos de S. Gregorio
Perigolati
Pimpinella
Pionia
Piricam
Piróle
Polito
Prictoria
Pulmunaria
Pusfuliata montana
Raiz d'abrotea
Rei pontico
Rosmaninho
Raymundo sylvestre
Rezuella
Roca marinha
Ruiva menor
Ruiva tintorum
Ruta capraria
Ruta muraria
Salva
Salsafrasia
Sanicula
Saponaria
Santuaria maior
Santuaria menor
Sataria
Secuta
Sempre noiva
Sempre viva maior
Sempre viva menor
Senagloza
Sentoenodia
Sete sangrias
Setima
Simo em ramo
Siribita
Siridonia maior
Siridonia menor
Serpentaria
Sivica
Solda real
Tacia
Tanxagem maior
Tanxagem menor
Tauncho
Tellaria
Testiculos de cão
Toenilho sarpam
Tramagueira
Tribullos marinhos
Trifolio
Turvi
Venca provinca
Vio mal
Verga aurea
Veriliana
Visato xoco
Viva Artetica
Zaragatoa
Zenepro

(Da 1.ª edição)

De algumas antiguidades Romanas encontradas em Cintra Collares, e seus termos

O grande numero de inscripções Romanas, encontradas nos termos d'estas duas Villas, [1] não deixa a mais pequena duvida a julgar que estes conquistadores tivessem feito o assento n'este solo de mais de uma povoação consideravel.

Encontram-se com frequencia urnas e lapides sepulchraes em varios sitios, especialmente em S. Miguel de Odrinhas, Morelinho, Collares, Montelavar, onde tambem se vê uma pedra de portico de Templo, Jannas, que talvez tomou o nome de algum templo consagrado ao Deus Janus, além de outros sitios d'estes termos.

Nas abas da serra junto ao Oceano tinham elles um sumptuoso Templo consagrado ao Sol e á Lua, do qual existiam as ruinas ainda em tempos de André de Resende, que as viu, e da sua dedicação se achou a nscripção do theor seguinte:

SOLI ET LUNÆ
CŒCIUS ACCEDIUS PERENIS
LEG. AUG. PRO. PROVINCIA
LUSITANIÆ

Que quer dizer: — Cecio Accedio Pereno, Lugar Tenente de Augusto na provincia da Lusitania, dedicou ao Sol e á Lua.

*

Outra lapide nativa se achou na ermida da Senhora de Milides junto a Collares, cuja inscripção trazem Morales, Brito, e Resende, mas com alguma differença, a qual como se acha em Resende é a seguinte:

SOLI ÆTERNO LUNÆ
PRO OETERNITATE IMPERII
ET SALUTE IMP. CÆS. SEPTIMI SEVERI
ET IMP. AUG. CÆS. M. AURELII ANTONINI
AUG. PII
.... CÆS.
ET JULIÆ AUG. MATRIS CÆS.
DRUSUS VALERIUS. CÆLIANUS
VIATI. UST.... AUGUSTORUM
CUM.... SULÆ... NI.... SUA....
ET. P. TULIUS. SATURN. P. VAL...
ET ANTONIUS.

---

[1] Cintra e Collares.

Cuja significação é: — Druso Valerio Celiano dedicou esta Memoria ao Sol Eterno e á Lua pela Eternidade do Imperio, e saude do Imperador Cesar Septimio Severo, Augusto, Pio, e do Imperador Cesar Marco Aurelio Antonino, Augusto, Pio, e de Julia Augusta, mãe de Cesar.

*

Junto á Cruz de Santo André, em Collares, estava uma pedra sepulchral que tinha as seguintes letras:

TERENCIA L. F. MAXUMA
M. ET. JULIA. G. F. AMÆNA
AN. XXVII. H. S. E.
S. T. T. L.

Que quer dizer: — Terencia filha de Lucio e Maxima sua mãe, e Julia Amena, filha de Caio, aqui está sepultada, seja-lhe a terra leve.

*

Na ermida de S. Miguel de Odrinhas está a seguinte inscripção:

L. ÆLIUS L. F. GAL. ÆLIANUS
H. S. E.
L. ÆLIUS SEX. F. GAL. SENECA
PATER H. S. E.
CASSIA L. F. QUINTILIA MATER
H. S. E.
L. JULIUS. L. F. GAL. JULIANUS
ANN. XXIII. H. S. E.
ÆLIA L. F. AMŒNA H. S. E.

Em linguagem portugueza quer dizer: Aqui está sepultado Lucio Aelio Aeliano, filho de Lucio da Tribu Galeria. Aqui está sepultado Lucio Elio Seneca seu pae, filho de Sesto da Tribu Galeria. Aqui está sepultada Cassia Quintilia sua mãe, filha de Quinto. Aqui está sepultado Elio Ameno, filho de Lucio.

N'esta inscripção sepulchral se deve notar o faltarem as letras do costume D. M. S. ou D. M. com que os antigos invocavam os deuses dos mortos; [1] egualmente faltam as letras S. T. T. L. com que deprecavam a terra que fosse leve aos seus defunctos, cuja falta é signal manifesto de ser sepultura de christãos.

---

[1] Os Romanos estavam persuadidos que as almas separadas dos corpos se tornavam em genios, a que chamavam «Lemures». Aquelles de entre os defunctos que eram bons e que tinham cuidado de seus descendentes, se chamavam «Lares familiares»; e aquelles que, turbulentos e maleficos como phantasmas, espantavam os homens com apparições nocturnas, se chamavam «Larvæ»; e, quando era incerto o destino da alma do defuncto, se se tinha tomado um Lar ou Larva, se chamava «Manes».

Era crença, entre elles, que as almas dos homens honrados se transformavam em especies de deuses, e assim punham sempre nas suas sepulturas as tres lettras D. M. S

Dentro da mesma ermída, junto ao altar de Santo Alberto, estão umas letras que dizem:

T. Plotius C. Gal. Capito
H. S. E.



119 — *Collares — Quinta do Vinagre*
Photographia do sr. João Moreira

Aqui jaz sepultado T. Plocio, filho de Caio Galerio Capito.

---

que significavam *Diis Manis Sacrum*, com que invocavam os deuses tutelares de defunctos.

O logar que habitavam estes Manes, se vê n'estes quatro versos, attribuidos a Ovidio:

Bis duo sunt homini: manes, caro, spiritus umbra
Quatuor ista, loci bis duo suscipiunt:
Terra tegit carnem tumulum circumvolat umbra
Orens habet manes, spiritus astre petit.

Não se póde duvidar que esta pedra é de sepultura de christãos, porque differe muito das outras na fórma que apresenta, e os ossos que n'ella jazem os tem por de homem santo; á qual a devoção dos povos fez um buraco d'onde tiram pedras que applicam a suas enfermidades.

*

Da familia Galeria, que era uma das mais illustres de Roma, se encontram memorias pelo termo de Cintra em inscripções e sepulturas. Fr. Bernardo de Brito, e Morales trazem a seguinte:

D. M.
M. VAL. M. F. GAL.
GALIONI. AN. XXXVIII.
LICINIA. MATER.

Memoria consagrada aos deuses dos defunctos. Licinia Maxima sua mãe fez pôr esta pedra a Marco Valerio Galião filho de Marco da familia Galeria que morreu de 38 annos.

*

Mais antiga se acha outra memoria de M. Porcio, filho de Marco Catão, o qual veiu aquietar na Lusitania os tumultos e guerras que n'ella houve por morte de Viriato, a qual se conservava no logar de Faião, em cuja pedra, ainda que quebrada, se lia da parte de cima:

M. PORCIO. M. CATONI. OB. SING. EI....

A Marco Porcio, filho de Marco Catão pela singular...

Uma pedra que servia de cobrir a fonte no logar de Armez tinha as seguintes letras:

L. JULIUS M. ÆLO. C. AV. D. C. FLAM.
DUT. AUG....

As quaes querem dizer: — Lucio Julio Marco Aeliano, e Caio Avito Sacerdotes consagraram por decreto esta Memoria ao Imperador Augusto Cesar.

E no mesmo logar, á porta de um lavrador, outra sepultura com a seguinte inscripção:

APRONIA L. F. M. AELIA.
H. S. E.

Aqui jaz sepultada Lucia Apronia, filha de Marco Aelaminio.

*

No logar de Lourel, á porta d'um casal, outras duas sepulturas, que diziam:

G. M. Julius. G. Jul. Apronia
M. F. Julia Avita Soror
H. S. E.

Aqui estão sepultados Marco Julio e Caio Julio e Apronia, sua mãe, e Julia Avita, sua irmã.

M. Julius M. F. Gal. Avitus
Ann. lxviii.

Aqui está sepultado Marco Julio Avito, que morreu da edade de 68 annos, filho de Marco Galerio.

*

No logar da Varzea, entre outras pedras, a seguinte:

Datrius M. Gal. Ruf.
H. S. E.

Aqui está sepultado Datrio Maximo, filho de Rufo Galerio.

*

No logar de Morelinho estão varias sepulturas, entre as quaes estão as seguintes inscripções:

M. Julius M. F. Gal. Avitus
H. S. E.

Aqui jaz sepultado Marco Julio Avito, filho de Marco Galerio.

Julia M. F. Maxuma M. F. Ann. xxvii
H. S. E.

Julia Maxima, filha de Marco, da edade de 27 annos, aqui jaz sepultada.

*

Junto á fonte de Morelinho, em uma urna sepulchral, que serve de fonte:

Quatrius M. F. Gal. Severus
H. S. E.

Aqui jaz sepultado Quatrio Severo, filho de Marco Galerio.

*

Na quinta do Cabeço, chamada do Capitão-mór Velho, está uma

urna que serve de pia d'agua, com umas letras ás avessas, que dizem:

D. M. G.
TERENTI. G. F. GAL. RU. ANN. XVIII
G. TERENTIANUS MAXUMUS
TERENTIANUS FIL. PIO.

Caio Terenciano Maximo, e Terenciano, seu filho, fizeram pôr esta sepultura a Caio Terencio, filho de Galerio Rufo, que morreu da edade de 18 annos.

*

Em Galamares, estava uma pedra quebrada, com esta inscripção:

DIIS MANIBUS G. VALERIO F.
VARIAN. M. TACIAR.

Aos deuses das almas: M. Taciareo fez pôr esta sepultura a C. Valerio, filho de Variano.

*

Em outra quinta, no mesmo logar de Gallamares:

JUL. ATIL. F. ARCENIA.

Arcenia fez pôr esta sepultura a Julio Atilinio.

*

Na egreja de S. Miguel, no adro, está a seguinte inscripção:

D. M. S.
L. JULI. F. GAL. MACRINII

Dedicado aos deuses das almas. Aqui jaz sepultado Lucio Julio, filho de Galerio Macrino.

No alpendre da mesma egreja, outro marmore, que diz:

J. GASSIUS F. ACURT.
H. S. E.

Julio Cassio, filho de Acurcio, aqui está sepultado.

*

No logar de Baixo, em Odrinhas, este outro, com o seguinte:

JULIUS. D. F. TANGINUS
H. S. E.

Cuja interpretação é: Aqui jaz enterrado Julio Tangino, filho de Domiciano.

Na quinta do Miranda:

L. F. AMNÆA
H. S. E.
... DIUS PLAUTIUS AN. XX.
LUCII F. H. S. E.

Cuja interpretação é: Amena, filha de Lucio, aqui está sepultada; Claudio Plaucio, da edade de 20 annos, filho de Lucio, aqui está sepultado.

*

Em Janas, no pateo das casas de Gertrudes Joaquina:

D. M.
OBITIANUS
H. S. E.

Consagrado aos deus das almas. Obitiano aqui jaz sepultado.

*

Além das inscripções e urnas sepulchraes, teem apparecido por estes sitios medalhas e moedas antigas. Consta-me ter-se achado, ha annos, uma porção d'estas nas immediações do Castello.

O doutor Valentim da Cunha possuia uma de bronze, como um patacão, com a effigie e legenda do Nerva, por este modo:

Imperator Nerva Cæsar Augustus Pontifex Maximus.
Tribunitiæ potestate Cons. III. Prepositus Auguiti Fortuna S. C.

Junto á ermida de S. Sebastião, em Collares, achou um rustico, em 1837, uma medalha de ouro do tamanho de um soberano, com a effigie e legenda de Vespasiano, assim:

VESPASIANUS III. G.

Contam, pois, que na Serra de Cintra, junto ao mar, se achavam tres columnas quebradas, de pedra, com uns letreiros que diziam o seguinte:

.... DEERETUM.
SIBIL. VATTCIN. OCCIDIIS.

Os versos são os seguintes:

Volventur saxa litteris et ordine rectis
Cum videris Oriens, Occidentis opes
Ganges Indus Tagus erit mirabile visu
Merces commutabit sua uterque sibi.

Que, traduzidos em linguagem portugueza, dizem o seguinte:

Patente me farei aos do Occidente
Quando a porta se abrir lá no Oriente
Será cousa pasmosa quando o Indo
Quando o Ganges trocar, segundo vejo,
Os effeitos com o Tejo.

Duarte Nunes de Leão, na sua descripção de Portugal, nos explica a origem d'esta fabulosa inscripção, dizendo que fôra traça de um certo sugeito, que fingiu esta tratantice para fazer mais vendavel um livro que queria vender a um homem pouco esperto em letras.

(Da 1.ª edição).

Homens illustres por seu nascimento, armas, letras e virtudes, naturaes das duas villas de Cintra e Collares

Lucio Seneca

Centurião, que viveu na infancia da propagação da Religião de Christo na Hespanha, (se devemos dar credito a Flavio Dextro), em o reinado do feroz Nero, quando mais se enfurecia a perseguição contra os sectarios do Evangelho, abraçou a Religião Christã, e morreu em Cintra, onde foi sepultado, e se achou a sua sepultura com a inscripção que já transcrevemos.

D. Affonso V

Decimo segundo rei de Portugal, nasceu em Cintra a 15 de janeiro de 1432, e morreu na mesma villa a 28 de agosto de 1481, no mesmo quarto onde tinha nascido. Foi muito affeiçoado ás letras e bellas artes, cultivando com especialidade a mathematica e a musica, e o primeiro rei que reuniu no seu palacio uma livraria. Escreveu sobre astronomia e milicia.

Fr. Rodrigo de Cintra

Religioso professo da Ordem dos Menores da Provincia de Portugal, e celebre theologo do seu tempo, para cuja graduação passou uma ordem el-Rei D. Fernando, a 5 de fevereiro de 1380, ao Senado de Lisboa, para se lhe dar uma ajuda de custo.

Foi prégador d'el-Rei D. João I, e compôz:

Sermão de acção de graças pelo levantamento do cerco que el-Rei de Castella tinha posto á cidade de Lisboa a 6 de novembro de 1384. Sahiu, copiado summariamente pelo chronista Fernão Lopes, na 1.ª parte da «Chronica d'el-Rei D. João I», cap. 151, aonde elogia o prégador.

Sermão da publicação das Bullas na Sé de Lisboa, pelas quaes o mesmo Pontifice dispensa a el-Rei o poder casar e reinar, prégado a 9 de julho de 1390.

Gonçalo de Cintra

Navegador. Descobre a Angra do seu nome adeante do rio do Ouro, em 1445.

Pedro de Cintra

Famoso navegador, foi Moço de Camara d'el-Rei. [1] Sendo Escudeiro

---

[1] Carta precatoria de Duarte de Freitas, Juiz dos Orfãos de Lagos, tirada a instancias de Gomes Lourenço, em como certifica que elle é tutor e curador de tres menores, filhos que ficáram de Pero de Sintra. Moço da Camara d'el-Rei, e para poder arrecadar o que o mesmo senhor lhe ficára devendo. Em 8 de Março de 1523.

(*Corpo Chronologico. Parte 1.ª — Maço 2. — Doc. 31*).

do Infante D. Henrique, sahiu a barra de Lisboa no anno de 1460, e continuou o descobrimento da Costa Occidental da Africa, desde o Rio Grande até além do Cabo Mesurado, espaço de mais de 629 milhas da costa para o Sul.

Restituido ao Reino, navegou no posto de Capitão d'uma armada, composta de 12 navios e 600 homens, de que era Capitão-Mór Diogo d'Azambuja, a qual expedira, no anno de 1481, el-Rei D. João II, para fundar a fortaleza e povoação de S. Jorge de Mina, cuja empreza se executou com grande solemnidade, de que resultou intitular-se o mesmo Rei Senhor da Guiné.

Escreveu:

«Relação da sua navegação á Costa da Guiné e India.»

André de Albuquerque Ribafria

Alcaide Mór de Cintra, Commendador da Ordem de Christo, nasceu a 21 de março de 1821, sendo seus paes Gaspar d'Albuquerque e D. Angela de Noronha, filha de D. Pedro Lobo e de D. Brites da Silveira.

Foi general illustre da guerra da acclamação, e morreu a 14 de janeiro de 1659, nas linhas d'Elvas, atravessado de uma bala pelo peito, no momento em que, com a sua presença e exemplo, alentava os soldados de um regimento, que começavam a retroceder.

Escreveu:

«Relação historica da victoria alcançada em Arronches e Assumar, em 8 de novembro de 1653.»

Diogo Ribeiro de Sequeira

Nasceu a 11 de novembro de 1644. Foi filho de Antonio Ribeiro da Fonseca, cavalleiro da Ordem de Christo, juiz proprietario das Coutadas de Cintra, e almoxarife dos Paços Reaes da dita villa; e de D. Maria de Sequeira.

Compôz:

«Diccionario Geographico Mythologico e Historico dos Varões insignes do mundo.»

Ficou imperfeito, e se conserva encadernado em dois volumes na livraria dos Padres Theatinos, em Lisboa.

Soror Magdalena da Gloria

Nasceu no Palacio Real de Cintra a 11 de Maio de 1672, filha de Henrique de Carvalho de Sousa, commendador de S. Pedro de Aguiar, e provedor das obras do Paço; e de D. Helena de Tavora, filha de Luiz Francisco d'Oliveira, senhor do Morgado d'Oliveira, e de D. Luiza de Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, governador do Algarve, vice-rei da India, e conselheiro de Estado.

Recolheu-se aos dezenove annos ao convento de Nossa Senhora da Esperança, de Lisboa, onde professou solemnemente a 25 de Março de

---

Provisão para o almoxarife de Villa do Conde pagar á mulher e herdeiros de Pedro de Cintra 24$000 réis, que lhe desembargava de seu casamento. Assignada pelo Barão d'Alvito, Vedor da Fazenda, em 13 de julho de 1524.

(*Corpo Chronologico. Parte 2.ª — Maço 117 — Doc. 11*).

1688, e alli, com o nome de Leonardo Gil, escreveu varias obras mysticas.

Matheus Moniz

Muito versado em erudição Sacra e profana.
Compôz: «Historia politica e peregrinação de Felizardo».

Francisco de Mello e Castro

Commendador da Alcaidaria Ruiva na Ordem de S. Thiago, nasceu na villa de Collares, solar da sua casa, onde teve por paes a Antonio de Mello e Castro, capitão-mór dos mares da India, e commendador de Fornellos; e de D. Mecia da Silveira, filha de Belchior Serrão e de Catharina Pereira.

Foi poeta e guerreiro, distinguindo-se pelo seu valor na Asia e na America, triumphando dos inimigos do Estado quando era almirante da armada real, e destruindo aos hollandezes, na occasião em que, como um dos mais celebres aventureiros, passou a libertar a Bahia no anno de 1624. Casou com D. Angela de Mendonça, filha de Fernão de Mendonça e de D. Marianna de Noronha, de quem teve a Antonio de Mello e Castro, vice-rei do Estado da India.

Compôz: Novella intitulada «Brigida Nogueira. Mss.»

Fabula do Rio das Maçans, consta de 65 oitavas. Conserva-se na Bibliotheca de Jesus, hoje pertencente á Academia Real das Sciencias, de Lisboa.

Manuel Coelho de Sousa

Cavalleiro Fidalgo da Casa Real, e professo na Ordem de Christo, sargento-mór dos Privilegiados da Côrte e tenente da Torre de Belem.

Nasceu na villa de Collares, sendo filho de Francisco Coelho Collares, que militou com valor na praça de Tanger, e de Maria Pinheira.

Foi profundamente instruido, e sobre grammatica escreveu varias obras.

Falleceu a 24 de março de 1736, e jaz sepultado no jazigo da Irmandade dos Passos do Real Convento de Belem, da qual era irmão.

D. Jeronymo Contador de Argote

Nasceu em Collares a 8 de julho de 1876, filho do doutor Luiz Contador de Argote, Desembargador da Casa de Supplicação, e de D. Maria Josepha Lobo da Gama.

Aos doze annos de edade vestiu a roupeta de Clerigo Theatino, em a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia d'esta Côrte, em 21 de janeiro de 1688.

Foi alumno da Academia Portugueza, instituida no palacio do Conde da Ericeira, onde recitou varios discursos.

Foi nomeado membro da Academia da Historia Portugueza, e escolhido para escrever as «Memorias do Arcebispo de Braga», mostrando n'esta obra, assim como nas outras que escreveu, os seus profundos conhecimentos. [1]

---

[1] Reservamos para um novo trabalho, já bastante adeantado, a ampliação e desenvolvimento d'esta resumida noticia bio-bliographica.

Alturas de alguns pontos notaveis comprehendidos entre Lisboa e Cintra, contados desde o nivel do Tejo em palmos

	Palmos
Castello de Lisboa (a sumidade da torre do observatorio)	462
Santa Catharina (Monte de)	410
Aguas Livres (Aqueducto)	570
Monsanto (Alto da Serra de)	880
Bemfica	400
Queluz	760
Cacem (Alto do)	900
S. Pedro (Alto de)	1360
Pena (Serra de Cintra)	2540

N. B. O palmo equivale a 0,22 centimetros da nova medida franceza, e uma braça é egual a dois metros e um quinto; 139 palmos e meio equivalem a 100 pés inglezes.

O horisonte correspondente á altura da serra de Cintra, na Egreja da Pena, é de 47 milhas, ou quasi 16 leguas, pelo que n'essa distancia se pode descobrir qualquer embarcação, tendo todo o casco visivel e fóra d'agua.

(Da 1.ª edição.)

Movimento da população da villa de Cintra, em differentes epochas

Anno		Valle e arrabalde	Termo	Total
1154[1]	Primeiros povoadores Christãos	—	—	30
1527[2]	A villa de Cintra, visinhos, dos quaes são 6 Cavalleiros, 22 Escudeiros, 46 Viuvos, e o mais tudo é povo	148	914	1.062
1640[3]		163	1.185	1.348
1712	A villa e Arrabalde	450	1.806	2.250

[1] Veja no Foral antigo.

[2] Tombo da Comarca da Extremadura. Real Archivo.

[3] Lista das Comarcas do Reino, mandada fazer por ordem de Filippe IV em 1640. Este manuscripto era do Convento da Graça.

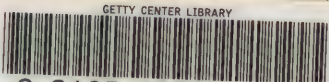
(Da 1.ª edição.)

FIM

INDICE

Capitulo I 5
» II 13
» III 25
» IV 51
» V 71
» VI 91
» VII 101
» VIII 113
» IX 129
» X 139
» XI 149
» XII 165
» XIII 175
» XIV 195
Notas e documentos 207
Descripção Geologica e Mineralogica da Serra de Cintra, extrahida em parte das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa .... ~~299~~ 303
Da producção vegetal, antiga e moderna, do terreno do termo de Cintra e Collares .... ~~303~~ 307
De algumas antiguidades Romanas encontradas em Cintra, Collares e seus termos .... ~~307~~ 311
Homens illustres por seu nascimento, armas, letras e virtudes, naturaes das duas villas de Cintra e Collares .... ~~315~~ 31[illegible]
Alturas de alguns pontos notaveis comprehendidos entre Lisboa e Cintra, contados desde o nivel do Tejo em palmos .... ~~318~~ 322
Movimento da população da villa de Cintra, em differentes epochas .... ~~318~~ 322

PREÇO 1$200 RÉIS


GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00084 6648

